

zoë heller

• • •
*Anotações sobre um
escândalo*

• • •
Romance

"Com este livro, Zoë Heller entra para o grupo dos melhores romancistas ingleses, ao lado de Martin Amis e Ian McEwan."

Edmund White

Finalista do Booker Prize 2003



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Índice

[Prefácio](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

Obrigado

Prefácio

1º de março de 1998

Outra noite, durante o jantar, Sheba falou sobre a primeira **eu** vez que ela e aquele garoto, Connolly, se beijaram. Eu já tinha ouvido quase tudo isso antes, é claro, já que havia poucos aspectos do caso Connolly que Sheba já não tivesse me contado diversas vezes. Mas desta vez surgiu um novo elemento. De repente perguntei se alguma coisa o surpreendeu naquele primeiro abraço. Sério. Sim, o cheiro em geral foi uma surpresa para ela, respondeu ela. Ele não havia previsto seu odor pessoal e, se tivesse previsto, provavelmente teria esperado algo mais típico da adolescência: chiclete, Coca-Cola, pés.

«Quando chegou a hora, o que inalei mesmo foi um aroma de sabonete, de roupa recém-saída da secadora. Cheirava a cuidados pessoais cuidadosos. Você conhece aquele cheiro que às vezes envolve você quando você passa pelas aberturas de ventilação no porão de um prédio de apartamentos ? Por isso. Tão limpo, Bárbara. Nada a ver com aquele bafo de queijo e cebola que as outras crianças têm..."

Foi assim que Sheba falou comigo todas as noites desde que chegamos à casa de Eddie. Ele está sentado à mesa da cozinha olhando para a escuridão verde do jardim. Eu, sentado à minha frente, observo seus dedos nervosos, que traçam linhas sinuosas na toalha de plástico como pegadas de patins

no gelo. O que ela me conta naquela voz de âncora de notícias é, geralmente, bastante forte. Embora, por outro lado, uma das muitas coisas que sempre admirei em Sheba é sua capacidade de falar sobre assuntos indecentes como se fossem muito decentes. Não temos segredos, Sheba e eu.

«Bárbara, sabe o que pensei na primeira vez que o vi nu? Em vegetais frescos embrulhados em um lenço branco e limpo. Em cogumelos recém colhidos. Sim com certeza. Era comestível. Ela lavava o cabelo todas as noites. Imagina? Por estar tão limpo, caiu completamente reto. A vaidade da adolescência, talvez. Ou não, talvez pela ansiedade que isso gera. Seu corpo ainda era um brinquedo novo: ele não aprendera a tratá-lo com o abandono indiferente dos adultos.

Suas explicações retornaram ao território familiar. Devo ter ouvido seus elogios ao cabelo pelo menos quinze vezes nos últimos meses. (Pessoalmente, nunca gostei do cabelo de Connolly. Sempre me pareceu um pouco sinistro, como aquela neve de fibra de vidro que costumavam vender para decorar árvores de Natal.) Mesmo assim, continuei incitando-a a falar.

—E você ficou nervosa quando o beijou, Sheba?

"Ah não. Bem, sim... Não exatamente. [Risos] É possível ficar nervoso e calmo ao mesmo tempo? Lembro que ele não usou a língua e foi um alívio para mim. Primeiro você tem que conhecer um pouco a outra pessoa, não acha? Se não, é demais, muita baba. E aquela sensação um pouco constrangedora de que a outra pessoa está tentando ser criativa em um espaço limitado... De qualquer forma, relaxei demais ou algo assim, porque a bicicleta caiu - fez um barulho horrível - e depois, claro, Eu fugi ..."

Em momentos como este eu não falo muito. O objetivo é fazê-la falar. Mas em nosso relacionamento, mesmo em

circunstâncias normais, tendo a ser aquele que ouve. Não é que Sheba seja mais inteligente. Numa comparação objetiva, eu seria o mais educado, eu acho. (Sheba entende um pouco de arte, admito; mas, apesar de todas as vantagens de sua classe, ela leu muito pouco.) Não, Sheba fala porque ela é simplesmente mais falante e aberta do que eu. Sou circunspecto por natureza e ela... bem, ela não é.

Para a maioria das pessoas, a sinceridade é um afastamento tão incomum do seu *modus operandi habitual* – uma aberração tão grande da sua falsidade quotidiana – que se sentem compelidas a avisar quando um momento de franqueza se aproxima. "Para ser honesto", dizem eles, ou "Para dizer a verdade" ou "Posso falar com você claramente?" Frequentemente, eles tentam extrair de você uma promessa de discrição antes de continuar. "Mantenha isso estritamente entre nós, ok?..." "Você tem que me prometer que não vai contar a ninguém..." Sheba não diz nada disso. Ela deixa escapar verdades íntimas e pouco lisonjeiras sobre si mesma continuamente, sem pensar duas vezes. "Quando eu era pequena, era uma masturbadora obsessiva ao ponto do exagero", ela me explicou uma vez quando estávamos começando a nos conhecer. "Minha mãe quase teve que prender minha calcinha com fita adesiva para que ele não me tocasse em público." "Ah, é?", eu disse, tentando fingir que estava acostumada a falar sobre essas coisas enquanto tomava um café e um KitKat.

Acho que é uma característica da classe dele, essa franqueza despreocupada. Se eu tivesse lidado com mais pessoas boas ao longo da minha vida, certamente estaria familiarizado com esse estilo e não me pegaria novamente. Mas Sheba é a única pessoa verdadeiramente de classe alta que já conheci. Sua sinceridade espontânea é para mim tão exótica, à

sua maneira, quanto um disco na boca de um índio amazônico. Agora ele deveria estar tirando uma soneca. (Ele não dorme bem à noite.) Mas eu sei, pelos rangidos das tábuas do piso do andar de cima, que ele está agitado no quarto da sobrinha. Geralmente aumenta à tarde. Aparentemente era o quarto dela quando ela era pequena. Ela passa horas mexendo nas coisas da menina: reorganizando os frascos de glitter e cola no estojo de artesanato, fazendo inventário dos sapatos de plástico das bonecas. Às vezes ela adormece lá em cima e eu tenho que ir acordá-la para jantar. Ela sempre me parece um pouco triste e estranha, estirada na cama de princesa rosa e branca, com os pés grandes e ásperos pendurados na beirada, como uma gigante que, por engano, se meteu no lugar errado.

A casa agora pertence a seu irmão, Eddie. Depois que o pai morreu, a mãe decidiu que era grande demais para uma pessoa e Eddie comprou para ela. Acho que isso fez Sheba se sentir mal. Não é justo, diz ele, que só porque Eddie é rico ele pudesse comprá-la e se apropriar do passado que os dois compartilhavam.

Eddie e sua família estão atualmente em Nova Delhi. O banco americano onde ele trabalha o enviou para lá por um período de seis meses. Quando os problemas começaram, Sheba o chamou para ir à Índia e ele concordou em deixá-la ficar com a casa até encontrar um lugar permanente. Estamos aqui desde então. Quem sabe o que faremos em junho, quando Eddie voltar. Deixei meu pequeno apartamento alugado há algumas semanas e não há perigo de o marido de Sheba, Richard, nos acolher, mesmo que temporariamente. Não creio que tenhamos dinheiro para alugar outro lugar e, além disso, neste momento, duvido que algum senhorio em Londres nos aceite como inquilinos. Mas tento não me preocupar. Como dizia minha mãe, os males de hoje bastam e temos mais do que

suficiente, e amanhã o que tiver que ser será.

Eu não sou o personagem principal desta história. Mas como cabe a mim a tarefa de contá-lo, e como desempenhei um pequeno papel nos acontecimentos que vou narrar, é lógico que explique brevemente quem sou e qual é a minha relação com o protagonista. Meu nome é Bárbara Covett. (Às vezes alguns dos meus colegas me chamam de "Barb" ou, pior ainda, de "Babs", mas tento dissuadi-los.) Até me aposentar em janeiro, morei em Archway, no norte de Londres, e durante vinte e um anos dei aulas de história na Saint George, escola secundária do mesmo bairro. Foi em Saint George, há pouco menos de dezoito meses, que conheci Bathsheba Harta. Certamente a maioria de vocês conhece o nome dele. Ela é a professora de cerâmica de 42 anos que acaba de ser acusada de agressão indecente a um menor depois que foi descoberta sua relação sexual com um de seus alunos: um menino que tinha quinze anos quando o relacionamento começou.

Desde que o caso veio à tona, Sheba recebeu atenção quase incessante da mídia. Procuro me manter atualizado, embora, para ser sincero, seja uma tarefa muito deprimente. Houve um tempo em que eu estava relativamente confiante na integridade da imprensa neste país, mas agora, depois de ver de perto como os jornalistas realizam o seu trabalho, percebo, com pesar, o quão errado estava. Nas últimas duas semanas devo ter encontrado uns vinte fatos errados sobre o caso de Sheba, e isso só saiu nos jornais. Segunda-feira passada um cara esperto do *Daily Mirror* descreveu Sheba como uma "bomba peituda". (Basta dar uma olhada para ver que é plano como uma tábua.) E ontem o *Sun* publicou um artigo "revelador" sobre o marido de Sheba, que dizia que Richard, professor de teoria da comunicação em Londres, é "um professor liberal". que dá seminários provocativos sobre como

ler revistas pornográficas."

No entanto, no final das contas, o que surpreende na sua forma de reportar não é tanto a negligência ou a falsidade casual, mas sim o pudor. Meu Deus, que santificação inexorável! Quando tudo isso começou eu já sabia que haveria um escândalo. Eu não esperava que Sheba recebesse compaixão. Mas ele nunca teria previsto a lascívia histórica da reação, a fúria desencadeada. Os jornalistas escrevem sobre Sheba como se fossem crianças de sete anos confrontando pela primeira vez a sexualidade dos pais. Uma de suas palavras grandiloquentes é "desprezível"; outro, "insalubre". A atração de Sheba pelo menino era "doentia". O casamento deles também era "doentio". O menino tinha um interesse "doentio" em obter a aprovação dela. Para essas pessoas, qualquer tipo de atração sexual que não esteja documentada em um cartão postal de uma cidade costeira não passa no teste de saúde. Qualquer envolvimento sexual que ultrapasse os estreitos canais estabelecidos pelas convenções de um jornal familiar é relegado ao enorme e sinistro parêntese das perversidades grotescas. Os jornalistas são pessoas cultas, não são? Alguns, graduados. Como é possível tal estreiteza de espírito? Nunca desejaram alguém abaixo do limite de idade que a lei e os costumes locais consideram apropriado? Você nunca sentiu um impulso que estivesse fora do círculo mágico da ortodoxia sexual?

No final, foram os jornais que arruinaram o casamento de Sheba e Richard, eu acho. Quando ela foi libertada sob fiança, eles tentaram passar algum tempo juntos. Mas a pressão era excessiva, excessiva para qualquer casal. Se você pensar nos jornalistas aglomerados em frente à sua casa, nas manchetes horríveis de todos os dias - "Professora de sexo passa em provas orais com mensalidade", "Professora demonstra grande

interesse pelo corpo discente", etc. longo. . Pouco antes de Sheba comparecer pela primeira vez ao tribunal, Richard disse-lhe que a presença dela na casa estava transformando a vida das crianças numa provação. Ele pensou, eu suspeito, que esta era uma razão mais benevolente para expulsá-la do que sua própria antipatia.

Naquele momento eu intervii. Sheba morou na minha casa por cerca de uma semana e então, quando ela conseguiu que Eddie a deixasse ficar com a dele, eu vim para cá com ela. Como eu não poderia? A solidão de Sheba era lamentável. Você teria que ser muito insensível para abandoná-la. Ela ainda tem pelo menos uma audiência – possivelmente duas – antes de comparecer ao tribunal criminal, e a verdade é que não acho que Sheba, sozinha, possa resistir. Segundo seu advogado, ele evitaria o julgamento se se declarasse culpado. Mas Sheba nem quer ouvir falar disso. Para ela, é inconcebível sequer cogitar a confissão de culpa, mesmo quando se nega categoricamente que houve "coerção, pressão ou chantagem". Como ele insiste em dizer: "Não houve a menor agressão e não fiz nada indecente".

Ao me tornar o guardião de Sheba nas últimas semanas, inevitavelmente atraiu a atenção da mídia. Aparentemente, os jornalistas acham engraçado e ao mesmo tempo alarmante o fato de uma respeitável senhora idosa, com quase quarenta anos de experiência docente, ter decidido associar-se a Sheba. Todos e cada um dos jornalistas que cobriram o caso – absolutamente todos – tiveram especial interesse em descrever, com vários graus de sarcasmo, a minha bolsa: um objeto indefinido, com cabo de madeira e dois gatinhos bordados. É claro que eles teriam preferido que eu estivesse andando com outras velhinhas gordinhas, me gabando dos meus netos e jogando bingo. Em qualquer caso, não à porta de um banqueiro

rico em Primrose Hill, defendendo a reputação de um alegado autor de atentado ao pudor.

Segundo a imprensa, a única explicação possível para o meu envolvimento voluntário na devassidão de Sheba é que eu, de uma forma ainda um tanto obscura, sou um debochado. Nas semanas que se seguiram à prisão de Sheba, tive de falar várias vezes em nome dela à imprensa e agora, para os leitores do *Sun*, sou o “porta-voz do professor dissipado”. (Aqueles que me conhecem podem atestar quão pouco esse apelido se adapta à minha personalidade.) Ao falar em nome de Sheba, eu ingenuamente esperava neutralizar, até certo ponto, a hostilidade moralista para com meu amigo e lançar um pouco de luz sobre a verdadeira natureza de seu amigo. personalidade complexa. Mas, infelizmente, a minha contribuição não serviu de forma alguma a esse propósito. Ou foi cruel e deliberadamente distorcido, ou passou despercebido no meio de um monte de mentiras espalhadas por pessoas que não conheciam Sheba e que, com toda a probabilidade, não a teriam compreendido se a conhecessem.

Essa é a principal razão pela qual decidi arriscar mais calúnias ao escrever a minha própria versão da queda de Sabá. Tenho a presunção de acreditar que sou a melhor pessoa para contar essa história. Na verdade, atrevo-me a dizer que sou a *única* pessoa. Nos últimos dezoito meses, Sheba e eu passamos inúmeras horas juntas trocando todo tipo de confidências. Sheba certamente não tinha nenhum outro amigo ou familiar que conhecesse tão intimamente os detalhes do dia a dia de seu caso com Connolly. Em muitos casos, eu próprio testemunhei os acontecimentos que descrevo. Em outros, tenho explicações detalhadas da própria Sheba. Não serei imprudente o suficiente para afirmar que minha versão da história é falha, mas acredito que minha narrativa contribuirá muito para ajudar

o público a entender quem realmente é Sheba Hart.

Para começar, devo reconhecer que, do ponto de vista moral, não podemos confiar plenamente no testemunho de Sheba sobre a sua conduta. Mesmo agora ele tende a romantizar o relacionamento e a subestimar a irresponsabilidade — o erro — de suas ações. Se ela se arrepende de alguma coisa, é de ter sido descoberta. Mas, por mais confusa e perturbada que esteja, Sheba permanece igualmente sincera. Embora eu possa discordar da sua *interpretação* de certos factos, não encontrei razão para duvidar dos detalhes objectivos do seu relato. Na verdade, tenho certeza de que tudo o que ela me contou sobre como, quando e onde sua aventura é, no que lhe diz respeito, verdade.

São quase seis horas, então não demorará muito. Em meia hora, no máximo uma, Sheba descerá. Primeiro vou ouvi-la descendo as escadas e vou esconder meu caderno. (Sheba ainda não sabe nada sobre esse meu projeto. Receio que isso só a deixaria nervosa neste momento, então decidi manter isso em segredo até avançar um pouco mais.) segundos depois, ele aparecerá ali, na porta da sala, de camisola e meias.

No início ela é sempre muito quieta. Na maioria das vezes ele chorou. Tenho que animá-la e ajudá-la a esquecer de si mesma, por isso procuro ser alegre. Conto para ele uma história engraçada, algo que aconteceu no supermercado, ou faço um comentário malicioso sobre o cachorro latindo do vizinho. Depois de um tempo, levanto-me para preparar o jantar. Descobri que, com Sheba, não é uma boa ideia forçar as coisas. Neste momento ele está num estado de extremo nervosismo, muito sensível à “pressão”. Então, não peço que me acompanhe até a cozinha. Eu simplesmente vou e começo a me apressar. Ela fica um tempo na sala, perambulando, cantarolando e dedilhando os objetos; depois de dez minutos

ele sempre desiste e vem até mim silenciosamente.

Eu não cozinho nada de especial. Sheba não tem muito apetite e nunca fui louca por molhos. Comemos basicamente comida de criança: torradas com feijão, pão com queijo derretido, peixe empanado. Sheba se encosta no forno e me observa enquanto cozinho. De repente ele me pede vinho. Tentei convencê-la a não beber antes de comer alguma coisa, mas ela fica brava quando insisto, então agora tendo a ceder rapidamente e servir-lhe um copinho da caixa tetra que está na geladeira. Você escolhe suas batalhas. Quando se trata de bebidas, Sheba é meio esnobe e fica reclamando e me pedindo para comprar algo melhor. “Uma garrafa de vinho, pelo menos”, diz ele. Mas ainda compro em um tetrabrik. Ultimamente nosso orçamento está muito limitado. E apesar dos seus protestos, não lhe custa muito vender o vinho barato.

Assim que toma sua bebida, ele relaxa e começa a se interessar um pouco mais pelo que eu digo. Às vezes ele até me pede para dar uma tarefa e eu dou uma lata para ele abrir ou um queijo para ralar. E então, de repente, como se nunca tivéssemos saído do assunto, ele começa a falar sobre Connolly.

Ele parece nunca se cansar da história. É incrível quantas vezes ela está disposta a repassar o mesmo fato insignificante, examinando os detalhes em busca de pistas e símbolos. Isso me lembra daqueles judeus que passam anos analisando uma única passagem do Talmud. Ao observá-la, não posso deixar de ficar surpreso. Apesar de estar contida há algum tempo, quando fala, seus olhos brilham e ela se endireita. Às vezes ele fica muito chateado e lágrimas vêm aos seus olhos. Mas não acho que lhe faria mal falar. Para falar a verdade, acho que isso o beneficia. Sheba não pode contar essas coisas para mais ninguém. Além disso, diz ele, ajuda-o a explicar tudo, tal como aconteceu.

Um

Visitei Sheba pela primeira vez numa manhã de segunda-feira, no início do semestre letivo de inverno de 1996. Eu estava no estacionamento de St George's, tirando livros do porta-malas do meu carro, quando ela passou pelo portão de bicicleta: uma modelo antigo, entregador, com uma cesta na frente. Seu cabelo estava cuidadosamente desgrenhado: vários fios soltos em volta da mandíbula e uma espécie de pauzinho preso em um coque rudimentar. Era o tipo de penteado que as atrizes de cinema usam no papel de médica sexy. Não me lembro exatamente como estava vestida. Os modelos Sheba tendem a ser muito complexos, com muitos tecidos flutuantes. Eu sei que ele estava usando sapatos roxos. E ela estava usando uma saia longa, sem dúvida, porque pensei que ela corria perigo iminente de se enroscar nos raios. Quando ela desceu – com um salto ágil e um tanto irritante – vi que a saia era de tecido diáfano. A palavra que me veio à mente foi “fantasioso”. “Uma pessoa de fantasia”, pensei. Então tranquei o carro e fui embora.

A apresentação oficial de Sheba ocorreu mais tarde naquele dia, quando Ted Mawson, o vice-diretor, a levou à sala dos professores durante o intervalo da tarde para “as boas-vindas”. O intervalo da tarde não é um bom momento para conhecer professores. Se fizéssemos um gráfico do humor de um professor ao longo do dia escolar, o intervalo da tarde seria representado como o ponto mais baixo da curva. Na sala você

pode respirar ar estagnado e viciado. A conversa alegre da manhã cessou e os professores que não ficam vagando aqui e ali, verificando horários e assim por diante, estão descansando em um silêncio sombrio. (Para ser justo, devo dizer que esta postura é tanto resultado do péssimo desenho dos três velhos sofás de espuma da sala quanto é uma expressão do baixo moral dos professores.) Alguns permanecem imóveis, com o olhar perdido, os ombros caídos. . Outros lêem – especialmente as páginas de cultura e entretenimento de jornais liberais ou edições em brochura da pior ficção – não tanto pelo conteúdo, mas para ter uma desculpa para não serem forçados a falar com os seus colegas. Consome-se grande quantidade de barras de chocolate e porções de macarrão instantâneo.

No dia da chegada de Sheba, a sala estava um pouco mais movimentada do que o normal, porque o aquecimento do Antigo Pavilhão havia quebrado. (Além de suas três estruturas modernas - o ginásio, o centro de artes e o prédio de ciências - as instalações de Saint George incluem dois edifícios de tijolos bastante decrepitos, o Pavilhão Antigo e o Pavilhão Médio, que datam do período vitoriano, quando a escola foi um orfanato.) Naquela tarde vários professores, que talvez em outras circunstâncias teriam se refugiado em suas salas de aula no Pavilhão Antigo, no intervalo tiveram que procurar abrigo na sala dos professores, onde os radiadores ainda funcionavam. Eu estava no canto quando Mawson trouxe Sheba, então observei-a se mover lentamente pela sala por alguns minutos antes de sorrir.

O cabelo de Sheba parecia mais caótico do que naquela manhã. As mechas soltas degeneraram em cabelos desgrenhados e, onde deveriam ser lisos e esticados, pequenos cachos apareciam, formando uma espécie de coroa ao redor do crânio. Ela era uma mulher muito magra, notei naquele

momento. Ao se inclinar para apertar a mão dos professores sentados, ele parecia dobrar a cintura como uma folha de papel.

—Nossa nova professora de cerâmica! O Sr. Mawson gritou com seu habitual bom humor enquanto ele e Sheba ficavam na frente de Antonia Robinson, uma de nossas professoras de literatura inglesa. Sheba sorriu e alisou o cabelo.

"Cerâmica." Repeti a palavra para mim mesmo. Era perfeito demais: imaginei-a, a donzela sonhadora do torno, moldando jarras de leite delicadamente marmorizadas.

Sheba apontou para as janelas.

—Por que todas as cortinas estão fechadas? —Eu a ouvi perguntar.

Ted Mawson esfregou as mãos nervosamente.

"Ah", respondeu Antonia, "porque assim as crianças não nos veem nem fazem caretas para nós."

Com isso, Bill Rumer, chefe de química, sentado ao lado de Antonia em um dos sofás de espuma, soltou um suspiro.

"Na verdade, Antônia", disse ele, "é para que não os vejamos". Assim, eles podem matar-se uns aos outros, violar-se e saquear, e não temos de intervir.

Antonia riu, fingindo estar escandalizada.

Muitos professores da Saint George's assumem essa postura cínica em relação aos seus alunos, mas nenhum tão radical quanto Bill. Ele é, lamento dizer, um personagem um tanto repulsivo: o tipo de homem que se senta agressivamente esparramado e mostra o contorno de sua virilha suja além dos limites da decência elementar. Uma de suas características mais insuportáveis é que ele se considera muito desavergonhado e provocador: uma falsa ilusão que mulheres como Antonia estão dispostas a promover.

— Vamos, Bill! —Antonia exclamou, apertando a saia contra as coxas.

"Não se preocupe", disse Bill a Sheba, "você vai se acostumar com a escuridão."

Ele deu-lhe um sorriso magnânimo, como um gerifalte autorizando-a a entrar na área restrita de sua deferência. Então, quando ele olhou para ela, vi seu sorriso vacilar por um momento.

As mulheres que observam outras mulheres tendem a ficar absortas nos detalhes: as minúcias do corpo, os meandros das roupas. Ficamos tão absortos na covinha solitária, nas orelhas enormes, no botão caído, que levamos mais tempo do que os homens para organizar as características individuais para formar uma impressão geral. Digo isso para explicar por que foi então, enquanto observava Bill, que notei a beleza de Sheba. «Claro», pensei. É muito bonita." Sheba, que manteve um sorriso fixo nos lábios durante a troca de gentilezas entre Bill e Antonia, alisou os cabelos nervosamente novamente. Quando ela levantou os braços longos e finos para fixar o coque, ela esticou o torso e esticou ligeiramente o peito. Ela tinha seios de bailarina, duas protuberâncias pequenas e lisas acima das costelas. Bill abriu os olhos; Antonia os fechou.

Ela e Mawson continuaram andando pela sala. A mudança nos rostos dos professores ao olharem para Sheba confirmou minha avaliação da avaliação de Bill. Os homens sorriram e olharam para ela. As mulheres encolheram ligeiramente e pareciam taciturnas. A única exceção foi Elaine Clifford, uma ex-aluna de Saint George que dá aulas de biologia para o ensino fundamental. Mostrando familiaridade imerecida, como é típico dela, ela se aproximou de Sabá e a atacou com sua conversa insolente. Agora eles estavam muito perto de mim.

Pouco depois, Mawson virou-se e acenou para mim.

-Bárbara! ele gritou, interrompendo Elaine no meio de uma frase. Venha conhecer Sheba Hart.

Aproximei-me do grupo.

"Sheba dará aulas de cerâmica", disse Mawson. Como você sabe, tivemos que esperar muito tempo para substituir a Sra. Sipwitch. Nos sentimos muito sortudos e satisfeitos por tê-la aqui.

Em reação a essas palavras, um pequeno e bem definido círculo de rubor apareceu nas bochechas de Sheba.

"Esta é Barbara Covett", continuou Mawson. Ela é uma de nossas fãs incondicionais. Se Bárbara nos deixasse, temo que o São Jorge desabasse.

Sheba olhou para mim com atenção. Ele tinha cerca de trinta e cinco anos, calculei. (Na verdade, eram quarenta e eu estava prestes a completar quarenta e um.) Apertei sua mão, grande e vermelha e um pouco áspera ao toque.

"É bom ser tão indispensável", disse ele com um sorriso. Seu tom era difícil de ler, mas pensei ter detectado uma pitada de afinidade genuína, como se ele entendesse como era exasperante suportar a condescendência de Mawson.

—Sheba... como a rainha? -Eu perguntei por.

—Não, como Bate-Seba.

—Ah. Seus pais deram esse nome a você por causa da Bíblia ou por causa de Hardy?

Ele sorriu.

-Não sei. Acho que eles simplesmente gostaram do nome.

"Se você precisar saber alguma coisa sobre esta escola, Sheba", continuou Mawson, "você deveria perguntar a Barbara".

Ela é a especialista em São Jorge.

-Ótimo. "Vou me lembrar disso", disse Sheba.

Dizem que pessoas de classes privilegiadas falam como se tivessem ameixas na boca, mas não foi isso que pensei quando ouvi Sheba. Pelo contrário, sua boca parecia vazia e limpa, como se nunca tivesse comido nada.

—Adorei seus brincos! —Elaine exclamou de repente. Ele estendeu as mãos como um macaco para tocar as orelhas de Sheba e, quando levantou os braços, pude ver suas axilas, muito vermelhas, como se estivessem inchadas, e salpicadas de pontos pretos. Incomoda-me profundamente que as mulheres não se cuidem nos mínimos detalhes. Prefiro os cabelos das francesas a esses repulsivos salpicos de limalha de ferro. Eles são tão lindos! Elaine disse, referindo-se aos brincos. Onde você comprou?

Sandy Pabbalem, a diretora, gosta de ter ex-alunos como Elaine no corpo docente. Ele acredita que o fato de quererem voltar e "retribuir" diz muito a favor da escola. Mas a verdade é que os ex-alunos do Saint George são péssimos professores. Não é só porque eles não sabem nada sobre nada. (Como é.) Nem mesmo para sentir prazer com sua ignorância. (Certa vez ouvi Elaine identificar alegremente Boris Yeltsin como "aquele russo com pássaros na cabeça".) O verdadeiro problema tem a ver com a personalidade. Os alunos que regressam para lecionar no Saint George's são, sem exceção, pessoas emocionalmente suspeitas: pessoas que concluíram que o mundo lá fora era assustador e reagiram permanecendo na escola. Eles nunca terão que tentar voltar para casa porque nunca irão embora. Às vezes, uma visão me ocorre: os alunos desses ex-alunos decidem que eles também querem ser professores em Saint George, e esses ex-alunos de ex-alunos geram mais ex-alunos que retornam a Saint George para

lecionar, e assim por diante. Levaria apenas algumas gerações para que a escola fosse completamente povoada de idiotas.

Enquanto Sheba falava sobre suas joias, aproveitei a oportunidade para examinar seu rosto mais de perto. Claro que os brincos eram lindos: pequenas peças de ouro com miçangas. Seu rosto era longo e fino, o nariz ligeiramente torto na ponta. E os olhos — não, nem tanto os olhos, mas as pálpebras — eram prodigiosos: grandes abóbadas orladas por cílios grossos. Como a faixa pontiaguda da Estátua da Liberdade.

"Esta é a primeira vez que Sheba é professora", relatou Ted quando Elaine parou de falar por um momento.

"Bem, sem dúvida será um batismo de fogo", comentei.

Ted começou a rir muito e parou de repente.

"Bem", disse ele, consultando o relógio, "devemos continuar, Sheba." Deixe-me apresentar-lhe Malcolm Plummer...

Elaine e eu observamos Sheba e Mawson se afastarem.

"Ela é adorável, não é?" — Elaine disse.

Eu sorri.

—Não, eu não diria "encantador".

Elaine estalou a língua para expressar seu sentimento de afronta.

"Bem, eu acho que ela é legal", ele murmurou.

Nas primeiras semanas na escola, Sheba estava praticamente sozinha. Na hora do recreio, raramente saía da oficina de cerâmica. E quando decidia ir para a sala dos professores, ficava parada perto de uma janela, sozinha, olhando para o pátio através das cortinas. No trato com os colegas foi impecavelmente correto, ou seja, fez os elogios habituais à época. Mas ele não procurou espontaneamente

nenhum outro professor para iniciar uma troca de autobiografias. Nem se inscreveram no contingente de São Jorge que se juntaria à iminente manifestação convocada pelo Sindicato Nacional dos Professores. Nem participou com os demais das conversas sarcásticas sobre o diretor. A sua relutância aos habituais ritos de iniciação despertou certas dúvidas entre os outros professores. As mulheres tendiam a formar a ideia de que Sabá era "uma tola"; Os homens, por sua vez, optaram pela hipótese de que ela estava com "frio". Bill Runner, renomado especialista nessas questões, observou em mais de uma ocasião que "não havia nada de errado com ele que não pudesse ser curado com um bom pó".

Para mim, o fato de Sheba não ter se tornado amiga de ninguém imediatamente foi um bom sinal. Por experiência, sei que os recém-chegados – especialmente as mulheres – estão excessivamente inclinados a tomar partido de qualquer grupo que os aceite. Jennifer Dodd, que era minha melhor amiga na escola, passou as primeiras três semanas em Saint George agarrada às saias aconchegantes de Mary Horsely e Diane Nebbins. Mary e Diane são duas hippies do Departamento de Matemática. Ambos carregam pacotes de "chá para mulheres" nas bolsas e usam pedaços irregulares de cristal de rocha em vez de desodorante. Tanto por seu caráter e senso de humor quanto por sua visão demundo, eles eram os menos adequados para se tornarem amigos de Jennifer. No entanto, eles foram os primeiros a abordá-la, e Jennifer, por simples gratidão pela gentileza deles, decidiu ignorar alegremente as bobagens sobre o leite de soja. Ouso dizer que durante sua primeira semana em Saint George ela teria ficado noiva de um membro da Igreja da Unificação se ele tivesse agido com rapidez suficiente.

Sheba não sofria nem um pouco daquele nervosismo de novata, e eu a admirava por isso. Ele também não me isentou

de sua atitude distante. Devido à minha antiguidade na Saint George's e ao facto de ser mais formal do que a maioria dos meus colegas, estou habituado a uma certa deferência por parte dos outros. Mas Sheba não parecia dar importância à minha posição. Para falar a verdade, por muito tempo ele mal deu sinais de notar minha presença. Apesar disso, eu nutria a estranha certeza de que um dia seríamos amigos.

No início, fizemos algumas tentativas de abordagem. Em algum momento durante sua segunda semana na escola, Sheba me cumprimentou no corredor. (Ele disse "olá", notei com prazer, em vez de recorrer a uma daquelas expressões que foram impostas pela influência americana e que os outros professores da escola tanto gostam.) E noutra ocasião, ao regressar do centro de art após uma assembléia, trocamos alguns breves comentários desfavoráveis sobre a apresentação do coral que acabara de acontecer. Mas meu sentimento de parentesco com Sheba não se baseava nessas pequenas trocas. O vínculo que ele sentia, mesmo agora, ia além de qualquer coisa que pudesse ser expressa na conversa cotidiana. Foi uma semelhança intuída. Um entendimento tácito. Será muito melodramático se eu chamar isso de reconhecimento espiritual? Por causa da nossa reserva mútua, eu sabia que demoraria um pouco para nos tornarmos amigos. Mas quando esse momento chegou, não tive dúvidas de que a nossa amizade seria de uma intimidade e confiança invulgares: um relacionamento de *chaleur*, como dizem os franceses.

Enquanto isso, observava à distância e ouvia com interesse as fofocas que circulavam sobre ela na sala dos professores. Para a maioria dos professores, a descrição digna de Sheba funcionou como uma espécie de barreira, repelindo as habituais questões intrusivas sobre a vida familiar ou a ideologia política. Mas a elegância perde força diante da estupidez total, e alguns

não se deixaram dissuadir. De vez em quando eu via algum professor atacar Sheba no estacionamento ou no pátio, atordoando-a até a submissão com sua curiosidade vulgar. Eles nunca conseguiram a intimidade imediata que procuravam. Mas extraíram dele algumas informações como prêmio de consolação. Através desses ávidos verdureiros, o restante do corpo docente soube que Sheba era casado e tinha dois filhos; que o marido era professor universitário; que seus filhos estudavam em escola particular; que ele morava em uma "casa enorme" em Highgate.

Inevitavelmente, dada a natureza dos intermediários, muitas destas informações chegaram de forma algo confusa. Certa vez, ouvi Theresa Shreve, professora orientadora, contar a Marian Simmons, diretora da primeira série, que o pai de Sheba era famoso.

"Sim", disse ele, "já aconteceu." Mas ele era um acadêmico muito importante.

Marian perguntou qual era sua disciplina.

-Só que? — perguntou Teresa.

—Qual era a sua especialidade acadêmica? —Marian esclareceu.

—Ah, bom, agora que você mencionou, não sei! —Teresa respondeu—. O nome dele era Donald Taylor e ele inventou a palavra "inflação", eu acho.

Assim, fiquei sabendo que o pai de Sheba era Ronald Taylor, o economista de Cambridge, que morrera cinco anos antes, pouco depois de rejeitar a Ordem do Império Britânico. (Ele explicou que não concordava com o sistema de concessão de honras, mas os jornais especularam que ele havia ficado ofendido por não ter recebido o título de senhor.) "Você deveria saber, Theresa", interrompi naquele momento. momento - que

o pai da Sra. Hart se chamava Ronald. Ele não “inventou a inflação”, como você diz. Ele postulou uma teoria importante sobre a relação entre inflação e expectativas do consumidor.

Theresa olhou para mim com aquela expressão taciturna que tantas pessoas da sua geração adotam quando tentam expor a sua ignorância.

“Ah”, ele disse.

Também se soube naquelas primeiras semanas que Sheba estava enfrentando “problemas de deslocamento social”. Isso já estava previsto. Como Highgate faz parte do distrito escolar, muitas pessoas acreditam que Saint George's é uma daquelas escolas tranquilas e seguras, cheia de boas crianças que levam seus violoncelos para os ensaios de orquestra. Mas as famílias não deixam os filhos nas mãos de São Jorge. Os violoncelistas, se forem meninas, são enviados para Saint Boyolphs e, se forem meninos, para King Henry, ou para escolas particulares em outras áreas de Londres. São Jorge é um tapume para os filhos adolescentes: os garotos do alojamento social que têm que aguentar nesta escola por no mínimo cinco anos, entre tensões e tropeços, até cumprirem seu destino como encanadores e balconistas. No ano passado, 240 dos nossos alunos prestaram vestibular e apenas seis, nem um a mais nem um a menos, conseguiram passar. A escola tem – como direi? – um ambiente muito “volátil”. Os ataques a professores não são raros. Um ano antes da chegada de Sheba, três meninos da terceira série, debruçados na janela do laboratório de ciências, jogaram bicos de Bunsen na secretária da escola, Deirdre Rickman. (Os ferimentos resultantes incluíram uma clavícula quebrada e um corte na cabeça que exigiu quatorze pontos.)

Naturalmente, os rapazes são os mais problemáticos, mas as raparigas também não ficam muito atrás deles. Embora não sejam tão predispostos à violência, são igualmente desbocados

e têm um dom especial para insultos. Recentemente, uma aluna da minha turma da quarta série – uma certa Denise Callaghan, pequena e irascível, uma verdadeira moleca em formação – me chamou, sem pensar duas vezes, de “vadia com cara de vadia”. Essas coisas geralmente não acontecem na minha aula e quando acontecem, em quase todos os casos, eu as interrompo na hora. Mas para os professores mais jovens da Saint George, manter um mínimo de ordem é uma batalha constante e muitas vezes sangrenta. Para uma novata como Sheba – uma novata etérea com um sotaque alegre e saias transparentes – o potencial de catástrofe é considerável.

Mais tarde descobri em detalhes o que aconteceu na primeira aula de Sheba. Tinham-lhe atribuído aquilo que, com alguma presunção, chamam de “oficina” da escola: um quartel pré-fabricado, adjacente ao centro de artes, utilizado como armazém desde a saída do último professor de cerâmica, há alguns anos. Era um lugar um tanto sombrio e úmido, mas Sheba fizera o possível para iluminá-lo com pôsteres de museu e mudas de gerânios que ela havia cortado em seu jardim naquela manhã.

Ele havia preparado minuciosamente a lição do dia. Ele pretendia começar sua primeira aula da quarta série com uma breve explicação sobre o que era a cerâmica: o principal impulso criativo que ela representava e o importante papel que desempenhou no início da civilização. Mais tarde eu deixava os meninos trabalharem com o barro. Eu pediria que moldassem uma tigela, de qualquer tipo, de sua livre escolha; então ele queimaria as peças e as deixaria prontas para o dia seguinte. Quando o sinal tocou para anunciar a primeira aula e seus alunos começaram a entrar na sala, ele estava com um humor que beirava a euforia. Isso, ele decidiu, seria muito divertido.

Ele esperou e, ao considerar que a maioria dos alunos já

havia entrado, levantou-se e fez uma saudação. Mas no meio da apresentação ela foi interrompida por Michael Beale – um garoto magro com um sinistro dente cinza na frente – que correu em sua direção do fundo da sala de aula gritando: “Gosto de você, senhorita!” Ela riu alegremente e pediu que ele se sentasse. Ignorando-o, Michael ficou ali imóvel. Pouco depois, um segundo aluno se aproximou dele. Depois de olhar Sheba de cima a baixo, esse segundo garoto — seu nome era James Thornham, acho — anunciou à turma, em tom de zombaria, que seu professor tinha “peitos pequenos”. Enquanto os outros ainda riam da piada, outro menino subiu em uma das mesas de trabalho e começou a gritar: “Mostra seus peitos”. Aparentemente, ele despertou reação desdenhosa entre alguns de seus colegas de classe, que convidaram o menino em questão a “mostrar o pau” e, para isso, lhe ofereceram uma lupa.

Nesse ponto, Sheba estava tentando conter as lágrimas. Num tom severo, ele pediu à turma que se acalmasse e, para sua surpresa, a relativa ordem foi restaurada por um momento. Quando ela começou a se apresentar novamente, uma garota de ascendência asiática, que Sheba acreditava ser uma das alunas mais educadas e educadas, recostou-se nas costas da cadeira e gritou: “Ei, a senhora está usando um vestido transparente. saia!” “A calcinha dela está quase visível!” A turma inteira explodiu em aplausos. «Senhorita, por que você não está usando combinação? Vamos, senhorita, mostre-nos seus peitos... Senhorita, senhorita, onde você comprou essa saia? Em Intermón Oxfam? A essa altura Sheba já havia começado a chorar. “Por favor”, ele gritou acima do barulho. Por favor, você poderia parar de se comportar como animais por um momento?

Naquela época eu não tinha conhecimento desses detalhes.

Mas tive uma ideia geral dos problemas de Sheba pelas fofocas casuais na sala dos professores. Dizia-se de Sheba que ela tinha um temperamento explosivo, que era uma daquelas que explodia imediatamente. Um dia, na hora do almoço, cerca de duas semanas depois do início do semestre, ouvi Elaine Clifford contar o que uma aluna do terceiro ano lhe contara sobre Sheba.

“As crianças parecem se divertir muito com ela”, explicou Elaine. E ela, aparentemente, primeiro pede que eles se comportem. Mas então ele perde a paciência. Ele os amaldiçoa, e se ele “caga” aqui, ele “fode” ali. De todo.

Isso me deixou muito preocupado. O diretor tende a ser bastante tolerante com tacs. Mas, a rigor, proferir palavrões diante dos alunos é punível com demissão. Não é incomum que professores – especialmente os inexperientes – negociem primeiro com alunos indisciplinados e depois, quando essa tática falha, recorrem subitamente à raiva. Contudo, na maioria dos casos, estas transições incluem algum grau de ferocidade calculada ou fingida. O professor interpreta a raiva. Se as crianças veem alguém como Sheba perdendo o controle – gritando, xingando e outras coisas – elas gostam. Eles pensam, e com razão, que alcançaram uma vitória. Eu teria prazer em chamar Sheba de lado e explicar-lhe com muito tato onde ela estava errada. Mas eu era tímido. Eu não sabia como abordar o assunto sem parecer um intrometido. Então fiquei quieto e esperei.

Na terceira semana de Sheba em Saint George, um professor de geografia, Jerry Samuels, estava patrulhando o terreno da escola em busca de crianças matando aula e, ao passar pelo centro de artes, ouviu comoção no barracão de Sheba. Quando ele entrou para ver o que estava acontecendo, encontrou uma comoção na oficina. Todos os terceiro anos se

envolveram em uma batalha de barro. Vários meninos estavam nus da cintura para cima. Dois deles tentavam derrubar o forno. Samuels viu Sheba encolhida e chorando atrás de sua mesa. “Nos dez anos que sou professor, nunca vi nada parecido”, disse ele mais tarde na sala. Parecia *o Senhor das Moscas*.

Dois

OU Você nunca percebe o quanto a memória é um conglomerado até tentar organizar os eventos passados em uma sequência racional. Para garantir a maior precisão nesta narrativa, comecei a construir uma linha do tempo do ano de Sabá em São Jorge. À noite escondo-o debaixo do colchão junto com o manuscrito. Na verdade, é apenas uma linha insignificante em um papel milimetrado, mas acho que será muito útil. Ontem comprei um pacote de estrelas douradas adesivas na banca de jornal. Vou usá-los para apontar os acontecimentos realmente fundamentais. Já coloquei uma estrela, por exemplo, para marcar a primeira vez que Sheba e eu conversamos na sala dos professores. Depois disso, há um espaço vazio até a quarta semana após sua chegada a Saint George's, quando, se meus cálculos estiverem corretos, ele conheceu Connolly.

O motivo da reunião foi uma sessão do Clube de Deveres de Casa da escola. Apesar das dificuldades em impor a ordem, esperava-se que Sheba participasse em todas as responsabilidades do corpo docente: vigiar o recreio, fazer turnos na sala de jantar e, talvez o mais arriscado, supervisionar o Clube de Deveres de Casa. O CT, como os alunos o chamam, realiza suas atividades no Pavilhão Médio todos os dias, das três e meia às seis da tarde. Foi criado pelo diretor há alguns anos, teoricamente para "proporcionar um ambiente de trabalho tranquilo para quem possa ter dificuldade

em encontrá-lo em casa". É uma instituição muito impopular entre os professores, especialmente porque tende a ser usada como lixeira para crianças punidas depois da escola. Os supervisores do clube geralmente têm que lidar com os piores alunos da escola no horário em que eles estão mais nervosos e intratáveis.

Na tarde que Sheba teve, havia dez crianças no Clube de Deveres de Casa. Assim que começou a chamada, eclodiu uma violenta disputa entre duas meninas da quarta série, uma das quais acusou a outra de ter enfiado um chiclete no cabelo. Durante os três quartos de hora seguintes, Sheba se concentrou apenas em manter as duas garotas separadas. Quando ele finalmente enviou um deles para o diretor da quarta série, os ânimos se acalmaram e ele conseguiu prestar atenção nos outros alunos da sala. Restaram três meninas e seis meninos, e todos, segundo anotações dos professores que os meninos trouxeram, estavam no CT, punidos. Eles olharam para Sheba com um mau humor espontâneo. Apenas um menino, sentado no fundo da sala, trabalhava com calma. Sheba se lembra de ter ficado comovido com sua postura infantil de concentração: a maneira como ele mostrou a língua e cruzou o braço esquerdo em um gesto protetor em torno dos papéis. Era Steven Connolly.

Pouco depois, depois de lembrar a todos, como é de costume, que eles deveriam terminar as tarefas atribuídas antes das cinco, Sheba levantou-se e caminhou em direção a onde o menino estava sentado. Ele fez uma careta quando a viu se aproximar e se endireitou. "O que está acontecendo? -disse-. Não estou fazendo nada de errado." Do outro lado da sala de aula, Sheba presumiu que fosse um aluno da terceira ou quarta série. Mas de perto ele parecia mais velho. Seu torso apresentava uma aparência robusta e triangular. Suas mãos e

antebraços eram inesperadamente grandes. Uma barba por fazer podia ser vista em seu queixo.

Sheba sempre disse que Connolly era um garoto incrivelmente atraente e, para ser justo com ela, vários jornalistas fizeram observações semelhantes. ("Irresistível e exótico", como uma mulher do *Mail* descreveu há algumas semanas.) Não me parece assim, devo admitir. É claro que nunca me senti fisicamente atraído por um de meus alunos, então talvez não seja a melhor pessoa para avaliar os encantos do garoto. Agora, se meu gosto tivesse ido nessa direção, acho que teria notado alguém com traços mais bonitos, talvez um menino de rosto aveludado e ossos delicados das séries iniciais. Não há nada de bonito nas características de Connolly. Ele é um garoto de aparência rude, com cabelos lisos cor de urina e lábios carnudos e flácidos. Devido a um acidente de infância (um solavanco imprevisto quando, brincando com ardor excessivo, perseguia uma menina para lhe dar um beijo), seu nariz está esmagado. Os olhos, de pálpebras muito caídas e arqueadas, lembram a máscara de uma tragédia. Sheba insiste que ele tem uma pele magnífica e é verdade, suponho, que ele se livrou daqueles furúnculos tão comuns em meninos de sua idade. Mas o que ela chama de "tez morena" sempre me pareceu sujo. Cada vez que olho para ele, tenho vontade de esfregá-lo com uma luva quente.

Na mesa de Connolly, Sheba viu um anúncio arrancado de uma revista de publicidade da Harrods. A ilustração consistia em um daqueles desenhos estilizados a tinta de uma mulher com cintura de vespa e olhar altivo, enrolada em uma estola de pele. Connolly copiou a imagem na última página do seu caderno de matemática. Sheba garantiu-lhe que não se aproximou dele para repreendê-lo. Eu só queria ver o que ele fez. O desenho estava bom, disse ele. Por constrangimento ou

talvez prazer com o elogio, Connolly mexeu-se na cadeira. (Sheba lembra-se de virar a cabeça de um lado para o outro, "como um cego".)

"Mas ei", ele continuou, "você não precisa copiar". E se você desenhar algo da natureza? Ou mesmo da sua imaginação?

O rosto de Connolly, que por um momento se suavizara com a lisonja, voltou ao seu antigo sigilo. Ele encolheu os ombros, irritado.

"Não", Sheba tentou retificar, "digo isso porque tenho certeza de que você poderia fazer lindos desenhos." Este é muito, muito bom.

Ele fez várias perguntas sobre si mesmo. Como se chamava? Que idade tinha? Ela ficou desapontada ao saber que o menino não estava frequentando a aula de cerâmica. Que disciplina eletiva ele escolheu? Connolly fez uma careta quando questionado e murmurou algo que Sheba não entendeu.

—Como você disse? -perguntado.

"Educação especial, senhorita", ele repetiu com voz rouca.

Ao contrário do que alguns artigos posteriores afirmaram, Connolly não era nem "débil mental" nem "retardado". Tal como mais de vinte e cinco por cento dos alunos do Saint George's, ele tinha sido diagnosticado com "problemas de alfabetização" – dificuldades de leitura e escrita – e, portanto, era elegível para frequentar aulas diárias de educação especial. Questionando melhor o menino, Sheba descobriu que a educação especial também o impedia de participar das aulas de artes. Ela disse-lhe que isto a surpreendeu e comentou que talvez algo pudesse ser feito para corrigir a situação. Enquanto Connolly encolheu os ombros evasivamente, alguém de repente chamou Sheba. Um de seus alunos do terceiro ano estava tentando queimar outro aluno do segundo ano com um isqueiro descartável.

Naquela noite, diz Sheba, ela se lembrou de sua breve conversa com Connolly e escreveu uma nota em seu diário para se lembrar de descobrir se era possível mudar a programação de Connolly. Para ele, foi um erro não deixar o menino cursar uma matéria – talvez a única – em que ele era bom. Eu queria ajudá-lo.

Tais fantasias de caridade não são incomuns nas escolas públicas de hoje. Muitos dos professores mais jovens nutrem uma esperança secreta de “mudar as coisas”. Todo mundo já viu aqueles filmes americanos em que mulheres bonitas domam valentões dos bairros mais carentes recitando Dylan Thomas para eles. Eles querem conquistar os corações das crianças sob seus cuidados com poesia e compaixão. Quando eu estava estudando na universidade, isso não acontecia. Meus colegas e eu nunca pensamos em aumentar a autoestima ou realizar sonhos. As nossas expectativas não foram além de incutir nos nossos futuros alunos as quatro regras e dar algumas recomendações sobre higiene pessoal. Talvez nos faltasse idealismo. Mas não é coincidência, creio eu, que nesta era em que as ambições pedagógicas se tornaram infladas e presunçosas, os níveis básicos de alfabetização e de cálculo matemático tenham diminuído radicalmente. Talvez não nos importássemos muito com a alma de nossos filhos antes, mas pelo menos quando terminaram, eles sabiam como fazer divisões longas.

Naturalmente, Sheba não conseguiu alterar a programação de Connolly. Ele até foi ver Ted Mawson, responsável pelos horários. Mas Mawson recusou seu pedido bruscamente, explicando que criar horários simultâneos para 1.300 crianças era “como jogar xadrez tridimensional” e que se você hesitar sobre qual aula de arte está perdendo e qual aula de carpintaria está perdendo, seria a história sem fim. Por medo de parecer

uma pessoa conflituosa, Sheba pediu desculpas profusamente. "Tenha em mente que esta é uma escola pública britânica", disse Mawson em tom de reprovação jocosa ao sair de seu escritório, "não um maldito *Lycée*." » Aparentemente, este último comentário indignou Sheba, que detectou nele uma crítica à sua ingenuidade como pessoa privilegiada. Naquele momento ela prometeu a si mesma levar o assunto adiante: até conversaria com o diretor, se fosse necessário. Mas no final ele desistiu. Outras coisas surgiram, diz ele. Eu estava muito ocupado. Ou talvez, presume-se, como tantos aspirantes a reformadores antes dela, ela simplesmente tenha perdido o interesse.

Poucos dias depois de conhecer Connolly, Sheba encontrou um desenho em sua caixa de correio. Era um esboço rudimentar de uma mulher, desenhado em papel pautado, no estilo romântico típico dos pintores de rua. A mulher tinha olhos grandes e enevoados, braços muito longos e mãos estranhas, sem dedos, parecidas com picolés. Havia um olhar vagamente erótico em seu olhar perdido. A blusa decotada revelou o nascimento de seios bem sombreados. No canto inferior direito, o artista anônimo do esboço havia escrito em itálico grande e desajeitado as palavras "Senhora Imponente".

Sheba entendeu, quase imediatamente, que ela era a senhora imponente em questão, que o desenho pretendia ser um retrato e que havia sido feito pelo garoto loiro que ela conhecera no CT na semana anterior. Ele não ficou alarmado. Pelo contrário, ela se sentiu satisfeita e bastante lisonjeada. No ambiente brutal de São Jorge, ele interpretou isso como um gesto de excêntrica inocência. Ele não procurou Connolly para agradecer pelo desenho. Ele presumiu que, por tê-lo enviado anonimamente, saber que havia sido identificado o deixaria constrangido. Mas ela sentiu que, mais cedo ou mais tarde, ele

se aproximaria dela. E, de fato, um dia, pouco antes das férias do semestre, ela o encontrou rondando em frente à oficina quando ela ia comer.

Sheba lembra que Connolly não estava vestido adequadamente para o clima. Era um dia ventoso de outubro e ele vestia apenas uma camiseta e uma jaqueta de algodão bem leve. Ao levantar a camisa para coçar distraidamente a barriga, Sheba viu como sua pélvis se projetava, criando uma cavidade larga e rasa logo acima da virilha. Ele tinha esquecido que o corpo dos jovens era assim, diz ele.

—Você pegou o desenho? Connolly perguntou.

-Como? —ela respondeu com surpresa fingida—. Então era seu?

Timidamente, Connolly reconheceu que isso era muito provável.

Sheba disse a ele que o desenho era lindo e que se ele realmente tivesse feito, deveria ter assinado.

“Espere”, disse ele. Abriu a porta e voltou para a oficina, onde tirou o desenho da gaveta de baixo da escrivaninha.

—Por que você não assina para mim agora? -perguntado.

Connolly, ainda parado na porta, olhou para ela com hesitação.

-Porque senhorita? -perguntado.

Sabá riu.

-Porque sim. Eu apenas pensei que seria bom. Você não precisa fazer isso. Mas em geral os artistas gostam que o seu trabalho seja reconhecido.

Connolly foi até a mesa e olhou o desenho. Não era tão bom quanto os outros que ele havia feito, ele disse a ela. Eu

não sabia desenhar mãos. Sheba concordou que as mãos eram muito difíceis e então o encorajou conversando com ele sobre a importância de praticar e estudar modelos naturais. A certa altura, ela percebeu que ele olhava para as mãos dela e ficou sem graça, lembra, porque eram muito ásperas e despenteadas. Ele colocou o desenho sobre a mesa e cruzou os braços.

“Falei com o Sr. Mawson sobre a possibilidade de mudar seu horário”, disse ele. Acontece que não é tão fácil quanto eu pensava.

Connolly assentiu, não surpreso.

“Mas eu não desisti”, Sheba apressou-se em acrescentar. Com certeza continuarei tentando e, enquanto isso, o mais importante é que você não pare de desenhar.

Houve um breve silêncio. Finalmente Connolly, hesitante, confessou que o desenho pretendia ser um retrato dela. Sheba assentiu e disse que já havia notado. O menino ficou nervoso e começou a gaguejar. Numa tentativa desajeitada de tranquilizá-lo, Sheba brincou sobre o generoso baú que havia desenhado para ele. “O que mais eu gostaria?”, disse ele. Mas isso só serviu para agravar a vergonha do menino. Ele ficou vermelho brilhante, aparentemente, e permaneceu em silêncio por um longo tempo.

Sheba ficou comovida com esse episódio. Foi uma novidade, diz ela, que a admirassem de forma tão aberta. Lembro-me que a primeira vez que ele me disse isso eu expressei alguma descrença. Ela podia acreditar que o afeto de Richard, com o tempo, degenerara em uma certa apatia, ou talvez que ele não contasse para ela porque ela o considerava um dado adquirido. Mas certamente ele não poderia estar alegando que lhe faltaram admiradores antes de Connolly. Sheba, que deixava os

homens na sala dos professores do St. George loucos com suas blusas esvoaçantes? Não, ele insistiu. Isto foi muito diferente. Sempre havia homens que lhe lançavam olhares furtivos de admiração, homens que deixavam claro que a achavam atraente. Mas antes de Connolly ninguém a perseguira. Então ela acreditava que era por respeito à sua condição de mulher casada. Mas devia haver outro motivo. Se todos respeitavam tanto a instituição do casamento, como foi cometido tanto adultério? Talvez, disse ele, a explicação mais provável residisse no tipo de homem com quem ele havia lidado. A maioria dos amigos de Richard eram acadêmicos e todos ficavam horrorizados com a ideia de que pudessem ser considerados “comuns” ou insensíveis. Se eles flertavam, era sempre de brincadeira, maliciosamente. Mesmo quando elogiavam um vestido, acrescentavam algumas citações para o caso de a mulher se ofender e dar um tapa neles.

Vários anos antes, havia um homem, um professor visitante de lingüística finlandês, que a acompanhou da ópera para casa certa noite, quando Richard teve que sair mais cedo devido a um envenenamento. Ele sugeriu isso claramente quando ela saiu do táxi. Mas mesmo assim nada aconteceu. Sheba disse que sentiu um certo ressentimento nele, como se ele a estivesse censurando por sua atração por ela. Assim que ela resistiu — ou hesitou, para ser mais exato — ele se tornou muito desagradável e rude. Desde o início ele suspeitara que ela fosse uma “provocadora”, disse-lhe. Apenas Connolly, que era demasiado jovem ou demasiado obtuso para apreciar o excesso da sua ambição, ousara abordar o assunto com algum encanto ou tenacidade. Ele não tinha medo dela, nem estava zangado com ela. Ele não se perdeu em um emaranhado retórico na tentativa de se sentir à altura da beleza dela. Quando ele olhou para ela, era como se a estivesse cobijando, disse ela. “Como um pêssego.”

Durante a primeira metade do semestre de inverno, criei coragem para abordar Sheba e conversar com ela sobre o problema da disciplina em sala de aula. Na semana anterior às férias, talvez eu finalmente ousasse, mas na manhã de segunda-feira notei algo novo: algo tão inesperado e decepcionante que me fez parar.

Eu estava em minha sala de aula às duas horas da manhã, que por acaso era livre naquele dia, quando vi Sheba pela janela atravessando o pátio do prédio de ciências em direção ao Antigo Pavilhão. Eu estava com Sue Hodge, a diretora musical. Até aquele momento eu não sabia que eles se conheciam. Mas algo na linguagem corporal de Sheba – uma certa vivacidade nos seus gestos – levou-me a pensar que a relação entre elas era bastante próxima. Eles caminharam juntos, tão próximos que a mochila transbordante de Sue bateu no quadril fino de Sheba. Este pareceu não notar. Ele estava rindo de alguma coisa que Sue dizia, jogando a cabeça para trás para que eu pudesse ver seu longo pescoço branco e as duas narinas escuras. Sue também estava rindo. Ela é uma mulher grande e a alegria geralmente tem um efeito bastante inconveniente sobre ela. Juntos, eles fizeram barulho suficiente para serem ouvidos na minha sala de aula. Depois de um momento tive medo de que me pegassem espionando-os e fechei as cortinas.

Não sou alarmista por natureza e tive o cuidado de tirar conclusões drásticas da cena que testemunhei. Mas três dias depois, na quinta-feira, ouvi Bob Baker, um professor de ciências, comentar um tanto maliciosamente com Antonia Robinson que Sheba parecia "se dar bem" com Hodge. Segundo Bob, alguns dias antes, à tarde, Sue havia colocado a bicicleta de Sheba no porta-malas do carro e levado para sua casa.

Isso confirmou minhas suspeitas mais sombrias. Sheba escolheu Sue Hodge como amiga. Sue Hodge! Se isso tivesse

acontecido no início do semestre, eu teria presumido que o relacionamento era um simples erro: um daqueles pactos efêmeros ditados pelas circunstâncias e não por um verdadeiro senso de companheirismo. Mas dado o tempo que Sheba permaneceu em isolamento inacessível do resto do corpo docente, essa amizade teve de ser considerada uma escolha voluntária e deliberada. Minha surpresa inicial logo deu lugar à indignação. Durante semanas, Sheba manteve uma atitude reservada, evitou qualquer proposta, e tudo isso para quê? Para então sucumbir a esse personagem ridículo?

Eu encontrava Sue Hodge com frequência. Como ambos somos fumantes, na hora do almoço fugíamos para o La Traviata, um restaurante italiano a poucos passos de Saint George, para fumar um cigarro. Nunca nos sentamos juntos. Havia uma certa frieza entre nós, que remontava a algo que aconteceu alguns anos antes, quando Sue me pegou zombando de uma de suas planilhas intitulada "*Dem Ossos* : raízes culturais do espiritual negro. Sue é uma mulher extremamente pretensiosa, sempre determinada a fazer os meninos dançarem danças expressivas ao som do Pink Floyd e a cantar *American Pie* com eles enquanto toca seu horrível banjo. Mas por trás de toda aquela bobagem hippie despreocupada, ela é na verdade uma puritana da pior espécie: o tipo de mulher que usa absorventes diários todos os dias do mês, como se considerasse qualquer secreção de seu corpo tão nojenta que deveria ser absorvida com algodão. , embrulhados em sacos de papel e jogados no fundo da lata de lixo. (Estive na sala dos professores atrás dela e sei do que estou falando.) Além disso — e é por isso que o interesse de Sheba por Sue é especialmente incompreensível — ela é soporífica. Um verdadeiro compêndio de opiniões medíocres. Uma mulher para quem um acontecimento divertido consiste em caminhar até alguém num dia quente de verão e gritar com entusiasmo: "Está quente o

suficiente para você?" Muitos anos atrás, antes do incidente dos espirituais negros, tive a infelicidade de esperar meia hora com Sue no ponto de ônibus. A certa altura, ele se virou para mim e, com a alegria e a exaltação de quem acabara de compor um delicioso epigrama, declarou: "Você verá: quando o ônibus finalmente chegar, haverá outros cinco logo atrás dele".

Na sexta-feira daquela semana, na hora do almoço, eu estava sentado na minha mesa habitual no La Traviata quando Sue chegou acompanhada de Sheba. Ao entrar no restaurante, eles estavam rindo e conversando. Aparentemente, a iminência das férias os deixou de excelente humor. Ou talvez, pensei, uma certa hilaridade afetada fosse a assinatura da amizade deles. Mesmo depois de se sentarem, eles caíam na gargalhada de vez em quando. Sue olhava em volta incessantemente, como se quisesse ter certeza de que sua diversão desenfreada estava recebendo atenção suficiente em todo o restaurante. Para não lhe dar essa satisfação, peguei um livro e me preparei para ler. Embora eu mal tenha olhado na direção deles durante o resto da refeição, continuei a ouvir suas risadas. Quando saí do restaurante, havia cinco bitucas no pequeno cinzeiro de lata em cima da minha mesa e eu estava de muito mau humor.

Para compreender completamente o efeito desse episódio em meu humor, devo explicar que, há alguns anos, fui duramente atingido quando minha amiga Jennifer Dodd anunciou que não queria mais nada comigo. Já éramos íntimos há mais de um ano e ela não havia dado nenhum sinal dessa mudança radical. Fiquei atordoado. Jennifer tinha acabado de iniciar um relacionamento com um jovem - um pintor e decorador que trabalhava na casa de sua irmã em Richmond - mas insistiu que ele não teve nada a ver com sua decisão repentina. Após misteriosas alusões ao suposto fato de eu ser "muito intenso", ele se recusou a dar qualquer tipo de

explicação. Quando tentei me defender, ela fechou a mente e quanto mais eu a questionava e insistia com palavras boas, mais fria e desagradável ficava sua atitude. Na última conversa que tivemos, ela até ameaçou pedir liminar contra mim se eu não a deixasse em paz.

Num sábado, cerca de seis semanas depois, quando eu estava indo de trem para o West End para fazer algumas compras de Natal, Jennifer e seu pretendente embarcaram no Mornington Crescent. Eles se sentaram do outro lado do carro, alguns lugares longe do meu. Jennifer virou a cabeça assim que me viu; Por outro lado, o jovem — seu nome era Jason — olhou para mim com uma expressão desrespeitosa e desafiadora. Ele era um daqueles caras de rosto brilhante e olhar vazio, com aquele corpo “desenvolvido” típico de quem levanta peso na academia. Na única vez em que nos conhecemos, tentei ser simpático com ele e depois transmiti as minhas dúvidas a Jennifer da forma mais gentil possível. Portanto, não conseguia entender por que ele adotou uma atitude tão agressiva comigo. Implacável, sustentei seu olhar com total frieza. De repente, ele, numa óbvia explosão de raiva, virou-se para Jennifer, agarrou-a pelos ombros e beijou-a. Aparentemente, sua intenção era fazer valer seus direitos de propriedade sobre meu amigo. Quando ele finalmente a soltou, ele me deu um sorriso horrível e um gesto obsceno, ali mesmo, no carro lotado, na frente de todos. Eu não pude acreditar. Quando o trem parou na estação seguinte, fugi. Depois passei meia hora chorando num banco da plataforma da Goodge Street.

Quando vi Sue se aproximar de Sheba em La Traviata, aquela experiência desagradável voltou à minha mente, e a lembrança funcionou como uma espécie de alarme. Meu relacionamento com Jennifer foi muito mais importante e profundo do que a afeição que eu nutria por Sheba. Mas o dano

que isso me causou foi análogo ao que senti naquele momento. Meu erro com Jennifer foi atribuir-lhe uma inteligência que ela nunca teve. Percebi que nas últimas seis semanas cometi o mesmo erro com Sheba. Felizmente, ela revelou sua verdadeira natureza naquele momento, antes que eu colocasse meus sentimentos nela. Eu havia cometido um erro mais uma vez, pensei. Sheba não era minha alma gêmea. Ele não era uma alma gêmea. Na verdade, não teve nada a ver comigo.

Depois das férias intercalares, abandonei os sinais de cordialidade com que tentava transmitir a minha boa vontade a Sheba. Com toda a deliberação, deixei que minha antiga afabilidade degenerasse em desprezo. De vez em quando, devo admitir, eu exagerava e me envolvia em insultos um tanto infantis. Eu tossia para encobrir uma risada reprimida quando Sheba falava com alguém ou, para expressar minha desaprovação por seu traje, reagia de forma exagerada quando entrava na sala dos professores. Certa vez a barra da saia estava pendurada atrás dela e eu, sem o menor pudor, ofereci-lhe um alfinete na frente de vários colegas.

Nenhum desses gestos mesquinhos me trouxe o menor conforto. Sheba não respondeu às minhas provocações. Na verdade, ele geralmente nem parecia perceber que a estava provocando. No dia em que lhe ofereci o alfinete, ele corou, mas depois sorriu e me agradeceu profusamente, como se nem tivesse notado minha animosidade.

Finalmente, no meu desespero, tentei um ataque mais direto. Sheba entrou na sala logo pela manhã, antes do início das aulas, e ficou ao meu lado na *cozinha* para enxaguar uma das xícaras manchadas de tanino que são de uso geral. A maioria dos professores da Saint George's trazia suas próprias canecas de casa, mas por alguma razão Sheba nunca se preocupou em trazer as dela. Quando eu estava prestes a fazer

um comentário sarcástico sobre a duvidosa higiene de sua caneca, Brian Bangs, professor de matemática, se interpôs entre nós.

—Como vão, senhoras? —ele explodiu—. O fim de semana correu bem?

Bangs é um homem bastante patético. Seu rosto está quase cronicamente irritado por causa do barbear e ele está sempre muito, muito nervoso. Mesmo em suas ocorrências mais inconsequentes há um toque de angústia e falta de espontaneidade, e ele tende a elevar a voz alguns irritantes decibéis acima do registro normal. Conversar com ele é quase como tentar iniciar uma conversa com os personagens de uma peça escolar. Cumprimentei-o com um gesto breve; Sheba, por sua vez, foi mais magnânima.

“Olá, Brian”, disse ele. O fim de semana foi muito bom, obrigado. E o seu?

“Ótimo”, respondeu Bangs. No sábado fui ver o Arsenal.

-Ah sim? Sabá perguntou.

“Um excelente jogo”, disse Bangs. Sim, magnífico...

Sheba assentiu.

“Vencemos o Liverpool por três a zero”, exclamou Bangs em tom inexpressivo. Ele cerrou o punho e deu um soco no ar triunfantemente. Ah sim.

“Uau”, disse Sheba, concentrando-se em apertar o saquinho de chá na lateral da xícara. Que bom! —Ele tirou o saquinho com a colher e serviu-se de leite.

“Essa... essa blusa que você está usando é linda”, observou Bangs, apontando um tanto rudemente para o peito de Sheba.

-Como? —Sheba ficou surpresa por um momento. Como se

quisesse se lembrar do que estava vestindo, ela pegou uma ponta da blusa e olhou para ela com ceticismo. Ah, bem, obrigado.

-É nova? —Bangs se apressou em perguntar.

—Não, eu tenho isso há anos, honestamente.

-Ah sim? Não me diga? Bem, não parece nem um pouco velho. É muito bonita. Você deveria usá-lo mais.

"Ah... ok", respondeu Sheba, rindo.

Eu já estava com meu chá pronto. Elaine Clifford e um professor de francês, Michael Self, vieram ao balcão preparar café instantâneo, mas eu fiquei onde estava, ouvindo com uma mistura de raiva e fascínio enquanto Sheba e Bangs trocavam comentários. Eu não podia acreditar que Sheba dispensaria tanta atenção a um cretino assim enquanto ela não prestava a menor atenção em mim.

—Hum... mmm... e o que você acha da minha camisa? — Bangs disse.

Ele deu um passo para trás e, apoiado nos quadris, deu algumas voltas imitando uma modelo. Era o tipo de palhaçada que homens como ele — desajeitados, sem o menor talento cômico — deveriam evitar.

A peça para a qual ele buscava a aprovação de Sheba era uma camisa azul clara, com gola branca rígida e um grande bolso frontal com o logotipo da marca impresso. A julgar pelas pregas simétricas na frente, ele acabara de comprá-lo.

Sheba colocou a xícara no balcão e olhou para Bangs muito séria.

"Sim", ele disse. É linda.

Não foi muito convincente. Ele falava como se estivesse

elogiando o desenho desajeitado de uma criança. No entanto, Bangs reagiu à sua aprovação com sincero prazer, sem sombra de dúvida.

-Ah sim? Você gosta?

"Sim", respondeu Sheba. Está muito bem. É muito elegante.

—Não fui muito claro... com o pescoço e tal, sabe. Achei que talvez ela fosse ostensiva demais para mim.

"Ah, não", negou Sheba. É uma camisa fantástica.

Eu não pude mais resistir. Ambos conversaram como se eu não existisse. Pensei em algo inteligente para dizer para reafirmar minha presença.

—Seus filhos estudam em escola particular, certo, Sheba? — eu soltei.

Sheba se inclinou para mim com um sorriso e, colocando a mão na orelha, perguntou:

—Desculpe, Bárbara, como você disse isso?

—Eu disse que você leva seus filhos para escolas particulares, certo?

Houve silêncio.

-Não é verdade? -Eu adicionei.

Bangs, Elaine e Michael olharam para mim perplexos. Então os três sorriram maldosamente. A essa altura, todos os professores sabiam que os dois filhos de Sheba frequentavam escolas privadas — Linda Preel, a professora de francês, tinha-lhe falado no assunto no início do semestre — mas até então ninguém a tinha questionado sobre isso. Eles eram todos muito tímidos. Pessoalmente não tenho nada contra o ensino privado. Meu primeiro emprego como professor foi em uma escola

particular em Dumfries e, se não fossem problemas pessoais com alguns professores daquela instituição, ainda estaria lecionando lá. No entanto, para os meus colegas tacanhos, a educação privada é um pecado, pura e simplesmente. Junto com casacos de pele e caça à raposa, faz parte de sua lista das dez Coisas Realmente Repreensíveis.

Sheba se virou para mim, uma expressão confusa no rosto.

"Sim", ele respondeu, "na verdade, minha filha estuda num internato." Ele foi ao Maitland Park Comp por um tempo, mas não gostou muito.

"Entendo", eu disse. E teu filho? Você também se opôs aos arruaceiros da escola pública?

Sheba sorriu uniformemente.

—Bem, Ben está indo para um lugar especial...

—Ah! —Eu interrompi—. Um lugar especial.

-Sim. Sheba fez uma pausa. Ele tem síndrome de Down.

Os sorrisos de expectativa de Elaine e Michael desapareceram. Bangs parecia que estava prestes a desmaiar.

"Ah", exclamei, "me desculpe, não..."

Sheba balançou a cabeça.

-Por favor, não se preocupe.

Elaine, Michael e Bangs reorganizaram suas expressões para apresentar expressões piegas de compaixão. Tive vontade de dar um tapa neles.

"Não, sinto muito", corriji, "não quis dizer que estava arrependido..."

"Eu sei", Sheba me interrompeu. É apenas uma daquelas coisas que, quando você ouve, não tem a resposta certa.

Houve aquela recusa perversa em reconhecer novamente minha hostilidade. Eu o via como um lago mágico de um conto de fadas: nada poderia alterar a calma espelhada de sua superfície. Meus comentários insidiosos e piadas amargas afundaram silenciosamente em suas profundezas, sem deixar a menor onda.

Gostaria de dizer que tive vergonha de mim mesmo. Certamente estou envergonhado agora. Mas o que senti então foi raiva: a raiva virulenta da derrota. Depois desse incidente, não assediei mais Sheba e mantive distância dela. Às vezes, se nos cruzávamos nos corredores da escola, eu a cumprimentava com um breve aceno de cabeça; mas com mais frequência ele olhava estoicamente para longe e passava correndo por eles.

Três

Não percebo a ironia da minha preocupação com a amizade de Sheba com Fat Hodge quando, na verdade, ela estava se preparando para fornicar com um menor. É triste e um pouco mortificante ver que perdi todo esse tempo pensando no mistério dos encantos de Sue enquanto um relacionamento muito mais mortal estava fermentando bem debaixo do meu nariz. No entanto, também não posso dizer que as minhas preocupações foram totalmente equivocadas. Acho que se Sheba tivesse sido mais sensata ao escolher uma amiga — se ela tivesse escolhido a mim em vez de Sue desde o início — ela muito possivelmente teria evitado a confusão com Connolly. Não pretendo exagerar os efeitos benéficos da minha amizade ou, aliás, a influência prejudicial de Sue. Sempre tentei fugir das explicações simples e gerais sobre o que Sheba fez e certamente seria absurdo atribuir a outra pessoa a responsabilidade pelos seus atos. Mas se Sheba, neste momento delicado da sua vida, tivesse recebido o apoio emocional de um adulto sensato, talvez não se sentisse tão tentada pelo conforto enganador que Connolly lhe podia oferecer. Na verdade, quando penso naquela época, o que me impressiona não é o quão imprecisas eram as minhas preocupações sobre Sheba, mas, pelo contrário, o quão certo eu estava ao sentir a sua vulnerabilidade. Toda a angústia que senti por ela e Hodge — toda a frustração que senti por ter sido excluída da vida dela — parece muito proposital agora. De todos

os seus amigos, parentes e colegas, apenas eu parecia ter percebido sua necessidade desesperada de alguém que a guiasse.

Logo após o semestre, Connolly apareceu novamente no workshop de Sheba. Ela chegou quando as aulas já haviam terminado e ela, sozinha no quartel, colecionava algumas figuras de animais que seus alunos da terceira série haviam modelado. Ele tinha alguns desenhos para mostrar, disse ele. Choveu intermitentemente durante todo o dia. O cabelo de Connolly estava grudado na cabeça e ele exalava um cheiro doce de roupa molhada. Ao se aproximar de Sheba, ele sentiu o cheiro do hálito dela, também doce, pensou ele, quase caramelo. Sentaram-se e observaram os desenhos: em respeito ao seu conselho, ele os havia feito todos a partir de modelos reais. Depois examinaram alguns leões e pandas dos alunos do terceiro ano, rindo dos mais rudes. A certa altura, Sheba tentou explicar-lhe os princípios do envidraçamento. Ela ficou impressionada com a atenção com que o menino a ouvia. Ele parecia realmente interessado, ela pensou. Interessado e ansioso para aprender. Era assim que o ensino deveria ser, disse a si mesmo.

Pouco antes de partir naquela tarde, Connolly olhou para um pôster no Museu Britânico representando uma antiga urna romana e comentou como era estranho pensar que uma pessoa real – “um cara de verdade, há milhares de anos” – havia criado aquele objeto. Sheba olhou para ele com cautela. Até então nenhum aluno havia demonstrado o menor interesse pelos seus cartazes. O comentário de Connolly refletia tanto o tipo de sentimento que ela queria inspirar que ela quase suspeitou que ele estava zombando dela.

—É incrível, você não acha? — acrescentou, afastando a franja. Não havia nenhum indício de intenção satírica em seu

rosto.

"Sim", ela respondeu com entusiasmo. Sim, exato. Tem toda a razão. É incrível.

Connolly preparou-se para partir. Sheba disse para ele ir vê-la com seus desenhos sempre que quisesse e acrescentou:

—Talvez na próxima vez que você vier tentemos fazer algo com argila.

Connolly assentiu, mas não disse nada, e Sheba temeu ter ido longe demais. Quando Connolly não apareceu na terça, quarta ou quinta da semana seguinte, ele interpretou isso como uma confirmação de seus temores.

Mas na sexta-feira, no momento em que Sheba enchia o forno, Connolly voltou. Ele não pôde ir antes, explicou, porque as punições depois da escola o impediram de fazê-lo. Sheba, determinada a não ser dominante desta vez, encolheu os ombros e disse que estava feliz em vê-lo. Ele trouxe mais desenhos e eles novamente examinaram seu trabalho por um longo tempo antes de passarem a conversar mais amplamente sobre a escola e outros assuntos. Ele ficou com ela por quase duas horas. Perto do final da visita, enquanto Sheba explicava a importância das temperaturas de cozimento, ele a interrompeu para comentar como ela falava bem. Ela não precisava trabalhar como professora, ela disse muito a sério. Ele poderia se dedicar a "relatar o tempo na TV ou algo parecido". Sheba achou a falta de jeito dele engraçada e sorriu. Ele levaria em consideração o conselho profissional, disse a ela.

Quando voltou na semana seguinte, não trouxe seu caderno de desenho. Naquela semana ele não conseguiu fazer nada, disse ele. Passei só para conversar. Sheba, satisfeita por ele não precisar mais da desculpa de seus conselhos artísticos para visitá-la, deu-lhe as boas-vindas calorosamente. Ele tinha um

livro com reproduções de Degas em sua mesa — trouxera-o consigo na esperança de deslumbrar as meninas da quarta série com as bailarinas — e, quando Connolly o pegou, incentivou-o a dar uma olhada.

O menino começou a folhear o livro, parando de vez em quando para que Sheba esclarecesse o comentário sobre determinada pintura ou escultura. Ela ficou muito satisfeita com a reação dele a uma pintura intitulada *Bad Humor*. Segundo o livro, explicou ela, a relação entre o homem e a mulher era um mistério e ninguém sabia ao certo qual dos dois estava de pior humor.

Depois de olhar novamente para a pintura, Connolly afirmou que não havia mistério: era evidente que o homem estava de mau humor. A mulher, inclinando-se para ele, tentava obter alguma coisa, e a postura curvada e taciturna dele refletia seu descontentamento. Sheba ficou impressionado com esta análise e elogiou Connolly pela sua sutil observação da linguagem corporal. Quando o menino foi embora, ela não pôde deixar de rir sozinha. O professor de educação especial de Connolly teria ficado surpreso, pensou ele, se tivesse visto seu aluno com dificuldades de aprendizagem falar com tanto entusiasmo sobre Degas!

Com o passar do tempo e as visitas se tornarem rotineiras, Connolly cresceu e começou a expressar outras ideias sobre a arte e o mundo. Às vezes, quando ele e Sheba conversavam ou olhavam pinturas, ele se levantava de repente e ia até a janela da oficina para fazer um comentário sobre o formato das nuvens ou a cor roxa do céu crepuscular. Certa vez, no que foi sem dúvida um momento de desespero, chegou a acariciar o áspero tecido mostarda das cortinas da oficina e declarou que era um “tecido interessante”.

Para mim, é bastante óbvio que havia um elemento

marcante de cálculo nessas pequenas explosões de nostalgia e admiração. Não quero dizer que o menino tenha agido cinicamente, não é isso. Eu simplesmente queria agradar. Ele percebeu que Sheba gostava mais dele quando fazia comentários delicados sobre pinturas e coisas assim e, conseqüentemente, exagerava em suas reflexões fantasiosas. Se isso é cinismo, deveríamos reconhecer que todo namoro é cínico. Connolly fez o que todo mundo faz nessas situações: decorou sua barraca pensando no que mais agradará seu cliente.

Mas durante muito tempo Sheba não viu nada disso. Nunca lhe ocorreu que a profundidade infantil dos pensamentos de Connolly ou a sua "paixão" pelo forno não fossem sinceras. E quando ele finalmente percebeu isso, em vez de ficar desapontado, ele ficou comovido. Até hoje ele defende ardentemente o "brilho" e a "imaginação" de Connolly. Se fingiu interesses que não eram os seus, diz ele, o fingimento revelou uma "capacidade altamente desenvolvida de adaptação social" da sua parte. Para a escola, a possibilidade de Connolly ser inteligente é uma fonte de vergonha, afirma ele, "porque sempre o chamaram de míope".

Claro, a escola nunca chamou Connolly de míope. O facto de sentirem que ele precisava de educação especial – que deveria receber ajuda para a sua dislexia – indica o contrário. Nenhum outro professor da escola estava tão interessado nas suas capacidades intelectuais como Sheba, é verdade. Mas a verdade é que Connolly não é um rapaz muito interessante. Ele é um garoto comum com uma inteligência comum.

Por que, então, Sabá incorreu em uma avaliação tão desproporcional de suas virtudes? Por que ela insistiu em vê-lo como se fosse sua Helen Keller em um mar de caipiras? Os jornais dirão que o desejo turvou sua razão: ela se sentiu

atraída por Connolly e, para justificar essa atração, convenceu-se de que ele era uma espécie de gênio. Isso tem sua lógica. Mas não explica tudo, na minha opinião. Para compreender verdadeiramente a reacção de Sheba a Connolly, é preciso também ter em conta o seu conhecimento muito limitado – e as baixas expectativas – dos indivíduos da classe social de Connolly. Antes de conhecê-lo, Sheba nunca havia estabelecido um relacionamento íntimo com um verdadeiro membro do proletariado britânico. Seu contato com esse estrato não foi – nem vai – muito além do que viu nas novelas mais corajosas e nas inúmeras faxineiras que trabalharam em sua casa ao longo dos anos.

Naturalmente, ela negaria. Como muitos membros da nobreza londrina, Sheba se apegava a uma falsa ideia de si mesma como uma mulher do mundo. Cada vez que digo que ele é da classe alta, ele grita em protesto. (Ele é de classe média, ele insiste; classe média alta, na melhor das hipóteses.) Ele adora fazer compras comigo no mercado de pulgas de Queenstown ou no Shop-A-Lot, próximo às propriedades municipais de Chalk Farm. Sua imagem de si mesma como habitante da selva urbana é reforçada quando ela fica na fila do caixa ao lado de mães adolescentes que compram macarrão rápido em forma de Teletubbies para seus filhos. Mas você pode ter certeza de que se alguma daquelas garotas prematuramente desbotadas falasse com ela, Sheba morreria de medo. Embora ela não possa dizê-lo, e nem sequer possa reconhecê-lo dentro de si, para ela a classe trabalhadora é uma entidade misteriosa e homogênea: pessoas irascíveis, de rosto corado, atordoadas pelos aditivos nos produtos alimentares e no álcool.

Não admira que ele achasse Connolly tão fascinantemente anômalo. Aqui, no meio dos vândalos do norte de Londres, ela encontrou um jovem que realmente procurava a sua

companhia, que ouvia, de boca aberta, quando ela lhe falava sobre os grandes artistas, que fazia comentários fantasiosos sobre as cortinas. A pobre Sheba observou Connolly com um espanto e uma alegria semelhantes ao que você ou eu sentiríamos ao ver um macaco sair de uma floresta tropical e pedir um gim-tônica.

Connolly sabia disso, eu acho. Com isto também não quero dizer que ele teria sido capaz de expressar, ou mesmo formular conscientemente, o papel que a classe social desempenhou na sua relação com Sabá. Mas não tenho dúvidas de que ele percebeu a dimensão antropológica do interesse de Sheba por ele e aderiu. Ao descrever sua família e seu lar, ele aparentemente se esforçou para não perturbar a concepção ingênua de Sabá sobre os costumes proletários. Ela contou a ele sobre a caravana de férias de sua família em Maldon, Essex, o trabalho de meio período de sua mãe como supervisora de refeitório escolar e o trabalho de seu pai como motorista de táxi, mas omitiu que sua mãe tinha diploma universitário ou que seu pai era um historiador. Iuste, com interesse especial na Guerra Civil Americana. Esses fatos, agora que vieram à tona na imprensa, surpreendem tanto Sheba - eles concordam tão pouco com os bandidos de desenho animado que ela foi levada a imaginar - que ela tende a ignorá-los ou a não acreditar neles. Em uma entrevista recente a um jornal, a mãe de Connolly mencionou que quando seus filhos eram pequenos, ela e o marido costumavam tocar para eles discos como *Lago dos Cisnes* e *Peter and the Wolf*. Ao lê-lo, Sheba jogou o jornal fora. A Sra. Connolly estava mentindo, disse ela: estava tentando retratar a vida familiar de seu filho como mais saudável e feliz do que realmente era. «O pai de Steven bate nele, sabe? -ele exclamou-. Ele bate nele. Isso não conta, não é?

Essa acusação é baseada em algo que Connolly lhe disse uma vez, no início do relacionamento. Sheba falava muitas vezes sobre essa conversa porque, quando Connolly mencionava a violência do pai — verdadeira ou não —, era o primeiro gesto de intimidade dela para com o menino. Aconteceu perto do final do semestre de inverno. Connolly tinha ido vê-la na oficina e os dois olhavam pela janela para o pátio escuro, conversando sobre a possibilidade de neve. Connolly comentou que a neve sempre deixava seu pai de mau humor. Quando o Sr. Connolly “estava de mau humor”, acrescentou, ele costumava bater nele. Sheba não ficou muito surpresa com tal confissão. Ela tinha visto vários filmes na televisão sobre violência doméstica e considerava-se bem informada sobre a brutalidade que prevalece nas habitações públicas. Ele sussurrou palavras de conforto para ela e depois estendeu a mão para acariciar sua cabeça. Quando ele removeu os dedos, fios de cabelo subiram atrás deles em um choque elétrico. Sheba riu e fez um comentário alegre sobre a eletricidade estática no ar naquele dia. Connolly fechou os olhos e sorriu. “Faça de novo, senhorita”, disse ele.

Antes desse incidente, Sheba certa vez se perguntou até onde iria a experiência sexual de Connolly. O grau de sofisticação sexual entre os meninos mais velhos varia muito. Alguns ainda estão na fase de conversar, rir, sobre a “árvore que corre” – um ciclâmen do jardim do diretor – assim chamada porque supostamente exala um cheiro semelhante ao do sêmen. Outros se gabam de terem recebido “boquetes” e “dedilhados” em garotas. E há outros que fazem alusões convincentes à sua experiência sexual. Sheba não tinha certeza de onde Connolly se enquadrava nesse espectro, mas estava inclinada a colocá-lo no extremo mais inocente da escala. Ele pode não ser virgem, a rigor, mas certamente era inexperiente. Porém, naquele momento, algo em seu sorriso – a confiança

com que ele ordenou que ela o tocasse novamente – a fez reconsiderar sua primeira impressão.

Sheba não quis repetir o gesto. Era hora de ir para casa, ele disse a ela. Vestiu o casaco e o estranho chapéu peruano que usava naquele inverno. Em seguida, trancou a porta da oficina e os dois atravessaram o pátio até o estacionamento. Embora Sheba tenha dito para ele não se incomodar, Connolly ficou com ela enquanto ela destrancava a fechadura da bicicleta. Ao saírem para a rua, pararam por um momento, incomodados, sem saber como se despedir. Sheba resolveu a situação dando uma cotovelada repentina nas costelas de Connolly e pulando no assento da bicicleta. " Até logo! », ele gritou enquanto se afastava. Quando ela olhou para trás, viu que ele ainda estava na calçada, onde ela o havia deixado. Ela acenou em despedida e, pouco depois, ele retribuiu a saudação com um gesto triste.

Sempre achei interessante perguntar a Sheba o momento exato em que ela tomou consciência de seus sentimentos amorosos por Connolly ou, mais precisamente, dos sentimentos amorosos dele. Em diversas ocasiões pressionei-a para que falasse precisamente sobre isto, mas as suas respostas são irritantemente incoerentes. Às vezes ela insiste que era culpada apenas de sentir afeto maternal por Connolly e caiu "numa armadilha" quando ele a beijou pela primeira vez. Outras vezes ela admite timidamente que estava "apaixonada" pelo menino desde o início. Ouso dizer que nunca saberemos com certeza a evolução exata de seus sentimentos românticos. Mas é óbvio que naquele período inicial Sheba não era muito honesta consigo mesma sobre o que sentia pelo menino. O episódio da carícia no cabelo é um exemplo. Ao voltar para casa naquela tarde, ela estava preocupada, diz ela. Agitado. Ele ficou pensando no que aconteceu na oficina e dizendo a si mesmo que não havia motivo para dar importância ao assunto. Ela

bagunçou o cabelo do menino só porque, assim como uma tia teria feito. Mas por que, então, ele sentiu a suspeita de ter feito algo errado? Por que ele precisava se acalmar? Quando algo é realmente inocente, nem é preciso dizer que o é. Se o que estava acontecendo entre ela e o garoto era tão simples e legítimo, por que ela nunca mencionou suas visitas a Sue? Ele se sentiu culpado por isso. Sim, ele se sentiu culpado!

Se Sheba tivesse continuado a questionar-se desta forma com um mínimo de rigor, as coisas poderiam ter acontecido de uma forma muito diferente. Mas ele encerrou a promissora linha de pesquisa quase assim que ela foi aberta. Ele não contara a Sue sobre Connolly, disse a si mesmo, porque ela certamente teria reagido com preocupação excessiva. Ele teria dito que as reuniões depois da escola eram "inadequadas". E Sheba sabia com absoluta certeza que não. O que importava o que os outros pensavam, desde que ela soubesse que não estava fazendo nada de errado? Nos últimos tempos, as pessoas estavam muito alertas sobre a questão da agressão indecente. Na obsessão de se proteger dos psicopatas, o mundo enlouqueceu um pouco. Houve quem não tirasse mais fotos nuas dos filhos por medo de que as lojas de revelação os denunciassem. Como ela poderia sucumbir a esse tipo de loucura e se tornar uma Vigilante da Vizinhança tirânica de seu próprio comportamento? Ele bagunçou o cabelo dela. O cabelo. Ele pretendia apenas consolar o menino, disse a si mesmo. Talvez tivesse sido mais difícil para ele fazer o mesmo gesto com outra aluna menos atraente. Mas e daí? Não se podia esperar que ela permanecesse alheia à aparência e ao cheiro dos meninos. Passou o dia enfrentando sua realidade corpórea: inalando seus peidos, olhando com pena para sua acne. Alguns eram horríveis e outros atraentes. Que tipo de santo não veria a diferença? Qualquer prazer que ela sentisse no físico de Steven não era nem mais nem menos suspeito do que o prazer que uma vez

sentiu nos corpos aveludados e rechonchudos de seus próprios bebês. Foi sem dúvida um prazer sensual, mas certamente não sexual.

Numa tarde de sexta-feira, pouco antes das férias de Natal, Connolly apareceu no Homework Club que Sheba estava supervisionando. Eles não se encontravam em público desde o início da amizade e Sheba se sentiu um pouco desconfortável. Connolly chegou tarde, acompanhado por um rapaz magro e sorridente chamado Jackie Kilbane. De acordo com as notas que entregaram, eles foram flagrados no início daquela semana compartilhando um cigarro nos banheiros externos dilapidados da escola. Como punição, eles tiveram que ficar uma hora depois da aula durante quinze dias. Quando Connolly parou em sua mesa, Sheba percebeu uma certa atitude maliciosa e furtiva nele. Quando ele sorriu para ela, ele não a olhou nos olhos.

Depois de anotá-los na lista, Connolly e Kilbane retiraram-se para o fundo da sala de aula, onde começaram a se balançar nas cadeiras e a sussurrar. Sheba não conseguia ouvir o que eles estavam dizendo, mas tinha a sensação incômoda de que era algo obsceno e que tinha a ver, de alguma forma, com ela. A suspeita aumentou quando Kilbane se levantou e se aproximou de sua mesa para pedir mais papel. Kilbane é um garoto desagradável, com rosto feio e amarelado e atitude atrevida e insinuante. Ele tem uma fina linha de pelos sobre o lábio superior, como uma pequena lagarta. Isso deixou Sheba doente. Quando ele vasculhou a gaveta da escrivaninha para tirar o papel, o menino se posicionou desconfortavelmente perto da cadeira; mas só quando se levantou é que percebeu que ela estava tentando olhar por baixo da blusa dele. Entregou-lhe o papel e, rispidamente, ordenou-lhe que voltasse à sua mesa. "Ok, ok," ele disse zombeteiramente enquanto se afastava. Não fique nervoso. Sheba olhou para Connolly. Ele os estava

observando cuidadosamente. Quando seus olhos se encontraram, ele tinha uma expressão dura e hostil. Toda a suavidade de suas feições desapareceu.

Sheba se sentiu traída. Ele achou que era especial e agora estava lá, jogando bolinhas de papel, tramando com sua amiga horrível para ver os seios dela. Ao mesmo tempo, ele sentiu uma pontada distinta de... o que foi? Agitação? Excitação? Por um momento, ela se viu imaginando como seria estar deitada embaixo dele, passando as mãos por seu corpo. Assustada, ela balançou a cabeça. Ela não deveria ter sido tão indulgente e atenciosa com ele, disse a si mesma. Agora eu teria que voltar.

Perto do final da primeira meia hora, Kilbane e Connolly começaram a brigar de brincadeira, rolando no chão enquanto o resto do grupo CT os aplaudia ruidosamente. Nenhum deles reagiu, diz Sheba, quando ele se levantou da mesa e ficou diante deles, ordenando em voz alta que parassem com aquilo. No final, ela ameaçou ligar para o Sr. Mawson se eles não parassem imediatamente e a acompanhassem para fora. Os meninos se levantaram do chão, ainda rindo, e saíram para o corredor. Mas assim que Sheba fechou a porta da sala de aula e ficou cara a cara com as duas, ela não soube o que fazer. Com isso, pretendia apenas distanciá-los daquele público que os incitava. Uma vez conseguido isso, ele não sabia qual deveria ser sua próxima estratégia.

Coincidentemente, eu estava passando pelo Pavilhão Médio, a caminho de uma reunião com o diretor, quando Sheba e os dois meninos apareceram. Ouvi a voz de Sheba, estridente e desaprovadora, antes de vê-la. Ao virar a esquina, avistei o pequeno grupo conflitante do outro lado do corredor. Sheba, com os pés afastados e firmemente plantados, parecia pronta para fazer um *plié*. Ele estava com as mãos apoiadas nos quadris. Era uma reminiscência do símbolo da raiva nas cartas

de tarô. Os meninos, conhecedores das posturas do tableau vivant formado por professor e aluno, estavam encostados na parede, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Como eu já corria o risco de me atrasar para o encontro com Pumblem e como meu relacionamento com Sheba havia chegado a um ponto tão difícil, fiquei tentado a ignorar qualquer contratempo que pudesse ter com os dois garotos e seguir em frente. Mas quando me aproximei, ouvi claramente o garoto mais alto chamá-la de “vaca estúpida”.

-O que você disse? —perguntei asperamente. Independentemente dos meus sentimentos pessoais em relação a Sheba, senti-me compelido a responder à grosseria do rapaz. O contrário seria não cumprir o meu dever.

Os três se viraram para mim. Sheba tinha uma expressão ligeiramente enlouquecida nos olhos e uma mancha escarlate reveladora nas bochechas.

"Essas crianças estão lhe causando problemas, Sra. Hart?" - Eu perguntei por.

"Receio que sim, senhorita Covett", respondeu Sheba. Sua voz tremeu. Eles não param de conversar e fazer barulho desde o início do CT. E agora eles começaram a brigar.

Nós dois olhamos para os meninos. O mais alto, Kilbane, foi um dos meus piores alunos de história no ano anterior. Seus companheiros o chamavam de "Golpe". Eu não conhecia a loira. Ele não parecia tão seguro de si quanto Kilbane e quando perguntei seu nome, ele respondeu calmamente, olhando para o chão.

-Desculpe? -disse-. Fale mais alto por favor.

Ele levantou a cabeça.

“Steve Connolly, senhorita”, ele respondeu. A voz ainda

tinha algo infantil: um som estridente de clarinete.

Segui o processo usual nesses casos ao lidar com os meninos: indignação fria, ameaças quentes, advertências para fazê-los "entrar no caminho certo". Acho que carreguei um pouco a tinta para Sheba. Enquanto falava, Connolly manteve os olhos no chão, levantando a cabeça de vez em quando para olhar para Sheba.

"Olhe para mim quando falo com você", ordenei.

Percebi algo sexual em sua atitude naquele momento? É possível. Mas o relacionamento com estudantes do sexo masculino dessa idade raramente está isento de uma certa conotação sexual. O ensino médio é como uma sopa de hormônios. É inevitável que todos aqueles corpos esmagados – transbordando de puberdade e fantasias adolescentes de baixo nível – criem uma certa atmosfera. Até eu, uma mulher de sessenta e poucos anos e não exatamente uma beleza – algo em que todos concordam – às vezes incito a curiosidade hormonal de meus alunos de quinze anos. É algo com o qual você se acostuma. Muito ocasionalmente, a tensão sexual é liberada através de algum tipo de pequena explosão: um toque, uma ameaça. Em 1982 houve um incidente com um menino da pior espécie, um certo Mark Roth, que atacou a jovem que na época dava aulas de conversação em francês. (Aparentemente, ele estava em cima dela quando seus gritos alertaram um professor que estava passando.) Mas esse foi um caso excepcional. Em geral, a angústia sexual da população estudantil da escola nada mais é do que um zumbido de fundo indistinto: como um ruído branco.

Quando terminei de repreender as crianças, levei-as de volta para a sala de aula e observei-as sentarem-se para completar as tarefas atribuídas. Eu não lidei com a situação com muito tato. De acordo com a etiqueta escolar, quando a

autoridade moral de um professor aos olhos das crianças é claramente superior à de outro membro do corpo docente, ele ou ela deve tentar minimizar a diferença para que não seja perceptível. Em vez disso, desviei-me do padrão para exibir minhas maiores habilidades disciplinares. Aproximei-me de Sheba, que estava na frente da sala de aula.

"Não hesite em me ligar se esses dois lhe causarem mais problemas", eu disse a ele.

Achei que ela ficaria irritada. Mas quando me afastei, ele me seguiu, com um grande sorriso no rosto estreito. Na porta, ele se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

"Muito obrigado por me salvar", ele sussurrou.

Fiquei tão surpreso que não sabia o que responder. Na verdade, até sair para o corredor e fechar a porta, não achei que deveria ter dado qualquer tipo de resposta.

Quatro

Claro, cheguei atrasado ao meu encontro com Pobblem. **P** Quando entrei em seu escritório, encontrei-o ajoelhado em sua cadeira ergonômica sem encosto, emanando uma espécie de descontentamento afetado.

-Finalmente! —ele exclamou ao me ver. Ele então me cumprimentou com a cortesia um tanto excessiva de quem pretende me tratar de forma desagradável. Por favor... —Ele apontou para uma cadeira (não ergonômica, modelo normal) do outro lado de sua mesa.

Me sente. O centro administrativo da escola fica em um feio anexo em forma de L ao prédio de ciências, e o escritório de Pabblem, localizado no final do anexo, tem vista para um pequeno trecho de grama e canteiros de flores chamado "jardim do diretor". Naquela tarde, Phelps, o zelador da escola, e Jenkins, seu assistente deprimido, estavam no quintal instalando uma banheira para pássaros. Observei suas manobras comicamente desajeitadas por cima do ombro de Pumblem enquanto ele falava.

—A semana correu bem? — perguntou Pablem.

Eu balancei a cabeça. Eu não iria desperdiçar energia sendo afável.

"Agora, agora", ele continuou. Vejo que você já tomou uma xícara de café, então... vamos direto ao ponto.

Apenas duas semanas antes, três outros membros do

Departamento de História tinham levado oitenta idosos numa viagem à Catedral de St Albans como parte de um trabalho final sobre igrejas. Enquanto estavam lá, um grupo de cerca de quinze meninos escapou e saqueou as lojas do centro da cidade. Alguns foram pegos em flagrante e levados à delegacia, onde foram apresentadas acusações contra eles. No dia seguinte, Pabbem foi inundada com reclamações e ameaças de donos de lojas de Saint Albans, e mais tarde naquela semana a escola foi informada pela Câmara Municipal de Saint Albans que seus alunos estavam proibidos de visitar a cidade novamente. Não participei da excursão, mas, como membro sênior do Departamento de História, Pabbem me encarregou de relatar o incidente. Minha tarefa oficial era explicar essa “falta de disciplina” e sugerir formas de evitar tais problemas no futuro. Mas, na realidade, a minha missão era afirmar que a menor responsabilidade por este infeliz episódio não poderia ser atribuída a Pabbalem na sua qualidade de realizador. O relatório finalizado, que ele entregara a Deirdre Rickman naquela manhã, não cumpria nenhuma dessas funções, de forma bastante visível.

“Em primeiro lugar”, disse Pabbalem, “quero agradecer-lhe pelo esforço que trabalhou para escrever este trabalho. — Pabbem chama sempre os relatórios que encomenda de “documentos”, como se a vida em Saint George fosse uma perpétua cimeira internacional de médicos especializados em SIDA. “Quaisquer que sejam as objeções que vou levantar”, continuou ele, “quero que saibam que elas não prejudicam a minha avaliação dos seus esforços. — Neste ponto ele fez uma pausa para me dar a oportunidade de agradecê-lo por sua imparcialidade salomônica. Vendo que ela permanecia em silêncio, ele pigarreou com afetação e continuou. Tenho que ser franco com você, Bárbara. Ao ler seu trabalho, fico um pouco confuso. Na verdade, fiquei desapontado, lamento dizer.

De repente, uma campainha estridente tocou no escritório. Pabblem, com um suspiro, inclinou-se para apertar um botão no interfone.

-Sim?

"Colin Robinson ao telefone", anunciou a voz de Deirdre Rickman.

"Não posso falar com ele agora", disse Pobblem, irritado. Diga a ele... — Ele passou os dedos pelos cabelos ruivos ralos, como um executivo atormentado. Não espera. Passe para mim.

Ele ergueu o fone e encolheu os ombros, desculpando-se.

"Colin?" Que tal?

Durante a breve conversa que ocorreu, Pabbalem inclinou a cabeça e segurou o fone entre o ombro e a orelha, deixando as mãos livres para organizar as pilhas de documentos em sua mesa em uma ordem simétrica ainda mais perfeita. Ao observar os gestos meticulosos de suas mãos brancas, meus braços ficaram arrepiados. Eu olhei para fora da janela. Phelps e Jenkins ainda estavam envolvidos em suas travessuras misteriosas com o bebedouro de pássaros.

—Perfeito, sim. "Isso seria fantástico", disse Pobblem. Colin, você é ótimo...

Quando Pabbalem chegou a Saint George, há sete anos, o conselho escolar o acolheu como "uma lufada de ar fresco". Os professores estavam transbordando de entusiasmo. Ele tinha então 37 anos - o diretor mais jovem que a escola já teve - e, ao contrário de seu antecessor, o melancólico Ralph Simpson, era considerado "um excelente comunicador". Na sua antiga função como vice-diretor de uma escola em Stoke Newington, ele criou um Departamento de Teatro e desenvolveu um premiado "programa de bairro verde".

Desde então, a Pobblem sem dúvida atendeu a essas expectativas de inovação. Graças a ele, São Jorge agora tem uma salada entre as opções do cardápio diário e uma revista anual de redação criativa chamada *The olho para o virulé*. (O logotipo é o retrato de um menino com um olho roxo.) Há também um "dia da subversão": neste dia os papéis são invertidos e os alunos têm a oportunidade de ensinar seus professores (Pobblem entra na diversão incorporando ao "Lord of Misrule" e caminha pelas salas de aula usando um chapéu de bobo da corte.)

Porém, Pumblem não é um diretor popular mesmo entre professores que gostam dessas coisas. Por trás de sua aparência de homem tranquilo, revelou-se um indivíduo extremamente pedante, um déspota mesquinho obcecado por tabelas de pontualidade dos funcionários, "palestras" obrigatórias para professores e todas aquelas bagatelas burocráticas que só servem para perder tempo. Pelo menos uma vez por trimestre, Pablem obriga todo o corpo docente a assistir a uma palestra especial proferida por algum jovem azedo do Departamento de Ensino. Enquanto ostenta o seu progressismo, os temas são sempre do tipo "Como enfrentar o desafio da diversidade" ou "A formação dos deficientes". Pouco antes de Sheba chegar à escola, ela criou um sistema chamado "Monitorização do Humor", segundo o qual todos os professores devem preencher um relatório semanal sobre a sua saúde mental e do humor. (O menor reconhecimento de insatisfação é recompensado com angustiantes entrevistas de acompanhamento, de modo que logicamente todos respondem com grandes demonstrações de alegria.) Os defensores originais de Pobblem tentam esconder-se atrás do pretexto de que o poder o mudou. Na minha opinião, o poder simplesmente lhe deu a oportunidade de desenvolver uma tendência autoritária irritante que sempre esteve presente. De qualquer

forma, ninguém mais diz que é uma lufada de ar fresco.

Quando Pabblem terminou de falar ao telefone, ligou para Deirdre pelo interfone:

—Não me ligue mais, a menos que seja algo urgente. Ele então se virou para mim. Bom. —Ele pegou meu relatório—. De qualquer forma, Bárbara, não creio que esteja errado em dizer que lhe pediram uma análise da falta de disciplina na excursão a Saint Albans e, se possível, sugestões para melhorar nossos procedimentos de segurança neste tipo de excursão em o futuro.

"Na verdade..." comecei a dizer.

Pibblem levantou a mão para me interromper.

"Mas você não..." eu disse.

-AHA. -Ele balançou sua cabeça-. Espere um minuto, Bárbara, deixe-me terminar. Quaisquer que sejam os termos exatos que utilizei, acreditei ter deixado bem claro que queria um trabalho de orientação prática sobre os problemas relacionados ao controle escolar. O que você entregou foi... bem... um ataque ao programa de história em Saint George.

"Não tenho certeza do que você quer dizer com 'orientação prática'...", respondi.

Pabblem estreitou os olhos.

- Bárbara, por favor. —Ele imediatamente abriu os olhos novamente—. Você concordará comigo que criei um ambiente de trabalho bastante descontraído. Estou muito aberto a diferentes abordagens e ideias. Mas você e eu sabemos que este relatório não é o que eu pedi. Não é assim? —Ele umedeceu o dedo indicador com a língua e começou a virar as páginas do relatório—. Sério, Bárbara...

Olhei para ele sem entender nada.

"Na minha opinião, atendi-me perfeitamente ao objectivo do relatório", respondi.

Ele olhou para longe com a testa franzida e, depois de um momento, empurrou o relatório sobre a mesa em minha direção.

"Leia isso", disse ele. Estava aberto na última página, onde o título dizia "Conclusão".

-Não me faz falta. Eu escrevi.

—Não, não, quero que você leia novamente. Do meu ponto de vista. Quero que você pense se isso pode melhorar minha capacidade, como diretor, de responder à crise de Saint Albans.

—Estou disposto a aceitar que você não acha isso útil. Não preciso ler de novo.

"Barbara", Pabbalem inclinou-se para a frente na cadeira e sorriu, visivelmente tenso, "por favor, faça o que eu peço."

Homenzinho odioso. Cruzei as pernas e abaixei a cabeça para ler.

Na margem da página, Pabbalem desenhou trios e às vezes quartetos de pequenas exclamações e pontos de interrogação. O último parágrafo causou-lhe tanta agitação ou raiva que ele o pintou inteiramente com um marcador amarelo fluorescente.

Gavin Breech, que considero o líder da expedição ofensiva, é um garoto muito desagradável: raivoso, violento e até, ousado dizer, um pouco maluco. Duvido que algum dos procedimentos de reabilitação fornecidos por Saint George o ajude. A melhor coisa que poderíamos fazer, na minha opinião, é expulsá-lo. Contudo, insisto que este tipo de solução não garante o fim destes incidentes.

Parece que a erupção periódica de comportamento indisciplinado, até mesmo criminoso, entre os nossos alunos será uma característica constante da vida escolar no futuro próximo. Dado o perfil socioeconómico da nossa área de influência, seria estúpido pensar o contrário.

-E? Pobblem perguntou quando olhei para cima. Você acha que essa é uma contribuição útil?

"Acho que pode ser", respondi. Você me pediu para dar sugestões e foi o que eu fiz. Escrevi o que realmente penso.

-Pelo amor de Deus! —Pabblem bateu com o punho branco na mesa.

Houve um silêncio, durante o qual ele afastou uma mecha de cabelo que caíra diante de seus olhos.

"Olha, Bárbara", continuou ele em voz baixa, "ao lhe dar esse emprego, eu estava lhe dando a oportunidade de deixar sua marca em alguma coisa." -Ele sorriu-. Este projeto, se abordado com a abordagem criativa adequada, transforma um professor em um aspirante a assistente de direção...

"Mas não quero ser vice-diretor", respondi.

"Fora isso", disse ele, com o sorriso desaparecendo de seu rosto, "a falta de esperança que você defende aqui não tem lugar no Saint George's." Sinto muito, devo pedir que você tente novamente.

—Então você está me censurando.

Ele riu amargamente.

—Vamos, Bárbara, não sejamos infantis. Estou lhe dando a chance de vencer sua primeira tentativa. Ele se levantou da

cadeira e caminhou em direção à porta. As férias se aproximam. Isso lhe dará bastante tempo para pensar sobre isso. Se você puder me dar um novo rascunho no início do próximo trimestre, tudo bem.

—Se você não gosta do que eu digo, por que não pergunta para outra pessoa? -Eu perguntei por.

Pablen abriu a porta.

"Não, Bárbara", ele respondeu com firmeza. Eu quero que você faça isso. Será um bom aprendizado para você.

Na segunda-feira seguinte, quando um garçom me acompanhava até uma mesa no La Traviata, alguém estendeu o braço como se fosse um pedágio para bloquear meu caminho. Era Sheba, sentada em uma mesa com Sue.

-Bárbara! -disse-. Eu estive procurando por você! Queria agradecer novamente pela sua ajuda na sexta-feira.

Dei de ombros.

-De nada. —Então aponte para o garçom que estava me levando para minha mesa—. Tenho que ir.

—Ah, por que você não senta conosco? —Sheba ofereceu, me dando um sorriso radiante. Sue, sentada à sua frente, tamborilou os dedos gordinhos na mesa de fórmica e franziu a testa.

"Isso..." eu disse.

"Por favor, vá", implorou Sheba. Ainda não pedimos.

Ele claramente não tinha conhecimento da guerra fria entre Sue e eu. Para mim foi um alívio e ao mesmo tempo uma vaga decepção. Como era possível que eles nem tivessem falado de mim?

-Claro? -Eu perguntei por-. Eu não quero invadir...

“Não seja bobo”, disse Sheba.

-Bom negócio. —Virei-me para o garçom—. Eu ficarei aqui, obrigado.

-Que bom!

Sheba se afastou para abrir espaço para mim ao lado dela na cabine. Sue acendeu um cigarro. Sua expressão sugeria o tipo de tortura totalmente incomunicável e profundamente íntima de alguém cujo polegar acaba de ficar preso na porta de um carro.

“Barbara foi maravilhosa outra tarde”, comentou Sheba enquanto examinávamos o cardápio no quadro-negro pendurado na parede acima de nós. Quando eu estava prestes a perder o controle com dois garotos do CT, ela apareceu e me tirou da encrenca. Ele se virou para mim. Espero que você não tenha se atrasado para a reunião com o diretor por minha causa.

Balancei a cabeça e respondi:

—Eu gostaria de ter chegado tarde. É claro que aquela reunião não merecia pontualidade.

"Uau", disse ele, "então não correu bem?"

—Ele não gostou do relatório que me fez sobre Saint Albans.

—E o que você escreveu? —Sue perguntou.

Eu dei a eles um resumo. Quando terminei, Sheba estava rindo.

—Meu Deus, como você é corajoso! Eu estava com muita raiva?

—Do seu jeito inútil e nervoso, sim.

Ele riu novamente.

—É um pouco estúpido, não é? Outro dia ele me encurralou no jardim do diretor e perguntou minha opinião sobre o que planejava plantar na primavera. Tudo me pareceu muito extravagante, você sabe, tulipas por toda parte, mas infelizmente não fui tão corajoso quanto você. Eu disse que tudo me parecia lindo. Ele estava tão feliz que era patético! É chato quando os homens fazem isso: perguntam algo que te obriga a responder com uma mentira.

Sue riu em aprovação.

"Bem, retiro o que disse", corrigiu Sheba, agora franzindo a testa. Foi cruel da minha parte. Tenho certeza que também estou procurando elogios...

"Nada disso", Sue interrompeu. É verdade, os homens são como crianças. Eles sempre querem ouvir o quão maravilhosos eles são. O problema deles é que eles são muito inseguros. Eles precisam que seus egos sejam alimentados, certo?

Esperei que ele parasse para que Sheba pudesse terminar o que queria dizer. Mas ele continuou falando.

—As mulheres são muito espertas para serem enganadas pela bajulação. Se Ted disser algo legal para mim, sei que ele quer transar. Porque esse é outro. Homens são como cachorros, certo? Eles têm o cérebro entre as pernas!

Nunca gostei dessas conversas entre mulheres, principalmente daquela tendência de considerar o sexo oposto um caso perdido. Mais cedo ou mais tarde, eles sempre parecem degenerar em críticas ao membro masculino em meio a risadas abafadas. É estúpido. Está muito abaixo das mulheres. E curiosamente, aqueles que caem nesse tipo de misandria popular são os que mais se submetem aos homens. Olhei para Sabá. Ele ouviu a conversa de Sue com aparente interesse. Foi esse o tipo de conversa que a seduziu a ponto de

se tornar amiga de Sue?

“Garanto a você”, explicou Sue, “quando Ted me diz: 'Sim, você está linda, querida', sempre sei quando ele está mentindo. Por outro lado, se eu disser ao Ted que ele se parece com um deus grego, ele sempre morde a isca.

Ted era parceiro de Sue. Quando ainda nos conhecíamos, ela o chamava de “amante” ou, pior ainda, de “velho”. “Cale a boca, cale a boca”, pensei, enquanto ele continuava suas reclamações. Cale a boca, sua vaca chata. Deixe Sheba falar. Finalmente ele parou de falar.

“Bem, talvez você esteja certa, Sue”, disse Sheba. Mas às vezes acho que é mais problema meu. Também não sou obrigado a dar a resposta que Pumblem ou quem procura. Talvez eu apenas culpe minha própria covardia. Por que sempre preciso dizer às pessoas o que elas querem ouvir? Meu marido afirma que tenho muita empatia, mas infelizmente essa é apenas uma maneira simpática de dizer que quero agradar a todos.

“Então não tente agradar os alunos”, eu disse, pensando nos problemas disciplinares deles. Isso sempre acaba mal.

O garçom chegou e anotou nossos pedidos. Sue queria lasanha. (Ela é uma gluttona incorrigível.) Sheba estava pensando em uma salada, mas quando me ouviu pedir minestrone, decidiu que queria a mesma coisa. Isso deixou Sue com raiva, ela não conseguia esconder. E quando o garçom se afastou, ele me lançou um olhar de desaprovação acompanhado de um sorriso estúpido.

—O que você estava dizendo, Bárbara? -perguntado-. Que não deveríamos tentar agradar os alunos? Receio não poder deixar isso acontecer com você. Eu não concordo com você de jeito nenhum. Não há nada de errado em querer fazer as

crianças felizes, sabia? Quando se sentem confortáveis, são receptivos e, quando são receptivos, aprendem. Acredito, com muita paixão, que grande parte do ensino é criar um ambiente acolhedor que permita a aprendizagem.

Já fazia muito tempo que não ouvia as bobagens de Sue. Eles eram tão ridículos quanto eu me lembrava deles.

"Mmm, isso é muito interessante, Sue", eu disse. Mas, claro, você tem seu instrumento maravilhoso para te ajudar, para domar as feras... Porque você ainda tem seu banjo, não é?

Sue olhou para mim.

-Pois sim. Mas não é uma questão do instrumento em si...

— Ah, não, claro.

"Oh, eu gostaria de saber tocar alguma coisa", interrompeu Sheba. Meus pais me forçaram a estudar piano quando eu era pequena, mas...

— Uau, Sabá! Não sabia! —No tom de Sue havia uma certa indignação pelo fato de ainda existirem detalhes da biografia de Sheba que ela, naquele momento, não conhecia.

—Sim, mas só até os doze anos. Então eles desistiram. Eu era muito ruim nisso...

-Ah não! Sue protestou. Isso é impossível! Você e eu temos que tentar fazer duetos juntos. Isso seria tão divertido!

Sabá riu.

—Você simplesmente não entende, Sue. Foi o professor de piano quem sugeriu que eu desistisse. Não tenho o menor ouvido musical. Tenho pavor de ser convidado a bater palmas para acompanhar uma música em local público.

-Ah sim? -Eu assisti-. Acontece o mesmo comigo.

"Bobagem", Sue objetou, me ignorando. Não vou deixar

você escapar impune, Sheba. O problema é que você teve um péssimo professor.

—Não, acredite. “Foi uma causa perdida”, disse Sheba. Ele se virou para mim. Você também foi obrigada a tocar algum instrumento, Bárbara?

"Bem, sim", eu concordei. O gravador.

“Bem, o gravador é quase como não fazer nada”, disse Sue, e soltou uma risada estridente. É como dizer que você estudou pandeiro...

"Isso não é verdade", objetou Sheba. Não existem flautistas de classe mundial, bem como violoncelistas e assim por diante?

Sue franziu a testa.

-Bom, sim...

Naquele momento o garçom chegou com sopas para mim e para Sheba.

-Que linda! —Sheba exclamou ao provar o dela—. Que ótima ideia você teve, Bárbara!

Vi Sue me encarar do outro lado da mesa. Sorri, dei de ombros e soprei a sopa para esfriá-la. Eu estava começando a me divertir.

As férias de Natal chegaram. Sheba e sua família comemoraram o dia de Natal em sua casa, junto com a ex-mulher do marido e os dois filhos do primeiro casamento. Fui para Eastbourne, como todos os anos, passar alguns dias com minha irmã mais nova, Marjorie. Marjorie e seu marido, Dave, são membros devotos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eles e seus filhos – Martin, de 24 anos, e Lorraine, de 26 – passam a maior parte do dia de Natal servindo sopa aos mendigos como parte do programa. programa de serviços sociais paroquiais. Fico na cama, assistindo televisão. Posso tolerar perfeitamente

as pessoas que acreditam em contos de fadas, mas não chego ao ponto de participar de enganos. Minha irmã e eu temos um acordo tácito sobre minha não participação em atividades religiosas. Ela está disposta a aceitar isso, desde que eu finja que me sinto "péssimo". Passei tantos Natais na casa deles, deitado no sofá da sala, fingindo bebericar limão e mel, que a essa altura meus sobrinhos me consideram um inválido mais ou menos permanente.

No início do semestre seguinte voltei para a escola um pouco desanimado. As férias sempre tendem a me deixar para baixo. Eu não tinha escrito o novo relatório para Pumblem, então não tive escolha a não ser ir vê-lo e contar-lhe uma mentira sobre "um problema familiar" que me impediu de lhe dar toda a atenção. Eu esperava que a essa altura ele estivesse tão impaciente a ponto de cancelar o pedido, mas não tive essa sorte. Depois de me forçar a prostrar-me por um tempo, ele me concedeu um adiamento de um mês.

A única coisa boa daqueles dias foi Sheba, que permaneceu muito gentil comigo. Comecei a encontrar-me com ela e Sue para almoçar no La Traviata com cada vez mais frequência. Não era um trio confortável. Sue se ressentia da minha intrusão e nunca perdia a oportunidade de demonstrar que seu relacionamento com Sheba era mais íntimo e importante. Uma de suas táticas mais transparentes foi apontar a enorme diferença de idade entre mim, ela e Sheba. Certa vez, ela me perguntou, muito seriamente, se eu tinha boas lembranças da "era do jazz". Outra vez, ele parou no meio de uma frase para me explicar que Bob Marley era "um famoso cantor jamaicano". Mas na realidade ele fez tudo errado. Suas táticas eram tão grosseiras que ela estava apenas prejudicando a si mesma. Sheba não pôde deixar de notar o quanto ela estava com ciúmes. Sentei-me e observei, gostando de ver Sue cavar sua

própria cova.

De acordo com minhas anotações, Sheba só voltou a ver Connolly depois do encontro desastroso no CT algumas semanas depois do segundo trimestre. Uma tarde ela estava em sua oficina, arrumando a última aula do dia, quando ele apareceu com seu caderno de desenho. Sheba ergueu os olhos e continuou o que estava fazendo.

Connolly parou hesitante na porta e olhou para ela.

-Perder? —ele disse após uma pausa—. Trouxe algo para lhe mostrar, senhorita.

Sheba se virou e olhou para ele.

"Por que eu me incomodaria em olhar seus desenhos quando você foi tão rude e desagradável comigo?" -perguntado.

Connolly gemeu e revirou os olhos.

"Bah, vamos lá, senhorita", disse ele com uma voz cantante. Eu estava apenas me divertindo.

Sheba assentiu. Isso não foi suficiente, ele disse a ela. Ele não podia esperar que ela o tratasse como um adulto — que lhe desse seu precioso tempo — se ele se comportasse como uma criança.

"E não sei o que você disse ao seu amigo Jackie sobre mim", acrescentou ela com raiva, "mas também não gostei da atitude dele."

—Mas eu não contei nada para ele! Connolly exclamou.

Ao perceber o significado final destas palavras, Sheba ficou surpreso. Ele queria objetar que não havia "nada" para contar. E ainda assim ela sentiu alívio – ela não podia negar – quando ele lhe garantiu que tinha sido discreto.

Connolly começou a dizer mais alguma coisa e depois

parou.

-Que? Sabá perguntou.

"É só que... não posso ser legal com você na frente dos outros", disse ele. Eles pensariam que eu era um covarde.

Sheba riu e Connolly olhou para ela, feliz por ter sido engraçado sem querer.

"Você parece uma cabra, senhorita", disse ele em tom de aprovação.

Então a tensão se dissipou. Connolly se ofereceu para ajudá-la a limpar a sala de aula e Sheba aceitou. O garoto praticamente pediu desculpas, ela disse a si mesma; Seria infantil para ele guardar rancor. Connolly começou a correr pela sala de aula e pegar papéis e pedaços de argila com uma atitude enérgica. Depois de arrumada a sala de aula, ele sentou-se à mesa de Sheba e folheou um livro de Manet. Sheba mostrou-lhe uma reprodução de página dupla de *Breakfast on the Grass*. Era uma pintura muito famosa, explicou ele, e causou um grande escândalo quando foi exibida pela primeira vez. Sheba, diz ela, meio que esperava que ele risse da mulher nua, mas quando olhou para ele viu que ele tinha uma expressão de atenção reverente.

"Naquela época o ideal físico da mulher era muito diferente", comentou. Tenho muito medo de que essas mulheres não apareçam na *Playboy*. —Ele falou um pouco apressado, notou. Eu não queria que a sala de aula ficasse em silêncio.

Connolly assentiu e continuou olhando a pintura sem dizer nada. Sheba olhou para seu perfil atento. Desse ângulo, com as pálpebras caídas e o nariz achatado e torto, ele parecia um boxeador velho, pensou ela. Exceto pela pele, é claro, que era dourada e imaculada. Ela foi dominada por um desejo intenso de colocar a mão em sua bochecha.

—Que tipo de mulher...? —ele começou a dizer.

Connolly virou-se para ela.

— Como se diz, senhorita?

"Nada", ele respondeu rapidamente. O santo foi para o céu.

Eu ia perguntar a ele que tipo de mulher ele gostava. Que tipo de figura feminina parecia mais atraente para ele. Mas percebendo o quão inadequada era a pergunta, ele se conteve.

Pouco depois, Sheba lhe disse que ele precisava ir embora. Ele ainda tinha muito trabalho a fazer antes de voltar para casa, explicou. Connolly estava relutante em sair e perguntou se poderia ficar sentado em silêncio enquanto ela trabalhava. Mas Sheba, já ansiosa para tirá-lo de cima de si, respondeu com firmeza que precisava ficar sozinha. Ele encolheu os ombros e disse que voltaria na sexta-feira. Eles se despediram amigavelmente.

Uma hora e meia depois, quando ela estava tirando a bicicleta do estacionamento, ela o encontrou esperando por ela. Eram seis horas e a rua que corre ao longo do lado oeste do terreno da escola estava repleta de tráfego intenso na hora do rush. Todos os alunos, inclusive os que frequentavam o Clube de Deveres de Casa, haviam ido para casa. Embalagens de doces e sacos de salgadinhos — restos do êxodo da tarde — flutuavam pela calçada à luz amarelada dos postes. Sheba cumprimentou Connolly com um sorriso e perguntou o que ele estava fazendo ali. Ele fez uma careta, como se lhe doesse dizer: "Eu estava esperando por ela".

Naquele momento ele sabia o que iria acontecer, diz Sheba. Ele viu isso, como essas coisas às vezes acontecem, como uma revelação perfeita e totalmente formada. Ele estava apaixonado por ela, já fazia muito tempo. Ela o encorajou, ou pelo menos não o desencorajou. Agora ele iria pedi-la em casamento, e ela

— já que não conseguia pensar em outra maneira de reagir — pareceria surpresa e horrorizada.

—E por que você quis me ver? Sabá perguntou. Steven, se precisar conversar comigo sobre alguma coisa, você pode falar na escola, você sabe.

Ele começou a andar em ritmo acelerado, empurrando a bicicleta ao seu lado. Connolly trotou para alcançá-la.

Não, ele disse, balançando a cabeça, ele não poderia contar a ela na escola.

"Bem, nesse caso", respondeu Sheba, "você tem que pedir um..."

"Eu gosto de você", ele interrompeu.

Ela permaneceu em silêncio.

—Não consigo parar de pensar em você. "Eu estava..." Ele olhou para ela com uma expressão triste.

Sabá sorriu.

"Que bom que você gosta de mim", disse ela, mantendo o tom brusco de uma professora, "mas não posso falar com você agora." Eu tenho que ir para casa.

"Não é só que eu gosto, é outra coisa", objetou Connolly, impaciente.

Eles haviam chegado a uma encruzilhada. Sabá hesitou. Para chegar em casa, era preciso virar à esquerda em uma longa rua comercial chamada Grafton Lane. Ela precisava tirar o garoto das costas — não podia deixar que ele a seguisse até em casa —, mas parecia cruel abandoná-lo ali, numa esquina. Após uma pausa, ela virou à esquerda e continuou caminhando com ele. Deixaram para trás a sapataria barata com cestos de arame cheios de tênis usados na entrada; o Dee-Dar, um antigo

restaurante indiano onde os professores de Saint George realizam jantares para seus funcionários; a agência dos Correios; a loja onde vendiam peixe com batatas fritas e a velha farmácia com caixas empoeiradas de Radox na vitrine.

Connolly permaneceu em silêncio por um tempo. E então, como se estivesse prendendo a respiração, de repente ele deixou escapar:

—Eu gosto muito de você, senhorita.

Sheba ouviu algo na voz dele que a fez pensar que ele estava prestes a chorar, embora ela não pudesse ter certeza porque a cabeça dele estava baixa.

“Steven”, ela disse. “Isso não é...” Ele fez uma pausa, sem saber como continuar. Apenas... isso não pode ser! —Ela montou na bicicleta, pronta para subir.

“Não posso evitar”, disse Connolly, olhando para cima. Eu juro, não posso evitar.

Sheba não estava errada. Ele tinha lágrimas nos olhos.

“Ah, Steven”, ele disse. Ela estava prestes a estender a mão e dar um tapinha no ombro dele quando de repente ele pressionou o rosto contra o dela.

Sheba diz que seria impossível para mim entender como é, depois de vinte anos de fidelidade conjugal, ser beijada por alguém que não é seu marido, sentir a pressão dos lábios de um estranho nos seus. “As coisas adormecem no casamento”, ele me disse uma vez. É inevitável. Você tem que perder aquela atitude sexualmente alerta que tinha quando estava sozinho. Em todos esses anos com Richard, acho que não reprimi nada conscientemente. Fiquei feliz por estar casado; Para mim, foi um grande alívio não ter que ficar nua novamente na frente de um estranho. Mas eu tinha esquecido como era emocionante se

expor... ficar um pouco assustado. Assim que Steven me beijou, tudo voltou para mim de uma vez. Isso... você sabe, aquele "alto". "Fiquei surpreso por poder ter vivido sem ele por tantos anos."

Devem ter proporcionado uma imagem bastante cômica: o pequeno pretendente andando na ponta dos pés para alcançar sua amante de meia-idade enquanto a bicicleta caía no chão. Mas parece que Sheba nunca viu o lado absurdo do primeiro abraço deles. Se você já viu, certamente nunca mencionou isso. Ele falou sobre o calor de Connolly, seu cheiro de sabão, o cabelo na nuca, a textura de seu suéter e todos os tipos de detalhes chatos sobre seu primeiro abraço. Mas nunca sobre o quão imensamente boba a cena deve ter parecido.

Logo depois que a bicicleta caiu, houve confusão e constrangimento mudo. Connolly tentou ajudar Sheba a se levantar, mas ela o dispensou. Ele se lembra de olhar em volta para ver quem poderia ter testemunhado o beijo. Uma mulher mais velha com um carrinho de compras de vime olhou para eles com certa malevolência ao passar por eles. Mas nada mais.

—Posso ver em algum lugar corretamente? Connolly perguntou enquanto ela ainda estava se levantando.

"Não", respondeu Sheba. Ela segurou a bicicleta à sua frente, como se estivesse na defensiva. Não. Ei... Pare com isso, por favor. —Ele subiu na sela.

"Senhorita", Connolly implorou, mas ela balançou a cabeça e foi embora.

Naquela noite, enquanto preparava o jantar e dava banho em Ben, Sheba repetia num sussurro aterrorizado: "Ah, não; Oh não. Que estou fazendo?". Ele ainda estava tentando se convencer de que não era culpado de nada. Queria acreditar que não tinha feito nada de errado, que ainda não tinha se

comportado de maneira inaceitável. Quando ele se olhou no espelho, ficou surpreso ao ver seu rosto corado e feliz. «Você foi correr hoje? —perguntou o marido naquela noite durante o jantar—. Você tem um rosto muito bom."

Na mesma época, uma professora de química chamada Heidi Greening disse a alguns professores que tinha visto várias vezes um aluno do último ano entrar furtivamente na oficina de Sheba depois da aula. Heidi era uma mulher impopular, com reputação de bajular Pumblem, e ninguém demonstrava qualquer interesse especial no que ela dizia. Acho que Marian Simmons disse alguma coisa a Sheba, mas Sheba respondeu com uma calma tão inocente e afável — ela deixou tão claro que não havia nada de errado com as visitas de Connolly — que todos rapidamente se esqueceram disso.

Cinco

Escrevo isso num sábado à noite. Eu deveria estar na cama, **E** mas não consegui fazer nada a semana toda e se não trabalhar por um tempo vou ficar muito para trás. Eu estava pensando em aproveitar algumas horas de silêncio esta manhã quando Ben chegou em casa para sua visita semanal. Mas no último minuto Sheba pensou em ir ao cinema e, como estava chovendo, ela finalmente me enganou para levá-los de carro. A verdade é que nos divertimos muito. O filme era um daqueles filmes bobos da Disney, mas Ben adorou. Isso deixou Sheba feliz e, portanto, também a mim. Ben é um menino doce. Todos estão muito preocupados sobre como reagiriam à situação atual. Mas, bata na madeira, ele parece estar muito bem. Ele sente falta da mãe, é claro. Ele ainda não entende muito bem por que foi morar na casa de seu tio Eddie e muitas vezes há cenas de lágrimas quando Richard vem procurá-lo. Mas, no geral, é um menino muito feliz.

Sheba e Richard sempre tentaram não mimá-lo e agora tentam ser o mais honestos e claros possível. Eles não lhe contaram tudo. Mas eles forneceram uma quantidade surpreendente de informações. Ela sabe que sua mãe tem problemas por ser amiga de um de seus alunos. Na verdade, hoje ele está fazendo algumas perguntas bastante difíceis a Sheba sobre por que ele não pôde encontrar seu amigo. Sheba, talvez levando longe demais a política da sinceridade, explicou que ela também não poderia ver a amiga novamente. "Ah",

disse Ben, "e isso deixa você triste?" Sim, respondeu Sabá. Sim, isso o deixa triste. Seguiu-se um longo momento de reflexão. E de repente Ben perguntou: "Você gosta mais do seu amigo do que do papai?" Após um momento de hesitação, Sheba, para meu alívio, respondeu que não.

Depois que Ben vai para casa, Sheba passa por uma crise. Geralmente acontece após suas visitas. Tentei consolá-la, mas meus esforços rapidamente a deixaram impaciente. "Você não entende", ele me disse. Você não entende o que é ser mãe de uma criança como Ben. Do jeito que está, ele tem tantas coisas contra ele... E agora ele nem tem a mãe.»

Quando Sheba fala assim, é muito irritante: como se ela fosse uma vítima passiva do destino, e não a causa principal do seu sofrimento. Neste ponto, é um pouco tarde para esse papel de mãe enlutada. Ele deveria ter pensado no bem-estar de Ben quando começou a aplicar colírio em Connolly. No entanto, resisti à vontade de contar a ele e resolvi recomendar que ele fosse para a cama cedo.

Um dia depois de beijar Sheba pela primeira vez, Connolly foi para seu quartel. Assim que ele entrou, ela se levantou da mesa e ordenou que ele saísse. Ele não tinha mais nada a dizer a ele, acrescentou. Ela ficou lisonjeada por gostar dele, mas não queria saber mais nada sobre ele. Connolly implorou e implorou. A certa altura, diz ela, ele propôs que se encontrassem fora da escola.

"Não vou tocar nela se ela não quiser", prometeu ele.

Sheba ficou furiosa quando ouviu isso.

—Claro que não quero, Steven, pelo amor de Deus. —Ele se aproximou da porta, onde Connolly estava.

"Senhorita, por favor..." ele gemeu.

-Não! —Sheba disse, e fechou a porta na cara dele.

Havia algo emocionante em agir assim, ela lembra. Eu nunca tinha desempenhado o papel da *bela dê para mim sem misericórdia*.

Connolly ficou vários minutos batendo na porta e pedindo para entrar. Sheba começou a temer que alguém passasse e o visse. Justo quando ele estava prestes a desistir e abrir a porta, o menino parou de bater. Pela janela, ela o observou se afastar, curvado para se proteger do vento. Ele afundou em uma cadeira e parabenizou-se pela sua força.

Connolly voltou no dia seguinte. Sheba tomou o cuidado de trancar a porta e não respondeu quando ele bateu. "Vou continuar vindo até você me deixar entrar", ele gritou antes de sair. E voltou. Aparecia todos os dias da semana. Sheba apoiou cadeiras contra a porta para maior proteção, mas, na realidade, o risco de Connolly derrubar a porta era mínimo. Ele parecia contente em ficar ali, choramingando por ela, e na semana seguinte até seu interesse nessa demonstração de devoção havia diminuído. Na segunda-feira, Sheba esperou ouvir seus passos pesados e suspiros do outro lado da porta, mas eles não vieram. Ela se divertiu com a falta de resistência do menino e, ao mesmo tempo, sentiu-se um pouco ofendida. Mais tarde, quando já eram amantes, ela zombaria de brincadeira de seu fraco desempenho como pretendente. "Ah, sim, você estava morrendo de amor por mim", disse ele. Os primeiros cinco dias."

No começo, acho que foi um alívio para ela tirar Connolly de cima dela. Ele diz que sentiu "euforia", como se tivesse saído de um precipício perigoso no último momento. Mas com o passar do tempo e ela se acostumando novamente com a sensação de segurança, uma certa apatia tomou conta dela. A essa altura ele já estava em Saint George há cinco meses. Aos olhos dos

demais professores, ele dava a impressão de que estava começando a se aclimatar. Ele se vestiu com mais sensatez. Ele parecia controlar melhor os meninos, mas a angústia de Sheba aumentava. Tive a sensação de que não era um professor cada vez mais competente. Pelo contrário, pensava ter cedido à “complacência” do resto do corpo docente. Suas aulas eram mais tranquilas, é verdade, mas só porque ele havia desistido de que as crianças aprendessem alguma coisa. Ele havia parado de lutar contra eles. Ele permitiu que eles trouxessem seus walkmans e lessem quadrinhos nas aulas. E se ele nem sequer tentava inculcar conhecimento, qual foi o sentido do que fez?, perguntou-se. Connolly fora seu único talismã contra o tédio de São Jorge. Agora que o havia afugentado, ele não sabia mais por que se preocupava com aquele trabalho.

Certa tarde, cerca de três semanas depois de Connolly ter parado de persegui-la, enquanto ela atravessava o quintal, ela passou por ele e por alguns outros garotos do último ano jogando futebol. Ao vê-la, Connolly parou de correr. Ele corou e se virou. Sheba continuou caminhando em ritmo acelerado, mas esse encontro inesperado a afetou muito. Connolly parecia muito mal, pensou. Ele parecia muito atormentado. Ela se perguntou se havia sido injusta com ele. Afinal, o que o pobre rapaz fez, além de confessar uma paixão adolescente?

Nos dias seguintes, ele começou a procurar possíveis soluções de compromisso para o que chamou de “situação Connolly”. Ela deixava Connolly visitá-la, numa base estritamente platônica, uma vez por semana. Não, uma vez a cada quinze dias. Ou talvez não tenha imposto limites ao número de visitas, mas restringiu as conversas a temas relacionados com arte. Até que um dia — não consegui descobrir a data exata, mas parece ter sido no início de março — Connolly a abordou novamente. Assim que ela saiu da

oficina, ele correu até ela e colocou um bilhete em sua mão enluvada. Sem dizer uma palavra, ele saiu correndo novamente. No papel cuidadosamente dobrado, Sheba encontrou um breve apelo escrito à mão: pedindo-lhe que se encontrasse com ele em Hampstead Heath no dia seguinte, às sete da noite.

Ele olhou para o bilhete por um longo tempo. Apesar da sua brevidade, ficou claro que representou um grande esforço para Connolly. As letras pareciam rabiscos desesperados, com letras maiúsculas e minúsculas misturadas. Em vários lugares o papel havia rasgado com a pressão da caneta. Sheba sentiu uma estranha inquietação ao ver como ele escrevia mal. Como, ele se perguntou, ele iria sobreviver lá fora, no vasto mundo?

Sheba passou as vinte e quatro horas seguintes debatendo se deveria ou não ir ao parque. Quando chegou a tarde proposta para a consulta, decidi não ir. Ficou claro que o menino ainda nutria intenções românticas em relação a ela. A única coisa sensata a fazer, pensou ela, era ficar longe. Mas naquela tarde, assim que Richard chegou em casa, ela se ouviu contando a ele que uma antiga amiga de escola, Caitlin, estava vindo de Devon para passar a noite e havia combinado de encontrá-la. Ele sentiu que “tinha” que ver Connolly, diz ele; Tive que explicar a ele, cara a cara, por que a amizade deles não poderia continuar. O leitor deve julgar por si mesmo a credibilidade deste argumento. Sempre me pareceu um pouco suspeito. Sheba já não tinha dado explicações suficientes ao menino? Acho difícil acreditar que qualquer mulher — mesmo uma mulher com a elevada capacidade de autoengano de Sheba — pudesse comparecer a uma consulta dessas acreditando verdadeiramente que seu único propósito é comunicar rejeição.

Ele foi ao parque de bicicleta. Naquele mês uma onda de

frio atingiu o país, mas ela pedalou com tanta veemência que, ao chegar à entrada do parque, suava por baixo do suéter. Ele prendeu a bicicleta a algumas barras com uma corrente e pedalou pelo caminho até o lago. Era um espaço muito grande para tal encontro e ela tinha certeza de que ela e Connolly não se encontrariam. Ela lembra que a intensidade da sua decepção a surpreendeu. De repente, sem aviso, Connolly apareceu diante dela. Naquela tarde ele parecia mais jovem e menor, diz Sheba. Como sempre, eu não estava vestido com roupas quentes o suficiente para o clima. Ele ficou surpreso por ela ter vindo. Ele tinha certeza, disse ele, de que iria "quebrar". Sheba explicou muito seriamente que ela só estava lá porque estava preocupada com o tom do bilhete. Não havia a menor esperança de que algo acontecesse entre eles, explicou.

A isto Connolly reagiu com uma serenidade inesperada. Ele assentiu, como se entendesse, e sugeriu dar uma curta caminhada. Sabá recusou. Não seria uma boa ideia, disse ele. Naquele momento um homem com um cachorro apareceu no caminho e olhou para os dois com curiosidade. Sabá mudou de ideia. Não havia mal nenhum em dar um passeio, pensou ele. Connolly estava se comportando muito bem, tenho certeza que nada aconteceria.

Ao começarem a descer a trilha, Connolly prometeu "não tentar nada".

-Isso espero! —Sheba disse, divertido com sua presunção.

Mas, ao dizer isso, ocorreu-lhe que talvez estivesse tentando alguma coisa. Talvez, ela pensou, ele estivesse planejando estuprá-la. De qualquer forma, ele continuou andando. Ele começou a sentir uma estranha indiferença pelo que poderia acontecer.

"Tive a sensação de que estava me observando", lembra

ela. E eu estava sorrindo com o quão estúpido eu estava sendo. Era como se eu tivesse me tornado meu próprio biógrafo desapaixonado.

Ao se aproximarem de uma área mais arborizada do parque, Connolly se virou para ela, agarrou suas mãos e começou a puxá-la em direção às árvores.

"Venha por aqui", disse ele.

-Mas o que você está fazendo? Sabá perguntou. Embora houvesse indignação em sua voz, ele se deixou levar. Estava muito mais escuro do que no caminho e mal conseguia ver o rosto de Connolly. Uma imagem de conto de fadas de um elfo arrastando uma princesa para seu covil na floresta me veio à mente.

Eles caminharam por um minuto ou mais e então, no momento em que Sheba ia protestar novamente, Connolly parou e a soltou. Eles estavam em uma pequena clareira. Ele sorriu para ela.

"Aqui podemos ficar sozinhos", disse ele. Ele sentou-se no chão e tirou o casaco. "Aqui", disse ele, estendendo-o para o lado, "você pode sentar aqui".

"Você vai morrer congelado", objetou Sheba.

Mas ele não respondeu; Ele apenas olhou para ela.

"Isso é ridículo", disse ela. Eu não vou sentar. Não faça isso.

Connolly fez um gesto de "você mesmo" e deitou-se no chão.

"Vamos, Steven, você vai pegar pneumonia", insistiu Sheba.

Ele permaneceu em silêncio. Ele estava com os olhos fechados. Ela olhou para ele, sentindo-se cada vez mais tola.

Depois de um tempo, Connolly abriu os olhos e exclamou:

—Droga, está tão frio, não é?

Ela riu.

“Acho que não deveria ter vindo”, disse ela. Estou saindo agora.

—Não, não vá. — Connolly sentou-se. Ela tinha um galho no cabelo.

Sheba se lembra de ter sorrido para ele e de bater os braços nas laterais do corpo como uma garotinha.

Finalmente, encolhendo os ombros, impotente, ele se sentou.

Dessa vez eles não fizeram amor. Estava muito frio, segundo Sheba, e ela estava muito nervosa. Eu sei que eles se beijaram. E Connolly deve ter subido em cima dela em algum momento porque, ao falar sobre esse encontro, Sheba comentou que ficou surpresa com o quão “leve e firme” ele era. (Sem dúvida ela estava acostumada com a corpulência mais corpulenta do marido.) Também sei que, no meio de tudo isso, uma perturbada Sheba fez uma pergunta retórica do tipo: “O que estamos fazendo?” Ao que Connolly, para tranquilizá-la, respondeu brevemente: “Não se preocupe.” Sheba achou que Connolly parecia muito velho e capaz. Eu sabia que não era nenhuma dessas coisas, é claro. Mas, aparentemente, ele encontrou conforto nessa ilusão.

Ao voltar para casa naquela noite, Sheba estava convencida de que não poderia encarar Richard sem revelar algum tipo de manifestação física de seu pecado. Ele se imaginou caindo em lágrimas. Desmaio. Queima por combustão espontânea. Mas quando chegou em casa, ficou surpreso ao descobrir como o escondia bem.

Richard estava esperando por ela. Eu estava deitado no

sofá, assistindo a um programa de arte na televisão. Quando Sheba entrou na sala, ele levantou a mão para cumprimentá-la, mas não tirou os olhos da tela. Já vi Richard na frente da TV algumas vezes. Ele tem um jeito especial de inclinar a cabeça, como se estivesse se afastando da tela e olhando para ela de lado. Sheba diz que é por causa de sua miopia. Mas para mim sempre pareceu um exemplo digno da sua atitude geral de superioridade: é como se, à sua maneira pomposa, ele estivesse a tentar esconder o seu interesse em ver televisão.

"Meu Deus, é incrível quantas bobagens essas pessoas falam", comentou. Eles permaneceram em silêncio por um momento, observando o debate. Depois de um tempo, ele se virou para ela e perguntou: "Você se divertiu?"

Sheba fingiu olhar as pontas do cabelo no espelho.

"Não, na verdade não", ele respondeu. Na verdade, fiquei bastante entediado.

Ele não tinha planejado dizer isso, mas de alguma forma, quando chegasse a hora, era mais fácil fingir mau humor do que entusiasmo.

"Uau", disse Richard, embora estivesse ouvindo apenas parcialmente.

"Vou para a cama", anunciou Sheba.

Ele assentiu distraidamente. Mas assim que ela agarrou a maçaneta da porta, ele ergueu os olhos novamente.

—E como está Caitlin? -perguntado.

-Pois bem. Embora ela esteja um pouco deprimida ultimamente.

Sheba pediu desculpas silenciosamente à sua amiga inocente.

"Bem", disse Richard, bocejando, "é isso que acontece quando você mora na província."

-Eu suponho. —Ele fez uma breve pausa e finalmente, vendo que Richard não respondia, abriu a porta—. De qualquer forma, vou subir. Estou cansada.

Quando Richard subiu para o quarto depois de meia hora, Sheba manteve os olhos fechados e concentrou-se na respiração para parecer adormecida. Ele se despiu e leu durante um quarto de hora. Quando o livro finalmente caiu de sua mão e ela começou a roncar, Sheba se lembra de ter ficado um pouco desapontada. Quase ofensivo. Ele não queria despertar suspeitas nela, é claro. Mas não pude deixar de sentir que uma tarde como a que acabara de viver merecia um final menos brando. Ela teria gostado, pensou vagamente enquanto o sono a dominava, poder contar a aventura ao marido.

No dia seguinte, depois da aula, Connolly voltou para sua oficina. A princípio, após uma luta breve e desajeitada, Sheba mudou de ideia e deixou que ele a beijasse.

—Você sabe, Steven? —ela disse depois de um tempo—. É muito, muito importante, extraordinariamente importante, que mantenhamos isto em segredo. Você não contou a ninguém, não é?

Ele, indignado, garantiu-lhe que não.

"Quero dizer", acrescentou ele, "a ninguém além dos meus colegas e tal."

Sheba olhou para ele, pasma.

Ele sustentou o olhar dela por um momento e depois riu.

"Eu a enganei", disse ele.

Sabá permaneceu em silêncio. Ele colocou as mãos nos ombros de Connolly e olhou para seu rosto sorridente. Ele disse

a ela para nunca brincar sobre isso. Ele lhe disse que às vezes era muito difícil guardar um segredo e que um dia ela poderia se sentir tentada a confiar em alguém, mas mesmo que ela acreditasse que essa pessoa era confiável - mesmo que essa pessoa lhe jurasse no túmulo de sua mãe que não o faria. contar a ela, a ninguém, eu nunca deveria contar a eles.

"Eu não sou assim", ele protestou. Eu nunca denunciaria ela.

"Você entregaria nós dois", corrigiu Sheba. Você também teria muitos problemas, ok?

Sheba sabia que isso provavelmente não era verdade, mas achou que seria melhor dar-lhe o máximo de incentivo possível para ficar quieto.

Connolly estava diante dela, inclinando a cabeça de um lado para o outro, como fizera quando se conheceram.

"Vamos", ele disse abruptamente, "deixe-me beijar você."

Pouco depois, retiraram-se para o fundo da sala e ali, atrás do forno, fizeram amor pela primeira vez.

"As pessoas ficam perguntando: 'Como ele pôde? Por que ele correu esse risco?' —Sheba me contou uma vez—. Mas é muito fácil fazer algo assim. Sabe quando você toma um drinque a mais mesmo sabendo que vai ter uma ressaca no dia seguinte? Ou você come um pedaço de donut mesmo que suas coxas estejam mais gordas? Bem, é a mesma coisa, Bárbara. Primeiro você fica dizendo: "Não, não, não", até que chega um momento em que você diz: "Para o inferno, sim."»

Connolly sussurrou em seu ouvido várias vezes naquela primeira vez atrás do forno. Ele disse isso com urgência, mas com a voz abafada, e Sheba teve que pedir que ele repetisse de novo e de novo. Somente quando ele se recostou

impacientemente e quase gritou é que as palavras dela finalmente fizeram sentido. "Senhorita", disse ele, "posso gozar lá dentro, senhorita?"

A primeira vez que ouvi essa anedota, ela confirmou um pouco meu ceticismo sobre o tipo de sexo que esperar de um garoto de quinze anos. Mas Sheba não me contou isso com essa intenção. Ele me contou isso como prova da galanteria charmosa e rude de Connolly. Ele não me deu muitos detalhes sobre os aspectos práticos de sua intimidade com Connolly, mas muitas vezes, quando fala sobre o relacionamento sexual deles, revira os olhos com uma timidez coquete ou responde com suspiros. Acho que posso dizer que ela estava satisfeita com o aspecto físico do relacionamento deles. Certa vez, aludindo ao sexo, perguntei-lhe com certa irritação como um rapaz da idade e da experiência limitada de Connolly poderia saber o que ele estava fazendo. Ela apenas sorriu e apontou um dedo para mim. "Ah, isso é o que há de maravilhoso nos jovens", disse ele. Eles aprendem tão rápido, não acha?

Antes de prosseguir, devo admitir que nunca me preocupei muito com os hipotéticos danos infligidos à psique de Connolly pelo seu caso com Sheba. Não contesto a necessidade de uma lei que proíba os professores de fazerem o que Sheba fez. Não há dúvida de que não é bom para o moral de qualquer instituição se o seu pessoal confraterniza – ou fôrnicar – com os seus menores. Mas certamente não compartilho dessas ideias sentimentais sobre a inocência de todas as pessoas abaixo do limite de idade arbitrariamente imposto de dezesseis anos. Os britânicos saíram para dançar nas ruas quando o herdeiro do trono britânico, de trinta e dois anos, ficou noivo de uma menina de dezenove. Existe tanta diferença entre dezenove e quinze — entre trinta e dois e quarenta e um — para justificar uma reação tão diferente neste caso? O tipo de jovem que se

mete em problemas como esse costuma ser bastante precoce na área sexual. Com isso não quero dizer apenas que eles têm muita experiência, embora geralmente seja esse o caso. Quero dizer, eles têm um instinto, um talento natural, para o jogo de poder sexual. Por diversas razões, a nossa sociedade decidiu classificar como crianças os menores de dezesseis anos. Em quase todo o resto do mundo, meninos e meninas são considerados adultos por volta dos doze anos. Assim que atingem a puberdade, começam a fazer tudo o que os adultos fazem naquela parte do mundo: trabalhar em fábricas, caçar ursos, matar pessoas, fazer sexo. Poderão existir boas razões para alargar os privilégios e proteções da infância, mas deveríamos pelo menos saber o que enfrentamos quando tentamos impor esse adiamento. Connolly era oficialmente um "menor" e as ações de Sheba foram, em termos oficiais, "abusos"; No entanto, qualquer avaliação honesta desta relação teria de admitir não só que Connolly estava a agir por sua própria vontade, mas que na verdade tinha mais poder na relação do que Sheba. Estou plenamente convencido de que ele não foi prejudicado nem um pouco pelas suas experiências com uma mulher mais velha. Pelo contrário, acho que ele se divertiu muito. Isso é heresia, eu sei. Mas você vê, isso é o que eu penso.

Quando a história de Sheba foi divulgada, um jornalista do *Evening Standard* escreveu um artigo no qual aludiu a rumores infundados sobre a experiência sexual de Connolly antes de seu caso com Sheba. Ele então fez a pergunta: "Que tipo de garota gostosa de quinze anos se recusaria a brincar com Sheba Hart?" Foi um artigo corajoso e honesto, pensei, mas provocou intermináveis protestos hipócritas pela sua discussão supostamente frívola de um tema sério. A Federação de Imprensa acabou repreendendo o jornalista e o *Standard*, a título de desculpas, publicou uma resposta da mãe de Connolly.

O artigo que tenho foi intitulado: "Os meninos também precisam de nossa proteção". O primeiro parágrafo é assim:

O suposto caso de Sheba Hart com meu filho — que tinha quinze anos quando começou — foi recentemente descrito nestas páginas como "um golpe de sorte para o Sr. Connolly" (*Every Schoolboy's Fantasy* , 20 de janeiro de 1998). Como mãe de Steven, estou profundamente ofendida pela casualidade deste tipo de atitude em relação ao alegado crime da Sra. Hart. Parece-me inconcebível que alguém possa considerar o abuso sexual de um menor um motivo de riso. Só posso presumir que a Sra. Hart se beneficia dos padrões duplos da sociedade quando se trata de sexo. Se Steven fosse uma menina, certamente ninguém teria brincado sobre isso e ninguém teria coragem de questionar sua inocência.

Receio discordar da Sra. Connolly neste ponto. Eu teria tido essa coragem. Se o sexo dos protagonistas desta aventura fosse o contrário – se Sheba fosse um homem que mantinha um relacionamento ilícito com uma menina de quinze anos – ela teria sido tão cautelosa ao descrever as partes envolvidas como "predador" e "vítima". Deus sabe que em minha vida já vi muitas meninas propensas à luxúria para estar familiarizadas com a manipulação sexual de que as meninas são capazes.

Mas quando se trata da visão pública destas questões, a Sra. Connolly tem certamente razão: há uma diferença na forma como o público julga o comportamento sexual de homens e mulheres. Sem dúvida, a resposta oficial a Sabá é muito severa. Todos dizem que ele cometeu um crime "desprezível".

Mas por trás eles sorriem sarcasticamente. Outra noite, na taberna, quando eu estava comprando tabaco, o rosto de Sheba apareceu por um momento na tela da televisão; Risadas obscenas foram imediatamente ouvidas em todo o bar. "Que puta", ouvi um homem dizer ao amigo. Eu gostaria de um pouco disso também." É difícil imaginar que o equivalente masculino de Sheba provocaria uma reação tão lasciva.

Os autores de crimes sexuais masculinos nunca são motivo de riso. São objeto de indignação justificada: donas de casa com cara suja pedem sangue nas portas dos tribunais; Os políticos competem para ver quem demonstra mais repulsa. O que é realmente estranho, dada a difusão de versões menores destes impulsos desprezados e a alegria com que são tolerados pela população masculina em geral. Não chegaram os cientistas à conclusão de que a atração dos homens maduros pelas mulheres jovens é o resultado de um instinto evolutivo, um reflexo codificado na biologia masculina? Quando um homem libidinoso de meia-idade olha para o traseiro de uma adolescente, eles não estão tentando nos fazer acreditar que ele está realmente fazendo um favor à sua espécie ao responder aos sintomas físicos da fertilidade, assim como a natureza programada?

Mas talvez seja disso que se trata. Talvez a veemência com que reagimos às transgressões sexuais dos homens seja proporcional à frequência desagradável com que ocorrem esses impulsos transgressivos. Uma mulher que abusa de um menor não é sintoma de uma tendência subjacente. É uma aberração. Nela, as pessoas não se veem nem veem seus próprios desejos furtivos. De acordo com a ciência evolucionista, uma aventura como a de Sheba nada mais é do que uma estranha área de descanso na grande estrada da sobrevivência humana. É por isso que os homens nas tabernas podem dar-se ao luxo de rir

dela.

Mas é muito melhor ser ridicularizado do que ter medo? Ser um monstro público deve ser... bem, monstruoso.

Mas tornar-se alvo de piadas obscenas também não é agradável. E o mal pelo menos tem algum peso. A Sra. Connolly está preocupada com o fato de Sheba "se beneficiar" do duplo padrão. Mas duvido muito que a peculiaridade cômica de Sheba lhe dê mais clemência no julgamento. Com toda a probabilidade, ela receberá exatamente a mesma punição que um homem. Os guardiões da igualdade entre os sexos não aceitarão mais nada. No final, suspeito, ser mulher não terá nenhum propósito para Sheba, exceto negar-lhe a grandeza da verdadeira infâmia.

Seis

A terceira sexta-feira de março marcou um marco em meu relacionamento com Sheba. Marquei essa data com uma estrela dourada. Naquele dia o intervalo para o almoço foi estendido por mais meia hora para que os professores pudessem se reunir no jardim da diretora para tirar fotos. Este retrato anual do corpo docente é uma das tradições estabelecidas durante a gestão de Pabblem. Pabblem, que gosta de ter provas – fraudadas, se necessário – do navio feliz e barulhento que comanda, coloca o retrato na capa do boletim escolar. Para compensar as despesas do fotógrafo, ele também “encoraja fortemente” todos os membros da equipe a comprarem no mínimo duas impressões de souvenirs a um preço inflacionado.

Na sexta-feira o céu estava branco e chuviscava. Os professores resmungaram enquanto desciam o caminho em direção ao complexo de Pobblem. “Foda-se”, disse Bill Rumer, arrancando risadas de agradecimento de seus comparsas. “Deus, isso é chato”, gemeu Elaine Clifford pouco depois, enquanto passava um pente rosa sujo no cabelo. (As queixas dos funcionários do Saint George nunca são muito ferozes ou subversivas. Pelo contrário, tendem a sugerir um certo prazer na agradável previsibilidade de as coisas serem insatisfatórias.)

Pibblem finalmente apareceu às 12h30. Ele foi seguido de perto por Phelps e Jenkins, que carregavam bancos do ginásio. Entre outras coisas, Pabblem se orgulha de ser “muito visual” e

a cada ano propõe uma nova ideia de como os professores devem posar. Uma vez ele nos fez deitar na grama enquanto o fotógrafo subia no galpão do quintal para tirar uma foto aérea. Mais uma vez ele tentou em vão fazer com que todos pulássemos no ar ao mesmo tempo. A Sra. Freeble, que dá aulas de ciências domésticas, fez um gesto feio quando caiu e teve de ser levada ao pronto-socorro com um dedo do pé quebrado. Este ano, Pabblem teve a ideia de recrutar algumas crianças entre as menores e mais fotogênicas dos primeiros anos. Os professores tiveram que ficar de pé nos bancos do ginásio, enquanto Pabbalem posava em primeiro plano com as crianças agarradas a ele numa atitude de carinho e prazer espontâneo.

Para surpresa de ninguém, exceto Pumblem, as crianças provaram ser um obstáculo à sessão. Durante um longo quarto de hora, os professores ficaram sentados nos bancos frios, com as mãos azuis apertadas entre as coxas, enquanto as três meninas e o menino selecionados se opunham, com razão, a sentar-se nos ombros de Pabbalem ou abaixar-se atrás dele para cutucar sua cabeça. entre suas pernas.

Depois de um tempo, uma pausa foi anunciada. Pabblem e as crianças foram para o lado do fotógrafo para fazer poses e nos deixaram levantar e esticar as pernas. Eu estava com outros professores observando Pabblem puxar as crianças de um lado para o outro enquanto dava comandos cada vez mais tensos: "Fique aqui! Então! Pegue minha mão! A certa altura fiz um comentário zombeteiro. Sheba, que estava ao meu lado, respondeu com uma risada alta e Pumblem ergueu os olhos com raiva. Olhei para o céu com uma expressão de inocência. Naquela época, meu relacionamento com Pabbalem não era dos melhores, pois acabara de lhe entregar uma versão corrigida do relatório de Saint Albans que ele considerara ainda menos

satisfatória que a primeira. Em nossa última reunião tensa, ele me contou sua decisão de descartar meu relatório e incorporar parte de meu “material menos controverso” em um artigo mais longo que ele mesmo escreveria. Esse trabalho, disse-me ele, seria uma análise abrangente de todos os problemas disciplinares de São Jorge. Era um grande projeto, mas eu esperava terminá-lo na conferência do corpo docente do último trimestre. O título provisório era “What We Got Wrong”.

A sessão de fotos foi retomada e, depois de algumas discussões desagradáveis, as crianças finalmente fizeram o seu trabalho, mas quando fomos liberados só nos restavam três quartos de hora antes das aulas da tarde. Quando os professores começaram a sair, Sheba se *aproximou de mim*. Ela se desculpou por ter me causado problemas com suas risadas altas e me convidou para ir com ela e Sue comer algo rápido no Traviata. Nós três fomos juntos.

“Tenho algo a anunciar”, disse Sue enquanto nos sentávamos no restaurante.

“Você está saindo de Saint George”, eu disse.

“Não”, disse Sue, olhando para mim com amargura. Vamos, Sheba, você não consegue adivinhar?

“Oh, Sue, sou muito ruim em adivinhar”, respondeu Sheba. O que é?

—Você tem que me prometer que não vai contar para ninguém, porque, bem, vou manter isso em segredo até...

“Você está grávida”, interrompi.

O rosto de Sue caiu.

-Como sabes?

-De verdade? Sabá perguntou. Que boas notícias, Sue!

Sue sorriu novamente.

—Ainda não tenho nem três meses, então ainda é segredo. Mas você não me vê como mais robusto?

Sheba permaneceu diplomaticamente em silêncio por um momento. A verdade é que naquela primeira fase da gravidez não houve diferença perceptível no tamanho gigantesco de Sue.

"Você está ótima", disse Sheba. Incrivelmente bom!

Sue continuou conversando sobre nomes de bebês, idéias de decoração de berçário e outras questões relacionadas à maternidade.

Eu me desconectei por um tempo. Quando me reconectei, ele estava falando sobre parto.

"Olha", disse ela, escandalizada, "Ted não quer que eu tenha um parto natural."

"Bem, está bom", disse Sheba.

Sue piscou.

—Não, claro, de certa forma você está certo. Obviamente. Certamente você foi sensato e aceitou o epi assim que lhe foi oferecido.

"Não, na verdade não", respondeu Sheba. Quando Polly nasceu, entrei em trabalho de parto durante vinte e quatro horas sem tomar nada. Ele havia lido todos os tipos de livros sobre as intervenções desnecessárias da medicina moderna. E também havia alguma rivalidade com a primeira esposa de Richard, Márcia, que dera à luz suas duas filhas com uma parteira numa piscina de parto. Na verdade, eu já estava traindo um pouco esses ideais só de ir ao hospital. No final, eu queria ceder e conseguir alguma coisa, mas já era tarde demais. Disseram que poderia machucar o bebê, então tive que aguentar.

-E como...? Sue perguntou no tom calmo que ela reservava para assuntos delicados. Como foi com Ben? —Ele me deu uma olhada. Ele claramente tinha ouvido falar do meu erro em relação ao filho de Sheba na sala dos professores.

“Oh, o nascimento de Ben foi muito fácil”, respondeu Sheba. Naquela época, eu estava determinado a recorrer a uma epidural. Cheguei ao hospital às três da tarde e às dez, enquanto jogava Scrabble com Richard na enfermaria principal, uma enfermeira veio e me examinou e disse: “Oh meu Deus, você está com dez centímetros de dilatação. O bebê está chegando! Eles me levaram às pressas para a sala de parto e depois de cerca de vinte minutos eu nasci. Então eles também não me deram a epidural.

“Bem...” Sue começou a dizer, mas Sheba continuou falando.

—Assim que ele saiu, eles o levaram de lado, como sempre, para lavá-lo e tal. Estavam todos conversando, dizendo que ele era muito lindo, um menino muito fofo. E de repente eles começaram a sussurrar. Eu disse o que? O que está acontecendo?”. Mas eles não me responderam. E então o médico veio até eles e eles murmuraram ainda mais. Comecei a gritar: “O que há de errado?” Até que finalmente o médico chegou e disse: “Sheba, temo que seu filho tenha síndrome de Down”.

Olhei para Sue. Sua boca se contorceu em uma linha enrugada de angústia. Ele parecia à beira das lágrimas.

“Depois”, continuou Sheba, “Richard disse que ficou quase aliviado, porque já estava convencido de que o bebê tinha uma malformação grave, que era algum tipo de ciclope ou algo assim. Não senti o menor alívio. Ele repetiu várias vezes que devia haver um erro. Não queríamos fazer o amnio. Eu não

pertencia ao grupo de risco e sempre fomos contra os amnios porque, o que faríamos se detectassem um defeito? Exterminar a criatura porque ela não estava à altura? Ele fez uma pausa e olhou em volta. Quer dizer, ainda penso o mesmo. Mas naquele momento acho que considere tudo... tinha tanta certeza que não haveria problema. Eu disse a eles repetidamente: "Não, você está errado." Mas eles obviamente não estavam errados. E quando finalmente me deram, percebi imediatamente que era diferente. Na verdade, quase me deu nojo... Não é terrível? Mas foi assim que aconteceu. Pensei: essa criança é um erro. Ele não deveria ter nascido. No primeiro mês fiquei muito deprimido. E então fui para o outro extremo. Depois de cerca de dez semanas, senti-me eufórico. Ben sempre sorria e me convenci de que ele era, na verdade, mais inteligente e mais alerta que os outros bebês. De repente, ele olhou para Sue e para mim. Oh senhor! -ele exclamou-. Não ponha essa cara! Por favor! Hoje é um dia feliz. Eu não queria ser um desmancha-prazeres.

Nós dois sorrimos obedientemente.

"Não, vá em frente", disse Sue. Por favor. Você não é um desmancha-prazeres.

Mas Sheba balançou a cabeça.

"Já chega de parto por hoje", disse ele.

Ao voltar para a escola, Sue foi até a farmácia e deixou Sheba e eu caminharmos sozinhas os últimos quinhentos metros até a entrada da escola.

A manhã cinzenta dera lugar, com a brusquidão típica da Inglaterra, a uma tarde clara e fria. Nos trechos da rua que não ficavam na sombra, era possível sentir o calor do sol nos cabelos.

"Espero que você não tenha ficado chateado ao falar sobre

Ben e... tudo isso", eu disse.

-Não, não, absolutamente não.

—É que esse assunto me deixa um pouco violento porque..., você sabe, por causa do que eu te contei naquela tarde na sala dos professores...

Sheba parou e semicerrou os olhos para mim sob a luz do sol.

— Vamos, Bárbara, isso foi muito pior para você do que para mim. Você se atormenta demais. Como você saberia? Olha, uma vez contei uma piada sobre uma pessoa manca para um colega do meu marido que na verdade estava sem uma perna. Eu não sabia porque estava sentado em uma mesa quando cheguei.

"Meu Deus", eu disse, e nós dois começamos a rir.

Depois que nossas risadas cessaram, continuamos andando por um tempo em silêncio. Justamente quando eu estava começando a me preocupar porque não sabia o que dizer, Sheba estendeu os braços e soltou um grito longo e feliz:

—Ahhh, que ótimo começo de fim de semana!

Ela fechou os olhos por um momento e, quando olhei para ela, vi seus cílios incríveis acariciando seu rosto como folhas.

—Você vai lá fora? —perguntei timidamente.

"Nãooo", disse ele, abrindo os olhos. Eu não irei embora. Não vou sair da cama a menos que não tenha escolha. Eu disse a Richard que não farei absolutamente nada neste fim de semana.

"Isso parece bom", eu disse. Parecia bom: ter uma vida tão ocupada e plena que você pudesse nutrir o desejo de não fazer nada. Mas Sheba interpretou mal a inveja na minha voz.

—Ah, aliás, você vai ficar muito ocupado? -perguntado.

Pensei numa série de respostas possíveis e no final optei pelo que me pareceu uma meia verdade.

"Não muito", respondi. Você sabe, nada de especial.

Caímos em silêncio novamente. Ouvi o clique preciso dos meus passos na calçada. Obriguei-me a falar: Pelo amor de Deus, diga alguma coisa, sua estúpida mulher catatônica. Mas nada me ocorreu.

Então Sheba falou.

—Ei, por que você não vem jantar no domingo?

A surpresa foi tamanha que perdi a cabeça.

-Como? Com você?

Ele riu, embora não cruelmente.

—Sim, comigo, com Richard e com Ben. E também com Polly. Ele tem feriado escolar na segunda-feira, então vem passar o fim de semana.

Será que ele também pediu Sue em casamento?, perguntei-me. Com certeza que sim. Era impossível para ele me convidar e não ela.

"Mas você acabou de dizer que estava morrendo de vontade de não fazer nada", objetei. Você não pode cozinhar para mim.

Sheba balançou a cabeça em negação.

—É só um jantar. Eu tenho que prepará-lo de qualquer maneira. Confie em mim, não será nada de especial. E eu adoraria que você conhecesse Ben e Polly.

-Bem...

— Vamos, Bárbara, eu insisto.

-De acordo. Eu adoraria.

—A noite de domingo está indo bem para você?

Eu me perguntei se deveria tentar verificar meu calendário. Mas pensei melhor.

Eu não queria que Sheba visse os terrenos baldios das minhas semanas sem encontros.

"Combina perfeitamente comigo", respondi. Sue irá? -Eu Corei. Isso me escapou acidentalmente.

Sheba não pareceu notar.

"Não, na verdade não pode", respondeu Sheba. Ele vai para Abergavenny com Ted.

—Ah.

Será que ele só pensou em mim depois que Sue recusou o convite? Houve um breve silêncio enquanto ela refletia sobre a indignidade de ser a substituta de Sue.

"Mas se você preferir, posso convidar vocês dois outro dia, quando ela estiver disponível", propôs Sheba.

-Ah não! — exclamei.

-Isso foi o que eu pensei. —Sheba sorriu—. Quero dizer, não somos um triunvirato inquebrável, não acha?

Já havíamos chegado à entrada da escola.

-Bem aqui. Ela enfiou a mão na bolsa e tirou uma caneta e papel. Está é minha direção. E este é o meu número de telefone. Você virá de carro, certo? Ligue se precisar que eu explique como chegar lá.

Ele me entregou o papel e eu, segurando-o na mão, olhei para ele estupefato.

-Ficamos assim?

—Sim, claro, somos assim.

—Bem, então nos vemos no domingo.

Eu a observei se afastar. Seu longo cardigã balançava com a brisa e a saia grudava nas meias de lã, ficando presa entre as pernas. Como sempre, ele tocou seu cabelo rebelde. “Droga,” eu a ouvi murmurar baixinho enquanto ela se abaixava para pegar um grampo do chão. Dobrei o papel onde ela havia escrito seu endereço, coloquei-o cuidadosamente no bolso interno da minha bolsa e caminhei lentamente em direção ao Antigo Pavilhão. Eu estava de cabeça baixa, em parte para poder me concentrar em repassar a conversa que acabara de acontecer e em parte para que o sorriso estúpido em meu rosto não fosse visto.

Quando acordei na manhã do meu jantar com Sheba, prometi solenemente a mim mesmo que não começaria a fazer quaisquer preparativos antes do meio-dia. É um grande desafio para mim não dar importância excessiva a este tipo de ocasião. Qualquer mudança na minha rotina – qualquer variação na sequência de trabalho, compras de supermercado, televisão e assim por diante – tende a assumir um significado desproporcional. Nesse sentido sou como uma criança: capaz de viver, em termos psicológicos, com toda a atenção voltada para uma expectativa trivial durante várias semanas, mas sempre correndo o risco de esmagar o acontecimento esperado sob o peso da minha esperança excessiva.

Às nove da manhã, apesar das minhas promessas, tirei duas vezes as sandálias da caixa para verificar se não faziam muito barulho. O resto do cenário, que já havia preparado na noite anterior, não apresentou problemas. Eu tinha engomado minha blusa branca com um borrifador, então ela estava linda e sem rugas, e meu terno cinza BHS ainda estava como novo. (Eu estava usando a roupa de lavagem a seco de um evento da faculdade, dois anos antes.) Mas as sandálias me preocuparam.

Eu os comprei no sábado em uma loja do bairro. Eram lilás, com pequenos lacinhos na ponta e salto mais alto do que costumo usar. Eles estavam felizes?, perguntei-me enquanto olhava para eles de diferentes ângulos. Ou apenas vulgar? Eles ficariam mal com meia-calça? E nesse caso, eu poderia andar de pernas nuas?

Às três da tarde tomei banho. Então, enquanto meu cabelo secava, tentei ver as sandálias de uma nova perspectiva, entrando rapidamente no quarto e pegando-as, por assim dizer, desprevenidas. A primeira vez que os fiz, eles me pareceram bons. Bonito. Delicado. Muito apropriado para uma mulher solteira que ia a um jantar de primavera. Então eu fiz isso de novo. E desta vez, quando entrei na sala, foi como se eles se levantassem e gritassem: "Você é uma velha vestida de jovem". Na tentativa de esquecer a questão do sapato, experimentei a saia cinza. Mas aparentemente ele ganhou peso desde a última vez que o usei e, quando tentei apertá-lo, um botão se soltou e caiu no espaço escuro e empoeirado embaixo da cômoda. Seguiu-se um hiato ligeiramente embaraçoso de loucura feminina, durante o qual tirei abruptamente a saia e subi numa cadeira bamba na sala para ver meu corpo nu no espelho pendurado acima da lareira a gás.

Sempre fico desapontado quando enfrento meu próprio reflexo. Meu corpo não está ruim. É um corpo muito bonito e resistente. Somente o eu externo – o eu ligeiramente enrugado, amplo e robusto – reflete muito mal o que está dentro. Às vezes, quando estou na cama à noite, perco toda a noção do meu corpo, da minha idade. No escuro, ele poderia ter vinte anos. Eu poderia ter dez. É uma sensação muito agradável poder trocar por alguns instantes aquela embalagem velha e danificada. Mas, ao mesmo tempo, me pergunto: como será ter um corpo *bonito* ? Um corpo do qual você não quer fugir?

Vários anos atrás, quando Jennifer e eu passamos um fim de semana em Paris, vimos uma mulher dançando no bar de um *bistrô* em Montmartre. Ela era muito bonita e muito, muito jovem. Todos os homens do local estavam babando. Foi muito bobo, mas por um momento, enquanto os observava olhando para ela, lembro-me de ter sentido que teria dado *qualquer coisa* — sendo estúpido, sendo pobre, estando gravemente doente — para ter esse tipo de poder.

Devo ter feito muito barulho durante esta crise por causa da minha aparência pessoal porque, a certa altura, meu vizinho de cima começou a bater no chão. Parei de chorar e, depois de me levantar da cadeira, preparei um chá. Enquanto eu bebia e cheirava, *Portia*, minha gata, que observava meus discursos com profundo desprezo felino, amoleceu e começou a se esfregar em minhas pernas.

Aos poucos fui me acalmando. As sandálias eram aceitáveis. Eu estava perdendo o controle por causa de algo estúpido. A saia era um saco, mas consegui prendê-la com um alfinete de segurança. E se não, eu tinha o preto com cintura elástica. Eu não usaria meia-calça.

Saí de casa com tempo suficiente para comprar flores para Sheba. A floricultura em frente à estação do metrô tinha um sortimento bastante pobre e me arrependi de ter deixado para o último minuto. No final, escolhi um mix de cravos e rosas pitiminí e então, mais ou menos assim que entrei no carro, lembrei-me de ter lido em algum lugar que buquês de flores multicoloridas faziam mau gosto. Milagrosamente, consegui me conter e não voltar para trocá-los.

Sheba morava em uma grande casa vitoriana em Boise Lane, com três andares, uma enorme janela saliente no térreo e um jardim frontal com uma cerejeira. Me perdi no caminho e tive que estacionar a dois quarteirões de casa. Quando cheguei

à porta, estava um pouco tenso e corado e as tiras das minhas sandálias começaram a roçar na minha pele.

-Bárbara! Sheba exclamou ao abrir a porta. Que bonita está! -Me abraça-. E que lindas flores! —Ele pegou o buquê que lhe foi entregue—. Passa passa. Vou servir uma bebida para você.

Caminhamos por um corredor até um quarto mais ou menos do mesmo tamanho do meu apartamento. Tudo nele era muito grande: os tapetes que cobriam o piso de madeira, as tábuas gastas dos móveis, a lareira funda. Sentei-me, a pedido de Sheba, numa cadeira de couro, mas o assento era tão fundo que, quando me reclinei, meus pés perderam contato com o chão e acabei meio reclinado. Enquanto tentava me endireitar para uma posição menos ridícula, minha mão tocou uma meia de criança que estava enfiada na lateral da almofada.

—Meu Deus, como estamos negligenciados! —Sheba exclamou, colocando a mão na testa.

Mas ele apenas fingiu estar envergonhado. Quando lhe dei a meia, ele a jogou em uma tigela de madeira sobre a mesinha de centro.

"Espere um minuto", disse ele, "vou colocar as flores na água." Richard e as crianças descerão em breve...

A primeira vez que Jennifer veio à minha casa, limpei-a bem antes de ela chegar. Querido Deus, até dei banho *em Portia*. Mesmo assim, quando chegou, tive uma sensação horrível de nudez. Era como se eu tivesse exposto meu cesto de roupa suja em vez de minha sala de estar indefinida. Mas Sheba não havia considerado o desconforto de ter um colega de trabalho para ver como ela vivia. Não pensei no que observei. Ela tinha aquela certeza absoluta e burguesa de que não havia nada de errado com sua sala, com seus móveis enormes e

danificados, com as roupas íntimas perdidas dos filhos.

Quando fiquei sozinho, virei-me na beirada do assento, aproveitando a circunstância para examinar os arredores com uma curiosidade menos inibida. Na parede estavam pendurados vários quadros — o tipo de pintura moderna, enigmática e abstrata que não me agrada — e um instrumento de madeira primitivo, possivelmente africano, que parecia cheirar mal se você chegasse muito perto.

As prateleiras abrigavam uma coleção de ficção que, embora não fosse ruim, era pouco inspirada e sugeria a poderosa influência das listas de "livros do ano" dos jornais. Era óbvio que não havia verdadeiros amantes da literatura naquela família. A lareira era um ponto de encontro para ninharias domésticas. Um desenho de uma criança. Um pedaço de plasticina rosa. Um passaporte. Uma banana madura.

A bagunça na casa era tanta que duvido que aguentasse. E, no entanto, havia algo de invejável naquela confusão. Quando você mora sozinho, seus móveis, seus bens sempre o obrigam a enfrentar a pequenez de sua existência. Você sabe com dolorosa precisão de onde vem tudo o que toca e a última vez que tocou. As cinco pequenas almofadas do sofá permanecem recheadas e inclinadas em seu ângulo casual por meses a fio, a menos que você as reorganize teatralmente. O nível de sal no saleiro diminui na mesma proporção insuportável, dia após dia. Sentado na casa de Sheba — olhando para a confusão de lixo de seus muitos habitantes — eu entendi o alívio que poderia advir de permitir que seus poucos pertences se juntassem aos de outras pessoas.

“Você é Bárbara”, disse uma voz. Olhei para cima e vi um homem alto, com cabelos grisalhos grossos e despenteados, parado na porta, olhando para mim através de óculos grossos. Olá. Eu sou Ricardo.

Sheba comentou que o marido era mais velho que ela; Eu não esperava que fosse tanto. Richard ainda não era o que poderia ser chamado de velho, mas também não poderia ser classificado como de meia-idade. Seus ombros já estavam dobrados como cabides obesos. O dorso das mãos apresentava aspecto brilhante e amarelado.

"Sheba falou muito bem de você", disse ele, vindo apertar minha mão. Ele usava o cinto muito apertado abaixo da barriga e havia uma intenção, notei então, em seu cabelo desganhado. Ele não conseguia se resignar a envelhecer. Acho que você é uma das poucas pessoas civilizadas em Saint George.

"Bem, eu não sei..." comecei a responder.

-Oh! ele exclamou, ignorando minhas objeções. Vejo que minha esposa te abandonou sem nem te oferecer uma bebida. Que monstro! O que você sente? —Ele esfregou as mãos e sorriu. Seus olhos, por trás dos óculos, tinham algo bulboso, parecido com o de um inseto. Uma imagem maliciosa veio à mente: sua velha boca enrugada no peito de Sheba.

—Qualquer coisa... O que você tem? -Eu perguntei por.

Richard acenou amplamente com os braços.

-De todo! Nesta casa bebemos muito.

"Bem, nesse caso... eu adoraria um xerez."

-Xerez? Um leve sorriso presunçoso apareceu em seu rosto. A sério? Uau, receio que você tenha vindo pedir exatamente o que não temos.

Ele foi até o armário de bebidas e começou a procurar.

Sheba voltou com as flores num vaso.

—Ah, você já se conheceu! -disse. Ele olhou para Richard com uma expressão preocupada e depois para mim. As crianças

cairão em breve. —Ele falou com uma alegria estranha e artificial. Certamente ela teve que persuadir o marido a aceitar minha visita, pensei. Isso explicaria a santidade afetada com que Richard me tratou. Na pequena economia do casamento, meu convite para jantar pendera consideravelmente a balança a seu favor.

“Meu querido”, disse Richard, colocando a cabeça para fora do armário de bebidas, “você sabe se temos xerez?” Bárbara pediu xerez.

“Não, sério”, protestei, “posso qualquer outra coisa.” Vinho branco...

-Já sei! Sheba exclamou. Tenho uma garrafa de marsala na cozinha. Eu uso para cozinhar. Quer um marsala, Bárbara?

-Claro. Mas por favor não se preocupe...

-Oh! —Sheba exclamou, olhando para meus pés—. Você se machucou.

Olhei para baixo e, com certeza, sangue escorria pelo meu tornozelo esquerdo; A tira da minha sandália absurda havia cravado na minha pele.

“Coitadinho”, disse Sheba. Os sapatos são novos? Vou procurar um curativo...

-Não, não se preocupe...

-Não seja boba. Volto em seguida. -Ele desapareceu.

Richard sorriu para mim, envergonhado.

“Oh, mulheres e sapatos de salto alto”, disse ele.

“Eles não são bordados”, protestei.

“Bash sempre insistiu em usar salto antes”, ela continuou. Até que um dia ele quebrou o tornozelo enquanto corria para pegar o ônibus. Aí eu me impus... Ha! Tal qual. Eu a fiz comprar

um par de tamancos.

Houve um breve silêncio.

“Nunca vi sentido em saltos altos”, continuou Richard. Eles devem criar uma posição sexualmente provocativa, não é? Assim você dobra a coluna, estica o bumbum. Como aqueles maravilhosos orangotangos com bundas roxas... — Ele fez uma pausa. Acho que vou preparar uma bebida enquanto esperamos pelo seu xerez.

Sheba voltou com a marsala e os emplastros. Ela estava acompanhada pela filha, Polly: uma garota de dezessete anos, bastante bonita e mal-humorada, com os cabelos cacheados do pai e o corpo esbelto da mãe.

“Polly, conheça Barbara, minha amiga da escola”, disse Sheba.

“Olá,” Polly cumprimentou bruscamente, me dando uma breve olhada. Ele apontou para a caixa de band-aids na mão da mãe. Para que servem?

“Bárbara cortou o pé”, respondeu Sheba.

Polly se virou para olhar meu tornozelo ensanguentado.

— Ugh, que nojento! -ele exclamou.

“Polly!” Richard murmurou em um tom vagamente desaprovador.

Sheba se aproximou e me deu um curativo junto com papel higiênico para limpar meu ferimento.

Polly afundou no sofá com um suspiro alto.

—Posso tomar uma vodca com uma rodela de limão, pai? - perguntado.

“Bem, tudo bem”, respondeu seu pai, em um tom casual de indulgência. Ele sorriu para mim e balançou a cabeça. Minha

filha, a alcoólatra.

"Então, Polly", eu disse enquanto tratava meu tornozelo, "você estará no ensino médio." Como está sendo o curso para você?

O sangue encharcou a primeira almofada de papel higiênico sem dar o menor sinal de que iria parar.

"Bom", Polly disse estupidamente, alisando o cabelo do braço.

"Polly!" —Saba disse.

-Que? Polly perguntou. O que eu deveria ter dito?

Notou-se que Sabá não sabia o que responder a tal resposta, ou talvez estivesse tentando evitar uma cena. De qualquer forma, ele não insistiu. Eu ri, para mostrar que não havia me ofendido. Embora, é claro, isso tenha me incomodado. Embora possa parecer incrível para uma mulher que passou toda a sua vida ensinando dizer isso, a verdade é que os jovens não são muito bons para mim. Na sala de aula me sinto muito seguro, pois lá as regras – sejam elas respeitadas ou não – estão claramente definidas. Mas em outros contextos me sinto totalmente perdido. Não consigo adotar o estilo de conversa informal e barulhento com a geração mais jovem que parece prevalecer ultimamente. Não sou uma pessoa informal. Não gosto de brincadeiras e piadas bobas. Com os jovens tenho tendência a ser rígido e desajeitado; e então, quando vejo que os aborreço, fico preventivamente frio e sombrio.

Richard me trouxe a bebida.

"Aqui, querido", disse ele, imitando brincando o sotaque rural do norte.

—Onde posso deixar isso? — perguntei, segurando a embalagem do band-aid e o papel com a mão fechada.

"Dê para mim", disse Sheba, pegando a bola manchada de sangue. Vou ver como está o jantar.

Justo naquele momento, passos pesados e apressados foram ouvidos na escada e de repente um menino gordinho e loiro entrou.

-Fugir! Fugir! Richard gritou, ajoelhando-se e esticando os braços. Ben está aqui! Fugir! Fugir! —O menino correu em sua direção, rindo. Richard o pegou e virou-o de bruços. Como está aí, Benno? —ele perguntou em tom brincalhão.

Sheba assistiu às palhaçadas com um sorriso. Polly, que estava bebendo a vodca que seu pai lhe servira, não ergueu os olhos.

—E agora, vejamos, você tem algum troco para mim, Benno? Richard perguntou, balançando a criança enquanto a segurava de bruços. Ben gritou de excitação quando moedas caíram de seus bolsos.

"Bem, é isso", disse Sheba. Não vamos ficar muito animados antes do jantar.

Richard soltou o menino.

—Tudo bem, Benno McBenjaboo, é hora de se comportar. O nome desta senhora é Bárbara. Ele veio jantar conosco.

"Olá", disse Ben. Ele se aproximou e apertou minha mão. "Meu nome é Ben", ele se apresentou. Eu estava com medo de que esse momento chegasse, caso eu perdesse alguma coisa estúpida ou não entendesse o que ele estava me dizendo. Mas nada aconteceu. Embora o menino tivesse a voz abafada e rouca de deficiente, ele foi perfeitamente compreendido. Você sabia que eu já tenho namorada? E com apenas onze anos.

"Não, eu não sabia", respondi.

-O nome dela é Sarah. Na próxima semana ele virá lanchar.

“Uau”, eu disse.

“Sarah é uma amiga da escola de Ben”, explicou Sheba.

“Não apenas um amigo, mãe”, objetou Ben. É minha namorada. Vamos dançar uma dança lenta juntos.

—Bem, veremos isso. Sheba levantou uma sobrancelha para mim. Aparentemente, os hormônios atacam cada vez mais cedo.

Ben a observou atentamente enquanto ela falava.

—O que você quer dizer, mãe? -perguntado-. O que são hormônios, mãe?

Jantamos todos juntos em torno de uma mesa redonda na grande cozinha do térreo. Sheba preparou um bolo de carne e uma salada. Richard abriu uma garrafa de rioja.

“Bash é o cozinheiro desta casa”, disse ele enquanto me servia vinho, “e eu sou o sommelier.”

No jantar, a conversa foi animada. Ben falou sobre uma recente viagem escolar ao Zoológico de Londres e todos nós ficamos maravilhados com suas imitações dos sons de vários animais. Sheba me pediu para contar a Richard sobre o último desastre em St. Albans e Richard riu alto. Ele ergueu as sobrancelhas quando defini Pabblem como uma versão londrina de Matthias Illich, de Turgenev.

—Então Turgenev, hein? “Bom, muito bom”, disse ele, como se marcasse a margem do meu ensaio com um sinal de aprovação. Então, como para me compensar por não ser completamente ignorante, ele começou a falar longamente sobre o livro que estava escrevendo. Aparentemente, tratava-se do preconceito direitista da mídia, mas quando mencionei isso a ele, ele gritou e disse que esperava que fosse “algo mais sutil”. Durante muito tempo ele tentou me fazer compreender

concretamente a forma insidiosa como os leitores dos jornais usam os verbos. Pareceu-me bobo. Mas, para preservar a harmonia, fingi que acreditava.

Houve apenas um momento difícil no jantar e não teve nada a ver comigo. Surgiu quando Sheba tentou fazer Polly comer um pouco mais e ela gritou para a mãe deixá-la em paz.

—Polly, você é rude. “Não vou permitir que você fale assim comigo”, disse Sheba em voz baixa.

“Então não mexa no que eu como”, Polly respondeu em voz alta e desafiadora.

“Eu não estava brincando com você”, protestou Sheba. Eu só queria ter certeza de que você não está morrendo de fome.

“Por favor, pare com isso, Bash”, Richard implorou.

Houve um silêncio tenso por um momento, que foi quebrado quando Richard disse:

—É complicado, não é, Bárbara? Pensa-se que os bons modos são a formalização da bondade e da consideração básicas, mas na maioria das vezes nada mais são do que estéticas disfarçadas de princípios morais, não acham?

“Ah, Richard...” Sheba disse.

-Não, é sério. Por outras palavras, é evidente que a cortesia para com os mais velhos nem sempre pode ser justificada pela sua sabedoria superior. O que acontece é que simplesmente não é “bom” para um jovem responder mal a uma pessoa mais velha. Esse não é o problema? O que você acha, Bárbara?

O que pensei foi que ele era um idiota pretensioso, mas guardei isso para mim.

“Bem, eu não sei...” comecei a dizer, mas Richard já havia perdido o interesse.

-Hora da sobremesa! —ele anunciou com uma voz brincalhona de barítono—. Vamos Bash, o que tem de sobremesa?

Houve sorvete de baunilha e bolo de chocolate.

“Receio que sejamos um daqueles que buscam gratificação imediata, Bárbara”, disse Richard, como se não tivesse medo disso, enquanto cortava grandes fatias de bolo para todos. Suas constantes explicações sobre hábitos familiares me incomodavam. Embora parecessem me receber bem, conseguiram ampliar a distância, como se dissessem: “Você nunca entenderia nossos modos pitorescos e elegantes”.

Depois da sobremesa, Sheba me levou para conhecer sua oficina de cerâmica no porão.

“Richard está muito impressionado com você”, disse ele enquanto me conduzia escada abaixo. Ele nunca conta a ninguém sobre seu livro.

Me esforcei muito para mostrar que me sentia muito honrado.

Chegamos a uma sala grande que cheirava um pouco a mofo. Foi pintado de amarelo claro e equipado com forno e roda de oleiro. As prateleiras nas paredes exibiam o trabalho de Sheba. Eu nunca tinha visto nada dela. Por alguma razão, quando me falava do seu trabalho, sempre imaginava pedaços de barro cozido, aqueles objetos ásperos bege-acinzentados que se vendem em lojas de presentes. Mas as peças que estavam lá não tinham nada a ver com isso. Eram delicados e românticos: tigelas com bordas como renda ou malha; urnas com alças em formato de animais e pássaros. Fileiras e mais fileiras de bandejas nas cores do arco-íris.

"Meu Deus, Sheba, seu trabalho é tão... fofo", eu disse.

-Oh céus.

—Não, não é gentil. Tudo isso é lindo. Quer dizer, quando penso em cerâmica, penso... não em coisas tão preciosas como estas. Apontei para uma grande tigela adornada com uma linha sinuosa de rosas amarelas e pardais azuis rechonchudos. Dê uma olhada neste. Tenho muita inveja de você ser capaz de fazer essas coisas. Me permite?

Ele assentiu.

-Avançar.

Eu peguei com cuidado.

-Como você fez isso? Essas cores... que habilidade! Eu amo esses pássaros.

"Fique com ele", disse ela.

Deixei a tigela onde estava.

-Não, de maneira nenhuma. Por favor, Sheba, eu não queria que você me desse nada. Te prometo...

—Não, eu já sei. Mas eu quero que você fique com ele.

—Ah, mas...

"Bárbara, não seja chata", disse ele com um sorriso. Fique com a maldita tigela.

É sempre difícil a transição da rejeição total para a aceitação humilde.

-Claro? -Eu perguntei por.

-Claro.

"Bem, muito obrigado", eu disse. Estou muito emocionado. Já faz muito tempo que não recebi um presente tão lindo, é lindo. Fiz uma pausa, sabendo que a estava entediando. "Polly é muito fofa", acrescentei, para mudar de assunto.

"Sim", Sheba sussurrou. Ele abriu duas cadeiras dobráveis que estavam encostadas na parede e fez sinal para que eu sentasse em uma delas.

Achei que não ia falar mais nada sobre Polly, então comecei a procurar outros assuntos. Mas assim que abri a boca para comentar como o porão estava silencioso, Sheba começou a falar novamente.

"Ninguém esperava que Polly se saísse tão bem", disse ele. Ela ficou bonita de repente, quando tinha oito anos. Antes era muito feio. Um ratinho. As pessoas sempre me disseram gentilmente que eu era muito "robusto". Eu nunca me importei. Sua feiúra me fez amá-la mais. Nos primeiros dois anos de vida ele foi praticamente incapaz de se desapegar. Eu a levava para todos os lugares, como se estivesse carregando uma criança rainha em sua ninhada triunfal. —Ele fez uma pausa—. Acho que é bom que as crianças se tornem adolescentes difíceis. Os sentimentos que despertam quando crianças são muito intensos, muito avassaladores para serem capazes de mantê-los.

"Então Polly é um pouco difícil?" -Eu perguntei por.

Sheba olhou para mim com ironia.

—Você não precisa fingir, Bárbara. Sim, Polly é um verdadeiro tormento. É preciso sempre adotar uma "postura" em relação a tudo: ao vegetarianismo, ao feminismo. Todas essas coisas. E se você não os compartilhar com ela, ela não aceitará isso.

Eu sorri.

"Ela está sempre rejeitando meninos porque eles não têm consciência política suficiente ou porque são 'sexistas'", continuou Sheba. "Você não acha que uma garota que pode rejeitar um pretendente por esses motivos é um pouco dura? "

Ou talvez apenas falta de imaginação? Quer dizer, com certeza aos dezessete anos você pode gostar de alguém e pronto, certo?

Dei de ombros.

—Todos são como são.

“Eu era muito mais tolo e inocente na sua idade, eu sei”, disse Sheba. E certamente muito mais vulneráveis. Mas eu me diverti mais, eu acho. Fiquei tão animado com tudo! Eu queria tanto ser adulta! À noite, na cama, praticava as brincadeiras que faria com meus futuros namorados. Ele tinha toda uma coleção de amantes imaginários. O cowboy, o médico, o xeque árabe. Eu era o orgulhoso e rebelde do harém do xeque. Aquele que tinha “coragem”... —Ele riu—. Quando penso em tudo isso, quase sinto pena de Polly. Você entende? Ou seja, com que homens você sonha? Com os líderes distritais da SPCA? —Ele parou de repente, como se estivesse envergonhado por ter se deixado levar pelo assunto. Após uma pausa, ele disse: “Bem, isso não importa”. A questão é que os adolescentes dão muito trabalho. Você já sabe.

Eu balancei a cabeça.

—Ei, e onde você aprendeu a fazer essas coisas? Eu perguntei, apontando para seu trabalho. Você estudou arte em algum lugar?

Ele sorriu com certo langor.

-Na verdade, não. Fiz um curso introdutório em Saint Martin. Mas então conheci Richard (ele era um dos meus professores) e nos casamos.

—Ah, você devia ser muito jovem.

—Sim, eu tinha vinte anos. E ela nem estava grávida. Ele me propôs e achei uma boa ideia. -Sério-. Sempre tive muito

medo de sair para o mundo. Disse a mim mesmo que era muito subversivo da minha parte fazer algo tão convencional.

—E o que seus pais disseram?

—Eles ficaram horrorizados, principalmente meu pai. Ele disse que não me criou para ser uma dona de casa boba. Depois que nos casamos, ele continuou insistindo para que eu encontrasse um emprego. Tentei várias coisas para agradá-lo. Fiz um curso de digitação e vários biscates. Fui trabalhar com um de seus amigos, em uma instituição de caridade para moradores de rua, mas eles me demitiram porque eu não era eficaz o suficiente. Depois estudei docência. E então eu engravidei. Meu salário de professora não cobriria o custo de uma babá, então acabou. Sempre disse que iria trabalhar quando Polly tivesse cinco anos. Mas logo depois do aniversário dele, engravidei novamente. E então descobriu-se que Ben era... era Ben. E até o ano passado, quando finalmente conseguimos colocá-lo em uma boa escola, não voltei a considerar a questão do trabalho. —Ele esticou o queixo—. E isso e tudo. Agora você sabe por que não fiz nada na minha vida.

-Como pode dizer isso? —Protestei—. Você tem dois filhos lindos. Ben é maravilhoso. Você não pode se arrepender de ter dedicado sua energia a isso. Resumindo, criar dois filhos, e um deles com deficiência, é ter feito muito, muito mesmo, na vida. Sem dúvida, muito mais do que você teria conquistado com uma carreira.

Sheba assentiu com impaciência.

-Sim, eu sei. Isso eu já sei. E acredite, eu me permito deleitar-me em particular com minha maternidade altruísta. Mas criar filhos não é a mesma coisa que... Não pode dar a mesma satisfação que fazer as coisas lá fora. O que quer que

você diga, é uma pena nunca ter feito nada de interessante, ter vivido em uma escuridão tão absoluta.

Eu estava murmurando uma objeção quando ele me interrompeu:

—Bárbara, me desculpe, não quero abusar de você, mas posso te pedir um conselho sobre um determinado assunto? Sinto uma grande necessidade de falar com alguém agora. Eu tenho um problema. Na escola.

Balancei a cabeça vigorosamente, tentando me mostrar digna de sua confiança.

-Que...?

"Bem..." Ele deu um tapinha no cabelo nervosamente. Este é um dos alunos. Na verdade, é aquele garoto com quem você me ajudou no último trimestre.

-Qual rapaz?

—O loiro, Steven Connolly.

-Ah sim.

Ele passou a me dar uma versão expurgada do relacionamento deles. Eles eram amigos, ele disse. Ele se interessava por arte e ia vê-la frequentemente depois da aula para conversar sobre seus desenhos. Ela lhe mostrara um pouco de cerâmica. Mas ela percebeu que o garoto estava se apaixonando por ela e ela não sabia o que fazer. Quando perguntei por que ela estava desconfiada, ela hesitou, como se estivesse envergonhada. E então ela disse que na semana anterior, quando ela estava saindo da escola, Connolly a abordou na rua e tentou beijá-la.

Apesar de todas as omissões, foi uma longa história, que incluiu digressões detalhadas. Ao ouvi-la, tive a impressão de que ela tentava ser muito, muito escrupulosa e precisa. Várias

vezes ele parou para se corrigir sobre assuntos sem importância relacionados ao momento exato em que ocorreu uma conversa ou às palavras com que uma vez o cumprimentou. Era quase como se ele estivesse fazendo um boletim de ocorrência.

—Que dia exatamente ele te atacou? — perguntei quando ele terminou.

"Ah, não, não foi um ataque..." ele disse.

-Bem, tanto faz. Quando fui?

-Esta quinta-feira.

—Você o viu ou falou com ele desde então?

—Ele veio algumas vezes à minha oficina, mas eu o expulsei.

Pensei um pouco.

"Se a situação for realmente como você a descreve", eu disse, "parece-me que o que você deve fazer é bastante óbvio. O menino está assediando você e você tem que detê-lo. Você deve informar o diretor imediatamente e pedir que ele seja punido.

Sheba olhou para mim, horrorizada.

-Ah não! -ele exclamou-. Não, não, eu não conseguiria...

—Mas o garoto tentou te beijar. Isso é muito sério.

"Não, não, Bárbara", disse ele. Eu lhe dei a impressão errada. Ele é um menino inofensivo. Quando eu digo que ele queria me beijar, você deve entender que foi algo muito doce, romântico, nada agressivo, e assim que protestei ele parou. É que ele se apaixonou. Não faria bem a ninguém fazer disso um motivo de punição.

Nós dois permanecemos em silêncio por um momento.

—Sheba, preciso te perguntar. Você tem sentimentos por aquele garoto?

Ele corou.

—Pois sim. Mas... você quer dizer se eu gosto ou algo assim? Por Deus, claro que não. Em absoluto. Cai-me bem. Isso é muito bonitinho. Só que, bem, não sei como lidar com isso sem machucá-lo.

Eu balancei a cabeça.

"Vou lhe contar uma coisa que você não vai gostar", anunciei. Você é novo neste jogo e tem muitas ideias valiosas, mas não práticas, sobre seu papel como professor. O fato é que não faz parte do seu trabalho ser amigo dos alunos. Quando você confunde os limites do contrato entre professor e aluno, quando tenta ser gentil, amigo e "um deles", na verdade está prestando um péssimo serviço a eles. Não pretendo saber exatamente o que há de errado com aquele garoto, mas parece bastante óbvio que ele é muito apegado a você. Eu recomendo fortemente que você informe o diretor. Do contrário, você deve pelo menos deixar claro para o cara que está disposto a fazer isso. Você deve dizer a ele, com firmeza, que não deverá haver mais reuniões entre vocês.

Sheba assentiu vigorosamente enquanto falava. Quando terminei, ele disse com muito fervor e determinação:

—Você está certo, você está certo. Bárbara, farei exatamente o que você diz. Eu tenho sido muito estúpido. Mas de agora em diante serei muito rigoroso. Eu prometo.

Ele foi até um armário, tirou um jornal velho e começou a embrulhar minha tigela. Interpretei isso como um sinal de que nossa conversa havia terminado e me levantei.

"Estou tão feliz por ter falado com você, Bárbara", disse ele,

entregando-me a tigela. Esse problema tem me atormentado a semana toda. Eu sabia que você me diria o que fazer. Você deve pensar que sou muito estúpido...

Balancei a cabeça e então — com alguma hesitação, porque demonstrações de afeto não são meu forte — dei um tapinha no ombro dele.

—De jeito nenhum, de jeito nenhum. Estas são questões difíceis para um novo professor. Estou tão feliz que você falou comigo sobre isso.

Quando cheguei ao fim da escada, me virei para ela.

—Desculpe perguntar, mas você contou para mais alguém?

-Não.

"Nem mesmo Sue?"

-Não. Porque?

—Só pensei que não seria conveniente você contar a ele. Não é que ele seja uma pessoa má, mas ele não é... —eu ri—. Ela pode ser um pouco estúpida, você não acha?

Sheba assentiu.

-Tem toda a razão. Não vou falar sobre isso com mais ninguém.

Muito mais tarde, quando Sheba finalmente me contou a verdade sobre seu relacionamento com Connolly, quando descobri tudo o que ela havia deixado de fora dessa estranha e falsa primeira confissão, fiquei muito zangado. Não entendi por que ele se preocupou em dizer pela metade uma verdade tão radicalmente comprometedora. Apenas duas noites antes de me convidar para ir a sua casa, ele estava com Connolly em um parque público. Ele gostou de fingir que confessava para mim? Ou ele me deu essa versão inocente do relacionamento deles

para contrariar qualquer suspeita entre os professores de que poderia haver algo pior?

No início, eu estava disposto a atribuir as piores motivações possíveis ao seu engano. Mas com o passar do tempo, as teorias mais melodramáticas perderam credibilidade. É uma loucura dizer que uma adúltera de meia-idade é inocente, mas há algo fundamentalmente inocente em Sabá. Escusado será dizer que ele é capaz de cometer qualquer tipo de pecado. Mas ela não é uma intrigante. Ele não tem a astúcia necessária para tramar e tramar, pelo menos não de forma sustentada e arriscada. No momento, estou mais inclinado a ver sua primeira explicação como o tipo de semiconfiança que as crianças pequenas demonstram quando querem tirar o peso de um segredo de seus ombros, mas não estão dispostas a assumir as repercussões de revelá-lo completamente. . Acho que lá embaixo na oficina do porão ele queria muito contar tudo, só faltou coragem. O olhar nervoso que naquele momento tomei por preocupação geral era, na verdade, um desejo frustrado de absolvição.

No andar de cima, as crianças tinham ido para seus quartos e Richard estava na cozinha fazendo café. Sheba e eu fomos sentar na sala e logo depois Richard apareceu com café em uma bandeja. Ele fazia muito barulho: tocava trompete e usava um bule de chá na cabeça. Disso e pela excessiva efusividade com que Sheba lhe agradeceu, deduzi que as contribuições de Richard para o bem comum não eram muito frequentes.

Nós três ficamos conversando por cerca de três quartos de hora. A conversa girou basicamente em torno dos nossos planos para o verão. Richard e Sheba iriam passar um mês na Provença.

“Vamos todos os anos”, explicou Sheba. Minha família tem uma casa; Bem, na verdade é uma cabana que meu pai

comprou há mil anos por quatro dólares. É muito primitivo, mas bonito. É perto de Avignon, caso isso lhe diga alguma coisa.

Mencionei que estava planejando ir a Madri, e Richard, que esteve na Espanha quando jovem, me deu muitas sugestões sobre o que eu deveria visitar e ver enquanto estivesse lá. Às dez e meia, era hora de partir.

No caminho para casa, parei no LoPrice, o supermercado que fica no final da minha rua, para comprar um litro de leite e pão para a manhã seguinte. Quando fui pagar, o homem à minha frente na fila colocou suas compras na esteira com meticulosidade constrangida: um pote de café instantâneo, um único pãozinho Kaiser com uma mancha na crosta, uma lata de atum, um grande pote de maionese, duas caixas de lenços de papel. Pensei na exuberância casual da casa dos Hart. Certamente nunca fizeram compras em supermercados caros e pouco saudáveis como esse. Não, eles aproveitariam a economia de escala e fariam alegres passeios em família ao armazém central do Sainsbury's, em West Hampstead. Imaginei-os correndo pelos corredores, jogando pacotes baratos de papel higiênico em carrinhos e gritando: "Quanto custa o arroz, querido?" O homem na fila observava atentamente a caixa enquanto ela registrava suas compras. Ao chegar em casa, preparava seu triste sanduíche de atum e sua xícara de café insípido. Eu comia em frente à televisão, como fazem os solteiros. E então ele recorreria ao seu abundante suprimento de lenços de papel... para quê? Choro? Espirrando? Masturbação?

Houve uma pequena confusão quando o caixa cometeu um erro e incluiu meu pão e leite na compra do homem. "Não, não", o homem murmurou, com raiva. Dando-me um olhar zangado, ele agarrou a barra de metal e colocou-a violentamente na esteira para separar meus itens dos dele.

Percebi que os solitários se desprezam. Eles temem que lidar com pessoas como eles exacerbe sua estranheza. Quando Jennifer e eu fomos juntos para Paris, em Heathrow vimos um funcionário de uma companhia aérea perguntando qual era o destino de duas pessoas muito gordas na fila do check-in. Acontece que os dois homens gordos não eram um casal, e a sugestão de que poderiam ser era horrível. Separando-se, os dois gritaram em uníssono: "Não vamos juntos!"

Eu entendi seu horror. Até Jennifer e eu às vezes sentíamos um certo desconforto por causa da impressão que causamos juntos. Sozinhas, não corríamos o risco de atrair atenção – na verdade, éramos invisíveis – como costuma acontecer com mulheres comuns com mais de quarenta anos. Mas sempre suspeitei que, juntas, éramos um tanto cômicas: duas senhoras claramente sem marido saindo para uma caminhada. Um único show em um teatro de variedades.

Por um momento tive vontade de gritar com o homem do LoPrice: dizer-lhe que eu não era nada parecido com ele, que tinha amigos, que acabara de chegar de um jantar em agradável companhia na casa de uma família. Mas é claro que não. Apenas abaixei a cabeça e fingi procurar alguma coisa na minha bolsa até que ele saiu para a rua.

Mais tarde, na cama com uma xícara de chá e *Portia*, pensei naquela noite com alguma satisfação. Apesar do tornozelo sangrando, achei que ele tinha feito um bom trabalho. Fui educado e correto com as crianças. Eu me dei bem com o marido. E quando Sheba me pediu conselhos, respondi com sabedoria e compreensão. A gratidão de Sheba era evidente.

Como eu estava enganado! Mas como ele estava feliz!

Sete

PARA No início da aventura, a principal preocupação dos amantes era, penso eu, os locais de encontro: onde se pudessem ver, onde pudessem fazer isso. Por falta de alternativa mais agradável, eles voltaram várias vezes a Hampstead Heath. (Sheba não sabe o número exato, mas estima que foram pelo menos vinte.) Essas relações sexuais ao ar livre perturbaram muito a imprensa, mas, apesar das insinuações obscenas dos jornalistas, Sheba e Connolly não sentiram que seus encontros ao ar livre acrescentassem erotismo. Aparentemente, não é fácil brincar com total abandono na terra úmida de um parque londrino. Nas tardes do início de abril fazia tanto frio que Sheba perdeu a sensibilidade nos lábios e nas mãos. E mesmo em uma época mais amena, por causa do medo de insetos e excrementos de cachorro, era impossível relaxar. Certa vez, um homem apareceu na clareira onde Sheba e Connolly estavam amontoados. Sheba se assustou e gritou, e o homem também gritou e fugiu. Connolly então tentou tranquilizar Sheba, garantindo-lhe que o homem não voltaria. Mas ela não se deixou convencer e a tarde desperdiçou.

Sheba soube mais tarde que ela e Connolly haviam se estabelecido sem saber na área do parque frequentada por homossexuais. O homem que os surpreendeu não era um *voyeur*, mas um libertino gay em busca de uma conquista. De qualquer forma, o episódio perturbou Sheba a ponto de marcar

a próxima consulta na oficina da escola. Ele trancou a porta e fechou as cortinas, é claro, mas o pessoal da limpeza, que trabalhava em horários imprevisíveis, tinha as chaves da sala de aula. O risco de ser surpreendido era alto.

É difícil, digo-vos, interpretar tal falta de cautela se não for como uma obsessão sexual. Mas Sheba discorda. Ele diz que tal declaração dá ênfase indevida ao aspecto carnal de seu relacionamento com Connolly. Diante da vulgaridade implacável da imprensa, numa reação defensiva, ele teve a necessidade de elogiar o relacionamento. Ela quer que se saiba que ela e Connolly não estavam apenas envolvidos em “travessuras ilícitas” e “sessões de sexo”. Eles estavam *apaixonados*. Logo após o escândalo estourar, um jornalista *dominical Express* encurralou Connolly na frente de sua casa e perguntou o que o atraiu em seu professor. Connolly, naquela que foi sua única declaração pública sobre o caso até o momento, respondeu: “Gostei dele, ok?” Imediatamente depois, sua mãe o colocou no táxi do pai, que o esperava. A frase ficou famosa. Entendo que se tornou uma espécie de slogan humorístico na mídia. Para Sheba, porém, é muito humilhante. Quando leu pela primeira vez o que Connolly havia dito, pareceu-lhe que estava denegrindo intencionalmente o relacionamento: negando seus verdadeiros sentimentos para satisfazer as expectativas grosseiras da imprensa. Então ele o perdoou. (Ele não sabia que efeito isso teria, diz ela.) Mas o encontro em si - e a percepção generalizada de que o relacionamento deles era como a parte indecente daquelas comédias trash dos anos 1960 nascidas da revolução sexual - continua sendo uma questão muito espinhosa. .

Em raras ocasiões ele admite que os dois só tiveram tempo de fazer amor rápida e rapidamente antes de se separarem novamente. Mas essas reuniões foram insatisfatórias para

ambos, diz ele. Eles estavam sempre em busca de oportunidades para “realmente” estarem juntos. Connolly tinha um pager e toda vez que Sheba via que ela tinha um momento livre que não havia planejado, ligava para ele. Era difícil ir a lugares como um casal normal sem levantar suspeitas nas respectivas famílias, mas eles conseguiram isso em pelo menos três ocasiões.

Uma vez eles foram à Galeria Nacional de Retratos. Outra, para um restaurante das Índias Ocidentais em Hammersmith. (Sheba fez Connolly comer cabra pela primeira vez.) Na terceira vez, por motivos não relevantes, eles visitaram Hampton Court. Em cada uma dessas saídas, eles pegavam um táxi, diz ela, e sempre soltavam risadas histéricas de alívio quando, quando o taxista parava, viam que ele não era o pai de Connolly. Uma vez lá dentro, eles se amontoaram em um canto e fingiram que o motorista não os viu enquanto tateavam e ofegavam até chegarem ao seu destino.

Percebo, pelo que Sheba me contou, que esses encontros, depois de aparentemente divertidos, foram bastante tensos para ela. Na sala de aula ou no parque com Connolly, Sheba podia acreditar que seu amor era lindo, proibido: algo doce e saudável e, em circunstâncias ligeiramente diferentes, perfeitamente viável. Mas quando estava na rua, não teve escolha senão reconhecer o quão radicalmente estranhos eles eram como casal. Certa vez, enquanto caminhavam juntos pela Saint Martin's Lane — em sua visita à National Portrait Gallery —, ele teve um vislumbre do reflexo ondulado dos dois na vitrine de uma loja. Demorou um pouco para ela se identificar e entender que a dona de casa ossuda de meia-idade que segurava a mão do filho adolescente era na verdade ela.

Aparentemente, no restaurante de Hammersmith, Connolly pediu uma mistura terrível para acompanhar seu curry. Sheba

sugeriu que seria melhor um refrigerante ou uma cerveja, mas ele não desistiu: queria uma cuba libre. Ela não insistiu. Ele não poderia ensinar o menino sobre os perigos das bebidas alcoólicas, pareceu-lhe, quando estava prestes a levá-lo ao parque para brincar com ele.

No início do relacionamento, Sheba começou a comprar roupas íntimas: roupas de náilon floridas feitas para meninas da idade de Polly. Ela as guardava no fundo da gaveta de calcinhas e só as vestia quando sabia que veria Connolly. Certa vez, diz ele, enquanto olhava para o balcão de tangas no porão barulhento de uma loja da Oxford Street, ele olhou para cima e viu Diana Selwood, esposa de um dos colegas de Richard, se aproximando. Diana estava com sua filha adolescente, Tessa. Sheba se afastou do balcão e cruzou os braços. Ele cumprimentou Diana e eles conversaram um pouco sobre seus filhos e maridos. Então Diana olhou para o balcão.

"Uau, Sheba", disse ele. Eu tiro meu chapéu para você. Faz anos que não me preocupo com roupas íntimas bonitas. Como diabos você usa essas coisas?

"Bem, não faço ideia", respondeu Sheba, olhando para os tecidos floridos com uma expressão confusa. Para falar a verdade, pensei que fossem lenços de cabelo.

Naqueles primeiros meses, Connolly não parava de bajular sua beleza: acariciando-lhe os cabelos, passando o bracinho atarracado em sua cintura, maravilhando-se com o quão magra ela era. Encorajado por sua adoração, Sheba começou a se maquiar mais. Os cosméticos nunca significaram nada para Richard, mas Connolly reagiu ao artifício da maneira mais gratificante. A primeira vez que Sheba apareceu em um de seus encontros com lábios vermelhos brilhantes e *kohl* nos olhos, seu queixo caiu.

-O que está acontecendo? ela perguntou. É por causa da pintura de guerra?

"Você parece uma modelo", sussurrou Connolly.

O caso não teve nenhum efeito adverso imediato em seu casamento, afirma ela. Na verdade, a princípio seu relacionamento com o marido foi beneficiado. Nas noites em que chegava tarde em casa, depois dos encontros com Connolly, ele se lembra de ter ficado impressionado com o carinho que sentia por Richard. Quando ela recolhia a roupa de baixo que ele havia deixado no chão do banheiro, ou quando tirava o rolo de fio dental da mão dele quando ele adormecia, ela não se sentia chateada ou culpada: simplesmente grata pelo fato cativante de que seu marido existia. Foi reconfortante, depois dos encontros estranhos e frios no parque, deitar-se na cama de casal quentinha: sentir o corpo de Richard mover-se sonolento para abraçá-la. Quando ele queria fazer amor, ela sempre se submetia sem protestar. Então não foi tão terrível para ela, explica ela, passar de amante para marido na mesma noite. Parecia bastante natural para ele. Ele sempre tomava banho antes de dormir. E nesse sentido ela ainda gostava de Richard. Essas coisas não desaparecem simplesmente, diz ele.

Oito

É sábado de manhã e estou sozinho em casa. Se eu for **E** disciplinado e não sair para comprar a impressora, poderei escrever por pelo menos três ou quatro horas antes de Sheba voltar. Hoje é hora de ver Ben. Nas últimas duas semanas, Richard insistiu que ela fizesse suas “visitas”, como ele as chama, em Hampstead, na casa dos Beckwith, velhos amigos dos pais de Sheba. A razão oficial para esta mudança é que é mais conveniente para Richard levar Ben para lá, mas a verdadeira razão, suspeito, é que isso salva Richard de encontros desagradáveis com Sheba. Sempre tente sair da casa dos Beckwith bem antes da chegada de Sheba.

E agora, para trabalhar. Já devia ter começado há algum tempo, mas tive que ligar para a mãe da Sheba para pedir dinheiro e aquela pequena tarefa acabou demorando três quartos de hora. Como Sheba não mora mais com Richard e não trabalha, sua única fonte de renda é o valor mensal que recebe do fundo de investimento da família Taylor. É uma ninharia: mal dá para cobrir a lista de compras, muito menos os extras. Neste momento, Sheba precisa urgentemente de sapatos novos. E mais cedo ou mais tarde ele também terá que comprar roupas para o julgamento. Ela certamente não pode aparecer ao juiz com uma de suas roupas hippie transparentes.

Mas a Sra. Taylor não se importa muito com essas coisas. Quando terminei de explicar o motivo da minha ligação, ele soltou uma risada desagradável.

—Seba sabe que você me ligou? -perguntou-. Porque ela vai te dizer, querido, que não tenho o hábito de subsidiar o guarda-roupa dela.

"Ei", respondi, "Sheba anda por aí com buracos nos sapatos." Também não estou pedindo dinheiro para frivolidades. Você ainda é a mãe dele, certo?

"Ah", ela disse com uma risada, "obrigada por me lembrar." Vamos ver se eu entendo. Você é responsável pelo orçamento de Sheba? Bem, que prático. Você também gostaria que eu comprasse um novo par de sapatos para você?

—Sra. Taylor, posso me sustentar perfeitamente, obrigado. Trabalhei durante quarenta anos como professor e posso assegurar-vos que a minha pensão de reforma, embora não seja nada de outro mundo, é suficiente e mais do que suficiente para as minhas necessidades.

Isso a silenciou. Depois de muita pigarro e hesitação, ele finalmente disse que me enviaria um cheque na próxima semana.

É difícil acreditar que as coisas chegaram a este ponto: Sheba correndo como uma mendiga, sua mãe e Richard tratando-a como uma fedorenta. Quando a conheci, Sheba parecia insuperavelmente feliz, um prodígio moderno de contentamento. A vida dela com Richard — os jantares, as férias na França, a casa cheia de colegas, filhos, ex-esposas e amigos da família — era assunto para as seções "Sociedade" dos jornais. Um movimentado passeio em grupo estava sempre no horizonte: um piquenique no Regent's Park, uma caminhada pelo Cemitério de Highgate, uma visita ao Bethnal Green Children's Museum. Quase nunca via Sheba sozinha. Uma tarde, quando Richard levou Ben à piscina, Sheba e eu fomos à exposição Dürer. E outra vez ele tirou um retrato meu na oficina

enquanto Ben e Richard jogavam Banco Imobiliário no andar de cima. (Eu estava com a Rádio 4 ligada, eu me lembro, e Sheba me disse, enquanto franzia a testa sobre o cavalete, que ela tinha "ossos tremendos".) Mas eu era quase sempre forçado a compartilhá-la.

Lembro-me que no início da nossa amizade ele me convidou para o aniversário de 12 anos de Ben. Fui esperando algo parecido com as brincadeiras da minha infância em que era preciso pendurar o rabo no burro, mas quando cheguei encontrei a porta da frente escancarada e a casa cheia de pais reclinados nos sofás, bebendo vinho e ouvindo os discos de jazz de Richard. "Oh, olá", eles disseram lentamente quando entrei. Uma multidão havia se reunido perto da porta da cozinha e, quando olhei, vi Richard lá dentro, deitado sobre a mesa. Sheba, ao lado dele, vestida com bata cirúrgica e máscara, estava "operando" ele para entreter os dez meninos e meninas entusiasmados sentados diante dela. "E agora", disse ele com um forte sotaque alemão, "removemos os olhos." Vou deixar você examiná-los brevemente. Por favor, entregue-os ao seu vizinho assim que terminar. As crianças se contorceram e gritaram quando duas grandes uvas descascadas foram entregues a elas. "Espero que todos tenham lavado as mãos", acrescentou Sheba. Ah não? Bem, não importa... Oh, querido! Olha, minha colaboradora Barbara Babinski chegou. Venha, Bárbara, preciso que você me ajude a remover o fígado.

Achei inebriante ver-me incluído naquela estridente domesticidade. Não foi uma felicidade perfeita. A felicidade perfeita teria sido outra coisa. Mas ainda assim, como me diverti! Certa vez, Jennifer me contou sobre um templo hindu em uma área remota do sul da Índia que ela visitou quando era estudante. Pareceu-lhe fantástico — impossível — que tais cenas de adoração ocorressem no mesmo planeta da sua vida

prosaica em Barnstaple. Ao retornar à Inglaterra, sempre que se lembrava das mulheres em seus sáris mergulhando nas águas turvas da piscina do templo e acendendo incenso para Ganesh, ele quase acreditava que era fruto de sua imaginação. Foi isso que senti em relação à casa de Sheba. Quando voltei para o carro depois de passar uma noite lá, tive que lutar contra o instinto infantil de me virar para verificar se a casa ainda estava no lugar: se não havia desaparecido, como uma ilusão mágica. Mais tarde, deitado na cama, tentei imaginar os Harts se preparando para dormir: cada membro da família entrando e saindo do banheiro, o som das escovas de dente, os gritos nas escadas, as risadas e, finalmente, a agitação que gradualmente morreu até que os únicos sons na casa eram o farfalhar das folhas e o farfalhar das páginas de um livro ao serem viradas. Mais cedo ou mais tarde, senti descrença. Isso foi pura ilusão, certo? Certamente a família deixou de existir quando eu não estava presente, não é?

Eu apostaria qualquer coisa que Sheba era fiel a Richard. Claro, o casamento não foi perfeito. Richard tratou Sheba com condescendência, assim como tratava a todos. E sempre que estava cansado demais, ou sentia que estava temporariamente fora dos holofotes, ou tinha uma de suas opiniões questionada com muita veemência, ele tendia a cair em uma infantilidade irascível. (Ele era como o rei das rimas de AA Milne: não era exigente, mas gostava de um pouco de manteiga no pão.) Sheba era observador demais para não notar essas falhas. Mas para ela, a maldade e a vaidade de Richard eram elementos essenciais de sua inteligência: os traços imperfeitos de seu caráter que lhe conferiam emoção e o tornavam "humano". Ele cresceu com um pai como Ronald Taylor. Ela havia assumido de forma mais ou menos instintiva as regras de comportamento típicas da criada de um homem importante e pomposo. Quando o comportamento de Richard inspirava reações hostis em outras

peessoas, parecia realmente magoá-la.

Certa vez, depois de um jantar em que ele se mostrou especialmente desagradável e falante, ele me levou para a cozinha.

"Por favor, não o odeie, Bárbara!" -sussurrar. Eu estava um pouco bêbado.

"Eu não o odeio", respondi.

"Eu sei que ele pode ser um idiota", continuou ele, "mas no fundo ele é um homem encantador". Ele teve uma vida muito difícil. Você sabia que sem óculos ele é legalmente cego? A mãe dele era uma mulher terrível e não comprou para ele os óculos que ele precisava quando criança, e quando o hospital lhe receitou um tapa-olho para o olho esquerdo, ela não o obrigou a usá-lo... Ei, isso não tem graça .

Sorri ao pensar nos discursos de autopiedade de Richard contra sua mãe.

"Não acho que seja engraçado", eu disse.

"Você certamente não deveria acreditar", disse ele. Peço-lhe que o perdoe quando ele se comporta como um palhaço. Na verdade, é adorável.

Lembro-me de que certa vez ele lamentou com certa melancolia ter se casado cedo demais. Mas ele sempre teve o cuidado de não acusar Richard. Se ela tivesse perdido oportunidades, não era culpa de ninguém, mas dela, ela insistiu. E se o casamento dela estava indo tão bem, era graças a Richard, disse ela. Ele a tornou uma pessoa "muito mais legal". Ele a ajudou a "crescer". "Richard já passou por isso uma vez", ela me disse, "então ele sabe muito mais sobre a vida de casal do que eu."

Certa vez sugeri que ele comercializasse suas peças de

cerâmica.

"Você poderia vendê-los para lojas de departamentos", sugeri. Eles causariam furor.

"Não, não", respondeu ele, descartando a ideia, "para fazer algo assim, abrir meu próprio negócio, deveria ter começado muito antes".

"Bem, não é tarde demais", argumentei. Você também não é uma velha, hein.

Ele balançou sua cabeça.

—Não, não sou muito velho. Mas já é tarde. Sempre foi. Há alguns anos, por causa de tudo que pensei ter sacrificado por minha família, comecei a me sentir indignado e justo. Tive a impressão de que se não tivesse conhecido Richard, e se não tivesse sido sepultado no casamento tão jovem, teria feito coisas brilhantes, criado grandes esculturas, viajado pelo mundo, ou algo assim. Uma noite eu até disse a Richard que ele havia "matado minha imaginação". Meu Deus! E no final ele ficou tão farto das minhas reclamações que trabalhou no porão e transformou-o em oficina para mim. Ele até concordou com um novo horário com a babá, só para que eu pudesse passar três tardes por semana sem Ben. Deu muito trabalho e custou muito dinheiro que não podíamos pagar.. E sabe o que aconteceu? Depois de tudo isso eu também não fiz nada. Bem, eu fiz algumas bandejas muito fofas. Até algumas esculturas. Mas eles eram inúteis. Na maior parte do tempo eu assistia novelas e tirava cochilos. -Sério-. Acontece que Richard e as crianças não estavam me impedindo de fazer nada. O oposto. O casamento, no meu caso, tem sido um disfarce maravilhoso para o que é realmente a minha falta de dinamismo.

"Você é tão duro consigo mesmo", eu disse. Você não sabe o que teria acontecido se você não tivesse se casado. O fato é

que é verdade que você perdeu a juventude.

Sheba balançou a cabeça novamente.

-Não não não. Na verdade, acho que estar com Richard me permitiu prolongar artificialmente minha juventude. Consegui continuar sendo uma menina, você não vê? Ao longo da minha vida adulta sempre fui a mais nova, a menininha do grupo. Nossos amigos, nossa vida social tem sido com pessoas da geração de Richard, não da minha. Envelheci sem perceber, imaginando que ainda era a linda menina do papai. Há alguns anos, de repente olhei em volta e percebi que todas aquelas pessoas que eu havia secretamente descartado como sendo mais velhas – velhas como Richard – tinham na verdade a minha idade. Em muitos casos, ele era ainda mais jovem. Richard me protegeu de ter que enfrentar minha própria idade.

E quando ela falou assim comigo — quando ela disse todas as outras coisas boas e amorosas sobre Richard e sua família e sua vida adorável e cheia de luz em Highgate — ela e o menino já estavam envolvidos. É incrível. Depois daquela primeira conversa no porão, o nome de Connolly só apareceu uma vez. Perguntei se ele havia resolvido o problema com ele e ele respondeu casualmente que havia seguido meu conselho. Ele havia “cortado o problema pela raiz”, declarou. Em retrospecto, parece bobagem da minha parte ter aceitado essa resposta tão facilmente. Por que eu nunca me preocupei em perguntar como exatamente ele se livrou disso? Mas naquela época Connolly era um personagem muito secundário na minha consciência. Se ela alguma vez pensasse nele, ele era como uma irrelevância: uma pequena partícula que havia sido introduzida por engano na atmosfera mágica de Sheba e devidamente expulsa. Sheba nunca se comportou como uma mulher tendo um caso. Talvez ela estivesse um pouco mais tonta do que as circunstâncias imediatas pareciam exigir. Mas então imaginei – ou melhor,

ousei ter esperança – que esse espírito tinha mais a ver comigo.

Logo depois de escrever a última frase, Sheba me ligou da casa dos Beckwith, gritando coisas incompreensíveis sobre Richard e me pedindo para ir ajudá-la.

Durante vários minutos tentei, em vão, descobrir o que havia de errado. No final desisti, entrei no carro e fui até Downshire Hill, onde moram os Beckwith. Quando chegaram, Sheba estava na rua, com o rosto manchado de lágrimas.

Lila Beckwith estava ao lado dele, visivelmente envergonhada.

"Ele tem... ele tem... uma 'mulher' ali", protestou Sheba, "e ele diz, ele diz que se eu for a algum lugar, ela tem que nos acompanhar."

"Sheba, não é grande coisa", disse Lila.

-Quem o diz? Ben? -Perguntei.

-Não. Sheba balançou a cabeça em frustração. Claro que não. É Ricardo.

-Aquela mulher? O que você está falando?

"Ela é realmente uma boa menina..." Lila começou a explicar.

"Alguém, Megan," Sheba interrompeu. Ela é uma de suas alunas de pós-graduação. Ele diz que se eu sair com Ben, ele terá que vir conosco. Tudo porque semana passada levei ele para lancha na padaria Highgate e não contei para ninguém. Lila e Hugh pensaram que ela tinha fugido com ele. —Ele lançou um olhar de reprovação para Lila. Lila estava com os olhos fixos na calçada. Eu disse a Richard que era ridículo, mas ele não me ouviu. Ele diz que ou aceito a escolta ou fico em casa o dia todo com Ben. —Ela começou a chorar novamente.

“Isso é ultrajante”, eu disse. Vamos você e eu lá para consertar isso.

“Não sei se é uma boa ideia, Bárbara”, interveio Lila. Richard não está de muito bom humor. Não vamos combinar isso.

Sheba olhou para mim em dúvida.

—Você quer que esse amigo do Richard te acompanhe em todos os lugares? -Perguntei.

-Não.

-Vamos.

Peguei-a pela mão e levei-a rua abaixo até casa. Lila nos seguiu com relutância.

No saguão encontramos Hugh Beckwith. Ele vestia jeans de jardineiro e carregava a tesoura de poda. Ele parecia horrorizado ao ver sua casa invadida pelo drama conjugal de outra pessoa.

-Olá Olá! —ele gritou com um bom humor um tanto nervoso enquanto subia as escadas correndo. Nesse momento Richard saiu da cozinha.

Fazia algum tempo que eu não via Richard. Ultimamente ele parece mais sombrio e cinzento. A adversidade deu alguma dignidade às suas feições tolas.

-O que ela está fazendo aqui? —ele perguntou, apontando para mim.

"Eu liguei para ela", respondeu Sheba.

Ricardo balançou a cabeça.

-Por Deus! As coisas já são bastante difíceis.

“Ei, Richard, não quero causar problemas”, eu disse. Se

você acha que Ben e Sheba precisam de um acompanhante, talvez eu possa...

Ricardo bufou.

-Você? Não acredito.

"Ei, Sheba tem o direito de ver o filho", respondi em um tom mais severo.

—E tenho o direito de insistir para que alguém de minha confiança a acompanhe. Na semana passada ela desapareceu com ele por mais de duas horas. Lila e Hugh estavam morrendo de medo.

"Sim, é verdade", murmurou Lila, envergonhada.

"Consultei um advogado, Bárbara", acrescentou Richard, "então não insista, ok?" Na verdade, ela poderia negar a Sheba qualquer contato com Ben.

-Onde ele está agora? —Saba perguntou.

"Lá em cima, brincando", respondeu Richard. Ele parecia incapaz de olhar a esposa nos olhos.

"Você a está punindo, Richard", eu disse. Você realmente não pode acreditar que Sheba seria capaz de fugir com Ben...

Richard fez uma cara de raiva.

—Há poucas coisas que considero impossíveis. Parece-me óbvio por que tenho dúvidas sobre a capacidade de Sheba de cuidar de uma criança pequena.

Sheba engasgou e agarrou a mão de Richard.

— Ricardo, por favor! O que você está implicando? Você não irá...

Richard pulou quando sentiu o toque dela.

-Pelo amor de Deus! Não preciso me justificar para você!

"Talvez devêssemos vir e conversar sobre isso", sugeri.

Ricardo balançou a cabeça.

—Isto não é uma negociação. Se ela não aceitar Megan, ela não poderá sair de casa. Assim de simples.

A essa altura, Sheba estava chorando incontrolavelmente e, por um momento, todos — Richard, Lila e eu — olharam para ela.

—Você pode pelo menos falar com essa tal de Megan antes de decidir qualquer coisa? — perguntei a Ricardo.

Ricardo hesitou. E parecia que ele ia ceder. Ele olhou brevemente para Lila.

—Me desculpe... o que você acha? Você se importaria?

Lila balançou a cabeça em negação.

-Não Claro que não.

Nós a seguimos pelo arco de entrada até uma grande cozinha.

Uma jovem com cabelos trançados estava sentada à mesa lendo o jornal. Ao entrar, olhou-nos com serena curiosidade.

"Megan, Sheba quer falar com você antes de decidir se vai sair com Ben hoje", explicou Richard.

"Sim, claro", respondeu Megan num tom alegre e magnânimo, como se tivessem pedido permissão.

"Por favor, sente-se", disse Lila. Há café preparado. Vou ver Ben e Polly. Me chame se precisar de mim.

"Polly está aqui?" —Sheba perguntou quando Lila saiu da cozinha.

"Sim", respondeu Richard.

"Bem, talvez ela pudesse ir como companhia", sugeriu

Sheba, animando-se de repente.

"Ele não quer ver você", disse Richard abruptamente.

Sheba parecia ter acabado de levar um tapa.

Eu peguei uma cadeira.

— Vamos, Sabá.

Ele sentou-se obedientemente, em frente a Megan.

Sentei-me ao lado dele. Megan estava sorrindo de orelha a orelha. Naquele momento pensei que queria mostrar que não tinha medo. Agora acho que ela era um pouco obtusa.

"Bem, vamos lá", Richard disse impacientemente, "o que você quer perguntar a ele?"

Sheba abriu a boca e fechou novamente. Ele se virou para mim com uma expressão desamparada.

—Você conheceu Ben antes? — perguntei a Megan.

Ela olhou para Richard. Ele assentiu.

"Sim", respondeu Megan, "estou ajudando Richard há mais ou menos um mês.

—Bem, isso é bom para Richard! E o que você está fazendo?

—Bom, você sabe, limpar a casa, cuidar do Ben...

—Você é aluno do Richard? -Perguntei.

"Bem, algo assim", ele respondeu. Richard está supervisionando minha tese.

Naquele momento senti Sheba encostar meu joelho no dela.

-Quantos anos tens?

-Vinte e cinco.

—Isso não é da sua conta! Richard gritou. Acabou-se. Não

vou permitir que você a questione. Não foi ela quem agiu mal.

"Desculpe", eu disse. Você disse que eu poderia fazer perguntas a ele. Este também não é um interrogatório de terceiro grau...

"Não se envolva nisso, ok, Bárbara?" Isso não tem nada a ver...

-Já está bem! —Sheba o interrompeu—. Já está bem! —Ele levantou as mãos em um gesto de rendição—. Eu aceito. Eu aceito. Não quero mais gritar. Por favor, vamos agora.

Em seguida, Richard foi procurar Ben e por alguns minutos as três mulheres ficaram sozinhas na cozinha.

Megan continuou a sorrir para nós com seu jeito brando.

"Bem", eu disse, "então Richard está supervisionando sua tese, hein?"

Ele assentiu.

-Já vejo. E sobre o que é a sua tese?

Ele sorriu.

—Sobre a literatura romântica moderna. Livros como os da editora Mills & Boon, os romances com sexo e coisas assim. Propõe a leitura de textos reacionários de forma subversiva.

Houve silêncio e de repente Sheba caiu na gargalhada. Megan e eu ficamos surpresos.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, Ben irrompeu na cozinha.

— Hula! Hula! Mamãe! Mamãe! Mamãe!

Richard, que o seguia, olhou para mim.

"Acho que você pode ir agora, Bárbara", disse ele.

Bastardo presunçoso.

Nove

Esta manhã, Sheba está muito taciturna. Mal tomou café da manhã e imediatamente se refugiou em seu quarto “para trabalhar”. Como ele estava reclamando ultimamente que sentia falta da oficina, outro dia trouxe para ele um saco enorme de massinha de modelar. No início ela reagiu com certo desprezo, embora eu quase tivesse quebrado a coluna ao entrar e sair do carro. Aparentemente, não é o que ele costuma usar. Mas ele começou a usá-lo. Esta manhã, quando ele saiu do quarto para urinar, olhei para dentro para ver o que ele estava fazendo. Parecia uma foto de mãe e filho, mas eu não tinha certeza. Mal tive tempo de examiná-lo, porque Sheba saiu imediatamente do banheiro e fechou a porta na minha cara.

Sheba sempre me dizia que na vida de casado há um certo ritmo, um certo fluxo e refluxo no prazer que um parceiro sente pelo outro. O ritmo varia de um casal para outro, diz ele. Para alguns, a oscilação emocional ocorre em uma única semana. Para outros, o ciclo é lunar. Mas todos os casais têm essa impressão da sua vida juntos: que o seu interesse aumenta e depois diminui. Os casais mais felizes são aqueles cujos ciclos interagem de tal forma que quando um deles está farto, o outro está quente e nunca há vazio. Agora que Sheba e eu moramos juntos, me pergunto se essa teoria também poderia se aplicar a nós. Se Sheba está mal-humorada e difícil agora, talvez seja porque ela é assim. Talvez a situação mude em breve e seja a minha vez de receber a atenção.

De acordo com minhas anotações, o próximo evento estrela dourada na linha do tempo de Sheba ocorreu no início de junho. Foi quando Polly foi expulsa da escola. Eu estava na casa de Sheba na tarde em que descobriram. Tínhamos jantado cedo e Richard estava tentando convencer Sheba a comprar um armazém que vira à venda no East End.

"Querido, vamos acabar em um asilo!"

"Mas é um excelente investimento, Sheba", respondeu Richard. Poderíamos fazer uma segunda hipoteca desta casa para financiar a obra e teríamos um *loft magnífico* a preço de banana.

As ambições imobiliárias de Richard eram uma fonte frequente de discussões semi-humorísticas na casa dos Hart. Richard se considerava um empresário frustrado. Ele estava morrendo de vontade de entrar no mercado imobiliário: comprando por pouco e vendendo por muito, ganhando dinheiro fácil. Ele lamentou profundamente que ele e Sheba não tivessem participado do boom imobiliário da década de 1990. Mas a casa de Highgate, pela qual o pai de Sheba pagou a entrada, representava seus únicos bens e Sheba recusou-se terminantemente a brincar com ela.

"Se você não tivesse sido tão covarde, teríamos ganhado milhões", disse Richard naquela noite. Me olho-. Certo, Bárbara?

"Bem, talvez seja bom que Sheba seja cautelosa", respondi. Você deve saber algumas coisas sobre gerenciamento de dinheiro. Afinal, ela é filha de um economista.

-Sopro! Richard fez um gesto de impaciência.

Sheba não entende nada de dinheiro. Sua cautela vem da ignorância.

O telefone tocou e Sheba foi atender. Richard continuou

falando.

— Se dependesse de Sheba, guardaríamos o dinheiro em maços de notas de cinco libras na lata de biscoitos. Acontece que Sheba tem medo de dinheiro, porque nunca soube como funciona...

Enquanto falava, fui distraído pela voz de Sheba na sala ao lado.

"Não, não", disse ela, bastante agitada. Tenho certeza que é um erro... já... Claro, sim, eu entendo. Mas não é uma medida um pouco drástica?

Ricardo sorriu.

-Oh. Ela parece a mãe da Sheba... O que você gostaria de sobremesa, Bárbara? Temos algumas tangerinas deliciosas.

Quando ele estava prestes a responder, Sheba começou a gritar.

-Pelo amor de Deus! Não, não, tenho certeza que ela é horrível... Sim, mas eu só quero... Ei, ela só tem dezessete anos, né?

A expressão sorridente de Richard desapareceu.

"O que há de errado, Bash?" -gritar-. Há algum problema?

Sabá não respondeu.

"Eu entendo", disse ele à pessoa do outro lado da linha. Não estou falando de tolerância...

Levantei-me para limpar a mesa, mas Richard ergueu a mão para me manter quieta. Ele semicerrou os olhos na tentativa de ouvir Sheba.

"Não é seu trabalho ajudá-la com isso?" -ela perguntou-. Não vejo que eles tenham tentado ajudá-la em nenhum momento...

Sentei-me novamente.

"Bate-Seba!" Richard gritou. Ele se levantou e foi para o outro quarto. O que diabos está acontecendo? —O ouvi perguntar com raiva.

Os dois falaram por um momento em voz baixa. Então ouvi Sheba dizer, com a voz aguda e exasperada:

"Pelo amor de Deus, Ricardo!" Você pode me deixar falar com ele, por favor?

Richard voltou rapidamente para a sala de jantar e começou a retirar os pratos com barulho. Ele não olhou para mim.

Depois de alguns minutos, Sheba desligou e entrou também.

"Maldita escola", disse ele.

-Como você tem estado? Richard perguntou.

—Eles querem que a gente vá procurá-la amanhã.

-Que estupidez! exclamou Ricardo.

-Posso fazer alguma coisa? -Eu perguntei por.

-Não não. "Meu Deus, sinto muito", desculpou-se Sheba e, virando-se, sorriu para mim. Polly teve problemas na escola e foi expulsa.

-O que você fez?

—Ele intimida os colegas, dizem.

"Absurdo", disse Richard com uma bufada.

—E de que tipo de intimidação a acusam? -Eu perguntei por.

"Todos os tipos", respondeu Sheba. Isso aterroriza as meninas das séries iniciais. Ele extorque. Dizem que ela é uma verdadeira gangster.

“É tudo tão ridículo”, disse Richard.

—Por que você não para de repetir isso? Sheba perguntou duramente.

Richard pareceu ofendido mas, sem levantar a voz, simplesmente respondeu:

-Porque é.

Me levante.

-Tenho que ir. Se eu puder fazer alguma coisa...

Sheba sorriu e me deu um tapinha no ombro.

—Obrigado, Bárbara. Isso é muito gentil da sua parte, mas não há nada que você possa fazer.

No dia seguinte, Richard e Sheba foram de carro até Brighton. Primeiro eles consultaram o diretor e depois o psicólogo da escola. As entrevistas foram longas e tediosas, mas Sheba não se importou. Ela estava feliz por poder adiar o encontro com sua filha. O psicólogo, Sr. Oakeshott, era um homem gentil, um pouco chato. Ele explicou a Sheba e Richard que o comportamento agressivo de Polly refletia baixa autoestima e que, no caso dela, era um erro confiar nas aparências. Não muito abaixo da superfície, acrescentou, encontrariam muita “ansiedade e insegurança”.

Quando Sheba me contou isso, eu ri. Sempre achei fascinante ouvir os defensores de casos perdidos darem justificações sentimentais para o crime. Pelo que entendi, há anos os professores parabenizam Sheba e Richard porque a filha deles tinha coragem e tudo o que as meninas modernas deveriam ter. Mas assim que descobrem que Polly é culpada de comportamento anti-social, eles fazem de tudo para dizer que sua dureza nada mais é do que bravata. Polly é “vulnerável”, dizem eles. Ela está “perturbada”. Bem, sinto muito, mas

"todos" estão perturbados. O que importa, sem dúvida, é o que se faz com a angústia. O fato de Polly beliscar meninas de 12 anos para conseguir barras de chocolate não é "comportamento"; É um traço de caráter, pelo amor de Deus.

Quando finalmente chegou a hora de buscar a filha, Sheba e Richard foram mandados para a enfermaria. Polly foi retirada de seu quarto e temporariamente alojada na enfermaria da escola.

—Então o canalha mora aqui! Richard exclamou alegremente quando Polly se aproximou da porta comendo uma pêra. Enfrentando o frio, ela usava shorts minúsculos e uma camiseta com as palavras DEUSA CADELA no peito. Sheba pegou algumas meias embrulhadas debaixo da mesa da enfermeira e entregou-as a ela.

"É melhor você se vestir bem e se apressar", disse ele, com uma severidade da qual logo se arrependeu. Não quero me atrasar para o Ben.

Polly fez uma careta e andou pela sala, recolhendo suas coisas com relutância. Sheba achou que ela parecia cansada, magra e muito bonita. Suas pernas pareciam ter crescido vários centímetros desde a última vez que ele a viu.

Acho que tem sido difícil para Sheba ver Polly crescer. A maneira como ele olha para ela às vezes não é nada amigável. Lute contra a inveja. Ele sabe que seu tempo já passou. Mas nunca é fácil abrir mão da coroa, é claro. Eu a vi à beira das lágrimas várias vezes, descrevendo como suas nádegas murcharam ou descobrindo uma nova veia varicosa atrás do joelho. Parece, diz ele, como se suas entranhas estivessem lentamente começando a vir à tona, exigindo atenção, finalmente, depois de todos aqueles anos servindo-a pacientemente. Bem-vindo ao clube, eu digo. Mas ela não quer

estar no clube. À noite ela dorme de sutiã porque quando era pequena uma amiga de sua mãe lhe disse que isso evitaria que seus seios caíssem. E ele usa todas as noites! Eu disse a ele que é inútil. Eu disse que ela poderia passar a vida inteira na horizontal, com os seios em tipoias reforçadas de aço, e ainda assim eles acabariam parecendo sacos vazios. Mas ela se recusa a tirar o sutiã.

No caminho de volta para Londres, começou a chover. Sheba, Richard e Polly pararam em um posto de gasolina na rodovia para comer alguma coisa. Sheba ficou horrorizada com a ideia de comer no próprio restaurante – muito deprimente, ela disse – então Richard deixou os dois no carro e foi buscar algo para levar. Sheba e Polly observaram-no correr em meio à chuva, agachando-se defensivamente. Polly pediu a Sheba que ligasse o rádio, mas Sheba disse que não estava com disposição para todo aquele barulho. Então os dois ficaram olhando para o estacionamento, ouvindo a chuva e a respiração deles.

Certa vez, Sheba me contou uma história sobre quando foi ver a mãe logo após a morte do pai. Os dois comeram ovos cozidos com molho picante na sala de jantar da casa em Primrose Hill. Eles estavam fazendo verdadeiros esforços para tratar uns aos outros com gentileza, mas se sentiam desconfortáveis. Depois de um tempo, a Sra. Taylor largou o garfo e disse: "Meu Deus, isso não é muito engraçado, não é?" Sheba começou a protestar, mas a Sra. Taylor balançou a cabeça. Não, era um fato, disse ele. Mesmo quando Ronald estava vivo, ela sempre teve mais dificuldade em se dar bem com os filhos se ele morresse. Era muito mais fácil ser mãe quando você desempenhava o papel de outro adulto. Naquele momento, Sheba ficou escandalizada. "Então", ele disse à mãe, "você estava apenas sendo gentil comigo para me exibir na frente do papai?" Mas como sua própria filha é adolescente, diz

ela, ela entende cada vez mais o comentário da Sra. Taylor. Lidar com sua filha nunca é fácil, mas é praticamente impossível sem a motivação do público. Sem ninguém testemunhar sua paciência e gentileza, ela se sente cansada demais para enfrentar o mistério hostil de Polly. “Estou lá”, diz ele, “reunindo minhas forças para tentar iniciar uma conversa, até que de repente desmoronei e pensei: 'Foda-se. Dane-se ele'”.

Finalmente eles viram Richard correndo pelo estacionamento, recipientes de isopor saindo dos bolsos. Quando ele abriu a porta do carro, trouxe consigo uma rajada de chuva e cheiro de batata frita.

—Ufa! —ele disse quando subiu—. Isso é terrível. —Ele começou a tirar suas compras—: Comprei cheeseburgers gigantes para todos.

Polly gemeu.

“Eu não como hambúrgueres do McDonald’s”, disse ele.

Richard olhou para ela, confuso.

—Mas pensei que você não fosse mais vegetariano...

Polly levou as mãos ao rosto e soltou uma de suas exclamações de nojo.

—Isso mesmo, pai. Eu simplesmente não como hambúrgueres do McDonald's.

Sheba ficou aliviada ao finalmente ver alguma exasperação no rosto do marido.

Assim que chegaram em casa, Sheba deu uma desculpa para ir até sua oficina. Trancou a porta e ligou para o pager de Connolly. “Ei”, disse ela, quando ele telefonou pouco depois, “podemos nos encontrar hoje à noite?” Após a reunião, ele desligou o telefone com cuidado e subiu para cumprimentar o

filho.

Dez

Quando o verão chegou, meu relacionamento com Sheba já estava consolidado. Raramente passava uma semana em que não nos víamos fora da escola. Sue Hodge não desistiu completamente; Ele ainda estava por perto, nos seguindo como um pato até La Traviata para comer. Mas sem dúvida seus dias estavam contados. Agora, quando chovia à tarde, era eu — e não Sue — quem colocava a bicicleta de Sheba no porta-malas do meu carro e a levava para a casa dela. (Sheba, para minha surpresa, não sabia dirigir. “Eles sempre me dão carona”, disse ela alegremente. “Sei que parece muito vaidoso da minha parte, mas sou o tipo de pessoa por quem as pessoas fazem isso de boa vontade. favores.”) Sue lutou uma dura batalha, mas no final ele simplesmente não conseguiu dedicar a Sheba a energia que eu dediquei. Ela teve que lidar com seu filho iminente e seu horrendo ninho de amor com Ted. Não importa o quanto ele tentasse, ele não conseguia continuar o jogo.

Pouco depois de Sue perceber que a havia suplantado no afeto de Sheba, percebi que ela estava falando sobre Sheba e eu com os outros professores. Sheba e eu éramos um pouco próximos demais, ela disse às pessoas; um pouco unidos demais. Com isso eles estavam insinuando que Sheba e eu tínhamos uma espécie de relacionamento amoroso sáfico. Não me causou o menor desconforto. Já fui alvo desse tipo de fofoca maliciosa mais de uma vez em minha carreira e estou acostumado com isso. Aparentemente, a especulação vulgar

sobre tendências sexuais é uma das vantagens do trabalho para uma mulher solteira como eu, especialmente se ela insiste em manter uma certa discrição na sua vida privada. Eu sei quem eu sou. Se outros quiserem inventar histórias sinistras sobre mim, isso é com eles. Porém, eu não sabia se Sheba seria tão indiferente quanto eu. Tive medo de que ele ficasse ofendido, irritado ou envergonhado. Depois de muito pensar, decidi não contar a ele sobre esses rumores.

Não foi fácil mantê-los calados. Na verdade, era extremamente irritante não poder expor a grande hipocrisia de Sue. Sheba sempre foi muito generosa com Sue. Ela a aturava quando Sue passava horas bajulando-a, sem nunca demonstrar que estava entediada. Ele nem sequer toleraria que eu fizesse piadas às custas de Sue. Assim que Sue se levantou da mesa do La Traviata para ir ao banheiro, cometi o erro de chamá-la de "gorda idiota". Sheba simplesmente olhou para mim com a testa franzida e disse em voz baixa: "Quanta energia você desperdiça odiando as pessoas!"

Sheba sempre foi muito franca sobre isso: ela nunca teve medo de expressar sua desaprovação quando pensava que eu estava agindo maliciosamente. Uma ou duas vezes, enquanto conversávamos ao telefone, ele até desligou na minha cara em protesto porque eu era "muito negativo". A primeira vez que isso aconteceu, eu estava no meio de uma frase e demorei um pouco para perceber que estava falando sozinho. Liguei para ela novamente, pensando que a linha havia sido cortada, mas não, ela me disse, ela simplesmente estava cansada de ouvir minhas bobagens.

Foi uma experiência nova ser repreendido daquele jeito. Com minhas outras amigas, ao longo dos anos, sempre tive tendência a dominar. Nunca aspirei conscientemente ao poder; Sempre foi natural para mim assumir a liderança. Mas agora

percebo que minha personalidade forte causou problemas. Criou desigualdade, e essa desigualdade gerou ressentimento. No caso de Jennifer, ela sempre *deu o impressão* de que ele achava bom que eu estivesse no comando. Ele nunca me fez a menor crítica até o final. (E então, claro, a única coisa que saiu de sua boca foram críticas.) Mas depois do rompimento de nosso relacionamento, entendi que sua docilidade submissa escondia algo sutilmente agressivo. Existe, eu vejo agora, a tirania dos humildes: a pessoa que balança a cabeça e observa você em silêncio enquanto você tagarela, se gaba, grita demais e geralmente faz papel de bobo. Como é mais saudável ter um amigo que não tem medo de te confrontar, de te dizer a verdade! Nunca é bom ser repreendido. Muitas vezes, não me importo de dizer, eu queria muito me livrar de Sheba. No entanto, apesar da minha raiva, sempre soube que a sua abertura era uma vantagem para a nossa relação: algo que só poderia fortalecer o nosso vínculo.

E é claro que ele achava que ainda precisava ficar mais forte. Por mais amorosa e atenciosa que Sheba fosse comigo, eu ainda não sentia que poderia realmente contar com ela. Ele sofria de uma notável tendência a ser distraído. Ela era muitas vezes evasiva. Às vezes ele não respondia às minhas ligações durante todo o fim de semana; Outras ele encontrava para sair comigo e depois esquecia. Tentei não levar essas ofensas para o lado pessoal. Sheba tinha uma família, disse a mim mesmo. Ele tinha que cuidar do pequeno Ben. E suas habilidades de gerenciamento de tempo deixaram muito a desejar. Mas depois de fazer estas concessões, foi-me difícil não concluir que, na lista de prioridades de Sheba, eu não ocupava uma posição muito elevada. Eu tinha certeza que ele me valorizava. Mas como? Como um colega divertido? Um bom ouvinte?

Quando as férias de verão começaram em julho, embora

não tivéssemos feito planos específicos de nos encontrarmos, pelo menos presumi que nos veríamos em breve. Mas no final não vi nem tive notícias de Sheba durante seis semanas. Ele sabia que passaria um mês de férias na França com a família. Eu mesmo passei dez dias viajando pela Espanha. Mas não achei que ela deixaria passar seis semanas sem entrar em contato comigo. Afinal, também existiam telefones na França.

Minha viagem à Espanha não foi ruim. Eu vi coisas lindas. Mas a comida era muito gordurosa e eu estava um pouco deprimido. Foi minha primeira viagem ao exterior desde que terminei com Jennifer e tinha esquecido como é desagradável para uma mulher jantar sozinha em um restaurante de hotel estrangeiro. Quando voltei para Londres, deixei algumas mensagens na casa de Sheba, pensando que talvez ela estivesse ligando da França para ouvi-las. Mas eu ainda não sabia nada sobre ela. Comecei a temer que ele telefonasse quando eu saísse para fazer alguma coisa e comprei minha primeira secretária eletrônica: uma engenhoca de cor creme com voz eletrônica que falava no tom levemente surpreso da emissora pré-guerra Joyce Grenfell. Essa aquisição trouxe um novo e agradável nível de suspense à minha chegada em casa. Cada vez que eu passava pela porta, corria para ver se a luzinha vermelha estava piscando. Mas naquele verão minhas expectativas foram compensadas apenas uma vez. E descobri que era apenas uma mensagem do meu senhorio, que estava retornando uma ligação minha sobre um vazamento no apartamento de cima. Sheba nunca ligou. A essa altura eu já havia aprendido algo sobre como me comportar. Eu sabia que era importante não exagerar, não ser muito pegajoso, então deixei apenas mais algumas mensagens na casa dela e não liguei mais. A partir daí, esperei.

Eu sou bom em esperar. É uma das minhas grandes

habilidades. Richard definiu os Harts como pessoas que buscam gratificação imediata. Bem, pertencço a uma linhagem de gratificação adiada. Na minha família, quando eu era pequeno, era considerado de muito mau gosto pegar o que se queria, na hora que se queria. Minha irmã e eu fomos ensinados a desprezar as crianças da nossa escola, que usavam roupas novas toda semana. Os pais deles não sabiam poupar, explicou-nos a nossa mãe. "Agora eles têm jaquetas novas", costumava dizer, "mas no final do mês terão ficado sem carvão". Economizar era a maior virtude em nossa casa, porque somente poupando — adiando tudo o que é desejável pelo maior tempo possível — é possível evitar o destino de ser "vulgar". Para merendar, comíamos pan con manteca de cerdo toda la semana y así, a pesar de que mi padre se ganaba la vida vendiendo artículos de papelería a los dueños de tiendas con una furgoneta, podíamos comer bollitos con mermelada los domingos, cuando venía la familia de visita.

Minha mãe tinha um modelo "do dia a dia" e outro modelo "melhor" de qualquer peça de roupa. Para ela, foi um sinal do seu bom senso inglês que, ao me obrigar a usar uma touca de crochê puída todos os dias da minha vida durante cinco anos até que ela se desintegrasse na minha cabeça, durante esse mesmo período ela conseguiu manter o meu "melhor "chapéu" - um merengue de palha brilhante decorado com três rosas de papel - em tão perfeitas condições quanto no dia em que o comprou. Nas ocasiões em que cedeu e me deixou usar meu melhor chapéu, insistiu para que eu o cobrisse com uma sacola até chegar em segurança ao meu destino. O impulso de adiar o prazer era tão forte em minha mãe que ela preferia que eu andasse pela rua principal com um saco de papel pardo na cabeça, como uma coroa papal, em vez de expor o merengue sagrado ao ar poluído.

Então, você vê, eu sei esperar. Naquele período inicial, quando Sheba mantinha uma distância sedutora, nunca fiquei zangado ou nervoso. Continuei minha vida – lendo, cozinhando, trocando os lençóis – tranquilo e certo de que, mais cedo ou mais tarde, ela perceberia o quanto eu era importante na vida dela.

Embora Sheba não tivesse tempo para mim naquele verão, sei que ela fez várias ligações para Connolly. Telefonou-lhe uma vez, ansioso, de um telefone público de um supermercado em Avignon. (Ele não estava com o pager e, quando ela finalmente recebeu a mensagem, teve de se juntar a Richard e aos filhos.) E quando voltou a Londres, em agosto, telefonou-lhe novamente. Desta vez ele respondeu imediatamente. Ele estava muito feliz em conversar com ela, ao que parecia. Ele sentiu falta dela; Eu pensava nela constantemente. Os dois concordaram que mal podiam esperar a escola começar a se ver novamente.

Connolly propôs um plano. Na última semana de agosto, ele teve que ir com os pais à caravana da família em Maldon. Ao chegar, dizia que tinha um jogo de futebol chegando e que precisava voltar para a cidade. Sua mãe provavelmente insistiria para que ele dormisse na casa de um amigo, mas no sábado à tarde ele poderia encontrar Sheba em qualquer lugar e ir juntos até a casa vazia de seus pais.

Quando chegou o sábado, Sheba vestiu um vestido branco que exibia seu bronzeado francês e pegou o metrô até a Warren Street. Ben passaria a tarde na casa de um amigo. Richard ficou em casa escrevendo seu livro. Polly, que não tinha o hábito de falar sobre sua vida social, simplesmente saiu. Sheba disse a todos, com a maior naturalidade possível, que iria fazer compras no West End.

Ela conheceu Connolly num ponto de ônibus perto do

hospital feminino em Hampstead Road. Ele estava atrasado. Quando ela finalmente o viu, caminhando rapidamente em sua direção vindo de Mornington Crescent, Sheba começou a acenar freneticamente para ele. Ele ainda estava a cerca de cem metros dela quando a avistou. Ao se aproximar com seu ar tímido e esguio, colocou as mãos nos bolsos e evitou olhar nos olhos dela, fingindo estar interessado nos carros que passavam.

Quando ele a alcançou, ele estreitou os olhos e acenou com a cabeça para ela. Eles já haviam concordado em não se abraçar em público, mas Sheba não se conteve e, brincando, fingiu dar um soco na barriga dele. "Vamos por trás, pelas garagens", disse ele, e Sheba riu, em parte por causa do nervosismo, explica ele, e em parte por causa da maneira como pronunciou "garagem", como se rimasse com "*ménage*". Eles começaram.

A pequena praça onde Connolly mora fica no meio de um conjunto habitacional municipal que ocupa cerca de um quilômetro quadrado entre Hampstead Road e Albany Way. Connolly decidiu entrar em casa por trás para evitar encontros estranhos com amigos ou vizinhos. Mas enquanto caminhavam pelo beco onde os moradores locais estacionam seus carros, um jovem saiu de uma garagem e acenou com a cabeça para Connolly. Connolly respondeu levantando levemente a sobrancelha e passou. Ao chegarem à porta da casa, Sheba olhou para trás e viu que o homem os observava com atenção.

-Quem era aquele homem? -perguntado.

"Só o irmão do colega da minha irmã", respondeu ele.

"De qualquer forma", disse ela, "você deveria preparar alguma explicação." Caso ele pergunte quem eu era. Não te parece?

"Não se preocupe", murmurou Connolly (com alguma

irritação, pensou Sheba). Ele já havia aberto a porta. Ele a conduziu através de uma pequena lavanderia até o corredor e depois para a cozinha.

Sheba lembra que ficou muito impressionada com a limpeza e a ordem que prevaleciam. As bancadas de fórmica cor de madeira estavam completamente vazias. Os azulejos brancos da parede brilhavam. Até as juntas estavam imaculadas. O único sinal de que a cozinha tinha sido usada recentemente, diz ele, era um pano rosa bem dobrado pendurado na torneira de aço brilhante.

Connolly ofereceu-lhe chá. Sheba disse que preferia um copo d'água. Ele parecia chateado. Quando ela se inclinou para beijá-lo, Connolly não pareceu notar e se afastou. Ela comentou como a casa estava arrumada. Ao lado da cozinha de sua mãe, disse ele, a sua era constrangedora. Connolly não respondeu, mas Sheba teve a impressão de que ele estava um pouco chateado.

"Sério", insistiu Sheba, "sua mãe deve passar a vida esfregando."

"Não acredite", disse Connolly, franzindo a testa. O problema é que ele gosta que tudo esteja limpo.

Depois de um tempo, Sheba pediu para ver o resto da casa. Connolly assentiu. Subiram ao primeiro andar em silêncio.

"Esta é a sala de estar", disse Connolly, abrindo uma porta.

Lá dentro, o ar cheirava a ambientador, lembra Sheba. Havia um tapete de náilon estampado, uma vitrine com diversas fotos emolduradas de Connolly e sua irmã e um terno grande com colete listrado bege e creme. Sheba nunca tinha visto um terno com colete, diz ele. Não "na vida real". Vê-lo ali o fez rir. "Foi como encontrar um palhaço chorando", explica ele, "ou um marinheiro com uma âncora tatuada no braço".

O outro cômodo do primeiro andar era o quarto de seus pais. Connolly hesitou antes de abrir a porta e Sheba, vendo que seus comentários despreocupados só aumentavam o desconforto do menino, não disse nada enquanto olhavam por um momento para a cama de casal perfeitamente arrumada de seus pais. Subindo o último lance de escadas, Sheba perguntou sobre a caravana da família em Maldon. Gostou? "Nada mal", respondeu Connolly. Depois acrescentou em tom mal-humorado: "Mas tenho certeza de que você não iria gostar".

Já haviam chegado ao último andar da casa, onde Connolly e a irmã dormiam. Cada vez que Sheba tentava imaginar o quarto de Connolly, ela pensava em algo parecido com o quarto de infância de seu irmão Eddie. Uma casa de leão com cheiro fechado, com uma caveira e ossos cruzados na porta; um tapete coberto com tacos de críquete, jogos de xadrez e outras coisas infantis. Mas o quarto de Connolly não se parecia em nada com o de Eddie. Era um quadrado branco perfeito e mostrava os mesmos sinais de ordem e limpeza meticulosas que o resto da casa. As cortinas e o edredom eram confeccionados em tecido sintético rígido, estampados com desenhos de carros do Grande Prêmio. Na parede oposta à cama havia um pôster grande, quase em tamanho natural, de uma atriz americana que Sheba reconheceu, mas não identificou. A atriz estava em pé com os quadris para frente e os lábios úmidos e ligeiramente abertos. Sheba de repente se sentiu insípida e velha, diz ela. Não querendo que Connolly a visse olhando, ela desviou o olhar do pôster, mas então notou o texto escrito sob os pés da atriz em rabiscos azuis: "A Dama Imponente". Ele sempre se perguntou de onde Connolly havia tirado aquela expressão antiquada. Por um momento ela o imaginou naquele quartinho, copiando meticulosamente as cartas, e sentiu tristeza. Então ele se censurou por sua presunção e decidiu se divertir.

-Pode? ele perguntou, apontando para a cama. Ele se aproximou e sentou-se com um salto feliz e deliberado. Quão confortável!

Connolly sorriu timidamente e continuou de pé. Sheba pediu para ir ao banheiro. Embora ela estivesse saindo para o corredor, Connolly insistiu em acompanhá-la. No caminho, Sheba deu uma olhada no quarto da irmã: um espaço estreito e rosa brilhante, cheio de edredons, enfeites com babados e bichinhos de pelúcia. Ele teria gostado de ver um pouco mais, mas suspeitava que isso perturbaria Connolly. Na porta do banheiro, ele se afastou enquanto Sheba tentava evitá-lo. Os dois riram desconfortavelmente.

Isso é loucura, pensou Sheba quando finalmente ficou sozinha no banheiro. Uma verdadeira loucura." Mas ele havia sussurrado a mesma coisa, ou algo parecido, tantas vezes nos últimos meses que o sentimento carecia de qualquer convicção. Ele sentou-se no vaso sanitário, tentando entender por que Connolly estava tão taciturno. Mas isso era um absurdo, ele decidiu. Não precisava haver um motivo. Ele era um adolescente. De repente ele ficou assustado; embora eu não soubesse exatamente por quê. A casa de Connolly a perturbava como um país estrangeiro perturba um recém-chegado. A porta do banheiro era muito mais leve do que ele esperava e quando a fechou bateu e fez as paredes tremerem um pouco. "Esta casa é feita de papelão", disse a si mesmo. Ele pensou, com uma mistura de satisfação e culpa, nas sólidas paredes vitorianas de Highgate.

Quando voltou ao quarto de Connolly, encontrou-o sentado na cama, esperando por ela. Assim que o viu, ela se levantou e começou a se despir. Ela brincando soltou uma exclamação de surpresa. Mas Connolly não sorriu nem parou. E ela, depois de observá-lo por um momento, também começou a se despir.

Fizeram amor rapidamente e — por insistência de Connolly — no chão. Sheba temia queimar o tapete, mas não querendo arruinar sua fantasia juvenil de abandono sexual, ela concordou. Quando ele de repente se levantou para pegar uma toalha e colocá-la sob os dois, ela sugeriu com claro interesse que fossem para a cama se ele se sentisse desconfortável. Mas Connolly balançou a cabeça. Ele não estava desconfortável, disse ele. Eu só não queria manchar o carpete.

Depois foram para a cama, que tinha um tipo de lençóis de poliéster e algodão de secagem rápida que faziam Sheba estremecer. Connolly recostou-se nos travesseiros. E ele se levantou novamente e começou a vasculhar a cômoda ao lado de sua cama. No final tirou um cigarro meio amassado e uma caixa de fósforos. “Depois de fazer amor não há nada melhor que um cigarro, não acha?”, disse ele. Sheba se lembra de ter que reprimir um sorriso diante dessa afetada indiferença pós-coito.

Eles ficaram sentados em silêncio por um tempo, ouvindo os sons fracos de Connolly soprando anéis de fumaça. Sheba comentou que sua filha gostava de fazer a mesma coisa quando fumava, e isso aparentemente interessou Connolly. Ele começou a perguntar a ela sobre Polly. Sabá a deixou fumar em casa? Eles discutiram muito? Por que ele estava indo para o internato? A certa altura, Sheba interrompeu suas perguntas para beijá-lo e dizer como ele era bonito. Connolly fez uma careta. “Tudo bem. “Acalme-se”, ele murmurou. Ele nunca reagiu bem aos elogios, diz Sheba. Eles trouxeram à tona o que havia de pior nele. Uma expressão desdenhosa de satisfação apareceu em seu rosto, como se ela tivesse sido enganada para desistir de algo contra sua vontade.

Connolly queria continuar perguntando sobre Polly, mas Sheba estava nervoso com o assunto e sugeriu que ele

contasse a ela sobre sua família. Você achava que seus pais eram felizes juntos?

“Eles estão bem”, respondeu Connolly. Ele havia retornado ao tom defensivo e seco com que lhe falara quando chegou em casa.

-Você está indo bem? Sabá brincou. E isso o que quer dizer?

Ele engasgou-se um pouco com a fumaça do tabaco e depois, ainda tossindo, respondeu teimosamente:

—Bem, eles estão bem, eles se dão bem.

—Você acha que eles ainda fazem sexo?

Connolly ficou em silêncio por um momento. Algo aconteceu em volta de sua boca, lembra Sheba.

“Não me peça para dizer coisas ruins sobre meus pais”, alertou.

Sheba ia protestar, mas parou. Precisamente o que ela pretendia era induzi-lo a falar sobre essas “coisas ruins”, ele percebeu. Era inútil tentar direcioná-lo para esse tipo de conversa. Eu não tinha o vocabulário necessário. Ofendeu um código atávico de lealdade familiar típico da classe trabalhadora.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, até que Sheba começou a perguntar a Connolly sobre sua experiência sexual. Ele suspeitava que um assunto tão obscuro o animaria.

No início, Connolly fazia rodeios, dizendo coisas como: “Essas são coisas sobre as quais você fica calado e outras pessoas descobrem”.

Mas ela insistiu.

“Vamos, me conte”, disse ela. Você dormiu com muitas

garotas? Com mulheres?

Depois de um momento, Connolly ergueu a palma da mão.

-Cinco? -ela perguntou.

-Sim. Sem contar com você. E ninguém tão sexy quanto você.

Sheba perguntou sobre a idade de seus cinco amantes. Mais uma vez Connolly resistiu a responder-lhe. Novamente ela o pressionou. No final, ele disse:

—Você é minha primeira velhinha, se é isso que quer saber.

Ela lhe deu uma cotovelada em protesto.

—Ei, vamos mudar de assunto!

—E eu sou seu primeiro garotinho, certo? -Ele continuou.

Sheba sentiu repulsa ao ouvi-lo imitar a voz de um bebê.

"Sim, você é", ele murmurou.

Ele riu e lambeu o braço dela.

—Você não gosta disso, né?

-Que?

Sheba tentou, diz ela, não expressar o quanto estava irritada.

"Falando sobre sua idade e..." ele disse. Ele fez uma pausa, aparentemente para considerar se ousaria acrescentar o que estava pensando. Ele riu novamente. Você está preocupado que sua boceta tenha se soltado.

Ela já o tinha ouvido dizer coisas desagradáveis, diz ela, coisas sobre as pessoas da escola que a desconcertavam por causa de sua vulgaridade virulenta. Mas sempre acreditei que estas observações eram simplesmente um disparate experimental. Ele nunca dirigiu seu veneno contra ela.

—Que comentário nojento! —Saba disse.

Ele o chutou com tanta força que quase o derrubou da cama. Pela expressão em seu rosto quando se deitou novamente, Sheba pensou por um momento que ele iria bater nela. Mas ele não fez isso. Ele apenas se deitou e suspirou de uma forma estranha. Ela queria dizer outra coisa. Ela ainda estava furiosa. Mas nada de chocante lhe veio à mente, então ele se virou de lado, de costas para ela. A cama era pequena demais para tal gesto e, para que nenhuma parte de seu corpo tocasse o dele, ela teve que se pressionar contra a parede fria.

O fato de esse incidente desagradável não ter encerrado o relacionamento é uma prova, suponho, de quão subserviente Sheba era ao menino, ou pelo menos a uma certa ideia do menino. Ela não saiu de casa. Ele não lhe disse que era incapaz de continuar um relacionamento com uma criança desbocada e mal pensada. Ele ficou, ficou de mau humor e ameaçou ir embora. E então, finalmente, quando ele se levantou para pedir desculpas relutantemente por seu comportamento, ela o perdoou. Ele implorou que ela “não pulasse”, lembra Sheba. Ele disse a ela que ela era linda, que ela era a “melhor namorada” que ele já teve. E isso, aparentemente, foi o suficiente.

“Foi a maneira como o ensinaram a falar”, diz ele agora. Eu não queria me ofender. Eu estava tentando ser engraçado. Foi horrível, eu sei. Não estou defendendo ele. Estar em um relacionamento com um cara como Steven certamente tem suas desvantagens. Mas ele sentia muito... E... e eu teria me sentido tão estúpido se tivesse terminado tudo só por causa daquele jeito de falar.»

Onze

Me descobri o caso de Sheba em novembro. Então eles estavam juntos há pouco mais de oito meses e, embora Sheba não tivesse percebido, o relacionamento já estava em declínio. O momento da revelação – que marquei com duas estrelas douradas na linha do tempo – foi 5 de novembro, Dia de Guy Fawkes, aniversário da Conspiração da Pólvora. Naquela noite, Sheba me convidou para jantar com sua família. Depois, eles planejaram ir a Primrose Hill para ver os fogos de artifício. Como nunca fui fã de fogos de artifício, expressei algumas reservas quanto à minha participação na segunda parte da noite, mas Sheba insistiu. "Por favor, Bárbara", ele implorou. Preciso do seu apoio moral.

A família Hart estava um pouco tensa. As tentativas de Richard e Sheba de escolher uma nova escola para Polly não tiveram sucesso. As escolas que Polly considerava aceitáveis não gostavam dela e vice-versa. Como medida temporária, contrataram um professor particular. A mãe de Sheba pagou por isso.

Richard brincou alegremente sobre Polly estudando em casa. Mas não era uma situação muito satisfatória. O tutor vinha três horas por dia e, no resto do tempo, Polly ficava preguiçosa em casa, tornando a vida dos pais miserável. Sheba havia perdido quase cinco quilos.

O Dia de Guy Fawkes caiu em uma quarta-feira. Como

Sheba me pediu, fui cedo para a casa dela. Polly abriu a porta e me cumprimentou languidamente antes de ir embora. Segui-a até a sala, onde ela e Ben estavam deitados no chão assistindo televisão.

-O que você está vendo? Eu perguntei, apontando para os desenhos na tela. Ben grunhiu uma resposta que não consegui ouvir. Como dizes?

Polly olhou para mim.

"Mamãe está na cozinha", disse ele.

Encontrei Sheba encostada na bancada da cozinha, olhando desanimada para os bifes que comprara para o jantar.

—Eles parecem muito ruins, certo? -perguntado-. Comprei-os ontem. Você acha que eles já passaram?

A carne colocada no bloco de corte parecia ruim. Era pegajoso e tinha um tom arroxeadado opaco, como quando pedaços de plasticina de todas as cores são misturados. Cheirei com cuidado.

-Não sei.

Sheba gemeu.

-Brilhante. O ex está chegando e eu tenho bifes estragados... —Ele foi até a porta da cozinha—. Polly! -gritar-. Querida, você gostaria de pôr a mesa, por favor? Márcia e as meninas estão prestes a chegar. Ele se virou para mim. Richard os convidou sem me consultar. E agora, claro, o carro de Márcia quebrou, então ela pediu a Richard que fosse procurá-los. "Não sei por que não consegui pegar um táxi..." Ele parou quando Polly entrou na cozinha.

—Você já está mexendo com a Márcia de novo? Polly perguntou retoricamente.

Sheba, de costas para a filha, cerrou os dentes e não respondeu.

—Por que você estava gritando comigo? Polly perguntou.

"Ele não estava gritando, querido", respondeu Sheba. Eu só estava pedindo para você pôr a mesa. Papai está prestes a chegar.

"Ugh", disse Polly, apontando para os filés. É isso que temos para o jantar?

—Ainda não decidi. Vamos, Polly, seja uma boa menina e ponha a mesa.

-Agora não. "Depois dos desenhos", respondeu Polly.

"Agora não, Polly."

Polly revirou os olhos teatralmente enquanto saía furiosa da cozinha.

—Ei, eu não sou sua empregada.

Sheba olhou para mim e fez uma careta.

"Bárbara, você não pode imaginar o quão insuportável isso é", ele sussurrou.

Na verdade, pensei que poderia imaginar isso.

"Ele se comporta de maneira horrível com todo mundo", continuou Sheba. Mesmo com Ricardo. Quando você não precisa saber disso. Ela é muito rude comigo; Ele me trata como se eu fosse uma tia solteira da qual ele se envergonha. Ultimamente suas expressões favoritas são "ótimo", que ela pronuncia com o maior sarcasmo, toda vez que um de nós ousa ficar bravo com ela, e "besteira". Sheba fez uma pausa enquanto procurava mais evidências de quão horrível sua filha era. Ah, e à noite ele fuma baseado no quarto.

Balancei a cabeça em um gesto de compreensão.

“Nós proibimos isso”, continuou ele, “mas é inútil”. Não temos mais autoridade sobre ela. Richard tentou chegar a um acordo: disse a ela que só a deixaria fumar maconha no jardim. Mas ele também não obedece. Seu quarto fede, Bárbara. Assim que entro, me preparo. Ele tem um gongo no meio do tapete, pelo amor de Deus. Estou convencido de que uma noite dessas a casa inteira vai pegar fogo. Ele parou e olhou novamente para os bifes. Droga, não podemos comê-los! Todos acabaremos com botulismo. —Ele pegou o bloco de cortar e jogou a carne no lixo. “Muito bem”, disse ele com um suspiro enquanto abria a porta da despensa. Acho que teremos que comer macarrão no jantar.

Richard chegou meia hora depois com sua ex-mulher, Marcia, e sua filha mais velha, Saskia. A mais nova, Claire, decidiu no último minuto ficar em casa.

-Olá Bárbara! Olá Bash! Marcia gritou enquanto mancava para a cozinha. Ela estava usando um vestido roxo longo e esvoaçante, cuja bainha se arrastava pelo chão da cozinha e recolhia os restos de tudo o que Sheba havia deixado cair enquanto comia.

-Ah que bom! Massa! —disse ele, olhando o conteúdo das panelas colocadas no fogo—. Exatamente o que eu queria: algo simples e caseiro.

“Bem, eu estava pensando em te dar bifes...” Sheba começou a dizer.

-Ah não! Márcia protestou. A massa é ideal! Hidratos de carbono. Que rico!

Sheba sorriu languidamente.

A versão oficial de Márcia de Sheba é que ela a adora, que elas são grandes amigas. Ela diz que tem muita sorte de ter escolhido um marido com uma ex-esposa tão simpática. Mas há

algo de excessivo nessas manifestações de boa vontade. Por trás das exageradas demonstrações fraternas, detecto uma inimizade não reconhecida. Para falar a verdade, Márcia é insuportável: com suas filhas bobas e seus vestidos de bruxa e sua "artrite reumatóide prematura". Pouco depois do casamento de Sheba e Richard, Márcia convidou Sheba para um café e garantiu-lhe que não tinha ressentimentos. "Não se trata mais de famílias, trata-se de tribos", disse ele. Quero dizer, se estivéssemos em África, Richard já estaria à procura da sua quinta esposa. Sheba aparentemente acreditou nessa bobagem sobre a tribo, junto com a ideia de que Márcia é algum tipo de matriarca indispensável do clã. Você teria visto!

Aquela mulher se divorciou de Richard há mais de vinte anos. Por que ela ainda está grudada nele como uma lapa? Se Sheba conseguisse parar de se sentir obrigada a gostar de todo mundo, quase certamente descobriria que odeia Márcia.

Richard entrou na cozinha trazendo vinho para todos.

"Querida", disse Sheba alegremente, "por que você não leva Márcia e Saskia para a sala para se sentarem?" E você poderia pedir a Polly para pôr a mesa?

Richard saiu seguido por sua ex-esposa e filha.

Pouco depois, ouvimo-lo dizer com raiva a Polly para desligar a televisão.

"Mova sua bunda, Polly!"

Então ouviu-se a voz estridente de Polly, e ela respondeu:

—Por que eu tenho que ser o maldito Kunta Kinte desta casa?

O jantar foi tenso. Quando o macarrão foi servido, Saskia anunciou que não estava indo bem com sua dieta. Márcia elogiou a despretensão de Sabá em usar cheddar de

supermercado em vez de parmesão. Sheba repreendeu Ben por enxugar o rosto no suéter. A única coisa boa foi que Polly ficou quieta. Depois o grupo se dividiu em dois – alguns foram no meu carro, outros no do Richard – e partimos em direção a Primrose Hill.

Como eu disse, nunca fui louco por fogos de artifício. Com aquela chuva de faíscas, o cheiro triste do fumo, os fogos de artifício finais que nunca são tão magníficos como deveriam ser... E ainda por cima, os fogos de artifício modernos têm aquela tendência figurativa desanimadora. Ficar ali, tremendo de frio, observando o brilho das cores se transformar por um momento no contorno irregular de um rosto sorridente ou em algumas letras borradas que dizem "Feliz dia" pareceria, do ponto de vista objetivo, uma diversão sem fim. pobre dúvida. No entanto, saber apreciar fogos de artifício é uma daquelas características em que as pessoas confiam para avaliar se você gostou da vida quando criança. Ninguém acha errado odiar o circo. Mas quem admite que os fogos de artifício o aborrecem torna-se um pária. Suspeito que apenas uma pequena parte da multidão reunida no topo de Primrose Hill estava realmente absorta no espetáculo, mas todos nós ficamos ali por uma hora, morrendo de frio, abafando as exclamações habituais e exibindo outros sintomas de espanto ingênuo. Ou seja, todos menos Polly, que, encontrando oportunidade de aproveitar a distância, se dedicou a fumar um cigarro atrás do outro e a fazer buracos no chão de lama com as botas.

Ao final da exposição, enquanto a multidão se dirigia para as saídas do parque, formou-se uma grande multidão. Richard ficou nervoso e sugeriu que ficássemos no topo da colina até que a multidão se dispersasse. Mas estava muito frio e queríamos ir para casa, então ninguém prestou atenção. Descemos o caminho do lado norte sem maiores problemas,

mas quando chegamos ao terreno plano onde as pessoas tentavam se deslocar em duas direções diferentes, o congestionamento era muito maior.

-Onde está a mamãe? Polly perguntou a certa altura.

Eu olhei em volta. Sabá havia desaparecido.

-Merda! exclamou Ricardo. Escutem, todos deem as mãos, formem uma corrente, para não perder mais ninguém.

Percebi um certo tom afeminado de pânico em sua voz e senti pena dele, então por um momento pensei em obedecê-lo. Mas eu estava entre Polly e Marcia, e ambas pareciam tão dispostas a segurar minha mão quanto eu a segurar a delas, então, felizmente, ficamos separados.

A cauda longa e sinuosa movia-se lentamente. Quando estávamos a cerca de duzentos metros da saída da Regent's Park Road, de repente, à minha esquerda, sob as árvores, avistei Sheba. Eu estava com um jovem. Não vi o rosto dela — ela estava de costas para mim — mas vi o dela; Ele falou com muita veemência. Várias pessoas passaram e eu a perdi de vista por alguns segundos. Quando a vi novamente, ela estava sozinha, caminhando em minha direção. Acenei para avisá-la da minha presença e liguei para ela. Ao me ver ela sorriu, e naquele momento o menino se virou e olhou para ela. Ele tinha cabelos loiros soltos e olhos tristes e caídos. Connolly.

Sheba deve ter notado a surpresa em meu rosto, porque ela instintivamente se virou para ver o que havia provocado aquilo. Por um momento, nós dois olhamos para o menino. Então Sheba se virou para mim novamente. Havia medo em seu rosto, mas também algo mais: uma espécie de alegria ou diversão.

-Mãe! Ben disse à frente. Onde você esteve, mãe?

Sheba correu em sua direção. Não ouvi o que ele respondeu. Eu apenas a vi rir e acenar com a cabeça enquanto abraçava Ben.

No caminho de volta, Sheba entrou no meu carro, mas Ben e Polly também. Sheba passou todo o trajeto conversando com Ben. Polly e eu não conversamos. Quando chegamos a Highgate, eu disse que iria para casa, mas Sheba pegou minha mão e me incentivou a entrar. Richard ainda não tinha voltado depois de levar Marcia e Saskia para sua casa em Muswell Hill. Polly foi direto para a sala e ligou a televisão. Sheba mandou Ben para a cama e disse-lhe que subiria e lhe diria boa noite. Ele então sugeriu que fôssemos à sua oficina.

Nenhum de nós falou até estarmos no porão, sentados nas cadeiras dobráveis. Eu esperava que Sheba me poupasse da indignidade de ter que perguntar alguma coisa, mas depois de um silêncio, durante o qual ela manteve os olhos fixos no chão, não consegui mais me conter.

—Aquele garoto com quem você estava no parque era Connolly, certo?

—Sim, sim, foi ele. —Ela me olhou timidamente, por baixo dos cílios.

—O que exatamente está acontecendo?

—Você quer dizer o que está acontecendo com Steven?

-Sim.

Ele olhou para suas mãos.

-Eu não sei como dizer isso...

-Diga-me. Isso ainda está incomodando você?

-Não, isso não me incomoda. O Eu...

—Por favor, Sheba, deixe-o ir. Que relacionamento você tem

com ele?

Ele olhou para suas mãos novamente.

"Acho que devo dizer que estamos tendo um caso." Quero dizer... somos amantes.

Como um idiota, deixei escapar um suspiro.

—Você está me dizendo a verdade?

Ele assentiu.

-Por quanto tempo?

—Ah, não sei. Bastante.

-Aproximadamente.

—Mais ou menos desde aquela vez que te contei sobre o beijo em Grafton Lane...

-Mas você disse...

—Não, daquela vez que nos beijamos. Não fui totalmente honesto quando disse que ele apenas tentou.

—Sheba, isso é muito, muito sério. Você entende a gravidade do assunto?

-Sim claro.

—Não, Sheba, quero dizer que eles poderiam mandar você para a prisão por isso.

-Eu sei. —Ele pareceu assustado por um momento e depois começou a rir. Não era a expressão habitual de alegria, mas um grasnido estranho e um tanto histérico.

— Pelo amor de Deus, Sheba. É só... não preciso te contar. É um menino".

"Bem, não inteiramente", disse Sheba. Quero dizer, ele obviamente não é um homem. Mas acho que você poderia dizer

que ele está nisso.

Fiquei olhando para ela.

—Chame ele do que quiser, Sheba, mas ele é muito, muito jovem. Se você nem gosta de jovens. Você mesmo me disse que gostava de homens mais velhos.

—Já sei. Que estranho, certo? —Ele falou com um distanciamento casual, como se estivéssemos discutindo um enigma filosófico totalmente alheio à sua própria vida—. Mas por outro lado, esses rótulos que colocamos em nossos sentimentos sexuais são tão absurdos, não acham? Como se fosse tão fácil classificar os nossos gostos ou como se eles nunca mudassem. É como aqueles homens que dizem que se sentem atraídos por seios ou pernas. Quer dizer... —Ele deixou a frase no ar. Depois de um momento, ele continuou: “Você está certo, é claro. É verdade que ele é muito jovem. Mas agora vejo que essa época tem um encanto muito particular. Você sabe quando as feministas ficam com raiva porque os velhos perseguem as mulheres jovens? Nunca concordei com eles. Sempre simpatizei com os carcamales. E agora estou feliz por ter feito isso, porque entendo que um corpo jovem e bonito pode te deixar louco. Eu poderia passar horas acariciando e abraçando Steven e não me cansaria. É como se ele quisesse... como se quisesse... penetrá-lo.

—Não por favor. —Levante a mão.

Ele riu novamente, como se estivesse soltando um grito.

—Bem, não estou falando literalmente, não quero dizer com um daqueles consolos ridículos. Minha fantasia é mais que eu entraria nele, de alguma forma. Ou que me deixaria engolir por ele. É como quando você abraça um bebê ou um gatinho e tem tanta vontade de apertar que vai matá-lo... —Ele cruzou os braços. Com um sorriso, ela acrescentou: “Ah, você acha que

sou depravada”.

Eu balancei minha cabeça. Ele falou comigo como se eu fosse uma velha murcha que tivesse esquecido o que era o desejo. Ela não “queria” que eu entendesse, agora eu entendo. Ele gostou da ideia de ser incompreensível.

“Isso não diz respeito apenas a você”, eu disse. Tem filhos. Você já pensou sobre eles?

Seu rosto mudou.

—Eu sei, Bárbara. Eu sei que estou sendo uma pessoa muito má. E fico pensando que deveria terminar o relacionamento.

—Então não pense mais nisso e faça, pelo amor de Deus.

Sheba acenou com a mão.

"Por favor, Bárbara, não me dê sermões." Não adiantará nada. Estar apaixonado é um estado, não acha? É como estar deprimido. Ou em uma seita. É basicamente como se você estivesse debaixo d'água: as pessoas podem lhe contar sobre a vida na terra, mas isso não significa nada para você...

—Mas o que diabos você diz sobre o amor? -Eu respondi-. Não seja estúpido.

-Por que está falando assim comigo?

—Estou tentando ajudar você.

—Não, quero dizer tacos. Você nunca jura.

—Ei, Sheba, por favor. Não me diga que você quer. Isto não é amor.

—Não sei se consigo definir o que é. As pessoas sempre querem minimizar essas coisas, certo? Quero recuperar minha juventude perdida. Ele quer experiência. Eu estou dando para você. Ele está dando para mim. Sinto muito por ele. Ele me faz

sentir pena dele... Mas nunca é tão simples assim, não é?

Balancei minha cabeça em negação.

-Isto é uma loucura. Você transformou isso em algo que não é. Está tudo na sua cabeça.

Sheba estava prestes a protestar, mas de repente começou a rir.

"Esse não é o pior lugar onde eu poderia estar?"

Tive vontade de dar um tapa nela, colocar as mãos em seu pescoço e sacudi-la como uma boneca.

-Chega! Isso é tão... quero dizer, vocês compartilham algum interesse? Além do sexo, é claro.

"Bah, não consigo lidar com essas coisas", disse Sheba. Também li esses testes em revistas femininas: "A confusão entre sexo e amor" e "Você confunde orgasmo com amor verdadeiro?". Eu sei do que se trata, e estou lhe dizendo, acho que é um absurdo. Eu nem sei o que eles significam. Quem inventou essa distinção? Não é arbitrário? Não podemos simplesmente dizer que tenho sentimentos muito fortes por Steven?

—Mais intenso do que o que você sente por Richard? Para sua família? —Eu disse, já levantando a voz.

-Sim! —Sheba respondeu, também gritando—. Não! Quero dizer... sim, na verdade, sim.

Permanecemos em silêncio por alguns momentos, assimilando sua confissão.

"Pelo menos é igualmente intenso", acrescentou calmamente depois de um tempo. Nestes momentos. Quero dizer, claro que é algo físico. E não, não "compartilhamos interesses". O que você acha? Ele tem dezesseis anos. O único

interesse que compartilhamos somos nós mesmos. Por que isso não deveria ser suficiente? Também não estou pensando em me casar com ele.

—Bem, que bom que você ainda tem aquele resquício de lucidez... Já pensou que ele provavelmente está se gabando disso para os amigos?

—Sim, já pensei nisso, mas ele não está fazendo.

-Como você tem tanta certeza?

Sheba encolheu os ombros.

—Nem sempre sou, mas geralmente sim. É complicado. Em certas coisas, confio nele mais do que em qualquer pessoa. Tem uma certa dureza nele, mas ele também é muito vulnerável... Eu não aguentava, literalmente não aguentava, ver ele sofrer por alguma coisa. Eu choro de raiva só de pensar nisso. Acho que ele me inspira mais com o que chamam de instinto maternal do que Polly.

—Mas Sabá...

—Sei que meu comportamento é indefensável, Bárbara. Mas não posso evitar, não quero evitá-lo.

—Você quer que eles te peguem? É disso que se trata? Do perigo da situação?

-Não! ele exclamou, torcendo as mãos em exasperação. Não, não posso explicar por que estou fazendo isso. É o que eu quero dizer. Não sei. É o que acontece com esse tipo de experiência, certo? O que não pode ser simplificado? Tem que haver mistérios, não me refiro aos mistérios religiosos, mas aos do comportamento humano, que não podem ser compreendidos.

Quando saí, cerca de uma hora depois, Sheba me abraçou calorosamente na porta e combinamos de continuar

conversando no dia seguinte. Fui bastante amigável. Mas assim que entrei no carro, a raiva começou a me corroer como ácido de bateria. Fiquei enojado não apenas com a extrema loucura das ações de Sheba — a miséria em que ela se colocou — mas também com a imensa falsidade que ela revelou com tanta naturalidade. Havíamos conversado sobre como ela traiu Richard, seus filhos e até a escola. Mas nenhum deles me disse nada sobre seu engano. Não lhe ocorreu pedir desculpas por isso. Nossa amizade significava alguma coisa para ela? Ou teria sido apenas uma forma de enganar: um disfarce para que os professores não seguissem o rasto do verdadeiro escândalo? Durante todos aqueles meses em que imaginei que éramos bons amigos, ela zombou de mim.

Num semáforo em Highgate Hill notei uma garota no banco de trás do carro à minha frente olhando para mim com os olhos arregalados. Percebi que, no último minuto, havia batido repetidamente no volante. Quando olhei, havia uma mancha vermelha grande e brilhante na parte inferior da minha mão.

Ao chegar em casa, sentei-me na sala, onde comi um bolo de geleia e fumei um cigarro atrás do outro enquanto pensava nas revelações daquela noite. Por mais de uma hora eu estava totalmente determinado a ir para a escola no dia seguinte e contar tudo a Pumbler. O bem-estar moral de Connolly não me preocupava nem um pouco. Naquela época, como agora, ele presumiu que o menino era perfeitamente capaz de se virar sozinho. A única coisa que motivou meu desejo de contar a Pumbler foi a fúria.

Porém, aos poucos, à medida que consumia os cigarros e o bolo, minha raiva começou a se dissipar. É claro que ele não contaria a Pumbler. Sheba tinha sido muito má comigo, não havia dúvida disso. Mas ele não tinha a intenção de me machucar. Era óbvio que ele queria me contar desde o início.

Ele não agiu com uma mente clara. Ela teve uma relação sexual com um estudante, pelo amor de Deus. Obviamente, ele estava tendo algum tipo de colapso nervoso.

Quando comecei a me preparar para dormir, já eram duas da manhã. No espelho do banheiro vi meu rosto cansado e esverdeado. "Sheba é minha amiga", eu disse ao meu reflexo. Agora ele precisa de mim. *Portia* sentou-se na beira da banheira, onde me observou escovar os dentes com sua altivez habitual. Cuspi e lavei a boca e apliquei creme de limpeza no rosto. "Quem vai ajudá-la se eu não ajudar?" No quarto, coloquei a camisola e tirei as almofadas da cama. O cachorro do proprietário estava choramingando no quintal. De uma das ruas vizinhas ouvi gritos de jovens bêbados. *Portia* me seguiu até o quarto e estava se esfregando em minhas pernas. Tirei a colcha e deitei-me. «Vamos, anime-se. "Uma verdadeira amizade supera esse tipo de crise." *Portia* pulou na cama e deu alguns passos cautelosos, testando possíveis pontos com suas garras. No final, ele decidiu deitar-se pesadamente – e vigorosamente – em cima das minhas panturrilhas. Coloquei o despertador e apaguei a luz. Através de um espaço entre as cortinas, um raio de luar iluminou *Portia* como um holofote, envolvendo-a em glamour. "Sheba *contra mundum* ", anunciei para a sala silenciosa e escura.

Doze

É Páscoa e Sheba e eu fomos para o litoral passar alguns dias com a família da minha irmã. Os Harts sempre têm muita gente em casa nesta época do ano; Sheba prepara uma grande coxa de porco assada e uma caça aos ovos é organizada no jardim. Este ano, por razões óbvias, nem sequer foi considerado, então Richard foi com Polly e Ben para a casa de amigos em Shropshire. Sheba ficou extremamente chateada quando descobriu que não passaria a Páscoa com o filho e tentei interceder junto a Richard em seu favor, mas ele estava com um humor vingativo e não quis ouvir falar em alterar seus planos. Depois disso, Sheba ficou muito deprimida e passou horas e horas trancada em seu quarto, trabalhando em sua escultura. Numa tentativa um tanto desesperada de animá-la e distraí-la, decidi levá-la para Eastbourne.

Marjorie precisava ser convencida. Ela e Dave não estão acostumados a receber degenerados famosos em sua casa. Quando liguei pela primeira vez para propor a visita, ele disse que precisava “pensar nisso em suas orações” antes de me dar uma resposta e eu não tive muitas esperanças. Mas no final ela consultou seu pastor, Des, que pensou que Deus acolheria Marjorie estendendo a mão amiga a um pecador. Na noite em que chegamos, Marjorie me parou no corredor e me garantiu num sussurro urgente: “Jesus está feliz por Sheba estar aqui”.

Marjorie e eu fomos criados na fé da Igreja da Inglaterra, mas nossos pais não eram nada devotos, então não sei de onde

Marjorie tirou esse gene religioso. Ela conheceu os Evangelistas do Sétimo Dia pouco antes de seu vigésimo aniversário através de Ray, um namorado que ela tinha na época. No final das contas, Ray foi para a Arábia Saudita trabalhar para uma empresa petrolífera, e Marjorie permaneceu na igreja e começou a namorar Dave, outro membro da congregação. Eles estão casados há quase trinta anos e toda a sua vida gira em torno da igreja. Os cômodos de sua casa estão abarrotados de bugigangas religiosas. Eles têm pelo menos vinte estátuas de gesso de Jesus Cristo (o beatífico menino Jesus em fraldas de porcelana; Jesus adulto com grandes bíceps derrubando barracas no Templo; trinta e tantas imagens de Jesus andando desanimado pelo Getsêmani, etc.). Acima da cômoda de seu quarto está uma versão deliciosamente ruim da Última Ceia, com todos os discípulos vestindo roupas vermelhas e levitando. E na sala onde Sheba e eu dormimos, está pendurado um pôster de um por dois metros de um porto ao pôr do sol, com uma citação de São Mateus: "Venha comigo", disse Jesus, "e eu farei com que você pescadores de homens." Por ser Páscoa, a minha irmã improvisou um retábulo da Paixão por cima da televisão: um crucifixo dourado, rodeado por dez coelhinhos da Páscoa de porcelana com boinas escocesas.

Esse é o verdadeiro vínculo da minha irmã com Deus, eu acho: acessórios. Há um verão, antes de ela se casar com Dave, viajamos juntos para a Europa e visitamos Lourdes. Acho que nunca a vi tão feliz como quando passeava pelas lojas de presentes de Lourdes. Ele gostava dos amputados e dos espasmódicos que faziam fila para serem mantidos em poças de água benta. Ele gostava de concertos comunitários e procissões à luz de tochas. Mas o que realmente a empolgou foram as bugigangas, as camisetas, as bugigangas. É uma pena, penso muitas vezes, que Marjorie não tenha se convertido ao catolicismo. Ele teria delirado com o rosário.

Fiquei um pouco preocupado com a reação de Sheba ao meio ambiente aqui. Não creio que ele tenha interagido muito com os crentes ao longo de sua vida. Mas, por enquanto, tudo parece estar indo bem. Ela diz que está encantada com minha irmã e meu cunhado. “Como vocês estão felizes”, ela repete para eles continuamente enquanto anda pela casa de camisola. E embora eu possa detectar uma certa arrogância em sua declaração, Marjorie e Dave estão muito lisonjeados. «Ela não é bonita? —Marjorie me conta em um aparte assim que Sheba nos vira as costas—. Ele não fala muito bem? Até Dave, um homem reconhecidamente calado, admitiu sarcasticamente que as fotos de Sheba no jornal “não lhe fazem justiça”.

Ontem de manhã Sheba se insinuou ainda mais quando insistiu em ir com a família à missa da Sexta-Feira Santa. Marjorie quase se molhou de tanta excitação. Eu não fui, é claro. Tive o cuidado de permanecer “adormecido” até que todos saíssem de casa. Então, quando tive certeza de que ninguém voltaria para procurar um par de luvas esquecido, levantei-me e comecei a arrumar um pouco a sala. Enquanto eu estava pegando, encontrei a bolsa de Sheba.

Eu não tinha a intenção de vasculhar a bolsa dela, mas quando vi o caos lá dentro, não resisti e fiz uma pequena limpeza. Você tem que ver a sujeira que Sabá guarda! Um punhado de moedas soltas. Uma barra de maquiagem sem tampa e cheia de fiapos. Várias picapes Polo sujas. Um par de absorventes internos saindo de suas embalagens plásticas rasgadas. No fundo de tudo isso, espiando pelo forro rasgado da bolsa, encontrei um envelope com um maço de fotografias amassadas.

Naturalmente, hesitei em olhar para eles. Não gosto nem um pouco de violar a privacidade de Sheba. Mas como guardião não oficial de Sabá, tenho certas obrigações das quais não

posso fugir. Acontece que as fotografias eram de Sheba e Connolly: todas tiradas na mesma tarde em Hampstead Heath. Eles incluíam algumas fotos de Sheba sentada na grama, onde ela não parecia muito bem. Houve várias palhaçadas de Connolly: flexionando os músculos como Charles Atlas, mostrando a língua, revirando as pálpebras. Seu rosto pequeno e banal me deixou enjoado. Mas ele ainda não tinha visto o pior. No fundo da pilha, quatro ou cinco fotos ligeiramente tortas mostravam os dois amantes juntos. (Connolly aparentemente estava segurando a câmera com o braço estendido.) Isso era claramente obsceno. Em dois deles, Sabá estava nu da cintura para cima. Em outra imagem particularmente repugnante – cuja memória tentei em vão apagar da minha memória – Sheba estava ajoelhado diante de Connolly e teve suas partes íntimas expostas.

Quando coloquei as fotos de volta no envelope, minhas mãos tremiam. Sheba me jurou diversas vezes que havia destruído todas as lembranças de seu relacionamento com Connolly. E, no entanto, aqui está ela, ainda escondendo fotos pornográficas do menino na bolsa. Minha primeira reação foi destruí-los, mas Sheba teria notado que eu havia vasculhado sua bolsa. Relutantemente, coloquei o envelope de volta no lugar.

Sheba voltou da igreja muito animada. Que experiência gratificante eu acabara de ter! Ah, ele estava morrendo de vontade de repetir! Eu esperava ver uma piscadela ou algo assim – algum tipo de reconhecimento do absurdo da situação – mas nada. De certa forma, teria sido menos ultrajante se ele demonstrasse um mínimo de sinceridade para com a igreja de Marjorie. De qualquer forma, ela não corre o menor perigo de se tornar religiosa. Para ela, os assuntos de Deus são apenas entretenimento: flertes ao estilo de Maria Antonieta com rituais

mágicos de outras pessoas. Ouso dizer que se minha irmã e sua família fossem santeros, ela teria se juntado a eles com a mesma alegria, queimando efígies e sacrificando cabras.

Hoje, em parte para agradá-la e em parte porque as fotos me convenceram de que preciso ficar de olho nela, acompanhei-a na sua segunda visita à igreja. Uma nota no quadro de avisos do saguão referia-se à missa matinal como "Bom Senhor AM". Quando apontei calmamente esse terrível americanismo, Sheba nem sequer sorriu. Ao longo do sermão e dos hinos, ele manteve um sorriso hediondo e beatífico. Mais tarde, quando o Pastor Des chamou os paroquianos para a frente para a "Ceia do Senhor", vi, para minha surpresa, que ele se levantou. A princípio pensei que ele estava confuso e não sabia para que servia a fila. Mas, claro, ele sabia disso perfeitamente. Aparentemente, eu já havia comungado no dia anterior, com minha irmã.

Depois da missa, Dave e os meninos ficaram na igreja para ajudar na cozinha. Marjorie, Sheba e eu voltamos para casa para preparar a comida. Sheba não parava de falar sobre como os hinos eram lindos e como o Pastor Des era maravilhoso. E então, de repente, ele começou a falar sobre amor. Ele disse: «Às vezes penso que durante o último ano vivi numa espécie de transe. Em outras palavras, o que é um relacionamento amoroso senão um pacto mútuo de falsas ilusões? Quando o pacto termina, não resta mais nada. Isso é o que acontece com as pessoas que acreditam em Deus, certo? O amor que sentem por Ele nunca acaba. Ele nunca os decepciona. Certa vez, li um escritor que argumentava que o amor — ele se referia ao amor romântico — é um mistério e, quando a solução é encontrada, ela desaparece. Naquele momento isso não significava nada para mim. Mas agora vejo como isso é verdade. Como acertar o alvo, certo? Ele olhou para Marjorie, que sorriu silenciosamente.

Enquanto Sheba fazia seu discurso maluco, fiquei preocupado em dizer algo que chocasse ou ofendesse minha irmã. Mas eu não tinha nada com que me preocupar. A pobre Marje nem sabia do que Sheba estava falando.

Agora tenho que contar, com não pouca relutância, os acontecimentos ocorridos em dezembro de 1997. Para mim, este período constitui a parte mais dolorosa da minha história, até porque, para ser totalmente sincero, devo confessar um comportamento de minha parte, parte muito repreensível. Depois de ler o que irei explicar, alguns me julgarão com severidade. A eles eu digo: por mais severo que seja o seu julgamento, não será mais severo que o meu. Meu remorso pelas minhas próprias falhas é infinito. Se conto como agi, como o fiz com especial cuidado, não é porque espero exonerar-me, mas sim porque quero ser tão rigorosa e impiedosamente honesto quanto possível.

Dezembro começou como um mês difícil para Sheba e para mim. Sheba teve problemas com Connolly. Ele percebeu que o entusiasmo do menino pelo relacionamento estava começando a diminuir. O tratamento que dispensava a ela era cada vez mais duro, ele até parecia entediado, e em algumas ocasiões Sheba, ao vê-lo, ficou com a sensação de que ele a estava "usando". No início, ele achou difícil admitir essas suspeitas. Pareceu-lhe, creio eu, que falar sobre eles em voz alta lhes daria uma espécie de status oficial que não poderia mais ser erradicado. Mas sua angústia era grande demais para ser escondida por muito tempo.

"Ele está fugindo de mim!" —ela gemeu uma tarde quando estávamos saindo da escola juntos—. Ele está recuando, posso dizer. E quanto mais ele se distancia, mais desconfortável me sinto.

A aventura começava a provocar nela um estado de

introspecção inebriante e um tanto piegas, explicou-me ela. Ela estava imbuída de um senso de transcendência das coisas, um senso de sintonia com as grandes verdades melancólicas da vida. Apaixonar-se nunca lhe produziu sensações tão solenes. Seu namoro com Richard foi feliz e despreocupado. O momento em que chegou mais perto do estado em que se encontra agora, disse ela, foi no terceiro trimestre da gravidez, quando, assim como agora, os detalhes mais inconsequentes a fizeram chorar de emoção.

Ela agora escrevia cartas longas e líricas para Connolly, disse ela, cartas com análises pessimistas de seus sentimentos e declarações apaixonadas de seu compromisso com ele. Como era muito arriscado enviá-los, ele os entregava no final das reuniões. (Às vezes, quando se encontravam novamente, ele perguntava a ela sobre o significado de certas palavras.) Pela primeira vez na vida, Sheba sentiu ciúme sexual. No último encontro, Connolly mencionou que iria a uma festa naquele fim de semana e ela gostou muito. Antes, Connolly mal falava sobre sua vida social; ele sempre resistiu vigorosamente quando ela tentou questioná-lo sobre isso. Ele estava agora tentando provocá-la? Sheba tentava manter a calma, mas sempre o imaginava na festa, bebendo sua cuba libre num copo de plástico, dançando com garotas de pele aveludada vestidas de prostitutas.

—Você vai ficar com alguém? -disse. Era uma pergunta estúpida, mas ele não conseguiu evitar.

Connolly sorriu.

"Eu não sei", ele respondeu. Talvez.

Era um comportamento absurdo, Sheba sabia. Ela não podia esperar que ele fosse fiel a ela. No entanto, a mera ideia de ele tocar outra pessoa – de outra pessoa tocá-lo – a deixou

desesperada.

As coisas também estavam ruins entre Richard e ela. Eles começaram a discutir por nada, disse ele. Isso a deixou mortificada, porque ela e Richard sempre se orgulharam da serenidade de sua coexistência. Os pais de Sheba discutiam incessantemente. Ela e Eddie passaram uma parte desproporcional da infância, ela me contou, banidos para o jardim para que os pais pudessem gritar um com o outro quando quisessem: "Às vezes eles se esqueciam de nós e ficávamos lá fora por horas. Quando finalmente nos deixaram entrar, meu pai havia partido e minha mãe estava batendo as portas da cozinha, fazendo alusões não tão veladas ao quão miserável era sua vida de casada. Foi horrível. Jurei que nunca teria um relacionamento assim. "Richard e eu sempre soubemos como resolver as coisas conversando."

Sheba atribuiu instintivamente seus problemas conjugais à presença de Polly na casa. «É insuportável, insuportável! —ela disse furiosamente—. Isso está deixando toda a família louca! »Mas com o passar das semanas, ela tendeu a reconhecer que seu caso com Connolly era a verdadeira fonte do problema. "A verdade é que desprezo Richard", explicou ele uma noite. Porque ele não sabe. Não acredito que sou tão cego! Como pode ser que ele me ama e não percebe isso? Quando volto para casa depois de estar com Steven, vejo-o roncando e tenho vontade de bater na cabeça dele com uma frigideira. Tenho vontade de gritar: "Quer saber, seu idiota presunçoso? Acabei de chegar do parque, de foder um garoto de dezesseis anos! O que você pode me dizer sobre isso?"

Eu também estava deprimido em dezembro. Eu estava preocupado com a situação de Sheba, é claro. Mas o que mais me preocupava era *o declínio da saúde de Portia*. Numa sexta-feira, em meados de novembro, voltei da escola tarde da noite

e encontrei uma poça de vômito rosa claro na minha cama. Após uma série de exames, o veterinário diagnosticou câncer de cólon e a submeteu a uma rigorosa radioterapia. O veterinário estava confiante na possibilidade de uma recuperação total e eu queria partilhar o seu otimismo, mas a doença, ou o tratamento, ou ambos, estavam a sugar a vida de *Portia* a um ritmo alarmante. A criatura orgulhosa e irônica que compartilhou minha vida durante doze anos estava se transformando diante dos meus olhos em um gatinho encolhido e sem graça. Cada dia estava mais seco.

Suponho que alguns acharão inapropriado comparar meus problemas com os de Sheba. Eles acharão difícil acreditar que um animal doente possa causar tanta dor a uma pessoa quanto um amante caprichoso. Sem dúvida, Sheba não entendeu isso. Na verdade, foi a sua incapacidade de respeitar o meu sofrimento – de responder com qualquer coisa que se assemelhasse à compaixão – que levou à nossa breve mas catastrófica separação.

No sábado da primeira semana de dezembro fui buscar *Portia* depois da sessão de radioterapia na clínica veterinária. Ela sempre permanecia um pouco fraca após esses tratamentos, mas desta vez parecia especialmente debilitada. Fiquei tão angustiado ao vê-la naquele estado que fui direto para a casa dos Hart. Eu nunca tinha aparecido lá sem avisar, mas parecia-me que em circunstâncias tão extraordinárias eu poderia muito bem ignorar a etiqueta. Quando cheguei, a casa estava escura. Mesmo assim, tirei a gaiola do gato do carro e subi as escadas para tocar a campainha. *Pórcia* estava dormindo. Esperei na porta, desejando com todas as minhas forças que Sheba estivesse em casa. Depois de um tempo, quando eu estava me virando para sair, ouvi passos apressados e Sheba abriu a porta. Ele estava trabalhando na oficina,

explicou. Richard e as crianças estavam fora. Se notou a presença de *Portia*, não deu o menor sinal.

“Na verdade não estou trabalhando, só estou esperando Steven me ligar”, disse ele enquanto descíamos para o porão. Combinamos para esta tarde.

Coloquei cuidadosamente a gaiola no chão e sentei-me numa cadeira dobrável.

Sheba deu uma risada nervosa.

—Ele teve que me ligar há uma hora, mas até agora não disse uma palavra. Que menino mau!

Eu balancei a cabeça.

“Ele pode ter problemas para fugir de sua família”, continuou ele. Em geral ele é bastante pontual. Sua mãe às vezes o obriga a acompanhá-la quando ela vai às compras. Para carregar as malas...

“Portia é terrível”, eu disse, apontando para a cesta.

Sheba olhou para ela.

“Meu Deus, pobre Portia.” Você está vindo do veterinário?

—Sim, ele está sofrendo muito. Não o suporto. -Comecei a chorar.

—Pobre Bárbara. É horrível. —Ele se aproximou e se agachou na minha frente—. “Ele ficará bem em breve”, ele assegurou, dando um tapinha no meu joelho.

Então ele puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

-Por favor não chore. O veterinário irá curá-la.

Suas tentativas de conforto foram tão superficiais — tão tolas — que fiquei momentaneamente irritado. Tirei um lenço de papel da manga e enxuguei lentamente os olhos.

Sheba tinha os longos braços apoiados no colo e sua pele era tão pálida que suas veias apareciam: longas linhas esverdeadas, como algas vistas através da água.

—Na escola, você e seus amigos não acariciavam os braços um do outro? —perguntei de repente.

Se pôs a rir.

-Que? Não.

"Bem, nós temos", eu disse. Acariciávamos a parte interna dos antebraços durante o horário de estudo. Uma garota acariciava outra enquanto uma terceira acariciava a segunda. Formamos longas cadeias de carícias. É uma sensação agradável.

Sheba riu incrédula.

"Pode ser para meninas de treze anos sedentas de sexo", observou ele.

"Oh, não, não tem nada a ver com sexo", respondi. Você vê, deixe-me mostrar a você.

Peguei seu antebraço direito e passei as pontas dos dedos sobre ele, do cotovelo ao pulso. Ele nunca havia tocado Sheba de maneira tão íntima.

No começo ele riu nervosamente.

—Só faz cócegas! -ele exclamou.

"Não, não", respondi. Fecha os olhos. Sinta.

Ele fechou os olhos e eu continuei acariciando seu braço longo e fino. Depois de alguns momentos, ele abriu a boca e retirou o braço.

"Relaxe", eu disse, pegando seu braço novamente.

"Não faça isso", ela retrucou. Me deixa doente. —Ele

abaixou a manga.

O telefone tocou e Sheba saltou para atender. Eu poderia dizer que ele estava falando com Connolly pela maneira como ele sussurrava e ria. Ele levou o telefone até a pia do porão e fechou a porta.

Furioso, fiquei ali sentado balançando a perna esperando ele voltar.

Quando ele saiu, ele estava sorrindo.

—Ei, me sinto mal, Bárbara, mas preciso sair. Era ele.

Observei enquanto ela reunia apressadamente suas coisas.

-Eu não disse.

Sheba virou-se para mim, erguendo as sobrancelhas como dois chapéus chineses.

"Quero dizer, por favor", eu disse, um pouco surpreso. Não vá ainda. Fique comigo mais um pouco.

Ele veio me abraçar.

"Tudo vai ficar bem", ele insistiu. Você verá.

Então ele se levantou e vestiu o casaco.

"Não vá, Sheba", repeti.

Ele olhou para mim com curiosidade.

—Ei, Bárbara, preciso ir.

Tive vontade de gritar. Maldito Connolly. Maldita criança.

"Sheba..." Murmurei, agarrando-a pela manga do casaco.

-Por favor! ele gritou, e se afastou tão abruptamente que perdi o equilíbrio e caí da cadeira, batendo o quadril na beirada do torno.

Houve um barulho estranho na jaula, como o raspar de um

dedo deslizando sobre o vidro. *Portia* havia acordado.

"Meu Deus, Bárbara, você está bem?" —Sheba olhou para mim com uma mistura sutil de impaciência e alarme.

Fiquei sentado por um momento, tocando meu quadril.

-Acho que sim.

-Claro?

-Sim Sim. Foi só o quadril. —Na verdade, doeu muito, mas eu não queria fazer barulho. Olhei para dentro da jaula. *Portia* estava enrolada na outra extremidade, com os cabelos em pé e as unhas para fora. "Não se preocupe, não há nada de errado", sussurrei através das grades.

"Sinto muito", desculpou-se Sheba.

Então ela pendurou a bolsa no ombro e colocou o chapéu. Eu estava saindo de qualquer maneira? Mesmo depois de ter sido jogado no chão? Levantei-me e cambaleei um pouco.

—Você acha que pode dirigir para casa? -perguntado.

"Ah, sim, estou bem", respondi.

Sheba estava pensando demais para ouvir a frieza em minha voz.

"Bem, bem", disse ele, e se dirigiu para a porta.

Peguei a gaiola e, mancando, a segui. Na rua nos despedimos com um abraço tenso.

"Bem, acho que nos veremos na segunda-feira", disse Sheba, mudando nervosamente de um pé para o outro, como se precisasse ir ao banheiro. Balancei a cabeça e tirei as chaves do carro. De qualquer forma, cuide-se..." Ele me deu um tapinha nas costas quando me inclinei para abrir a porta. "Ugh," eu disse, esfregando meu quadril. Tenho certeza que terei um bom hematoma amanhã de manhã...

Mas quando me virei, ela já tinha ido embora. Meio correndo, ela desceu a rua correndo para encontrar seu amante antes que ele mudasse de ideia.

Treze

Nas duas semanas seguintes evitei Sheba. Na escola, eu **d**ficava na sala de aula nos intervalos e quando ela se aproximava de mim nos corredores eu era amigável, mas distante. Uma vez ele me ligou e me convidou para ir à casa dele, mas eu intencionalmente dei uma desculpa esfarrapada para não ir. Ele estava com um humor desafiador. “Acabou”, pensei. Vamos ver como ele se sai sem mim. » E depois de um tempo comecei a ficar deprimido. Talvez mais do que deprimida, ela estava confusa. Minha vida parecia incoerente para mim. Por que meus amigos sempre me abandonaram? Por que eles sempre me decepcionaram? Eles nunca iriam me compensar pela minha perseverança?

Durante esses quinze dias o tempo estava horrível. As tempestades de granizo iniciais foram seguidas por alguns dias de céu sombrio e amarelado. Então vieram ventos quase com força de furacão. Em Londres, quatrocentas árvores foram derrubadas numa única noite. Fiquei me perguntando onde Sheba e Connolly estavam se vendo, se é que estavam em algum lugar. Naquela época eu dormia muito mal. Mesmo quando estou de bom humor, tenho dificuldade em adormecer. Tenho tendência a andar pela casa durante horas antes de ir para a cama, tentando adiar o momento em que puxo o lençol frio até aos ombros e aceito que mais um dia acabou. Naquela época, ele costumava vagar pela casa até as três ou quatro da manhã. Às vezes eu adormecia na poltrona com *Portia* no colo,

e poucos minutos depois acordava com o uivo do vento na rua.

A saúde de *Portia* ia de mal a pior. Ele passava a maior parte do dia no sofá e seu rosto parecia uma máscara kabuki de desespero. A certa altura, fiquei tão desanimado que pensei em tirar licença médica da escola e ir para a casa da minha irmã com *Portia*. Pelo menos, pensei, eles preparariam minha comida lá.

E então, pouco antes das férias de Natal, Bangs, o professor de matemática, me convidou para sair. Um dia ele se aproximou de mim maliciosamente no corredor e sugeriu me encontrar para almoçar no sábado seguinte. Em um restaurante. Foi estranho. Eu sabia muito bem que Bangs não tinha intenções românticas comigo. Mas fiquei surpreso que ele tivesse um interesse platônico. Bangs estava na Saint George's há quatro anos e até então nunca demonstrara o menor entusiasmo em cultivar minha amizade fora da escola. Agora sei que deveria ter recusado o convite. Mas como o meu moral estava tão baixo, preferi ver a sua abordagem como um sinal: uma mensagem de esperança.

Bangs era pelo menos quinze anos mais novo que eu e era um idiota. (Mesmo nas minhas especulações mais otimistas, nunca perdi de vista esses detalhes.) Mas ele havia me notado. Ele me escolheu para compartilhar sua refeição de sábado. E quem era eu para ser seletivo? Receio que, por alguns dias, deixei minha imaginação correr solta. Imaginei-me abandonando meu velho e infeliz eu para entrar na luz e no ar do mundo normal. Ela deixaria de ser a velha enclausurada à espera do convite da amiga casada. Eu finalmente seria uma pessoa que sairia nos finais de semana, que carregaria na carteira fotos documentando cenas de festas divertidas, churrascos barulhentos e batizados cativantes aos quais acabara de assistir. Lembro-me de sentir profunda satisfação

por ter uma atividade social — um encontro pessoal — sobre a qual Sheba nada sabia.

Quando chegou o sábado da minha consulta, eu estava muito agitado e provavelmente teria passado a manhã nervosa se não tivesse que levar *Portia* às pressas ao veterinário, o que me salvou de cair nessas bobagens. A coitada passou a maior parte da noite vomitando no chão da sala. Ao amanhecer, ele se retirou para o sofá, onde ficou miando da maneira mais lamentável. Liguei para o atendimento do veterinário às sete e eles me marcaram para vê-la com urgência às nove. Quando a acolhi, o veterinário fez um exame minucioso e disse que queria fazer mais exames. Eu verifiquei o relógio. Se eu quisesse voltar para Archway para minha consulta de cabeleireiro, teria que deixar *Portia* lá sozinha. Lutei com minha consciência por alguns momentos. Então dei um beijo envergonhado *em Portia* e fugi.

Detesto ir ao cabeleireiro, por isso vou o mínimo possível, mas ainda por cima, devido ao meu humor nas duas semanas anteriores, tinha negligenciado a minha aparência pessoal. Por um curto período, parei completamente de pentear meu cabelo e precisava de uma mecha a todo custo. As pessoas presentes exibiam o bom humor um tanto desesperado característico dos locais de trabalho britânicos no Natal. Todas as meninas usavam buquês de enfeites nos cabelos e pegavam com os dedos, de forma pouco higiênica, pedaços do tronco de Natal de chocolate acinzentado que um cliente havia trazido. Eles me trataram com o desprezo habitual. Como punição pelo atraso – menos de cinco minutos – eles me fizeram esperar meia hora exasperante antes de me servir. E então, enquanto eles lavavam meu cabelo, abri os olhos e peguei a garota desagradável rindo de mim e fazendo caretas para um colega acima da minha cabeça.

Ele teve sorte de eu não estar com disposição para brigar, caso contrário, garanto a você, ele teria percebido o que estou dizendo.

Depois de sair do salão de cabeleireiro, só tive tempo de voltar correndo para casa e me trocar. Coloquei a saia preta e os sapatos baixos (sem saltos ridículos dessa vez). Depois fui para Camden Town. O restaurante que Bangs escolhera era novo – bem, pelo menos para mim – e chamava-se Vingt-et-trois, a poucos passos da Camden High Street. Quando estacionei chovia muito, mas peguei meu guarda-chuva e me obriguei a dar duas voltas no quarteirão, andando bem devagar, antes de entrar, para não chegar muito cedo.

Mesmo assim, fui o primeiro a chegar. O restaurante estava escuro e a música pop tocava muito alto. Ao lado do púlpito do maître, uma jovem cantarolava a letra da música. Ele vestia uma camiseta que terminava alguns centímetros acima do umbigo e calças que começavam vários centímetros abaixo. Dei a ela o nome de Bangs, mas ela não conseguiu encontrá-lo em seu livro enorme (Bangs não tinha feito reserva) e, embora houvesse pelo menos seis mesas vazias, a garota insistiu que eu não poderia sentar até que todos meus companheiros chegassem. Naquele momento eu estava com um medo estúpido. Ela deve ter notado e ficado com pena de mim, porque me ofereceu a carta e disse, muito gentilmente, que eu poderia esperar no bar se quisesse. O bar ficava em outra sala, além de um pequeno arco, e enquanto ele me levava até lá, ele colocou o braço em volta da cintura e coçou despreocupadamente a parte cor de mel das costas entre a camiseta e a calça.

O homem atrás do bar, com um chapéu de Papai Noel vermelho e um ramo de visco atrás da orelha, fazia um grande barulho. Falava em gritos ininteligíveis aos companheiros e aos

três clientes empoleirados nos bancos. "Está tudo bem, Barry?", ele gritou para um garçom que passava quando entrei. Ele tinha um sotaque londrino muito forte e um tanto afetado, típico de alguém que se deleita com distorções dialetais. Quando ele me perguntou o que eu queria beber, o fez com uma agressividade tão exagerada que, apesar de estar com sede, balancei a cabeça e respondi que não queria nada. "Nada? ele gritou com falsa indignação. Nada? Claro?" Ele disse isso com um sorriso, e os outros no bar olharam para mim e sorriram também. Agora entendo que foi só uma brincadeira; Bem, não é exatamente uma piada, é mais um tipo de humor sem sentido. O homem era um "personagem". Mas naquele momento pensei ter percebido alguma dica. Uma zombaria.

"Estou esperando um amigo", eu disse, para me explicar. Tive que levantar a voz para que ele pudesse me ouvir acima da música.

-*Um amigo?* —disse o garçom, mantendo o tom de falsa descrença—. Então, um amigo, né? É isso? O que está esperando por um amigo? Então você tem amigos, hein? Bem, bem, é sobre amigos, é isso? —Acenei com a cabeça, sem entender nada e me sentindo uma idiota—. Vamos", continuou o garçom, "coma alguma coisa". Uma bebida. Um bom copo de vinho, mime-se...

Ele se encostou no bar e me deu um sorriso irônico, com os olhos arregalados.

"Chega, por favor", eu disse de repente.

Houve um breve silêncio e os clientes sentados nos bancos do bar olharam para mim. O garçom, depois de ficar em silêncio por um momento, começou a rir e se virou. Naquele exato momento vi Bangs, ligeiramente curvado, sob o arco.

Viver coisas em sua imaginação nunca o prepara para a

realidade. Minha preparação mental para esse encontro — o filme em preto e branco que estava passando para mim durante toda a semana — só serviu para tornar a versão colorida mais surpreendente. A presença corporal de Bangs me deixou atordoado e um pouco horrorizado. Ele estava vestindo seu suéter vermelho com decote em V e uma jaqueta como as usadas pelos jogadores de beisebol americanos. A frente e as costas eram de tecido grosso, semelhante a feltro, mas as mangas eram de couro branco. Era uma roupa especial de fim de semana, presumi, porque nunca tinha sido vista na escola. Ele beliscava nervosamente o lóbulo da orelha esquerda e, mesmo a vários metros de distância, vi que sua erupção cutânea estava no auge. Por um momento tive medo de desmaiar devido à sobrecarga sensorial do momento: a visão de Bangs em sua mais pura essência.

-Olá! -disse-. Desculpe pelo atraso. Espero que você não tenha esperado muito. "Ele se aproximou rapidamente e então, sem avisar, se lançou sobre mim, como um pássaro voando em busca de comida. Quando me recostei, senti o roçar de um lábio molhado em meu queixo e percebi, tarde demais, que ele pretendia me beijar na bochecha.

"Não, não, você não está atrasado", respondi. (Não era verdade, claro. Mas só atrasou uns sete minutos.) Eu estava com minha bolsa no colo e, quando me levantei do banco, ela caiu no chão. Quando me abaixei para pegá-lo, ouvi o rugido oceânico da minha circulação sanguínea.

—Você já pediu uma bebida? Bangs perguntou. Ou...ou nos sentamos?

—Não, não pedi nada. Vamos para a mesa.

Voltamos para a moça do umbigo, que nos perguntou se éramos fumantes ou não fumantes.

Bangs olhou para mim.

—Você quer ir para a área de fumantes, certo?

—Sim, mas... não me importo.

-Ah bem. Bem, então a área para não fumantes.

Sentamo-nos e primeiro eu e depois ele soltamos altos suspiros, daqueles que servem para sinalizar que a paz e a tranquilidade foram restauradas após uma grande comoção. Eles já haviam nos entregado as cartas e Bangs disse que deveríamos dar uma olhada nelas imediatamente porque ele estava morrendo de fome. Contemplamos nossos textos vidrados em silêncio por um breve momento. Então, temendo que a pausa se transformasse num abismo intransponível, disse:

– Bela jaqueta, Bangs.

Bangs pareceu satisfeito com o comentário e por alguns minutos falou animadamente sobre seu agasalho. Aparentemente ele tinha outras dez jaquetas iguais. Eu os colecionei.

“Não porque eu seja um fã de beisebol”, disse ele. Simplesmente porque são legais, não acha?

Eu balancei a cabeça.

-Sim claro.

Cada vez que penso no meu encontro com Bangs, o que mais me assombra é a lembrança dessa conversa sobre a jaqueta. Depois houve outras humilhações mais severas. Mas, por alguma razão, este é o momento ao qual volto sempre, o momento em que cerro os punhos e solto um rosnado. O que é que me ofende? Meu falso elogio a uma jaqueta horrível? Ou minha aquiescência ao uso da terminologia adolescente por Bangs? Eu acho que as duas coisas. Mas acho que estou ainda

mais ofendido pelo motivo que me motivou: meu desejo de agradar Bangs.

Continuamos com nossos dolorosos esforços. Bangs me contou sobre alguns dos lugares onde ele comprou suas jaquetas, e então tivemos uma conversa franca sobre o mural de "combatentes da liberdade" que Pabblem acabara de propor para o pátio principal da escola. (Na opinião de Bangs, foi bastante controverso, mas poderia ser divertido.) Então a garçonete veio e anotou nosso pedido. Houve um interlúdio tenso entre o pedido dos pratos e a chegada deles, mas felizmente me ocorreu perguntar a Bangs sobre os novos livros de matemática para as classes mais altas. Como tema de conversa, deu muito de si, e sua opinião sobre o assunto ocupou o primeiro e o segundo cursos. Na verdade, tudo estava indo tão bem que quando a garçonete veio perguntar se queríamos mais alguma coisa, Bangs, com um sorriso caloroso, sugeriu que pulássemos a sobremesa e fôssemos tomar um café na casa dela. Eu apenas hesitei por um momento.

"Claro", respondi, "por que não?"

Pagamos pela metade. Bangs calculou mentalmente que minha metade era £ 23,45 mais £ 1,64 de gorjeta (ou £ 2,34, se ela quisesse ser "generosa"). Então ele deu um tapinha na coxa e sorriu.

-OK, vamos lá?

Talvez ela estivesse atordoada pelo vinho. Talvez eu estivesse me agarrando à esperança de que as coisas melhorariam. Talvez eu simplesmente não suportasse a ideia de voltar para casa, com o cabelo ainda duro do salão, para deitar na cama e assistir corridas de cavalos a tarde toda.

"Sim", eu disse, levantando-me, "vamos."

Uma vez, Sheba e eu discutimos sobre crianças. Estávamos

conversando sobre minha aposentadoria e fiz um comentário brincalhão sobre como seria triste.

“Bah, não diga isso”, disse Sheba. Sua dor parecia sincera. Mas, por algum motivo, a resposta me irritou. Eu senti como se ele estivesse me dizendo para calar a boca.

-Porque não? -Eu perguntei por-. É verdade. Sou uma velha ressequida, sem marido, com poucos amigos, sem filhos. Se eu tivesse um filho...

“Bobagem”, disse Sheba com uma franqueza que me surpreendeu.

—Por que “absurdo”? Se você nem sabe o que eu ia dizer.

-Sim, eu sei. Você ia dizer que uma criança teria dado sentido ou valor à sua vida ou algo assim, e isso não é verdade. É um mito. As crianças podem lhe dar muitas coisas, mas não significado.

—Como é possível que não dêem? Ei, quando você morrer, Polly e Ben ainda estarão vivos. Quando eu morrer, tudo acabará: não sobrará nada.

Sabá riu.

—Você acha que meus filhos são minha imortalidade? Eles não sou eu, sabe? E se a vida não tem sentido, trazer crianças ao mundo apenas cria mais falta de sentido.

—Mas estou sozinho, Sheba, você não vê?

Encolheu os ombros. Confrontar uma pessoa casada com o fato irredutível de ser solteiro costuma ser o truque que encerra uma discussão. Fiquei surpreso ao ver que Sheba não cedeu.

“Estar sozinho não é a pior coisa que pode acontecer com você”, disse ele.

—Mas é engraçado que quem não está sozinho sempre fale

isso, né? —Nesse ponto minha raiva já era considerável.

“Não é tão engraçado”, respondeu Sheba. Talvez eles estejam em melhor posição para julgar.

—Olha, Sheba, o único propósito indiscutível que o ser humano tem neste mundo é se reproduzir. E eu não fiz isso. Não há como evitar isso.

“Um propósito: está mais perto”, disse Sheba. As crianças lhe dão um propósito. Porque te mantêm ocupado, porque te obrigam a sair da cama todos os dias. Mas isso não é o mesmo que fazer sentido.

Comecei a rir, um tanto amargamente, infelizmente. O que pensei foi: “Esse é o tipo de distinção que uma mulher casada e com filhos pode pagar”.

Mas ele estava certo. Estar sozinho não é a pior coisa que pode acontecer com você. Você visita museus, cultiva seus interesses e se lembra da sorte que tem por não ser uma daquelas crianças sudanesas atrofiadas e com a boca cheia de moscas. Você faz listas de tarefas: organiza o armário de roupa de cama, aprende dois sonetos. Você se delicia com pequenas delícias: fatias de bolo de sorvete, shows no Wigmore Hall. E de vez em quando você acorda e olha pela janela para outro maldito nascer do sol e pensa: “Não aguento mais. Não posso me recuperar novamente e passar as próximas quinze horas evitando a existência do meu próprio sofrimento.

Pessoas como Sheba acham que sabem o que é estar sozinho. Eles se lembram de quando terminaram com um namorado em 1975 e demoraram um mês inteiro para conhecer outro homem. Ou a semana que passaram numa cidade siderúrgica da Baviera, aos quinze anos, na casa de uma amiga alemã de cabelos oleosos que até então só conheciam por carta e de repente descobriram que o melhor dela era a sua

caligrafia. Mas eles não sabem nada sobre o gotejamento constante da solidão interminável e de longo prazo. Eles não sabem o que é organizar um fim de semana inteiro em torno de uma visita à lavanderia. Ou sentado em um apartamento escuro na véspera de Todos os Santos, porque você não suporta expor sua noite triste a um grupo de crianças zombeteiras que vêm pedir doces. Ou que a bibliotecária sorri para você com uma cara triste e diz: "Meu Deus! Como ele lê rápido!", quando você devolve sete livros, depois de lê-los do começo ao fim, uma semana depois de retirá-los. Eles não sabem o que é não ter ninguém tocando em você por tanto tempo que o toque acidental da mão de um motorista de ônibus em seu ombro envia uma onda de desejo direto para sua virilha. Fiquei sentado em bancos de parques, no metrô e em cadeiras de sala de aula, sentindo a grande reserva de amor não utilizado e sem rumo em meu estômago de pedra, até que tive certeza de que iria gritar e cair no chão, tremendo. braços e pernas. De tudo isso, Sheba e seus semelhantes nada sabem.

"Bem, aqui está", disse Bangs, apontando com um gesto amplo, "o apartamento de solteiro".

O quarto em que estávamos cheirava a comida frita. O ar tinha a consistência de gaze. Havia um saco velho cheio de bolas de isopor e uma cadeira barata de metal no meio, bem em frente a uma televisão e uma estante cheia de vídeos. Esses quatro objetos – o casaco, a cadeira, a televisão e a estante – compunham todos os móveis da sala.

"Não tem nada de especial, mas é a minha casa", observou Bangs alegremente, tirando o casaco e pendurando-o cuidadosamente nas costas da cadeira.

—Posso ir ao banheiro? -Eu perguntei por.

Para chegar ao banheiro de Bangs, tive que passar pelo

quarto dele. Aqui o cheiro de comida frita deu lugar a um odor corporal igualmente intenso: uma espécie de constrangimento hormonal e rançoso. Quando fui ver meu pai depois que minha mãe morreu, seu manto sujo exalava um cheiro semelhante. Bangs não tinha cama adequada, apenas um colchão no chão e um edredom bem raso, como que derrotado, com uma capa de uma feiúra quase sinistra: octógonos azuis, linhas sinuosas cor de mostarda. Tive um breve vislumbre de Bangs quando o comprei: parado, perplexo, no departamento de linho da John Lewis, enquanto uma vendedora Mata-Hari com um penteado que parecia uma colméia de lã de aço e um enorme sutiã blindado lhe contava. foi uma escolha muito "masculina".

No banheiro, Bangs, ou um morador anterior do apartamento, decorou o assento do vaso sanitário com uma capa - de couro laranja e imundo - que achei muito úmida ao toque. A pia tinha manchas de verde-verde embaixo das torneiras, e na banheira havia um varal dobrável no qual penduravam meias e cuecas que ficavam duras e ásperas ao secar. Ao lado da banheira, vi uma pequena prateleira de plástico. Ali, dispostos com uma simetria patética, estavam os artigos de toalete da Bangs. Uma barra de sabonete Imperial Leather. Um spray de cabelo Silvikrin. Um tubo de algo chamado Pelo Loco. E um conjunto de pincéis um tanto antigos, feitos de plástico vermelho fosco, estampados com as palavras COLEÇÃO BORGONHA. É realmente curioso que se considere que não há destino mais patético do que a solteirice feminina, quando os homens solteiros são muito menos adequados para a vida sem companheiro.

Voltando para a sala, fiz o possível para esconder o susto, mas talvez minha expressão tenha me delatado, porque Bangs, que estava fazendo café na cozinha comprida e estreita, riu nervosamente e perguntou:

—Você encontrou tudo que precisava?

Balancei a cabeça e sentei na cadeira.

-Você se importa se eu fumar?

Para minha surpresa, Bangs fez uma careta quando entrou com as xícaras de café.

"Bem, tudo bem", disse ele em tom de resignação, como se a fumaça do tabaco pudesse fazer mais do que melhorar seu apartamento fedorento. Voltou à cozinha para procurar um prato para as cinzas.

"Bem, então", disse Bangs, entregando-me o café e sentando-se à minha frente no saco. Me conta, o que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Listei as atividades que fiz uma vez ou outra nos últimos cinco anos: ler, caminhar, ouvir música. Por fim, como parecia que esperava mais, acrescentei: nadar.

Assim que eu disse isso, ele se endireitou.

-Ah sim? Que bom. Onde você está indo? Para a piscina do bairro? Fantástico.

Nadei pela última vez na adolescência. Na verdade, eu nem tenho maiô. Mas não esperava que Bangs demonstrasse o menor interesse na minha resposta. Achei que ele me pediu para encontrar uma maneira cordial de falar sobre seu tempo livre.

"Bem, se você quer que eu lhe diga a verdade", respondi, "eu também não vou com tanta frequência..."

—Mas você vai com Sheba? Bangs perguntou.

-Não...

—Ela usa biquíni? Porque, de qualquer forma, ela com certeza chama muita atenção de biquíni...

E ele riu como se tivesse dito algo muito inteligente e obsceno.

"Vou nadar sozinho", respondi friamente, deixando-me levar por um curioso desejo de proteger minha mentira. Houve um longo silêncio, até que eu disse: "E você, Brian?" Você tem algum Hobbie?

O sorriso que ele manteve depois do ataque de risada desapareceu.

"Oh, sim, vários", ele respondeu com firmeza. Adoro futebol, claro. Nunca perco um jogo em casa do Arsenal. E eu gosto de humor. Tento ir frequentemente a um clube onde os comediantes se apresentam.

Eu balancei a cabeça. Foi inútil. Totalmente inútil.

"Ah, e eu amo *Seinfeld*", acrescentou.

Balancei a cabeça novamente.

—*Seinfeld*? Você não o conhece? A série de comédia americana? —Ele apontou para a estante—. Você vê todos esses vídeos? A maioria são fitas da série. Eu sou um grande fã. É ótimo, nada como aqueles blazers cafonas. Todos os episódios tratam das típicas bobagens que enlouquecem no dia a dia... — Sua voz, até aquele momento alta e alegre, começou a declinar.

Eu olhei para o meu relógio.

"Caramba", exclamei, apagando meu cigarro.

Bangs inclinou-se para dentro da bolsa com súbita urgência.

—Posso te contar uma coisa, Bárbara? Você vai me prometer que não vai contar para ninguém?

-Bem, eu acho.

—Não, você realmente tem que me prometer.

Peguei outro cigarro.

—Ok, eu prometo.

Durante toda a minha vida fui o tipo de pessoa em quem as pessoas confiam. E durante toda a minha vida fui lisonjeado por esse papel: fui grato pela sensação arrepiante de importância que surge ao receber informações privilegiadas. Porém, nos últimos anos, tenho notado que minha gratificação diminuiu devido a alguma indignação decorrente do tédio. Por que, pergunto silenciosamente aos meus confidentes, vocês estão me dizendo exatamente? Claro que eu realmente sei o motivo. Eles me dizem isso porque me consideram inofensivo. Sheba, Bangs, todos eles, fazem suas revelações para mim da mesma forma que as contariam a um castrado ou a um padre: com a sensação de que estou tão fora de órbita, tão afastado dos assuntos do grande mundo, como para não representar a menor ameaça. O número de segredos que recebo é inversamente proporcional ao número de segredos que as pessoas esperam que eu tenha. E essa é a verdadeira causa da minha consternação. O fato de me contarem segredos não é – nunca foi – um sinal de aceitação ou afeto. É exatamente o contrário: confirmação da minha irrelevância.

"Bem, você vê", disse Bangs, "o problema é que estou apaixonado por alguém." De alguém da escola. —Ele se levantou da bolsa e começou a andar pela sala.

Eu entendi imediatamente. Como eu não percebi antes? Mas não tentei impedi-lo. Uma certa raiva dentro de mim me fez querer que isso fosse até o fim.

"Ah", eu disse.

-Consegues adivinhar quem é? -perguntado. Ele sorriu sedutoramente. Se eu tivesse um leque, eu o teria aberto.

"Hmm..." Olhei para o teto e pisquei, fingindo pensar. EU?

Seu rosto ficou petrificado de espanto.

"Tente esconder essa expressão de nojo no seu rosto, Brian", eu disse.

Se pôs a rir.

—Ah, você. Eu não queria que você interpretasse dessa forma, você sabe. Na verdade, Bárbara, acho que você é uma mulher muito atraente. Você deve ter sido linda em sua juventude.

Olhei pela janela para as árvores danificadas que ladeavam a rua. O vento os dobrou e os fez ranger. Enquanto eu os observava, pensei que Bangs perceberia rapidamente o quão rude ele tinha sido e então eu veria o constrangimento tomar conta de seu rosto. Mas o momento passou. As árvores da rua continuaram a sua existência lânguida.

"Não", continuou Bangs, "então você quer que eu lhe conte?"

-Avançar.

—Não ria, hein? Acontece que a pessoa por quem estou apaixonado é Sheba. —Ele fez uma pausa, esperando alguma reação. Não houve. "Sério, Bárbara, sou louco por ela", continuou ele logo depois. Eu sei que ela é casada e tudo, mas não consigo tirá-la de...

"Brian", interrompi, "você está me contando isso como se fosse uma notícia, em vez de uma confirmação de algo que, há vários meses, é óbvio e todos os professores sabem." Não há um único de seus colegas que não tenha notado sua "paixão", como você a chama.

-Que? Exclamou Bangs. Ele estava bem na minha frente. O sangue correu para seu rosto, manchando suas bochechas, avermelhando suas orelhas, dando um tom roxo à erupção

cutânea.

"Sim", eu concordei. O fato é, Brian, que você está fazendo papel de bobo. Nós rimos de você até enjoar. É engraçado que você não tenha descoberto...

"Tudo bem", disse Bangs com a voz tensa, "não vá mais longe."

"Não fique com raiva", eu disse, "sou apenas o mensageiro..."

-Está bem! Cale-se! -gritar-. Chega, sim? -Ele se aproximou de mim. Vi gotas de suor em seu nariz. "Sheba gosta de mim", ele murmurou. Eu sei.

Em certas pessoas pode-se perceber o germe da loucura: um germe que permaneceu latente apenas porque essas pessoas levaram uma vida confortável, típica da classe média. Eles desempenham perfeitamente o seu papel no mundo, mas não é difícil imaginar como, sob a influência de um pai ou mãe péssimos ou de um período prolongado de desemprego, essa loucura potencial teria se desenvolvido, como poderiam ter surgido brotos de estranheza dessa germe., ou mesmo – com a ajuda do tipo certo de anti-educação – florescer em pura loucura. Naquele momento, quando vi Brian Bangs afundar no saco, pensei que era uma dessas pessoas.

Perceber isso por si só deveria ter me dissuadido de dizer o que disse a seguir. Mas não foi assim.

"Oh, Brian", sussurrei, "não me diga que você esperava que eu retribuísse?" Você é adorável, Brian...

Bangs cobriu as orelhas com os dedos como uma criança.

-Fique quieto! -ele exclamou-. Eu já sei que ela é casada. Pensava que...

—Bem..., ela é casada, mas esse não é o único problema.

De qualquer forma, Brian, você realmente não faz o tipo dele.

"Ah, você está errado sobre isso", ele respondeu, balançando a cabeça muito seguro de si. Sheba não é esnobe. Ela interage com todos.

—Não estou falando de classe social, Brian. Não é que você não seja elegante o suficiente...

-Então o que é? O que você está falando?

—É só que... bem, nada. —deixo escapar uma risada.

-O que é?

—Bem, é mais uma questão de idade. Sheba gosta de gente jovem, sabe? Muito mais jovem. —Eu fiz uma breve pausa—. Quero dizer... acho que você já conhece o relacionamento excepcionalmente íntimo dela com um dos garotos do primeiro ano, certo?

O rosto de Bangs pareceu inchar por um momento antes de se contrair completamente.

"Não", ele sussurrou.

O acaso é tudo, não é? Quase não fui à casa de Bangs e, quando fui, quase fui embora antes de dizer algo prejudicial. Parece-me que muitas vezes o vício – e na verdade a virtude – depende das circunstâncias.

É bem possível que, se eu tivesse ficado sem tabaco antes, ou se Bangs não tivesse sido tão provocativamente abjeto, Sheba nunca teria sido traída. Más intenções sempre aparecem, disse minha mãe, mas acho que ela estava errada sobre isso. As más intenções podem permanecer dentro de casa, cuidando da própria vida por toda a eternidade, se a situação certa não surgir.

Quando saí da casa do Bangs fiquei na rua, tentando me

recompor. Queria ir para casa: me esconder debaixo das cobertas, apagar o que acabara de fazer. Mas então me lembrei *de Portia*. Pobre *Pórcia*! Entrei no carro e fui ao veterinário em uma velocidade perigosa.

"Receio que não seja nada bom", disse o veterinário assim que entrei em seu consultório. Aparentemente, a radiação não foi tão eficaz quanto esperávamos. —Ele olhou para mim com a indiferença fundamentada que as pessoas com autoridade médica costumam demonstrar quando dão más notícias—. Ela é uma gata muito doente.

"Mas você me disse que viveria mais do que eu", murmurei. Eu nutria uma esperança momentânea e infantil de constrangê-lo a ponto de forçá-lo a voltar ao seu prognóstico anterior, mais otimista.

"Bem, nem sempre é fácil saber o que vai acontecer", disse ele, na defensiva.

—Você não pode operá-lo? Quanto tempo resta? -Eu perguntei por. (Com que facilidade caímos na linguagem dos melodramas hospitalares!) O veterinário fez uma careta.

—Não, seria inútil operar. As radiografias mostram que o tumor cresceu muito. Num ser humano, um pedaço do cólon pode ser cortado e feita uma colostomia, mas obviamente neste caso isso não seria apropriado.

"Gatos não podem carregar bolsas de colostomia", eu disse, atordado.

"Exatamente", concordou o veterinário. Ele estava em uma postura estranha, como se tivesse esquecido sua postura natural. Ele provavelmente pensou que eu iria fazer barulho. Após uma breve pausa, ele acrescentou: "A questão é: o que você quer fazer?"

-Não sei. Você está sofrendo muito?

—Agora sim. Eu diria um pouco.

Nós dois olhamos para *Portia*. Seu peito subia e descia como a Bela Adormecida no museu Madame Tussaud.

-Poderia...? Você acha que poderia dar a ela algo para aliviar sua dor? -Eu perguntei por-. Para a dor?

-Sim é possível. Mas... Ouça, posso prescrever algo para você, mas tenho que ser honesto com você. Duvido que a medicação seja a solução a longo prazo neste caso. Para acabar completamente com a dor, ela provavelmente teria que estar tão medicada que ficaria semi-comatosa de qualquer maneira.

-Já vejo. —Havia uma possibilidade, percebi, de que no final eu acabasse chorando—. Então... você recomenda colocá-la para dormir agora?

—Bem... —A porta se abriu e o auxiliar do veterinário apareceu. *Portia* moveu-se ligeiramente quando ouviu isso. Dê-nos um minuto”, disse o veterinário, e o assistente, depois de me lançar um olhar respeitoso, saiu novamente. O veterinário deve ter contado a ele.

Houve silêncio.

“Eu entendo”, eu disse. Não seria justo forçá-la a suportar. Eu sei. É que... o problema é que eu não quero, você sabe... sacrificá-la agora. Posso levá-la para casa esta noite? Para dizer adeus? Você poderia dar a ela algo para sedá-la e eu a traria amanhã. É possível?

Ele assentiu, aliviado. A velha não ia fazer barulho.

"Tudo bem", ele concordou. Enquanto isso, vou lhe dar morfina. Assim você se sentirá melhor. —Ele apertou uma campainha e a assistente entrou novamente.

Enquanto os dois preparavam a injeção, lembrei-me de algo que Sheba me contou quando levou os filhos para serem vacinados. Eles nunca reclamaram até o último momento, disse ele, e então, quando a agulha perfurava sua pele, uma terrível expressão acusatória aparecia em seus rostos. «Foi algo muito adulto. Como se dissessem: "Ef *tu* , mãe?" *Portia* não estava preparada para esse tipo de recriminação. Ele mal se encolheu quando a agulha ficou presa nele. E quando a peguei para colocá-la na gaiola, ela não ofereceu a menor resistência; Ele simplesmente soltou um miado suave e sonolento e se deixou acabar.

Na volta comprei salsichas e meio litro de creme no LoPrice e, quando cheguei em casa, fiz uma cama pequena com almofadas e cobertores na cozinha para que *Portia* pudesse deitar-se confortavelmente e me observar enquanto eu cozinhava. Cortei as linguças em pedaços bem pequenos e depois fritei na manteiga - um banquete antigo. Mas fiz tudo isso mais por mim do que por *Portia*. Era evidente que ele não estava em condições para um jantar tão grande. Quando coloquei as salsichas diante dela, ela permaneceu imóvel, olhando para elas com indiferença. Eu a observei por um tempo e então me ajoelhei e a peguei. Ele fez um leve murmúrio de descontentamento, mas não lutou. Levei-a para o quarto e tentei sentar na cama com as pernas cruzadas e colocá-la no colo. Como ela não se sentia confortável assim, deixei que ela se acomodasse em cima da colcha e, depois de me aconchegar ao lado dela, comecei a coçar delicadamente a área sob seu queixo. Ele baixou as pálpebras, mas não as fechou completamente - sua habitual expressão de prazer, um pouco arrepiante - e depois de um tempo começou a ronronar.

Naquele momento, finalmente comecei a chorar. Embora, como o luto nunca é - nem mesmo por animais mudos - aquele

ato genuíno e bem definido que fingimos, minhas lágrimas foram apenas parcialmente devidas a *Portia*. Assim que o motor da dor acelerou, ele começou a viajar, como costuma fazer o sofrimento, através do território lotado de minhas outras queixas e lamentações. Chorei porque me senti culpado e me arrependi de não ter sido um dono melhor e mais gentil. (De todas as vezes que esfreguei o nariz de *Portia* em seus excrementos por não ter chegado à caixa sanitária a tempo.) Chorei por ter desferido, como agora via, um golpe quase mortal em minha amizade com Sheba. Chorei porque, no meu desespero, pensei em me relacionar com um homem ridículo que colecionava jaquetas de beisebol, e até ele me rejeitou. Chorei porque era o tipo de mulher de quem as meninas do salão de cabeleireiro riem. Por fim, chorei pela indignidade de chorar; pela simples estupidez de ser uma solteirona chorando em seu quarto num sábado à noite.

Não durou muito. Depois de cinco minutos, aquela consciência da própria identidade que domina os que choram solitários tomou conta de mim. Comecei a notar o ritmo do meu choro e as manchas molhadas que as lágrimas deixaram no *cabelo de Portia*. Logo depois, minha devoção à minha própria miséria começou a desaparecer e eu não conseguia mais me concentrar. Liguei a televisão e, meia hora antes de adormecer, assisti ao noticiário da noite, com os olhos completamente secos.

Quatorze

Nos dias imediatamente seguintes à minha consulta, **E** repassei repetidamente o que havia dito a Bangs, tentando avaliar a possibilidade de ele contar a mais alguém. Na tarde em que enterrei *Portia*, fui para casa e escrevi pelo menos três cartas confessando a Sheba, e acabei queimando as três na pia da cozinha. Minha depressão voltou, desta vez reforçada pela culpa. Fui atormentado por uma série de pequenos problemas de saúde. À noite, quando ia para a cama, minha perna direita tremia por várias horas seguidas, dificultando ainda mais o sono. Uma dor de cabeça leve, mas constante, tomou conta de mim. Pouco depois de chegar a Eastbourne para as férias de Natal, desenvolvi uma erupção cutânea e um horrível fungo nas unhas. Eram obviamente reações psicossomáticas ao estresse. Mas naquele momento tive certeza de que estava pagando pelo meu pecado, que era um castigo por ter traído Sabá. O facto de nenhum dos remédios recomendados pelo farmacêutico de Eastbourne ter tido o menor efeito nas minhas queixas encorajou esta interpretação supersticiosa. No dia de Natal, uma unha preta caiu e eu chorei histericamente no banheiro do térreo, convencida de que tinha lepra.

Polly fugiu de casa no Boxing Day. Eu ainda estava com minha irmã e só ouvi a mensagem de Sheba quando voltei para Londres no dia seguinte. Assim que ouvi a voz de Sheba dizendo: "Surgiu uma pequena crise em casa", imaginei o pior.

Fiquei aliviado, devo admitir, quando descobri, alguns

segundos depois, que Polly havia desaparecido. Liguei para ele imediatamente.

— Ah, Bárbara! Sheba exclamou quando atendeu o telefone. Me desculpe, eu assustei você. Vai tudo bem. Encontramos Polly. A estúpida foi para a casa da avó. Amanhã pego um avião para a Escócia para procurá-la.

Ela estava sozinha, ela disse. Richard estava em Londres com Ben. Perguntei se ela queria que eu fosse com ela e a princípio ela disse que não. Sua mãe era o tipo de pessoa que preferia não impor nada aos amigos, explicou ele, a menos que fosse absolutamente necessário. Mas então conversamos um pouco mais e ela começou a pensar sobre isso. Seria bom ir com alguém, ela pensou. E claro, seria ideal ter meu carro. Eu realmente não me importei? Não Claro que não.

Quando fui buscá-la em casa pela manhã, ela estava emaciada e com os olhos inchados. Na rua, antes de entrarmos no carro, parei e peguei a mão dela.

“Sinto muito”, eu disse.

Ele balançou sua cabeça.

-Tudo vai ficar bem. Só caiu em um de seus estados. Daqui a dez anos, você se lembrará disso como apenas mais uma fase.

“Não, não estou contando isso por Polly”, eu disse. Eu quis dizer que sinto muito pelo que aconteceu entre nós. No sótão. É que ela estava chateada com a doença de Portia .

"Ah, isso", disse ele. Esqueça. Como está seu quadril?

-Bom. Mas..." Apertei o nariz na tentativa de conter as lágrimas. De qualquer forma, *Portia* morreu. Tive que colocá-la no chão antes do Natal.

— Ah, Bárbara! —Ele pegou minhas mãos como se fosse me

abraçar.

"Sim, é muito triste", eu disse, parando-o. Mas você vê.

— Sinto muito, Bárbara.

-Vamos. —Abri a porta do carro—. Temos que ir embora.

Eu tinha ido com a intenção de contar a ele sobre Bangs. Eu sabia que tinha que fazer isso. Mas, sentado no carro, senti que me faltava coragem. A perspectiva de sua raiva me enfraqueceu. Como eu poderia começar? «Tenho que te contar uma coisa, Sheba...» Impossível.

—O que você tem no queixo? Sheba perguntou enquanto dirigíamos pelo oeste de Londres. Ele se inclinou para examinar minha erupção cutânea. É uma alergia?

"Não, não", respondi, afastando-a com a mão. Só estou muito cansado, nada mais.

-Eu entendo como você se sente. Estou exausta.

Balancei a cabeça em um gesto de compreensão.

—Você ficaria preocupado até a morte...

"Bem, sim", disse Sheba. Ele fez uma pausa. Claro, ontem à noite também cheguei muito tarde com Steve. —Ele sorriu com uma expressão travessa.

-Já disse.

"Receio ter feito algo um pouco perigoso", continuou ele. Deixei-o entrar em casa quando Richard e Ben foram dormir. Passamos uma hora juntos no porão.

Olhei para ela, não tanto surpreso pelo risco que ela havia assumido, mas pela óbvia satisfação com que ela contou isso.

"Steven estava usando um suéter horrível que seus pais lhe deram no Natal", ela continuou alegremente. Azul pastel. Com

decote em V. Assustador!

"Por favor, Sheba", eu disse. Podemos não falar sobre Connolly agora?

Encolheu os ombros.

-OK.

-Eu não finjo...

—Não, eu já entendi. Não vou mencionar isso novamente.

Ele olhou pela janela.

-Saber? —Eu finalmente disse—. Outro dia almocei com o Bangs.

-Ah sim? —Sheba olhou para mim—. Quando?

—O sábado antes do final do trimestre. EU...

-O fim de semana? Bárbara! Não me diga?

Eu Corei.

—Não, bem, ele...

—Ei, estou muito feliz, Bárbara. E você se divertiu?

-Não se trata disso. Foi apenas algo informal.

—Que vagabunda você é! Não admira que não tenha ouvido falar de você ultimamente!

Irritado, bati o volante.

"Pelo amor de Deus, Sheba, não seja condescendente comigo!" Não estou desesperado o suficiente para pensar em namorar Bangs.

—Ah.

"Só estou te contando porque..." eu parei. Sheba, virando-se para mim, olhou-me diretamente. A questão é que tenho a sensação de que Bangs sabe sobre você e Connolly.

Eu não tinha planejado essa estratégia de última hora. Eu me surpreendi ao dizer isso. Mas mesmo quando ela me pediu para calar a boca, recuar, corrigir a mentira, a boca e os olhos de Sheba já estavam bem abertos.

-Que? Não! Como é possível? -sussurrar.

"Diga a verdade a ele", ordenei a mim mesmo. Conte a ela o que você fez." Mas ela, angustiada e com medo, já falava apressadamente.

—O que você quer dizer com "você tem a sensação"? Ele te contou que sabia?

"Não... não sei como ele sabe ou exatamente o que sabe", eu disse, "mas ele me deu a entender que sabia de alguma coisa."

"Agora é muito tarde. Você não pode desistir."

—O que ele insinuou? O que ele disse? Diga-me. —Sheba colocou a mão na testa. Não pude deixar de sentir um certo prazer ao ver seu horror.

—Bem, ele disse algo sobre "nosso amigo em comum" ter "um relacionamento incomum" com um aluno.

-Porra! E você tem certeza de que ele estava se referindo a mim?

—E quem mais?

—E por que você não me contou antes? O que você respondeu?

—Eu me fiz de bobo, é claro. Eu disse a ele que não sabia do que ele estava falando.

—Repita suas palavras exatas para mim. Como surgiu o tema?

—Não consigo reproduzir a conversa para você frase por

frase, Sheba. Estávamos comendo e conversando sobre a escola em geral, quando de repente ela disse algo como: "Percebi que nosso amigo em comum é muito próximo de um aluno".

—Você disse "ela é muito próxima"? Ou "relacionamento incomum"? Qual das duas coisas? Não acredito que você não me contou antes, Bárbara.

—Er...as duas coisas, eu acho. Primeiro ele disse "ela é muito próxima", e eu perguntei: "Mas do que você está falando?" E então ela respondeu: "Bem, nossa amiga tem um relacionamento um pouco incomum com um idoso", ou algo parecido.

—Como ele disse isso? Abafado?

—Bem, ele não pareceu gostar muito.

-Oh senhor. E você achou que ele tinha alguma prova? Ou você apenas sentiu isso?

—Não sei, Sabá. Parecia bastante seguro. Ei, eu não te contei até agora porque não queria te preocupar.

-Preocupar! Mas o que você estava pensando?

—Eu queria que você passasse um Natal tranquilo...

– Bárbara, droga. Isso é sério.

-Eu sei.

—E como você descobriu? Você acha que ele vai me entregar?

-Não sei. Ele não disse que iria fazer isso. Mas, sério, Sheba, acho que você deveria pensar em encerrar essa história. Agora mesmo.

Sheba pressionou os olhos contra as palmas das mãos.

—Maldito bastardo, esse Bangs.

O avião para a Escócia estava cheio de gente que voltava para casa para passar a passagem de ano e havia um clima festivo a bordo. Fizeram-nos esperar meia hora na pista de pouso e durante esse tempo vários passageiros pegaram seus frascos de uísque e começaram a cantar. Atrás das cortinas da cozinha, até as recepcionistas tomavam goles em pequenos copos de plástico. Sheba, visivelmente emocionada com a notícia que acabara de lhe dar, irritou-se com a alegria dominante.

Quando a capitã apareceu no sistema de alto-falantes para dar uma longa explicação sobre o atraso e nos agradecer por nossa paciência, ela se virou para mim e disse com uma veemência incomum: "Por que você está me agradecendo? "Eu não tenho paciência."

Pouco depois de o avião decolar, ouvimos o barulho do carrinho de um comissário andando pelo corredor nos oferecendo sanduíches e bebidas.

—Carne ou queijo? —perguntou a Sabá.

—Qual é a carne? Carne bovina? —Sheba quis saber.

A aeromoça apenas suspirou e disse:

—Bem, terá que ser queijo.

Ele então colocou um pacote de plástico triangular na bandeja de Sheba.

"Isso é bêbado", comentou Sheba com os dentes cerrados enquanto a mulher se afastava.

Pegamos um táxi de Edimburgo para Peebles. Foi um desperdício, mas Sheba disse que o trem demoraria muito. Estava com pressa de voltar a Londres e falar com Connolly. No táxi tentei distraí-la perguntando sobre sua mãe. No início ela

não foi muito comunicativa, mas depois de alguma insistência foi incentivada a falar sobre o assunto.

Seu relacionamento com a mãe nunca foi bom, disse ele. Eddie era o filho favorito. Ele sempre a fez se sentir um fracasso.

“Não fui para Oxford e acabei estragando tudo quando me casei com um homem que também não estudou em Oxford.” Minha mãe sempre fala de Richard com pena, como se quisesse dizer que, nessa grande corrida do ovo e da colher para encontrar um marido, Richard é o terceiro prêmio. Minha mãe é uma esnobe intelectual. Assim como muitas esposas acadêmicas, mas no caso da minha mãe é especialmente patético. Não tem base para esnobismo. A única coisa que ela fez na vida adulta foi organizar passeios a pé para crianças no “norte histórico de Londres” no início dos anos 1970. E mesmo assim sua amiga Yolande cuidou de quase todas as pesquisas.

Nós dois começamos a rir.

“A questão”, continuou Sheba, “é que minha mãe essencialmente tem pena de qualquer pessoa que não tenha se casado com Ronald Taylor”. Quando meu pai era vivo, eu estava convencido de que Richard o idolatrava. Ela estava fazendo o possível para repelir Richard, dando a impressão de que se ela baixasse a guarda por um momento, ele teria babado nela e pedido um autógrafo ou algo assim. Foi louco. Qual é, Richard está entediado com economia e meu pai não dava a mínima. Mas eu não podia contar isso para minha mãe. Cada vez que meu pai contava uma história, ela pousava a mão no joelho de Ricardo, como que para consolá-lo pela infelicidade de não ser São Rolando.

—Você acha que sua mãe vai gostar de mim? — perguntei a Sabá.

-Que? —Sheba pareceu surpresa—. Ah, não se preocupe com isso. Ele nem vai notar você. Ela estará muito ocupada brincando comigo.

A “casa de campo” da Sra. Taylor, nos arredores de Peebles, era na verdade uma propriedade rural georgiana com um jardim nos fundos de pouco menos de um acre. Sheba e eu estávamos na entrada, tirando as malas do carro, quando a Sra. Taylor apareceu na porta.

"Ah, pensei ter ouvido você", disse ele. Entre! Acabei de fazer um chá.

Ele usava um suéter disforme da Ilha de Arran e calças de esqui com presilhas no cinto que deixavam seus joelhos frouxos. Seu rosto aquilino estava emoldurado por um penteado de Joana D'Arc.

“Esta é Barbara, minha amiga do trabalho”, disse Sheba.

A Sra. Taylor cumprimentou-me brevemente e fixou seus grandes olhos em mim.

"Olá", ele murmurou.

Carregamos nossas malas escada acima até chegarmos ao lobby.

—A viagem foi muito assustadora? — perguntou a Sra. Taylor.

Sheba encolheu os ombros.

"Não, não muito", disse ele, olhando para as botas Doctor Marten de Polly, debaixo do cabide.

“Ele está lá em cima, no quarto dele”, disse a Sra. Taylor, seguindo o olhar de Sheba.

-E qual é? Sheba pareceu um pouco surpresa por Polly já ter um quarto designado para ela.

"O sótão", respondeu sua mãe. Revesti as paredes com algumas pinturas escocesas maravilhosas. Assim que viu, Polly disse que queria dormir lá.

-E o que está fazendo? Sabá perguntou.

"Durma", disse a Sra. Taylor. Você tem que ver como ele dorme! Eu havia esquecido o incrível fenômeno da sonolência adolescente.

Sheba fez uma careta.

"Ele certamente nunca me deixou dormir até as três da tarde", ela sussurrou enquanto sua mãe se virava e caminhava pelo corredor.

"E agora, querido", disse a Sra. Taylor, "vou lhe dar uma xícara de chá e conversaremos antes que ele acorde."

Ele nos levou para a sala, um espaço frio e um pouco deprimente, com *kilims* imundos pendurados nas paredes. Havia algumas antiguidades de qualidade, incluindo um lindo aparador, mas todo o resto parecia ter sido comprado em lojas de móveis de escritório. De repente, a Sra. Taylor se aproximou da filha e, de maneira um tanto hostil, puxou-a pela cintura.

—Esse cinto é novo? -perguntado.

"Sim", disse Sheba. Comprei na loja da esquina da minha casa. É legal, não é?

"Mmm", disse a Sra. Taylor. Você não usou combinação, como sempre. Se sairmos, você terá que usar um dos meus. Para que você não assuste Clem no correio. Agora, sente-se, minha querida, e deixe-me servir uma xícara de chá para você.

"O cinto a deixou de mau humor", sussurrou Sheba assim que a mãe saiu da sala. Minha mãe nunca compra roupas. Ele acha vulgar se interessar por essas coisas. Quando eu era adolescente e comecei a me interessar por maquiagem e tudo

mais, não conseguia parar de me torturar. Eu até tinha problemas se tomasse banho mais de uma vez por dia. Segundo ela, higiene exagerada é muito classe média...

"É uma pena que você não tenha podido vir no Natal este ano", a Sra. Taylor gritou da cozinha. Nos divertimos.

-Ah sim? —Sheba respondeu, também gritando. Ele olhou para mim e revirou os olhos.

Eddie e sua família sempre vão a Peebles no Natal e no Boxing Day, mas Sheba não tem ido há cinco anos. A desculpa dele é que Richard tem que passar o Natal com as filhas. (Márcia e as meninas jantam na casa de Richard e Sheba na véspera de Natal.) Mas isso é só um pretexto. A verdade, diz ele, é que o Natal é um feriado importante demais para sua mãe estragar.

Houve um longo silêncio durante o qual ouvimos a Sra. Taylor mexendo nas xícaras de chá.

—Você não quer comer nada, quer? —ele gritou depois de um tempo. Ele disse isso em tom dissuasivo, um pouco irritado.

"Não, obrigado, mãe", respondeu Sheba. Ele se virou para mim. Quer alguma coisa, Bárbara?

-Não, não estou bem...

"Eu não tenho muito", continuou sua mãe. Mas se você quiser alguma coisa, ainda tenho um pouco de peru frio.

"Não, não", respondeu Sheba, "não estamos com fome."

Houve outro longo silêncio. Finalmente Sheba gritou:

—Mãe, queria te dizer que agradeço muito por tudo que você tem feito.

-Não fale besteiras. A Sra. Taylor voltou com uma bandeja. Adoro ter Polly aqui. E Deus sabe que entendo como é ruim

quando seus próprios filhos decidem odiar você.

Sheba cruzou os braços.

"Eu não sabia que Polly me odiava."

A Sra. Taylor colocou a bandeja sobre a mesa.

"Vamos, minha querida, não seja tão melindrosa", disse ele. Coma um biscoito. Você certamente não é a pessoa favorita dele agora. Polly está passando por uma fase tipicamente adolescente. Você não deveria levar isso para o lado pessoal. — Ele sorriu, mostrando dentes um tanto surpreendentes, semelhantes a lápides.

Sheba comeu um biscoito com raiva.

—Você conhece esta parte do mundo? Sra. Taylor perguntou, virando-se para mim.

"Bem", respondi, "já estive em Dumfries antes..."

-Já.

—Mas não..., não conheço muito bem a Escócia.

Seguiu-se um silêncio frio.

—E você tem filhos?

-Não, não tenho.

—Ah.

—Tenho um sobrinho e uma sobrinha.

A Sra. Taylor me observou por um momento em silêncio e de repente se virou para a filha.

"Suponho que o tempo esteja horrível em Londres", comentou.

"Sim", respondeu Sheba, "salve e tudo." Na verdade, eu gosto disso.

—Ah!

A Sra. Taylor franziu os lábios como se quisesse indicar que ela achava que Sheba estava se comportando de maneira um tanto tortuosa, mas ela não seria provocada.

"Suponho que Richard acha isso muito opressivo", disse ele, ainda na esperança de encontrar alguém cuja vida se tornou miserável com o tempo. Pobre Richard, trancado em seu escritório. Como você está com o livro?

"Oh, Richard está bem", respondeu Sheba. No momento ele está fazendo uma pausa no livro para escrever uma palestra. Comprou um pequeno radiador portátil para o seu escritório e está encantado com a vida.

—Meu Deus, que luxos! —De acordo com Sheba, um dos assuntos favoritos da Sra. Taylor é o inexplicável desperdício do estilo de vida de sua filha e genro. E como está Ben?

"Bom", respondeu Sheba. Eu poderia dizer que ele estava chateado com o comentário do radiador. Ele tem...—foi notado que ele decidiu não contar para sua mãe sobre a namorada de Ben—muitos interesses agora. Está em muito bom estado. - Endireitado-. Ei, você não acha que eu deveria acordar a Polly? Deixar ela saber que estou aqui?

"Não, querido, não", respondeu a Sra. Taylor. Ela ficará de muito mau humor se você a acordar.

Sheba recostou-se no sofá.

"Ele estará de mau humor, não importa o que faça", ele murmurou.

Sua mãe inclinou a cabeça e estalou a língua.

—Vamos, não diga isso.

Sheba comeu outro biscoito. E um outro.

Finalmente sua mãe disse:

—Você sabe que ele acha que você tem uma amante?

Algumas pessoas vivem com medo constante de que seus segredos sejam descobertos; Outros têm uma espécie de certeza arrogante de que tudo o que desejam manter oculto permanecerá oculto. Sabá pertence ao segundo grupo. Ela ficou desconcertada – acho que a irritou por um momento – que sua filha tivesse conseguido aprender mais sobre ela do que ela queria contar.

—E por que diabos você pensa isso? ele perguntou, rindo.

Mais tarde, ele me contou que havia lido um artigo numa revista sobre como era possível detectar um mentiroso observando certas expressões e gestos involuntários relacionados ao engano.

Ao responder à mãe, ele fez um grande esforço para olhá-la diretamente nos olhos e deixar as mãos completamente imóveis.

"Não sei, querida", disse a mãe, olhando para ela. Intuição feminina?

"Pelo amor de Deus", exclamou Sheba. Isso é um absurdo. O fato é que Polly vem de uma família muito feliz e estável. É óbvio que ele sente que precisa de algo para justificar seu horrível comportamento adolescente, então agora ele inventa histórias... —Ele parou de repente. Em algum momento, ao dizer a última frase, ele olhou para o chão e começou a esfregar um biscoito na toalha da mesa.

A Sra. Taylor olhou para o biscoito destruído em silêncio.

"Aparentemente ele pensa que você está contando a Richard que está trabalhando em sua oficina quando não está", disse ele. Me olho-. Sinto muito, Bárbara. Coisas de família.

Você gostaria de outro chá?

Sheba se inclinou para frente, aproximando-se do rosto surpreso da Sra. Taylor, e brandiu o dedo indicador.

-Eu não grito-. Não. Não vou tolerar isso, mãe. Que bom que você acolheu Polly e estou feliz que você tenha desenvolvido esse novo interesse pelo bem-estar de sua neta, mas você ainda não conquistou o direito de começar a me questionar. Neste ponto você não vai desempenhar o papel de conselheiro familiar.

A Sra. Taylor fechou os olhos como se sentisse dor e assentiu lentamente.

"Minha querida", disse ele quando Sheba terminou, "o que há de errado?" -Me olho-. Você não sabe o quanto estou arrependido.

"Vamos, mãe, não continue", explodiu Sheba. Eu vejo onde você está indo. Você acha que criou um vínculo especial com Polly. Mas garanto-lhe que a única razão pela qual Polly veio aqui foi porque ela sabia o quanto isso me irritaria. —Sheba ficou em silêncio por um momento, como se precisasse assimilar o espanto que sua coragem produzia nela—. E eu sei que você adoraria ficar sentado aqui o dia todo, descobrindo com quem estou transando e transmitindo mensagens entre mim e Polly com muito tato. Mas isso não vai acontecer.

A Sra. Taylor estava olhando para o outro lado da sala. Seu rosto estava contorcido em uma expressão de consternação. A princípio, Sheba entendeu mal a expressão. Por um momento, ela me contou mais tarde, ela teve certeza de que sua raiva havia cobrado seu preço: que sua mãe a ouvira pela primeira vez e que havia algum tipo de progresso. Num daqueles saltos delirantes de imaginação que duram apenas um momento, ela se viu finalmente conversando com a mãe sobre seus antigos

ressentimentos, encontrando no outono do relacionamento deles uma maneira nova e calorosa de estarem juntos. Sua mãe ia para Londres nos fins de semana. Visitavam galerias, divertiam-se comendo em restaurantes italianos, conversavam sobre homens, trocavam receitas...

Mas então ele viu Polly na porta.

—"Porra"? Mãe? Polly disse no tom inexpressivo de uma adolescente. "Porra"? —Ele se virou, subiu as escadas correndo e fechou a porta atrás de si.

"Polly, querida..." exclamou a Sra. Taylor, levantando-se para segui-la.

"Não, mãe", disse Sheba muito séria. Estou chegando.

Depois que Sheba saiu da sala, a Sra. Taylor e eu nos sentamos à mesa, trocando sorrisos envergonhados por um ou dois minutos. De repente, a Sra. Taylor levantou-se.

"Acho melhor ir ver como eles estão", disse ele.

Levantei-me para acompanhá-la, mas ela fez um gesto para que eu me sentasse novamente.

"Não, não, não precisamos disso", disse ele rudemente.

Tamborilando os dedos na mesa, esperei o que pareceu uma eternidade depois que ela saiu da sala.

Não pude deixar de ver o que acabara de acontecer com algum alívio. Se a própria filha de Sheba suspeitasse que eu estava cometendo adultério, minha denúncia a Bangs certamente não seria uma traição tão flagrante quanto eu acreditava. Quem sabe quantas outras pessoas suspeitavam que ele estava tendo um caso?

Depois de cinco minutos, ouvi gritos vindos de cima. Fiquei ali por mais algum tempo, sem saber o que fazer, até que

finalmente decidi desobedecer a Sra. Taylor e ir ver.

Enquanto ela subia as escadas (cobertas com um tapete de coco surpreendentemente imundo), os gritos de Polly começaram a se transformar em frases compreensíveis. "Você não ama o papai nem a mim", ouvi. E então: "Você tenta agir de maneira boa e gentil." E finalmente: "Você é uma bruxa!"

Ao chegar ao segundo andar, encontrei a Sra. Taylor ao pé da escada que levava ao sótão. Ele se virou quando me ouviu e me lançou seu olhar imponente com olhos que pareciam ovos escalfados.

-Mas bom! -ele exclamou-. Ninguém precisa disso aqui...

Não adiantava discutir com ela, então simplesmente subi a escada. Foi mais complicado do que eu pensava. As escadas eram muito íngremes e eu estava de saia. Enquanto subia um tanto desajeitadamente, tive plena consciência do olhar furioso da Sra. Taylor para minha calcinha por baixo. Quando cheguei ao topo, enfiei a cabeça em uma pequena sala com telhado de mansarda. Sheba estava em um canto e Polly em outro, deitada na cama. O novo papel de parede xadrez da Sra. Taylor era de um tom bastante sinistro de vermelho, e tudo na sala — inclusive Sheba e Polly — estava banhado por seu brilho reflexivo.

- Sabá? —chamei da escada—Precisa de alguma coisa?

"Ela agora não, caramba", exclamou Polly. O tom avermelhado de seu rosto lhe dava uma aparência dramática. Ele parecia um pequeno demônio.

—Não se atreva a falar assim de um amigo meu! Sheba gritou.

Fiquei lisonjeado por ele estar tão bravo por mim.

"Vá se foder", respondeu Polly.

Sheba cruzou os braços.

“Por favor, não fale assim comigo, Polly”, disse ele.

-E porque não? Polly perguntou.

—Porque eu não mereço isso.

—E o que você merece?

—Bem, para começar, um pouco de respeito.

-Ah sim?

Sheba se aproximou e sentou-se na cama. Polly se afastou dela.

-Sair! -gritar.

Sheba olhou para mim e sorriu.

"Ei, Bárbara", disse ele, "acho que seria mais fácil se estivéssemos sozinhos."

"Claro", concordei, "se precisar de alguma coisa, estarei lá embaixo."

Quando cheguei ao fim da escada, a Sra. Taylor me lançou um olhar triunfante.

—Eu já disse não para ele...

-Mãe? —Sheba chamou de cima.

-Sim, querido? - exclamou a Sra. Taylor.

—Vá você também, mãe, se não se importa.

"Mas, querido...", respondeu a Sra. Taylor.

—Por favor, mãe, só nos dê um minuto.

Relutantemente, a Sra. Taylor me seguiu escada acima. Ele caminhou como um ogro. A casa inteira vibrou quando ela desceu.

No patamar do primeiro andar, ele parou.

—Venha por aqui, Bárbara, vou te mostrar onde você vai dormir esta noite. Coloquei uma cama dobrável no escritório do Ronald.

“Acho melhor esperar aqui um pouco”, eu disse.

—Não fale besteira, não é necessário. —Ele agarrou meu cotovelo—. Vamos.

Fiquei onde estava.

—Não, acho que deveria ficar. Se por acaso.

A Sra. Taylor olhou para mim com uma expressão de indignada surpresa. Ela não estava acostumada a ser desobedecida.

—Só por precaução, o quê? —ele perguntou friamente.

—Caso você precise de mim.

—Ah! —Ela riu furiosamente—. Bem, Bárbara, eu não acho...

A frase foi interrompida por gritos agudos vindos de cima. Era Polly. Nós dois voltamos rapidamente, eu primeiro e a Sra. Taylor logo atrás. Quando chegamos à escada, houve uma luta breve e pouco digna para ver quem iria primeiro. Eu venci.

No final da escada, encontrei Sheba e Polly mais ou menos no mesmo lugar de antes, só que agora Polly estava sentada na cama, com a mão no rosto. Quando ele me viu, ele parou de gritar por um momento.

-Ele me acertou! —ele disse com um suspiro.

"Pelo amor de Deus, Polly, cale a boca!"

Polly se inclinou para frente e tentou desajeitadamente arranhar o rosto da mãe. Mas Sheba foi mais rápida. Ele

agarrou Polly pelos pulsos finos e manteve-a à distância.

Por alguns momentos os dois balançaram-se para a frente e para trás na cama, como se estivessem numa brincadeira de criança.

-Chega. As duas! —gritei, mas ninguém prestou atenção em mim.

Sheba, ganhando vantagem por um momento, empurrou Polly para a cama.

“Idiota”, disse Polly, sem fôlego. Te odeio...

Antes de terminar a frase, Sheba se lançou sobre ela e deu-lhe um tapa novamente. Pareceu-me que ele fez isso com muita violência.

Quando sua mão alcançou o rosto de Polly, houve um baque distinto e não totalmente insatisfatório, e os gritos de Polly pareceram aumentar pelo menos uma oitava.

Naquele momento, a Sra. Taylor saiu desajeitadamente da escada.

—Saba! -gritar-. Sabá! O que você fez?

Sheba olhou para a mãe com um olhar confuso e depois começou a chorar.

-Vocês todos podem ir para o inferno! -ele exclamou.

Ele foi até a escada e começou a descer. Eu a segui, é claro, mas quando cheguei ao último andar, ela gritou para que eu a deixasse em paz. Ele então desceu as escadas correndo e ouvi a porta da frente bater.

Fiquei imóvel na escada por um tempo, sem saber o que fazer. No final decidi regressar à sala onde, durante cerca de uma hora, sentado no sofá, me dediquei a folhear os números anteriores da *New York Review of Books*. (De acordo com

Sheba, a Sra. Taylor nunca os lê; ela é simplesmente vaidosa demais para cancelar a assinatura do marido.) Polly e a Sra. Taylor ficaram no andar de cima. Finalmente, a chuva começou a bater na janela da sala. A essa altura eu estava com muita fome e comecei a pensar com saudade nas sobras de peru da Sra. Taylor. Mas não queria correr o risco de ser apanhado a servir-me, por isso fiquei onde estava e li um longo artigo sobre os Balcãs.

Quando Sheba voltou, eu estava desmaiando de fome. Assim que ouvi a porta fechar, corri para o corredor.

-Onde você está? —ele sussurrou quando me viu. Ela estava corada e seu cabelo grudado no crânio como um solidéu.

Eu apontei para cima.

-Ai Deus! -ele exclamou-. Você não sabe o quanto estou arrependido, Bárbara. Eu não sabia que iria te envolver em algo assim.

Eu balancei minha cabeça.

-Você não precisa se desculpar. E agora você deve vestir roupas secas.

Ele sentou-se na escada e começou a tirar os sapatos.

— Você poderia fazer a gentileza, Bárbara, de ligar para a companhia aérea? Para saber se há voos saindo mais cedo amanhã?

Assim que comecei a ligar para o serviço de informações para pedir o número do telefone, ouvi uma tosse forte vindo do patamar do primeiro andar. Olhando para cima, vimos Polly nos encarando.

“Você deveria saber que não vou voltar para você”, disse ele.

"Claro", respondeu Sheba.

Naquele momento a Sra. Taylor apareceu e parou ao lado da neta.

"Sheba", acrescentou ele, "talvez fosse melhor se você ficasse aqui mais um pouco."

"De jeito nenhum", respondeu Sheba.

Os dois saíram em meio a murmúrios. Liguei para a companhia aérea e reservei assentos para um voo anterior.

Quando desliguei, estávamos ambos ouvindo os gemidos suaves de Polly no quarto da avó e os barulhos estrondosos no meu estômago. Depois de um tempo, Sheba disse em tom monótono:

—Acho que nunca teria tido filhos se soubesse que seria assim.

Mais tarde, quando todos já tinham ido dormir, levantei-me para ir ao banheiro e encontrei Sheba no corredor. Ela estava sentada no escuro, ligando ao telefone. Quando ele me viu, desligou imediatamente o telefone.

-Vai tudo bem? -Eu perguntei por.

-Não respondo-. Claro que não. Você não sabe.

—Não, eu quis dizer... como você estava falando ao telefone. É muito tarde e pensei que talvez tivesse acontecido alguma coisa na sua casa.

Sheba balançou a cabeça.

-Não. —Ele fez uma pausa. Então ele descansou a cabeça nas mãos. "Eu estava tentando ligar para Steven", explicou ele.

O táxi que nos levou ao aeroporto chegou às seis da manhã seguinte. A Sra. Taylor ainda estava de camisola quando chegou à porta para se despedir. Enquanto o carro se afastava pela

calçada, Polly, com uma leve marca vermelha na bochecha esquerda, ajoelhou-se no banco de trás e acenou melancolicamente pela janela traseira para a Sra. Taylor, que foi desaparecendo de vista aos poucos. Sheba, no banco do passageiro, manteve o olhar fixo à frente.

Quando chegamos a Highgate, insisti em levar os dois para casa. Quando entramos no corredor, Richard desceu as escadas de seu escritório, três de cada vez.

"Polly!" —ela exclamou, abraçando a filha—. Querido, por favor, não faça isso de novo. Que susto você nos deu... —Ele a levou por um momento para olhar para ela—. O que aconteceu com o seu rosto?

"Eu bati nele", Sheba respondeu rapidamente. Nós tivemos um argumento.

Chocada com a lembrança de seus sofrimentos, Polly pressionou o rosto contra o peito de Richard e começou a chorar. Richard olhou para Sheba com uma expressão confusa.

-O que está acontecendo? Sheba perguntou, irritada. Pelo amor de Deus!

Ele se virou para mim.

—Bárbara, muito obrigada por tudo. E agora você tem que ir para casa.

Ofereci-me para ficar um pouco e preparar o jantar, mas ela recusou categoricamente.

"Você fez mais do que suficiente", disse ele, me levando até a porta da frente.

Demos um beijo de despedida e eu fui embora. Assim que cheguei ao fim da escada, Sheba saiu novamente.

-Bárbara! -gritar-. Você me avisa se souber mais alguma

coisa sobre Bangs, certo?

Eu balancei a cabeça.

-Claro.

Quando saí, Sheba foi direto para o quarto e chamou Connolly. Ela esperou cinco minutos, mas ele não telefonou e, quando ela desceu, Polly estava encolhida ao lado de Richard na sala de estar, contando, num sussurro trêmulo, como Sheba se comportara mal na tarde anterior. Silenciosamente, Sheba pegou a bolsa e o casaco e saiu de casa.

Durante as três horas seguintes, ele vagou sem rumo por Londres em sua bicicleta. A princípio, ele parava a cada quarto de hora para ligar para o pager de Connolly, mas depois de um tempo desistiu. Ele teria desligado, decidiu, ou deixado em casa. Faltavam dois dias para a véspera de Ano Novo e Londres ainda estava imersa na calma pós-Natal. As ruas estavam quase vazias. O ar parecia cortante, prateado, e quando Sheba respirou fundo, sentiu como se estivesse engolindo lascas. Aos poucos, à medida que a tarde avançava, uma névoa gelada cobriu a cidade. O farol da bicicleta de Sheba não funcionava e ela andava na calçada sempre que podia. Às vezes ele passava por pedestres: figuras agasalhadas emergindo de repente de uma densa nuvem cinzenta. Uma mulher o parabenizou pelo Ano Novo quando ele passou por ela. Pouco depois, um homem parou e xingou Sheba, com surpreendente veemência, por não estar com o farol da bicicleta aceso.

Às cinco horas eu estava congelando de frio. Ele atravessou a cidade vazia em busca de uma cafeteria aberta. Em Clerkenwell encontrou um: um pequeno estabelecimento, com o aquecimento demasiado alto, em cujo ar flutuavam os fumos da cozinha e o barulho dos talheres. Pediu ovos, torradas e chá, e então, ao olhar pela janela embaçada para a rua escura,

perguntou-se o que faria a seguir. Devia voltar para casa, disse a si mesma: apaziguar a filha temperamental, dar uma explicação ao marido, que teria muitas censuras a fazer. Ela sabia que àquela hora eles estariam preocupados com ela. Mas não posso. Ele não suportava a ideia de voltar para casa sem sequer falar com Connolly. Tive a sensação de que, se não pudesse falar com ele naquela noite, nunca mais conseguiria falar com ele. De repente ele teve uma ideia. Eu iria para a casa dele! Ele não poderia simplesmente aparecer, é claro. Mas ele poderia bater na janela; jogue pedras se necessário. À medida que o plano tomava forma, a melancolia que a possuía naquela tarde começou a desaparecer. Ele ficou exultante com a perspectiva de ver Connolly. Ele pagou pela bebida e saiu para a rua.

A vizinhança de Connolly ficava longe e, quando Sheba chegou, ela passou meia hora frustrante vagando pelo labirinto de prédios. Quando finalmente encontrou a praça onde Connolly morava, estava exausta. Ele caminhou pelo beco atrás da casa, como na primeira vez em que foi com Connolly, antes de lembrar que seu quarto dava para o outro lado. Ele se virou e arrastou a bicicleta até a frente da casa. Ao ver uma luz acesa no quarto, soltou um grito abafado de felicidade. Finalmente, um golpe de sorte.

Ele ficou alguns minutos olhando pela janela, esperando que Connolly sentisse sua presença. No final, ele o chamou em voz baixa. Ele não sabia como modular a voz e primeiro um coaxar ofegante saiu. Ele tentou novamente. Connolly não deu nenhum sinal, mas na janela da casa vizinha uma cortina se moveu e o rosto de uma mulher apareceu brevemente. Ao vê-la, Sheba ficou em silêncio. Não lhe era conveniente ter de se explicar a um vizinho. Ele olhou em volta em busca de um projétil para atirar na janela. Mas ele não viu nada. Nem

mesmo uma tampa de garrafa.

Então outra ideia lhe ocorreu. Ele iria até um telefone público e ligaria para a casa de Connolly. Ela não sabia o número — ela e Connolly sempre preferiram, por razões de segurança, usar apenas o pager — mas sem dúvida o encontraria na lista telefônica. Se o Sr. ou a Sra. Connolly atendesse, ela fingiria ser uma amiga da escola. Não entendi por que não pensei nisso antes.

A primeira cabana que encontrou estava quebrada. Teve mais sorte com o seguinte, na Albany Way, em frente a uma loja de vinhos e destilados. Cheirava a cigarro molhado e urina velha, mas funcionou. Encontrando o número dos Connolly na lista telefônica, esperou um ou dois minutos, praticando sua voz adolescente. Então ele pegou o fone e discou o número.

O receptor parecia úmido quando ele o colocou no ouvido. Quando a mãe de Connolly atendeu, ficou tão surpresa com sua própria ousadia que, por um momento, não conseguiu falar.

-Dizer? — repetiu a Sra. Connolly. Sheba ouviu uma televisão ao fundo.

— Ah, sim, olá. Steve está aí? —Saba disse. (Certa vez convenci Sheba a falar como uma estudante de Londres; ela não é muito convincente.) A Sra. Connolly não respondeu.

Sheba pensou por um momento que ele havia desligado na cara dela. Mas então ele a ouviu gritar:

-Steven! O telefone!

Pouco depois, outro telefone foi atendido e Connolly ligou.

-Dizer?

-Steven? Sou eu, Sabá. Tentei falar com você o dia todo, mas seu pager estava desligado ou algo assim.

—Ah.

Pelo farfalhar de náilon que ouviu ao fundo, Sheba deduziu que ele estava deitado em seu quarto sobre a colcha do Grande Prêmio.

-Está bem?

-Sim, claro. —A voz estava inexpressiva.

"Não se preocupe", ela disse. Eu fingi ser seu amigo. Ei, estou perto. Na maneira de Albany. Você pode sair e me ver por um momento?

Houve um longo silêncio.

-Steven?

"Não, na verdade não", ele respondeu. É um pouco complicado.

—Por favor, mal posso esperar para ver você. Preciso que me abrace.

-Não não posso.

"Polly fugiu de casa", explicou ele. Tive que ir à Escócia procurá-la.

-Já.

-Steven?

-OK.

—Oi, Steven. —Naquele momento, Sheba teve que fazer um esforço, ele lembra, para esconder sua raiva—. Preciso falar com você sobre algo importante.

"Bem, obrigado por ligar", disse Connolly. Já nos veremos. Até outra.

Ele desligou.

Sheba ficou olhando para a parede da cabana por um minuto inteiro, diz ele. Então ele desligou o telefone e saiu. Ele arrastou a bicicleta na direção da casa de Connolly.

Quando já estava quase atravessando a praça e prestes a entrar em um dos becos que levavam à Hampstead Road, de repente ouviu vozes do outro lado da rua. Olhando em volta, viu dois jovens — um menino e uma menina — saindo da casa de Connolly. Atrás deles, na porta, estava Connolly. "Até outra hora", ela o ouviu dizer. Eles acrescentaram outra coisa que ela não entendeu. E então Connolly desceu as escadas e beijou a garota. Sheba segurou a bicicleta com força. Sua cabeça girou. Ele não tinha visto se o beijo foi nos lábios ou na bochecha. O outro garoto disse mais alguma coisa que ela não entendeu e os três começaram a rir. "Não brinca, você só está com ciúmes", disse Connolly alegremente.

Os dois meninos se viraram e começaram a descer a rua em direção a onde ela estava. Sheba saiu rapidamente. "Oh, meu Deus, meu Deus", ela gemeu para si mesma, ela lembra, enquanto saía em ritmo acelerado, "por favor, meu Deus, não deixe ele se apaixonar por outra pessoa." Quando Sheba chegou em casa naquela noite, Richard estava esperando por ela. Ela o encontrou na sala, sentado na poltrona de couro.

"Pelo amor de Deus, Sheba", disse ele ao chegar. Essa é a gota d'água. Não ligar foi falta de responsabilidade. Já tenho um adolescente para cuidar, não preciso de outro.

"Por favor..." Sheba disse. Ele ainda estava vestindo seu casaco. Minhas mãos coçavam por causa do calor repentino.

-Por favor que? Richard perguntou.

"Por favor."

Ele encostou-se cansado na porta.

“Sinto muito incomodá-lo”, disse Richard. Você está ocupado demais, é claro, para se preocupar com assuntos familiares sem importância. A partir de agora vamos parar de conversar e tratar nossa filha com tapas...

-Vamos! —Sheba exclamou. Ele atravessou a sala e sentou-se no sofá. Eu já sabia que você me puniria por isso.

Richard cruzou os braços.

—Na verdade, evitei expressar qualquer opinião antes de ouvir sua versão.

Sheba recostou-se no sofá e olhou para o teto.

—Um juiz sábio! -disse.

Richard e Sheba não compareceram a nenhuma festa na véspera de Ano Novo. Eles conversaram sobre convidar algumas pessoas para um pequeno jantar. Mas os dois concordaram que não estavam com vontade de atuar como anfitriões. Polly foi a um concerto em Brixton e o resto da família jantou tranquilamente em casa.

Não fui a lugar nenhum, mas isso era de se esperar. Ao longo dos anos, criei minhas próprias tradições para dias e feriados especiais. Naquela véspera de Ano Novo, como todos os anos da última década, comprei uma garrafa de xerez e passei a noite um pouco embriagado, relendo *Persuasão* , de *Jane Austen* .

Sheba e eu conversamos algumas vezes ao telefone durante a primeira semana do Ano Novo. Em ambas as ocasiões notei-a à beira da histeria.

Connolly ainda não retornou suas ligações e Sheba se deparou com a possibilidade de ele a ter abandonado. Ele especulou obsessivamente sobre as possíveis razões pelas quais Connolly havia perdido o interesse. Isso o repeliu? Ou ele tinha

um novo amigo? Será que aquele lagarto que ele viu saindo de sua casa poderia ter algo a ver com isso? Como não tinha nada de útil a dizer sobre essas divagações, geralmente ficava calado.

O único assunto pelo qual Sheba também demonstrava algum interesse naqueles dias era Bangs: se ele tinha ou não provas do caso deles, se iria denunciá-la ou não. Naquela época eu estava me sentindo mais otimista em relação ao Bangs. Com o passar do tempo, a ameaça que ele representava parecia-me cada vez menos credível. Comecei a suspeitar que havia exagerado na minha indiscrição na casa dele. Afinal, ele também não tinha falado muito. E talvez ele nem tenha acreditado no que eu disse. “Bangs não gosta de problemas”, ele dizia repetidamente a Sheba. A franja não mata uma mosca. Ao que Sheba sempre respondia com uma ansiedade patética: “Ah, você acha, Bárbara? Você realmente acredita nisso?”.

Quinze

No domingo anterior ao início do período escolar, voltei da lavanderia e encontrei a luz da secretária eletrônica piscando. Excepcionalmente, ele recebeu três ligações na minha ausência. Nas duas primeiras, Sheba disse meu nome algumas vezes em um sussurro sepulcral e desligou. Na terceira tentativa, ele deixou uma mensagem mais longa. "Bárbara? Onde você está? Bárbara? Pibblem me ligou esta tarde. Ele sabe. Eu acho que você sabe. Ele quer me ver amanhã às oito. Ele disse que há uma acusação muito grave contra mim por conduta inadequada com um estudante. Por favor, Bárbara, por favor me ligue assim que ouvir esta mensagem.

Quando liguei para ela, ela atendeu imediatamente. Ele tinha o telefone sem fio ao lado dele.

"Estou com problemas", disse ele. Ela estava preparando o jantar e tinha os filhos por perto, então falou baixinho. Bangs deve ter dito alguma coisa, seu desgraçado. Que faço? Diga-me o que eu deveria fazer.

"Você não sabe se foi Bangs", eu disse. Poderia ter sido qualquer um. Poderia ter sido Polly...

-Que mais dá! A questão é o que eu faço?

"Escute-me", eu disse, tentando não parecer muito preocupado. Você tem que preparar sua versão dos acontecimentos. Você disse alguma coisa para Richard?

—Não, ainda não chegou. Além disso, o que vou dizer a ele?

—Não, não conte a ele. Nada vai acontecer. Amanhã, quando você vir Pabblem, diga a ele que você é amigo de Connolly, que de vez em quando tem ajudado o menino com seus desenhos e que não teve o menor contato físico com ele. Você deve permanecer firme nisso. Fique com raiva.

—Mas e se Bangs nos viu juntos em algum lugar? Sabá objetou. E se você tiver provas?

"Acho que não os tenho", respondi cuidadosamente. Acho que ele teria me contado. E mesmo que ele tivesse visto você em algum lugar, é a palavra dele contra a sua. Diga a Pumblem que Bangs está obcecado por você: que é a vingança dele porque você o rejeitou.

Apesar de tudo, Sheba riu.

"Não acredito que isso esteja acontecendo, Bárbara", disse ele quando sua risada cessou.

"Nem eu", eu disse, "mas não se preocupe." Nada vai acontecer.

Na verdade, eu não acreditei. Ele sabia muito bem que problemas estavam por vir. Mas eu nunca teria previsto o quão rápido eles chegariam. Menos de uma hora e meia depois de falar com Sheba ao telefone, a campainha tocou. Naquele momento ela estava lá em cima, dando banho em Ben. De seu escritório, Richard gritou para Polly abrir a porta e então, quando Polly não respondeu, Sheba o ouviu xingar algumas vezes enquanto descia as escadas pesadamente. Então ele não ouviu mais nada por um tempo e presumiu que ela fosse escoteira ou testemunha de Jeová. Até que de repente vozes furiosas vieram do andar de baixo. Deixou Ben na banheira e saiu para o patamar. A voz de uma mulher e o murmúrio baixo de Richard puderam ser ouvidos.

Ele desceu um andar até o patamar seguinte e se inclinou

sobre a grade para ver o que estava acontecendo. A porta da frente ainda estava aberta e no corredor havia uma mulher loira e baixa, com um casaco grosso e um gorro de lã, apontando o dedo para Richard. “Não fale assim comigo”, Sheba a ouviu dizer. Eu tenho provas. Quem mente é sua esposa.

É isso, pensou Sheba. Ocorreu um desastre. Sua primeira reação foi fugir: correr até seu quarto e se trancar no banheiro. Na verdade, assim que ela se virou para sair, a mulher ergueu os olhos e a viu.

-Você! -gritar-. É você? Venha aqui.

Naquele momento Polly saiu da sala de estar para o corredor.

-O que diabos está acontecendo aqui? —ela perguntou ao pai, indignada.

-Fora! Richard gritou. Volte para a sala!

Pela primeira vez Polly não respondeu. Ele olhou para a mãe e voltou para a sala.

Sheba permaneceu imóvel, olhando para o rosto congestionado e irritado da mulher.

Mais tarde notaria o quanto mãe e filho se pareciam: a tez morena, a constituição robusta, os olhos como os de uma máscara de tragédia. Mas naquele momento as feições da mulher eram tão estranhas e hostis que, por um momento, Sheba teve certeza de que aquela não era realmente a mãe de Connolly.

—Ela está com medo agora, né? —a mulher zombou—. Vamos, desça. Quero falar com você.

Foi perturbador, diz ele, que um estranho gritasse ordens para ele em sua própria casa. Richard também estava olhando para ela, seu rosto muito pálido em contraste com o da mulher.

Sheba percebeu pelo seu rosto perplexo que ele ainda não havia entendido nada. Ele ainda se considerava o aliado de sua esposa contra aquele intruso rechonchudo. “Só me restam alguns minutos da minha antiga vida”, ele se lembra de ter pensado enquanto começava a descer as escadas.

“O diretor nos ligou hoje”, disse a Sra. Connolly. Ele me pediu para ir vê-lo amanhã para conversar sobre Steven. Ele não quis explicar o motivo por telefone. Eu disse a Steven: “Então, sobre o que você quer conversar conosco?” E ele começou a chorar! Por falar nisso! Eu extraí a verdade dele. Ele me contou tudo. Eu até vi aquelas cartas indecentes que você mandou para ele...

“Ei, espere um minuto...” Richard interveio.

“Não, Richard”, Sheba interrompeu.

“Exatamente”, disse a Sra. Connolly. Não dá para negar, né? Por que você não conta a ele o que tem feito com meu filho?

-Controle-se! disse Ricardo. Há uma criança em casa.

Sheba de repente se lembrou de Ben, que ainda estava na banheira, com a água esfriando.

“Polly!” -gritar-. Suba para cuidar do seu irmão.

A Sra. Connolly abriu a boca em silêncio e tornou a fechá-la como um peixe.

—Não me diga para me controlar! Eu também tenho filhos, sabe?

Polly saiu da sala novamente.

—Alguém poderia me dizer o que está acontecendo aqui? — ele exigiu saber.

“Cale a boca, Polly, e suba”, ordenou Richard.

Polly passou por Sheba com uma expressão hostil.

Naquele momento Sheba já estava no último degrau da escada. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

"Isso, chore", disse a Sra. Connolly, "seu degenerado, criatura má..."

"Com licença", Richard interrompeu, "mas vou ter que..." Ele colocou a mão no braço da Sra. Connolly e tentou guiá-la em direção à porta. Mas ela escapou.

-Bruxa! —ele gritou para Sheba.

Seguiu-se uma breve luta durante a qual os óculos de Richard caíram e o chapéu da Sra. Connolly tombou.

—Não... Nem pense em me tocar! ele gritou com Richard.

Por um momento, os três — Sheba, Richard e a Sra. Connolly, com o chapéu torto — permaneceram imóveis.

Então Richard se abaixou para pegar os óculos. Assim que ela os colocou de volta e começou a dizer algo à Sra. Connolly no tom vigorosamente calmo que Sheba identifica com as palavras "Calma, calma", a Sra. Connolly atacou-a.

O contato durou apenas alguns segundos, mas quando Richard puxou a Sra. Connolly, ela tinha uma quantidade surpreendente de cabelos de Sheba na mão.

-Já basta! Richard gritou. Ele pegou a Sra. Connolly pelos ombros. Houve uma briga e gritos. Sheba, agarrada à mesa do corredor, soluçou. Ele se lembra, com certo espanto, de que Richard agarrou a Sra. Connolly por trás e tentou carregá-la, num abraço desajeitado, até a porta. As botas de inverno com sola *de crepe da Sra. Connolly* arrastavam-se pelo carpete do corredor como as de um cadáver.

Depois que a porta se fechou, houve um breve silêncio e então a campainha tocou. Richard ficou de costas para a porta, respirando profundamente. Sheba estava sentada no chão. Eles

se entreolharam, cada um em uma extremidade do corredor, ouvindo os toques longos e urgentes da campainha e, quase inaudível, a ópera abafada da Sra. Connolly gritando atrás da porta.

Sheba não me ligou naquela noite depois que a Sra. Connolly saiu. Ela estaria muito ocupada com Richard, eu acho. No dia seguinte, ele decidiu — muito oportunamente — ficar em casa e faltar à consulta com Pabbalem. Naquela manhã tentei ligar várias vezes para ela da escola, mas ela não atendeu. Portanto, não soube de nada durante a maior parte do dia e fui forçado a deduzir o que aconteceu a partir dos fragmentos de fofocas frenéticas trocadas por meus colegas. Descobriu-se que Sheba estava tendo um caso com Steven Connolly, disseram eles. Ela e a mãe brigaram. Era possível — e até provável — que ela tivesse seduzido mais rapazes. Eles chamaram a polícia.

Durante o primeiro recreio, encontrei Elaine Clifford na sala dos professores, cercada por vários colegas que ouviam com grande interesse enquanto ela transmitia os últimos relatórios de Deirdre Rickman da sala do diretor. Naquele exato momento, disse ele, Pabbalem estava “se reunindo” com a polícia e a família Connolly. Eles ligaram para Sheba para enfrentar as consequências, mas ela se recusou a ir e agora a polícia estava indo em direção à sua casa para prendê-la. Ao que tudo indica, Pobbalem estava fora de si. Apenas uma hora antes ele havia gritado com uma estagiária por colocar muito leite no café dela. Deirdre Rickman atribuiu esse comportamento a sentimentos de culpa e raiva. Pumblem não conseguia se perdoar, disse ele, pelos erros mórbidos de Sheba terem ocorrido sob sua supervisão.

Pessoalmente, duvidei dessa teoria. Se Pumblem estava de mau humor, parecia muito mais provável que fosse porque se arrependia de ter perdido a oportunidade de intimidar e

humilhar Sheba. Se não fosse pela ação precipitada da Sra. Connolly — sua insistência em invadir a casa de Sheba no dia anterior. Sheba teria ido para a escola na manhã seguinte e Pumblem a teria deixado à sua mercê por pelo menos algumas horas para submetê-la a um interrogatório assustador. Mas ela se livrou dele e ele não teve escolha senão entregar o controle da investigação à polícia. O pobre Pumblem foi privado do seu momento de sadismo.

No meio da apresentação de Elaine, Mawson entrou para distribuir cópias do relatório atrasado de Pumblem, "Where We Got Wrong". Pumblem planejava fazer uma palestra introdutória na hora do almoço sobre as novas ideias desafiadoras contidas em suas páginas, mas agora, devido ao que Mawson chamou, com discrição desnecessária, de "um acontecimento imprevisto", ele não teve escolha senão cancelá-la. Diante disso, houve uma leve comemoração por parte dos professores, seguida por um gemido quando Mawson anunciou que outra reunião havia sido convocada para a semana seguinte. Pumblem, garantiu-nos ele, ainda estava muito ansioso para saber a reação dos professores às iniciativas propostas.

Voltando à minha sala de aula, avistei Bangs se esgueirando pelo térreo do Pavilhão Antigo. Seu nome ainda não havia sido mencionado nas conversas que ouvira entre os professores. Todos pareciam ter a impressão de que a Sra. Connolly era a responsável pela descoberta do caso de Sheba. Eu sabia que não era ela. Seu olhar encontrou o meu quando eu estava prestes a entrar no banheiro dos professores. Ele congelou, como uma barata surpresa. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa e então pareceu pensar melhor.

-Pedaco de merda! — eu retruquei quando ele fechou a porta do banheiro.

Por volta das quatro horas, finalmente consegui falar com

Sheba ao telefone.

—Saba! —Eu disse quando ele atendeu—. Já era hora. Tenho tentado falar com você o dia todo. Está bem?

—Não... Bem, temos uma bagunça aqui, como você pode imaginar.

—Você viu a polícia?

-Sim. Eles vieram esta manhã. Richard me acompanhou até a delegacia. Eles tiveram que fazer uma série de coisas. Tire impressões digitais e assim por diante. Voltamos há uma hora.

Eu esperava lágrimas e gritos, mas notei que ela estava estranhamente calma. Seria por causa da impressão, suponho.

—E como ele está reagindo? -Eu perguntei por.

-Não sei. Estou muito preocupada. Ainda sem resposta...

-Mas o que você está dizendo?

"Oh, me desculpe, você quer dizer Richard?" Pois, não sei.

-Você quer que eu vá na sua casa?

—Não, melhor que não. Não creio que Richard esteja aqui para receber visitas. E ainda não conversamos com as crianças.

No dia seguinte, um pequeno artigo sobre Sabá apareceu no *Evening Padrão*. Não era grande coisa: apenas um parágrafo no final da página quatro sobre um professor do norte de Londres acusado de agredir sexualmente uma estudante. Mas eu soube então que as comportas estavam prestes a se abrir. Falei com Sheba por um momento na hora do almoço. Ela estava ainda mais calma, quase catatônica. Naquele dia ele também não queria que eu fosse para a casa dele, então quando saí da escola não tive escolha a não ser voltar para o meu apartamento e sofrer.

Na quarta-feira de manhã me disseram que Pumblem

queria me ver. Não me ocorreu que ele quisesse falar comigo sobre Sheba. Presumi que fosse por causa do artigo especial sobre história da Irlanda no quarto ano. De acordo com um boato que circulava na época, Pabblem pretendia homenagear o sofrimento dos agricultores irlandeses durante a fome da batata, forçando as crianças a jejuar durante um dia inteiro.

Desta vez Pumblem foi direto ao ponto. Assim que entrei em seu escritório, ele apenas balançou a cabeça e começou a falar antes de eu me sentar.

"Como você sabe, Barbara, Sheba Hart está com problemas."

Eu balancei a cabeça.

-Sim, eu sei.

—Em uma grande bagunça.

-Sim.

—Eu entendo que você é amigo dela.

-Sim, ela é minha amiga.

Ele me lançou um olhar eloqüente.

—Tem algo que você quer...? —Comecei a perguntar.

"Não, não vou rodeios, Bárbara", disse ele. Disseram-me que você já sabia do relacionamento de Sheba com Steven Connolly há algum tempo.

-Que?

-Você me ouviu.

Houve um silêncio denso.

—Brian Bangs me contou que você contou a ele sobre o relacionamento antes do Natal. Isso é verdade ou não?

—Eu contei a Brian minhas suspeitas, sim.

-Ah sim? Brian aparentemente pensou que era mais do que apenas uma suspeita. Ele parece pensar que você tinha certeza.

—Bem, você está errado.

-Muito bem. Mas não lhe ocorreu compartilhar suas suspeitas com um de seus superiores? Comigo?

—Não, como já lhe disse, eram simples suspeitas. Eu não sou fofoqueiro.

—Você percebe, é claro, que a conduta de Sheba com esse garoto constitui um crime. Um crime muito grave.

-Sim.

—E você também percebe que deixar de denunciar um crime também pode ser considerado crime?

"Entendo o que você está insinuando, mas temo que você esteja errado." Eu não tinha nenhuma informação para dar. Como já lhe expliquei, não tenho o hábito de trocar boatos infundados.

"E ainda assim você estava disposto a passar um 'rumor infundado' para Brian?"

"Ei..." comecei a dizer.

Neste momento, Pobblem levantou-se.

"Você e eu não nos damos bem, não é, Bárbara?" -disse-. Não é porque não tentei, claro. Eu certamente tentei. Eu sei que você não está feliz com a maneira como estou administrando Saint George. Eu sei que você acha um pouco meu jeito de fazer as coisas... — ele colocou a palavra entre aspas com um gesto — "moderno". Mas você admitirá que me esforcei muito para entender seu ponto de vista, não é? Você reconhece isso?

Olhei pela janela para o jardim do diretor. Um pardal

solitário bicou esperançosamente a camada de gelo que cobria o bebedouro.

"Acho que nós dois tentamos ser legais um com o outro", respondi.

—Sim, e mesmo assim as coisas não vão bem entre nós, não acha?

—Não precisamos ser amigos.

Pabblem contornou sua mesa e se agachou ao meu lado.

— Vou te contar a verdade, Bárbara. Encontro-me diante de um pequeno dilema. Acho muito difícil acreditar que você tenha sido cúmplice de Sheba...

-Desculpe...

"E ainda assim", continuou ele, levantando a voz, "tenho a obrigação de informar a polícia sobre qualquer informação relevante." É uma situação difícil, como você vê.

"Não fui seu cúmplice, não fiz nada de errado", eu disse.

Rindo, ele se endireitou.

— Vamos, Bárbara! Se você me disser que não sabia nada sobre Sheba, eu acredito em você. Mas você deve entender que se ficar conosco, terei que avisar a polícia para que eles possam entrar em contato com você. Embora você seja membro do meu corpo docente, devo garantir que não haja o menor indício de irregularidade aqui.

-Isso é um absurdo...

—Não deve ser nenhum problema para você falar com a polícia sobre isso. Não se for verdade que você não sabia. Só pensei que talvez você preferisse evitá-lo. Então eu pensei...

-Mas ei...

-Por favor! Pablem levantou a mão. Deixe-me terminar, Bárbara! —Ele fez uma pausa antes de continuar—. Como eu disse, pensei em uma maneira de ajudá-lo. Ocorre-me que esta pode ser uma boa oportunidade para fazer um balanço... para, você sabe, repensar o seu papel em Saint George. Já que você tem idade suficiente... e sinto muito... para pensar em se aposentar, estou pensando, bem... que talvez seja a melhor coisa que você possa fazer agora.

Fiquei olhando para ele.

-Mas o que você está dizendo?

—Estou dizendo que você tem duas alternativas...

—Você quer dizer uma alternativa e duas opções.

-O que seja. Pablem encolheu os ombros. Ofereço-lhe uma saída digna.

Não confiando na minha própria compostura, preferi não responder.

"Ei", ele continuou, "você não precisa decidir agora. É uma decisão importante. Por que você não pensa sobre isso?

Quando me levantei para sair, ele ficou na porta.

—Que bom que tivemos a oportunidade de conversar, Bárbara. Você me avisará sua decisão, ok? Quanto antes?

Eu não disse nada e ele continuou na frente da porta.

"Podemos concordar que você me dará uma resposta, digamos, amanhã à tarde?"

No final, balancei a cabeça e ele se afastou.

"Boa menina", disse ele.

Quando ele estava no meio do corredor, ele me ligou novamente: "A propósito, Bárbara, você conseguiu ver isso?"

Virei-me e vi que ele segurava um exemplar de *Where We Went Wrong*. Eu balancei minha cabeça.

— Nossa, Bárbara! ele disse alegremente e estalou a língua. Vamos ver se você tenta dar uma olhada nisso. Contém coisas muito interessantes, se assim posso dizer.

Dezesseis

Eddie ligou ontem para Sheba para dizer que ele e sua família retornarão da Índia em uma semana. Sheba me contou a notícia com um olhar vidrado e com tanta indiferença que pensei ter entendido mal.

-Uma semana? -Eu repeti. Sempre soubemos que Eddie voltaria em junho, mas acho que contava com um adiamento de última hora.

"Sim", Sheba respondeu com indiferença. Queria saber como era o jardim. Você já regou, Bárbara?

"Não se preocupe com o maldito jardim", eu disse. E quanto a nós? —Sheba olhou para mim, surpresa. Então ele encolheu os ombros.

"Você acha que há alguma chance de ele nos deixar ficar mais um pouco?" -Eu perguntei por.

"Ah, não", ele respondeu. Não acredito. Ele me disse para deixar as chaves na mesa da cozinha quando saísse.

—E onde você pensa que vai, se me permite saber? O que vamos fazer?

Sabá ficou em silêncio.

—Você está me ouvindo, Sheba? Não podemos acampar na rua...

"Meu Deus, meu Deus", ele exclamou de repente. Não grite comigo. Não o suporte.

Houve silêncio na sala.

"Bem, não preste atenção em mim", eu disse depois de um tempo. Sou apenas uma senhora ansiosa, você sabe disso. Encontraremos algo.

"Não, não", ela explodiu de repente, arrependida. Eu não deveria ter sido tão rude com você.

"Não se preocupe", eu disse.

Ela negou com a cabeça.

—Pobre Bárbara. Já faz algum tempo que deve ter sido um pesadelo morar comigo.

"Não, o que há de errado", respondi, levantando-me para colocar água para ferver. Em absoluto.

Depois de tomar um chá e ver que ele havia se recuperado do desabafo, saí para comprar algo para jantar. Deixei-a enrolada numa poltrona, assistindo televisão. Mas quando voltei, depois de cerca de uma hora, encontrei-a deitada no chão da sala com os olhos vermelhos de tanto chorar. A princípio pensei que fosse devido ao nosso despejo iminente. Mas então vi que ele estava lendo alguma coisa. Diante dela, no tapete, eu estava com meu manuscrito aberto.

Em geral, tomo muito cuidado ao guardar meu manuscrito. Mas ultimamente Sheba andava tão absorta, tão indiferente ao que a rodeava, que talvez eu tivesse relaxado um pouco a minha cautela.

Na noite anterior, em vez de levar o manuscrito para a cama e escondê-lo debaixo do colchão como sempre, ele o deixara na estante, dentro de um dos grandes álbuns de fotos de Eddie.

"Você contou ao Bangs", repreendeu Sheba quando entrei. Sua voz tremia um pouco.

Deixei as sacolas de compras no chão.

-Que?

—Você contou ao Bangs sobre mim e Connolly.

-Que diabos você está falando?

-Suficiente! Sheba gritou. Não mintas. Eu li tudo no... no... seu pequeno diário. Ele se levantou com dificuldade e acenou com o manuscrito. O que é isso? O que você está fazendo com isso?

—Sheba... não aja assim. Estou escrevendo... — comecei a dizer.

-Já o vejo. Como se atreve? Como se atreve? O que você planeja fazer com isso? Vendê-lo e ganhar uma fortuna?

"Eu pensei... pensei que seria útil ter tudo por escrito." Achei que poderia ajudar no julgamento. —Aproximei-me para tentar tirar o manuscrito dela, mas ela deu um pulo para trás.

-Ajuda? -ele repetiu-. Contar a eles que comprei calcinhas e... e... bati na minha filha? Como você é mau! Você me traiu! Você contou ao Bangs.

"Bendito seja Deus, Sheba", eu disse. Eles teriam descoberto você de qualquer maneira. Sua própria filha sabia que você estava tramando alguma coisa. E as cartas! Como você pôde pensar que eles não iriam descobrir você?

Sheba olhou para mim.

—Que idiota fui em confiar em você! Toda essa porcaria e aquelas mentiras que você escreveu...

—Não há mentira aí, Sheba. Não há nada aí que você não tenha me contado.

Ele fez um estranho som gutural de exasperação.

-Você está louca! Como não percebi antes? Você está louca! Você realmente acredita que tudo isso é verdade. Você escreve sobre coisas que nunca viu, sobre pessoas que não conhece.

—Bem, é isso que os escritores fazem, Sheba.

—Ah, então você é escritor agora? -Se pôs a rir. Avancei em sua direção para pegar o manuscrito, mas ela rapidamente se afastou novamente, segurando-o acima da cabeça.

"Ei, Sheba", eu disse, "você não leu certo." Você não pode ter uma ideia clara de como é apenas folheando-o. Estou escrevendo em sua defesa.

—E merda! —ele refutou—. Você não está me defendendo; Você está me explorando, é isso que você faz. Todo esse tempo você fingiu ser meu amigo e na verdade o que você procurava era material...

—E como você acha que me senti? —Eu disse, de repente também com raiva—. Desempenhando o papel de dama de companhia...

Mas ele não me ouviu.

"Essas coisas horríveis que você escreve sobre minha família..." ele continuou. Ou Ricardo. Como você deve nos odiar! Acho que é assim que uma solteirona se consola, né? Examinar como funciona o casamento de outras pessoas e apontar as falhas.

—Sheba, como você pode dizer isso? Só eu...

—Não me diga o que posso dizer e o que não posso! -ele exclamou-. Eu sou a mulher mais odiada da Grã-Bretanha! Tenho todos os números para acabar na cadeia! Posso dizer o que quiser! —Ela estava vagando pela sala como uma louca.

—Saba! Eu gritei. Perdi meu emprego por sua causa! Pense nisso! Eu também sofri, né. Estamos nisso juntos, você e eu.

Para superá-lo, temos que encontrar uma maneira...

-Que? —ele rosnou—. O que você quer dizer com "você e eu"? Tipo "estamos nisso juntos"? Você está louca! Ricardo estava certo. Ele sempre disse que você era um demônio.

—Não estou surpreso. Richard sempre teve ciúmes de mim... —Parei quando vi que os olhos de Sheba se arregalaram de indignação.

Quando ele falou novamente, foi em voz baixa e ameaçadora.

—Você tem verdadeiros delírios de grandeza, hein? É fascinante. Você realmente acredita que é alguém. Bem, ei, vou te contar uma coisa. Você é nada. Uma velha virgem amarga de Eastbourne. Você não consegue nem alcançar a sola do sapato de Richard.

Dezessete

Deixe-o ir para o inferno. Quo então vá para o inferno. Essa multa. Aquele estúpido. Ela sempre tentava minimizar seus privilégios, comportando-se como se fôssemos apenas duas mulheres maduras encarando a vida da mesma posição. Ah, Bárbara, não se despreze assim! É assim que eu acredito na palavra dela, assim que considero nossa igualdade como certa, e não espero que ela me assegure magnanimamente que somos iguais, ela fica louca. Ele está indignado. Ha! Ela, que não consegue cozinhar um maldito ovo sem mim. Vadia ingrata.

Já se passaram quarenta e oito horas desde que Sheba me **h** dirigiu aquelas últimas palavras odiosas. Um pouco mais tarde saí e quando voltei depois de um tempo, ela havia subido, levando o manuscrito. Desde então ela está trancada em seu quarto, recusando-se a sair, recusando-se a falar comigo ou a comer o que preparo para ela. Ele só sai para ir ao banheiro e fazer um lanche quando sabe que fui dormir. Na manhã seguinte encontro os restos que ele deixa na cozinha.

Ontem à noite, bem tarde, ela me acordou chorando; Bem, na verdade, eles estavam uivando. Durou horas. Houve um momento em que fiquei com tanto medo que quase liguei para Richard. Finalmente parou, por volta do amanhecer, mas esta manhã meus nervos estão à flor da pele.

Felizmente, o trabalho doméstico me mantém ocupado. Eddie chega em alguns dias e eu estive aspirando, tirando o pó e lavando como o diabo para deixar a casa impecável a tempo. Eu comecei a gostar dela, eu percebo. O tempo que passamos aqui foi muito triste, é claro. Mas também muito intenso e até maravilhoso à sua maneira. Agora fico olhando para as coisas, forçando-me a lembrar delas: o roupão azul sujo que Sheba sempre deixa no sofá ou empilhado no chão do corredor; os antigos azulejos marroquinos na cozinha; os cabides forrados de veludo nos armários. É claro que, na realidade, a memória não é uma faculdade tão obediente. Não se pode decidir conscientemente o que será gravado nele. Certas coisas podem parecer memoráveis na época, mas a memória ri da nossa presunção. “Ah, nunca esquecerei isso”, você diz a si mesmo ao visitar o Sagrado Coração ao pôr do sol. E anos depois, quando você tenta lembrar a imagem do Sagrado Coração, aquela que surge é tão fria e abstrata como se você a tivesse visto apenas num cartão postal. Se algo, daqui a alguns anos, despertar em mim uma memória desta casa, será um detalhe – um pequeno fragmento, algo que está no ambiente – do qual nem tenho consciência no momento. Sei disso, mas insisto em fazer meu pequeno inventário, na tentativa de consolidar minhas lembranças: o gosto estranho da pasta de dente à base de ervas que a esposa de Eddie usa; as longas sombras que as árvores da rua projetam no chão da sala à tarde; a doçura vaporosa do banho depois que Sabá o ocupou.

A Sra. Taylor ligou às dez e meia para anunciar que iria

viajar dentro de quinze dias para visitar amigos na França. Ele ficará fora por seis semanas, talvez mais. A infâmia de Sheba estava afetando-o, disse ele. "Não aguento mais ficar na Grã-Bretanha nem mais um minuto." Vendo minha oportunidade, não pensei duas vezes. Seria possível, perguntei, que Sheba e eu nos mudássemos para a casa dela enquanto ela estivesse fora? Ele não gostou nada da ideia, isso ficou evidente. Mas ele já havia dito que a casa estaria vazia, então foi difícil para ele recusar. Ele colocou todos os tipos de problemas, é claro. Certamente haveria outros lugares, mais próximos, para nós, certo? Certamente Sheba gostaria de estar perto de Ben, certo? Certamente não saberíamos como usar sua chaleira caprichosa, certo? Mas, no final, ele não teve escolha senão ceder. Enquanto não tivermos outra alternativa, ela está disposta a nos deixar ficar com sua casa por não mais que um mês. Desliguei, muito satisfeito comigo mesmo.

Desde então, vários obstáculos me ocorreram em relação ao meu plano brilhante. Para começar, não sei se a fiança de Sheba impõe alguma restrição que o impeça de viajar tão longe. E mesmo que não seja o caso, talvez Sheba não queira que eu vá com ela. Tenho me preparado para essa possibilidade, mas a ideia é insuportável. Como Sabá conseguirá sobreviver sozinho? Quem fará as compras e as refeições? Quem garantirá que você tome banho todos os dias? Se eu tiver que ficar sozinho de novo, não sei se conseguirei resistir.

Dezoito

a crise passou. Sheba e eu nos reconciliamos. Que dia **h** cansativo! Esta manhã, por volta das nove horas, Sheba saiu do quarto e subiu para o sótão. Enquanto ela subia as escadas, aproveitei a oportunidade para entrar furtivamente e recuperar meu manuscrito.

Como eu temia, o quarto dele estava em péssimo estado. Havia papéis amassados, pedaços de barro e roupas sujas espalhadas pelo chão e, no centro, uma lata de feijão cozido pela metade.

Ontem à noite, Sheba deixou a janela aberta apesar da chuva, e o carpete próximo à janela estava encharcado. Encontrei o manuscrito imediatamente. Ele o havia deixado em cima da mesa.

No momento em que ia pegá-lo, vi o modelo de argila no chão, ao lado dos pés da cama. Essa era a escultura secreta em que Sheba vinha trabalhando: uma mãe com seu filho. Era maior do que eu esperava: mais de um metro e meio de altura. Foi surpreendente. Então me virei para examiná-lo de frente e meu estômago revirou.

A figura da “mãe”, com as pernas cruzadas, foi moldada à imagem de Sabá. Ela tinha membros longos e finos, cílios longos e românticos e um nariz ligeiramente torto. Até o cabelo dela reproduzia o coque descuidado de Sheba.

Quanto ao desagradável menino rosa esparramado

desajeitadamente em seu colo, ele tinha uma semelhança vaga, mas inconfundível, com Connolly. Atrevo-me até a dizer que mesmo quem desconhecesse as circunstâncias a que aludiu teria percebido algo doentio na escultura. Para mim, era um objeto absolutamente obsceno.

Só ouvi Sheba voltar do sótão quando ela estava bem atrás de mim.

-O que faz aqui? —ela exclamou, e quando me virei, a vi ali de camisola.

Seu cabelo estava solto e ela exalava um cheiro desagradável de mofo.

"Eu estava... eu estava olhando para sua escultura", me defendi, como uma mulher estúpida.

Tinha medo.

-Fora! Fora daqui! -ele gritou. Nos entreolhamos por um momento e pensei que ele fosse me atacar. Então, de repente, ele sentou-se, ou melhor, desabou, no chão. O que será de mim, Bárbara? —ele disse entre soluços—. O que será de mim?

— Pobre Sheba.

Ajoelhei-me e abracei-a. Alguns fios de cabelo grudados em seu rosto molhado.

"Saia daqui", ele sussurrou sem muita convicção.

– Sheba, por favor. Vamos, levante-se.

Ela continuou sentada por alguns minutos e depois me permitiu ajudá-la a se levantar. Por um momento nos abraçamos.

Quando me pareceu que ela conseguiria aguentar sem minha ajuda, deixei-a ir. Contemplamos a estátua juntos.

"Você sabe que ele não pode ficar aqui", afirmei.

-Ei? —ele respondeu em tom neutro e sonhador.

Peguei o manuscrito da mesa. Então me ajoelhei e levantei a escultura em meus braços. “Eu cuidarei disso”, eu disse enquanto a carregava para fora da sala.

Lá embaixo, na cozinha, deixei a escultura sobre a mesa e escondi o manuscrito num armário. Então tirei a caixa de ferramentas debaixo da pia. As ferramentas de Eddie são extraordinariamente caras e magníficas.

Quase fui tentado por um martelo esculpido à mão com cabo de marfim. Mas no final optei por um pequeno machado de aço. (Quanto menos beleza, mais poder.) Abri a porta francesa e levei a escultura para o jardim. Era uma daquelas manhãs nubladas com céu lilás. O jardim tinha uma aparência de selva maravilhosamente exuberante. Voltei para dentro para pegar o machado e um jornal velho.

A escultura não era tão dura ou compacta quanto parecia. Errei no primeiro golpe, mas assim que acertei o alvo, o torso do menino se partiu em dois. Pequenas lascas de argila saltaram no ar. Um grande fragmento caiu na pilha de compostagem de Eddie.

A certa altura, olhei para cima e notei Sheba olhando para mim pela janela: uma solene aparição vitoriana. Acenei alegremente para ela e continuei. Com o segundo golpe cortei o topo da cabeça do menino de forma limpa, como um ovo. Depois de cinco minutos, não havia mais nada, exceto as pernas cruzadas de Sheba e um resquício irregular de seu abdômen.

Em algum lugar longe de Londres, o trovão começou. Juntei todos os pedaços que pude, embrulhei no jornal e trouxe assim que começou a chover. Sheba já havia descido. Ele estava parado na cozinha.

—Tem mais alguma coisa que eu não sei que existe?

Ele balançou sua cabeça.

-Claro?

Não respondeu.

Joguei o jornal no lixo e corri até o quarto dele. Sheba deve ter desconfiado de alguma coisa, pois não demonstrou a menor surpresa quando voltei com sua bolsa. Ele me observou atentamente enquanto eu tirava as fotos do fundo.

Quando peguei a tesoura na cozinha ela chorou um pouco, mas mesmo assim foram lágrimas de resignação, e não de protesto.

Depois de recortar as fotos, me aproximei dela e gentilmente a abracei em meus braços. Sheba tem estado tão magra ultimamente que quase sente que poderia ser esmagada.

“Vamos,” eu disse. Pacífico.

Ele começou a chorar com mais energia. Grandes soluços trêmulos. Mas continuei segurando-a e conversando baixinho com ela, e eventualmente ela se acalmou.

-Oque sera de mim? —perguntou novamente—. Oque sera de mim?

"Tudo vai ficar bem, querido", eu disse, acariciando seus cabelos. Bárbara está aqui.

Percebi que ele estava curvado, como se estivesse se rendendo.

Ficamos na cozinha, balançando suavemente por um longo tempo. Depois ajudei-a a sentar-se e preparei algo para comer. Ovos fritos com bacon. Tigelas de chá forte. Uma refeição caseira para um dia cinzento.

Sheba devia estar morrendo de fome, porque engoliu como um troglodita e depois quis repetir. Minha querida menina. Minha querida Sabá. Depois de comer, forcei-a a tirar uma soneca. Quando ela acordou, meia hora atrás, ela estava muito mais alegre. Já havia parado de chover e ele queria sair para passear. Eu a deixei ir sozinha. Ouso dizer que ela ficará bem sozinha. Ela parece bastante calma e controlada após o intervalo. E agora ele sabe que não pode ir muito longe sem mim.

Obrigado

g
agradecimentos a Juliet Arman, Jennifer Barth, Jonathan Burnham, Gill Coleridge, Lucy Heller, Clare Parkinson, Mary Parvin, Margaret Ratner, Colin Robinson, Mark Rosenthal, Claudia Shear, Roger Thornham e Amanda Urban. Obrigado também a Larry Konner, sem cujos conselhos, incentivo e humanidade constante este livro nunca teria sido escrito.

Fim